

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA SOCIAL

NÍVEL: MESTRADO

**“NAVEGANDO NAS ÁGUAS DO MAR SAGRADO:
HISTÓRIA, COSMOLOGIA E RITUAL NO CENTRO ESPÍRITA
E CULTO DE ORAÇÃO CASA DE JESUS FONTE DE LUZ.”**

por

Wladimyr Sena Araújo

ORIENTADOR: PROF. DR. ROBIN MICHAEL WRIGHT

CAMPINAS - SP

1997

Ar15n

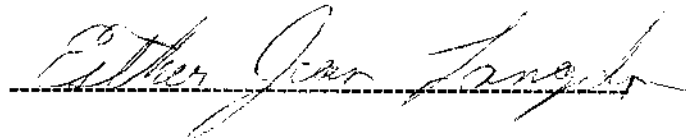
32372/BC

BANCA EXAMINADORA

Relatório de acompanhamento
do desenvolvimento dos alunos
e professores - 1º semestre 2017
09/11/17



ROBIN MICHAEL WRIGHT (PRESIDENTE)



ESTHER JEAN LANGDON (MEMBRO)



ELIANE MOURA DA SILVA (MEMBRO)

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Se 55 n

Sena Araújo, Wladimir

"Navegando nas águas do mar sagrado: história, cosmologia e ritual no Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus de Luz / Wladimir Sena Araújo. -- Campinas, SP : [s.n.] , 1997.

Orientador: Robin Michael Wright.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

**1. Antropologia. 2. Ayahuasca. 3. Espaço e tempo.
4. Cosmologia. 5. Ritual. I. Wright, Robin Michael .
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.**

***À MINHA MÃE LETISSE SENA ARAÚJO - POR ME ENSINAR A
SONHAR***

***ESTA DISSERTAÇÃO É DEDICADA À DANIEL PEREIRA DE
MATTOS, UM NAVEGANTE RELIGIOSO***



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
0 - ANTES DA BARCA CHEGAR	13
1- EMBARQUE	31
1.1 - FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DO USO DA AYAHUASCA.	33
1.2 - A UNIÃO DO VEGETAL	48
1.3 - MESTRE DANIEL E OS PRIMÓRDIOS DA BARQUINHA	49
1.4 - AS PROVAÇÕES DE ANTÔNIO GERALDO	59
1.5 - A INICIAÇÃO DE MANUEL ARAÚJO	62
1.6 - DESMEMBRAMENTOS E EXTENSÃO DA BARQUINHA	66
2.1 - A BARCA, O MAR E O LIVRO - TRIÂNGULO SIMBÓLICO CONSTITUTIVO DO CENTRO ESPÍRITA E CULTO DE ORAÇÃO CASA DE JESUS FONTE DE LUZ	77
2.2 - BASES DE SUSTENTAÇÃO DA BARQUINHA.	87
2.3 - PRÁXIS - XAMÂNICA	90
2.4 - NEO-XAMANISMO E SISTEMA COSMOLÓGICO XAMÂNICO	94
2.5 - OS TRÊS MISTÉRIOS	99
2.6 - INICIAÇÃO E O USO DA AYAHUASCA ENTRE OS ÍNDIOS	105
2.7 - INICIAÇÃO E O USO DA AYAHUASCA ENTRE OS NÃO-ÍNDIOS	113
3 - NAVEGAR É PRECISO	119
3.1- CONTEMPLANDO A BARCA SANTA CRUZ - Centro, Periferia e Elementos Mediadores.	123
3.2 - A PARTITURA SIMBÓLICA DO ESPAÇO DA BARQUINHA.	125
3.3- EIXO DOS LUGARES	173
3.4 - POR QUASE TODOS OS DIAS DO ANO	166
4.2 - O MAR SAGRADO	181
4.3 - “FAZER O BEM SEM OLHAR A QUEM“.	192
4.3.1 - O CULTO SANTO - INTRODUÇÃO RITUAL	194
4.3.2 - O CULTO SANTO - OBRAS DE CARIDADE	199
4.3.3 - POSSESSÃO E MIRAÇÃO NO PERCURSO DA NAU	210
4.3.4 - O FARDAMENTO	212

4.4 BATALHA NO MAR - TEMPESTADE E CALMARIA	215
4.5 - CONCENTRAÇÃO, LUZ E INSTRUÇÃO	225
4.6 - QUANDO CHEGAM AS ENTIDADES PARA CURAR	233
4.7 - VIAGENS DENTRO DA GRANDE VIAGEM	239
4.7.1 - AS ROMARIAS DA BARQUINHA	240
4.7.2 - ESCATOLOGIA	244
4.7.3 - A ESTRUTURA RITUAL DAS ROMARIAS DO BARQUINHO SANTA CRUZ	247
4.8 - OS PESCADORES DO MAR SAGRADO	251
4.9 - SOBRE O BALANÇO DO MAR	261
5 - DESEMBARQUE	284
FONTES ORAIS	292
BIBLIOGRAFIA	294
ÍNDICE REMISSIVO	305
ANEXOS	314

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Os meus mais sinceros agradecimentos a Alberto Groisman por me indicar um objeto de estudo extremamente fascinante que é a Barquinha. Confesso que naveguei bastante com a sua sugestão.

Sou grato, e muito, ao professor Clodomir Monteiro da Silva, pelas frequentes discussões acerca do assunto, como também as sugestões bastante valiosas que enriqueceram o trabalho.

A Manuel Hipólito de Araújo, Presidente do **Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz**, pela atenção dispensada e pela paciência que teve comigo quando realizava o trabalho de campo. Não foram poucas as horas que o Presidente/Padrinho ficou a me falar de toda a estrutura do Centro, do seu funcionamento e da vida de Daniel.

Agradeço ainda a Francisco Hipólito de Araújo Neto, Vice-Presidente de **Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz**. Francisco, sempre prestativo, que se permitiu viajar na proposta deste trabalho, estava sempre a meu lado quando necessitava de alguma ajuda. A sua humildade é realmente fascinante.

Não poderia esquecer de Marília e Felipe Bandeira (membros da Barquinha do Rio de Janeiro), bem como Edilson Fernandes (ponto de Ji-Paraná), pelas informações e bibliografia cedidas para este trabalho.

Maria Leopoldina, Isaldinha, Elizângela, Júnior, Tânia, Bebel, Chiquinho e Azize, a alegre família que fez com que eu me sentisse em casa.

Félix Moura da Costa, Kennedy, pelo auxílio técnico durante as filmagens e sessões fotográficas.

Carlos Pérez Reyna e Isabela, pela seleção de imagens.

Luiz Mourão e Júnior que em muito me ajudaram nos mistérios da computação.

Margareth Prado, Clávio Bonfim, Vinícius Lopes Passos e Manoel, pessoas atenciosas na correção do texto.

Bia Labate e Ingrid Weber, pelas críticas e sugestões ao trabalho. Seus apontamentos foram indispensáveis na elaboração final deste texto.

Mônica, Mary Jô, Fátima, Karen, Valdo, Valdir, Amadeu, Ciro, Viviana, Rui, Luzimar, dona Fátima, Cacilda, Coracy, pelo apoio campineiro.

Lourdinha, dona Esmeralda, Betanho, Marli, Júnior e Cidinha, queridas pessoas da secretaria do IFCH.

Elielma, Vilson, Letícia, Paulo, Neco, Simone, Cristina, Osmundo, Roberto e Iara: turma de Antropologia que me ensinou bastante.

Edward MacRae, pelas discussões frutíferas e pelos textos que me enviou durante a fase de redação.

A Eliane Moura da Silva e Regina Polo Müller, pelas críticas e sugestões feitas durante o exame de qualificação.

A Railton Ferreira Vital e Maria Bernadete Belo de Souza, que me auxiliaram nos momentos finais deste trabalho.

A CAPES, por conceder bolsa para que eu pudesse efetuar o mestrado.

A FAPESP, pelo financiamento da pesquisa de campo.

A FAEP, pelo auxílio para a montagem de um vídeo, decorrente da pesquisa de campo.

A Robin Michael Wright, que soube conduzir como ninguém esta orientação.

E a toda irmandade do **Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz**, por permitirem esta pesquisa e por serem bastante atenciosos durante o campo.

APRESENTAÇÃO

Na década de 30, um movimento sócio religioso começava a ser formado no Estado do Acre. Era a emergência de um grupo religioso que fazia o uso da ayahuasca, espécie de bebida enteógena,¹ em seus rituais. O precursor deste movimento foi Raimundo Irineu Serra que fundou o CICLU (Centro de Iluminação Cristã Luz Universal); os seguidores deste movimento passaram a ser reconhecidos como daimistas. Nas décadas posteriores, porém, novas doutrinas (ou linhas religiosas) surgiram, como foi o caso do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, criado na década de 40 na zona rural de Rio Branco; e da União do Vegetal (UDV), instituída na década de 50 em Rondônia.

O objetivo deste trabalho é de construir uma etnografia acerca do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, designada popularmente de Barquinha. A Barquinha foi fundada no ano de 1945, situa-se hoje no bairro de Vila Ivonete em Rio Branco e, desde a sua fundação, o seu espaço sofreu uma série de modificações, tanto no que diz respeito a história do grupo, quanto à cosmologia e às performances rituais apresentadas.

¹ Usamos o termo para diferenciar o chá de outras palavras como alucinógeno, psicotrópico ou psicoativo. Enteógeno vem do grego e significa “Deus dentro.”

0 - ANTES DA BARCA CHEGAR

I

*Neste caminho de luz
sigo com toda alegria
porque vejo na minha frente o santo amor
a sagrada família*

II

*Neste caminho de luz
sigo implícita fé
porque vejo a minha frente o santo amor
Jesus, Maria e José*

III

*Meus irmãos me acompanhai
nestas santas romarias
quem seguir vamos felizes com o santo amor
com a sagrada família*

IV

*Demos mil graças e louvores
para quem nos alumia
ao Divino Pai Eterno e Deus Jesus
e a Sempre Virgem Maria*

V

*As portas do Céu se abriram
vejam lindas maravilhas*

***são as graças do nosso Pai e nossa Mãe
pelas nossas romarias***

VI

***Em todas as noites em todos os dias
vem sobre as portas do Céu
o nosso Pai a nossa Mãe e o Santo amor
abençoar os filhos seus.***

(Caminho de Luz - salmo do hinário da Barquinha)

Em 1993, por indicação do amigo Alberto Groisman, resolvi realizar uma investigação no Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. O trabalho serviu para a seleção de mestrado do programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Entretanto, os meus anseios ainda estavam voltados para um estudo sistemático da sociedade Culina, índios que habitam a Amazônia Ocidental. Fiquei apaixonado pela cultura Culina e, em especial, pelos seus aspectos estéticos. Esta admiração se deve, em grande parte, a pesquisa que fiz junto aos colegas do Adsaba Núcleo de Pesquisa Teatral para a montagem do espetáculo “Histórias de Quira”, baseado no mito de criação daquele povo.

Escrevi um ensaio sobre a Barquinha para a UFSC e outro acerca dos Culina para a Unicamp, Universidade na qual fiz a opção de meus estudos. A idéia de trabalhar com os Madija (assim como os Culina se autodenominam) ainda estava presente em minha mente até o ano de 1995, quando então o meu orientador, o professor Robin Michael Wright, gentilmente me convidou para dar uma aula no curso de graduação em Ciências Sociais da Unicamp.

A aula tinha por título “Religiões Amazônicas”, e a tônica que pretendia apresentar era acerca de religiões não-indígenas que faziam a ingestão da ayahuasca, dentre elas a Barquinha (Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz), alvo de minha primeira investigação nos meses de Julho/Agosto de 1993. Ao terminar a aula, meu orientador sugeriu

que eu trabalhasse com o tema. Uma semana depois, ao refletir bastante, aceitei.

Cheguei em Rio Branco em Julho de 1995 e saí desta cidade no dia primeiro de Janeiro de 1996. Fiz, portanto, seis meses de trabalho de campo que resultaram na elaboração desta dissertação.

O período no qual comecei o campo não foi muito satisfatório. Há pouco tempo, alguns órgãos de imprensa haviam publicado matérias sobre a Barquinha deturpando uma série de aspectos que diziam respeito principalmente aos rituais da casa. Além disso, um outro agravante foi o fato de um pesquisador francês ter comercializado uma fita de vídeo (segundo a versão dos adeptos) com imagens do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz para países da Europa. A pergunta que alguns fiéis me fizeram quando entrei para pesquisar o espaço foi a seguinte: “- o que é que nós ganhamos com isso?” “- os pesquisadores vêm aqui, filmam, fazem reportagens, mas o que eles concedem em troca?”

Fiquei pensando sobre tudo isso que me disseram e achei que estavam com a razão. Acredito que a primeira colaboração de um antropólogo, ou outros pesquisadores de áreas diferentes é o diálogo; mas este (s) pode (m) ir mais além. Alguns pesquisadores preferem pagar em espécie os seus informantes pelos depoimentos prestados, outros financiam algum bem que possa ser útil à comunidade, e existem outros que colocam à disposição os seus serviços para a comunidade, seja na área de educação, saúde, etc. Decidi contribuir com os fiéis do Centro através deste último item, colaborando no que fosse possível, à título de dicas, na organização do material da casa de memória Daniel Pereira de Mattos,

local de onde me foi fornecido parte do material para a construção da minha dissertação.

Optei pela observação participante como metodologia para o trabalho de campo, participando dos rituais em sua plenitude e entrevistando pessoas,² pude compreender de uma forma mais ampla o significado da construção etnográfica e com isso tecer a teia que Geertz considera enquanto descrição densa.

“Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’, tomando emprestado uma noção de Gilberto Ryle.” (Geertz, 1978: 15).

Evidentemente, no sentido de Geertz, os dados que apreendi durante a pesquisa de campo são apenas construções sobre construções de outras pessoas, ou seja, o texto foi uma construção minha, mas em cima da interpretação de outras pessoas a respeito do objeto o qual me propus a estudar: a Barquinha.

“Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios do comportamento modelado.” (Op. cit. 20).

² Temos que destacar o uso de fragmentos dessas entrevistas no corpo do trabalho; muitas delas foram feitas por nós. Outras, entretanto, foram gentilmente cedidas pela Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos, um centro de documentação do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. Temos que colocar que além do uso das fontes orais, as fotografias foram de fundamental importância não como anexo, como estamos acostumados a observar cotidianamente nos trabalhos acadêmicos, mas como parte integrante do trabalho, imagem/texto combinados.

À primeira vista, parece simplista trabalhar com dados empíricos. No campo, o pesquisador tem que ter uma agilidade para discernir sobre a coisa observada e aprender a lidar com o imprevisto. Uma boa observação/reflexão sobre os dados resultará em um texto razoável que poderá ser aprofundado com o decorrer do tempo.³

Aplicando o quadro de referências teóricas dentro desta dissertação, escolhi obras de quatro teóricos como referências básicas para o trabalho que pretendo desenvolver. São eles: Victor Turner, Clifford Geertz, Mircea Eliade e Lawrence Sullivan.

Victor Turner torna-se importante neste trabalho porque ele ainda é uma forte referência nas discussões acerca de ritual. **O Processo Ritual** (1974), uma de suas principais obras, demonstra dois conceitos básicos. O primeiro é o conceito como forma de definição/redefinição do sujeito e do grupo. Para ele, o processo ritual desenvolve-se através de duas dimensões: *liminaridade* e *communitas*, tudo isto, faria oposição à estrutura com normas e valores estruturados.

Nos deteremos mais acerca da liminaridade e, sobre aqueles que estão nesta fase. Diria Turner que:

“As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas várias sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais. Assim, a liminaridade freqüentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua”. (Turner, 1966:117).

³É claro que uma série de fatos interessantes podem surgir no meio do caminho. A seleção dos dados se dará pelo pesquisador, que será caracterizado enquanto autor, pelo próprio recorte que dará ao texto produzido.

O rito marca a passagem, pois, o neófito passa a exercer um novo papel dentro do grupo em que está inserido. Há uma morte social para o renascimento de uma nova identidade social (Da Matta, 1973). O rito seria o elemento básico que procuraria relacionar uma pessoa a um determinado papel social.

Durante a fase de liminaridade, o sujeito perde todas as características, porque os neófitos, assim chamados por ele, não têm ainda um lugar ou posição (Turner, 1974:117). Na liminaridade:

“ (...) O alto não poderia ser alto sem que o baixo existisse, e quem está no alto deve experimentar o que significa estar em baixo” (Op. cit. 119).

Neste momento da fase liminar, existe subordinação para com a comunidade e, mesmo os seus representantes expressam a comunidade por tradição (Op. cit. 127).

A **communitas**, no sentido usado por Turner, surge quando deixa de ser estrutura, fugindo dos valores e normas estruturados. O homem sai da estrutura, passa pela **communitas** para retornar novamente para a estrutura, transformado pela experiência humana individual e coletiva.

Lembra, ainda, Edmund Leach, que a maioria das ocasiões rituais estão ligadas aos movimentos através de fronteiras sociais de um status social a outro, de homem vivo para ancestral morto (Leach, 1978:95). Há um esquema geral de três fases. A descontinuidade no tempo social é o fim de um período e um começo de outro. Se o nascimento/morte é uma representação “natural” e patente indicação de começo/fim, o simbolismo da morte e do renascimento é apropriado para inúmeros ritos de transição, manifestando-se em grande variedade de casos.

Usamos ainda Turner para discutir performances rituais. No seu **From Ritual To Theatre: the Human Seriousness of Play** (1982b). Neste trabalho, segundo o autor, podemos encontrar o ato da apresentação e representação em diversos lugares e momentos da vida humana. Em resumo, ele tenta demonstrar uma conexão entre o ritual e o teatro e, o seu método consistiu em seus estudos de campo acerca da dramatização ritualística.

Foi no seu **Dramas, Fields and Metaphors** (1974), porém, que Victor Turner posiciona os dramas sociais como relações entre os atores envolvidos com as posições estruturais, parentesco, classes sociais, etc., com coisas mais detalhadas, ou seja, outros aspectos da realidade social definidos por seu nível de microrelações. Um exemplo disto é a amizade entre duas ou mais pessoas. Dramas sociais, portanto, podem ser encontrados tanto no seio familiar, bem como podem estar relacionados a revoltas, revoluções e guerras entre nações (macro).

Através destes estudos, Victor Turner chega aos termos Antropologia da Performance e a Antropologia da Experiência. Na Antropologia da Performance, podemos encontrar rituais, cerimônias, carnaval, como explanação e explicação da vida em si. As performances são tão variadas, assim como são variados os elementos que encontramos nela.

O antropólogo Clifford Geertz, através de sua obra **a Interpretação das Culturas** (1978), também será importante nesta dissertação para uma interpretação minuciosa dos símbolos de práticas religiosas que compõem o quadro cosmológico da Barquinha, bem como a expressão desses símbolos na arquitetura do espaço e na atuação dos performers nos rituais,

que concretizam o invisível no visível e trocam experiências sensíveis nos lugares do espaço.

Lawrence Sullivan, através de sua obra **Icanchu's Drum** (1988) dará contribuições no que concerne à distribuição dos lugares na Barquinha e a uma análise do local e do tempo, dividido em: tempo sagrado e tempo profano; além disso, a sua discussão sobre performance em **Sound and Senses: Toward a Hermeneutics of Performance** (1986) é fundamental, porque deste texto podemos tirar uma discussão acerca da re-significação das performances rituais ao longo do tempo de existência da Barquinha.

O historiador das religiões Mircea Eliade através de **O Sagrado e o Profano** (1992), ofertou elementos para discutir espaço, principalmente no que diz respeito aos eixos de ligação dos lugares do espaço. Fora isso, dá requisitos para pensarmos o calendário do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, que corresponde ao tempo. Além disso, aproveitarei a boa discussão acerca de xamanismo e de escatologia para esta dissertação.

Há um entrelaçamento comum entre os teóricos mencionados anteriormente. Esta relação evidencia-se na aproximação que eles tiveram para lidar com símbolos. Esta conjunção encontra-se na hermenêutica. Gostaríamos de destacar que a metodologia dinâmica, especificamente de Turner e Geertz, foram fundamentais no processo de construção deste trabalho. Principalmente Geertz, que dá a tônica simbólica para este texto. Para ele, a religião é um sistema cultural e é a partir de uma definição sua que buscamos entender a religião enquanto sistema simbólico e, ainda mais, como processo:

“Uma religião é: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas.” (Geertz, 1978: 105).

Geertz, parte de Weber para desenvolver a definição de cultura enquanto uma teia de significados entrelaçados entre si, e a religião enquanto um sistema cultural. Desta forma, é possível perceber elementos de uma religião em diversos aspectos de uma sociedade, seja ele a educação, a saúde ou a arte. O correto a moda de Geertz é poder perceber que estes símbolos são dinâmicos e que tem um forte poder de circulação. Por fim, se a religião é um sistema cultural, antes de mais nada, ela reflete a visão de mundo de uma comunidade ou sociedade específica.

“Se uma religião apresenta a visão de mundo de um povo, esta visão precisa ser comunicada e a forma de comunicação é através dos símbolos ou, como diz Geertz, a religião é um sistema de símbolos. Optamos, como Geertz pela definição oferecida por Suzan Langer (1960): o símbolo ‘é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, ou qualidade, ou relação que serve como vínculo a uma concepção - a concepção é o *significado* do símbolo’. (Geertz, 1978: 105). Símbolos comunicam e para serem comunicados precisam de uma forma externa.” (Langdon, 1988: 44).

Generosamente, Victor Turner nos concede o conceito de multivocalidade, na qual um símbolo tem vários significados. Expressa a dinâmica do símbolo, que repercute, re-significa. O conceito de multivocalidade de Turner torna-se essencial na discussão acerca de espaço, cosmologia e ritual.

Este último ponto, o ritual, traz uma aproximação entre Turner e Geertz, no sentido de afirmar que ao mesmo tempo que o ritual é uma forma

de estabelecer um controle sobre o indivíduo e o grupo ele, ao mesmo tempo cria experiências constantes.

“A discussão de Geertz sobre o ‘modelo de’ e o ‘modelo para’ a realidade exemplifica bem esta visão. O rito religioso apresenta através dos símbolos a concepção de mundo e os valores de uma cultura. Isto é o ‘modelo da realidade’. Ao mesmo tempo, ele afirma que enquanto a realidade é criada pelo simbólico, o rito tem ‘uma aura de fatualidade que estabelece poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens’. Isto é o ‘modelo para a realidade.’ O homem sai mudado e atua frente ao mundo como se esta realidade fosse verdadeira. Na antropologia simbólica a cultura se torna um fenômeno dinâmico de práxis que é o resultado desta relação entre modelo de e modelo para.” (Langdon, 1988:44).

Um símbolo religioso, é antes de tudo social, porque foram construídos dentro de um processo coletivo social. Estes símbolos nascem da relação criativa dos homens com o sagrado. Portanto, é objetivo do antropólogo entender os símbolos e registrá-los enquanto tentativa de tradução (interpretação) do outro.

Para Mircea Eliade, a importância dos símbolos está justamente no reavivamento dele próprio. O símbolo pode se camuflar, se mutilar, mas nunca extinguir-se. O símbolo revela aspectos da realidade, mesmo aqueles mais profundos. O estudo dos símbolos permite ao homem conhecer mais sobre si mesmo. (Eliade, 1979:10-11). O homem religioso, portanto, vive imagens simbólicas e, são estas imagens que os aproximam.

Mas o que é interessante no trabalho de Eliade é a afirmação de que os símbolos não desaparecem, eles repercutem e se fazem sempre presentes:

“Se ha visto cómo los mitos se degradan y cómo los símbolos se secularizan, pero jamás desaparecen, ni siquiera en la más positiva de las civilizaciones, la del siglo XIX. Los símbolos y los mitos vienen de demasiado lejos; son parte del ser humano y es imposible no hallarlos en cualquier situación existencial del hombre en el cosmos.” (Eliade, 1979:25).

Neste caso, os trabalhos de Sullivan (1986 e 1988) são relevantes, porque mostram a dinâmica simbólica em suas pesquisas comparativas em sociedades indígenas sul - americanas. Esses símbolos são revitalizados nas performances rituais onde a experiência individual se torna possível através da ação simbólica da coletividade.

No caso específico de monografias que trabalham com religiões não-indígenas que fazem o uso da ayahuasca, cinco delas merecem destaque. A primeira foi escrita por Monteiro da Silva (1983) e intitula-se **O Palácio de Juramidan. Santo Daime: Um Ritual de transcendência e Despoluição**. Nesta dissertação, encontramos de forma sistematizada a história deste tipo de movimento religioso e as linhas doutrinárias existentes na região. Ela será o nosso principal ponto de referência quando discutirmos a história dessas religiões.

Na dissertação **Eu Venho da Floresta: Ecletismo e Práxis-Xamânica no Céu do Mapiá**, Alberto Groisman (1991) aborda aspectos ligados à cosmovisão e às práticas rituais e sociais no Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS), fundado em 1974 por Sebastião Mota Melo. O autor verifica como o saber xamânico acompanha as substâncias sagradas, que se manifesta em forma de práxis em um contexto não-indígena. Os elementos desta dissertação são úteis para pensar a cosmologia eclética da Barquinha.

Para analisarmos a atuação dos performers nos trabalhos rituais, escolhemos **Santos e Xamãs** de Fernando de La Roque Couto (1989) e **A Lua Branca de Seu Tupinambá e de Mestre Irineu**, de Maria Beatriz

Lisboa Guimarães (1992). O primeiro destes trabalhos já mencionados tenta mostrar que os daimistas também são xamãs e o que existe nos cultos do Santo Daime é nada mais do que um xamanismo coletivo. Evidentemente, esta não é a posição de uma parte de estudiosos que trabalham com o assunto e também não é a minha. Entretanto, esta monografia torna-se fundamental para pensarmos a atuação do sujeito no processo ritual em que ele está inserido. Já no segundo trabalho, Lisboa estabelece uma conexão entre um terreiro de Umbanda num bairro da zona sul do Rio de Janeiro e em Lumiar - RJ, onde se constata um núcleo do Santo Daime. A autora concentrou as suas discussões em uma análise comparativa dos dois centros nos trabalhos de cura. Resgato esta discussão de Lisboa para refletir o processo de cura encontrado na maioria dos trabalhos do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz.

Finalmente, a obra **Guiado Pela Lua: Xamanismo e Uso Ritual da Ayahuasca no Culto do Santo Daime**, de Edward MacRae (1992), onde é apontada a importância que a ayahuasca tem para as populações da região acreana e adjacências, bem como para outras partes do País e do exterior. O ponto focal do autor é o de discutir os termos empregados para a substância, tentando provar que palavras tais como alucinógeno não são convenientes para o Daime

Além disso, ele mostra os efeitos físicos, biológicos, culturais e psicológicos produzidos pela bebida sagrada.

As perguntas que caminharam comigo antes de começar fazer o trabalho de campo e redigir esta tese eram as seguintes: como se constituiu historicamente esta realidade sagrada? o que é esta realidade sagrada hoje

em dia? como está estruturada espacial e temporalmente a cosmologia desta realidade sagrada? como os sujeitos se articulam dentro desta realidade? estas perguntas estarão presentes durante todo o desenvolvimento do presente texto.

Pensando nelas, estruturei esta dissertação em cinco capítulos. No primeiro deles, procuro fazer uma abordagem sobre a vida de mestre Daniel antes de sua chegada a Rio Branco, como este teve contato com o Daime e de que forma esta substância influenciou a construção de sua missão, seguida pelos fiéis até os dias atuais.

Mostrarei ainda um breve histórico das outras doutrinas (ou linhas) não-indígenas que fazem o uso da ayahuasca; os sucessores de Mestre Daniel e os principais problemas enfrentados por eles; os desmembramentos do espaço, com o surgimento de novas Barquinhas próximas ao local do primeiro Centro e, a extensão do espaço com o surgimento de novos locais de culto fora do Estado do Acre.

No segundo capítulo, discutirei um pouco sobre sincretismo e de onde surgiu a hipótese de “cosmologia em construção”⁴ como termo que melhor se encaixa para os estudos dessas religiões amazônicas; ainda nele, falaremos de três símbolos principais que compõem o Centro: a Barquinha, o Livro Azul e o Daime, três elementos essenciais para conhecer um pouco acerca do cosmo deste grupo. Mostraremos também, um composto de práticas religiosas que sustentam o Centro Espírita e culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, isto é, a Umbanda, o Círculo Esotérico da

⁴ Essa idéia surgiu através das leituras dos trabalhos de Alberto Groisman e sobre uma discussão que tivemos no ano de 1993, durante a ABA Sul, realizada em Florianópolis - SC. Neste encontro, havíamos conversado sobre a forma de tratar terminologicamente as religiões que fazem o uso do Daime. As aulas

Comunhão do Pensamento, o Catolicismo popular e o Xamanismo, reforçando a idéia da cosmologia em construção.

Trabalharemos neste capítulo a noção de “práxis-xamânica” (Groisman, 1991), apontando as semelhanças entre o xamanismo indígena e a Barquinha. Farei ainda uma distinção entre o sistema cosmológico xamânico e o neo-xamanismo, afirmando que a Barquinha insere-se entre um conceito e outro. Finalmente, comentarei a iniciação e uso da ayahuasca em algumas sociedades indígenas da região, para posteriormente falar da iniciação e uso da ayahuasca entre os não-índios.

No capítulo seguinte, continuarei trabalhando com cosmologia, demonstrando como os adeptos da barquinha pensam o espaço do Centro e qual a concepção de tempo.

A missão criada por Daniel Pereira de Mattos compreende uma série de lugares. Esses lugares trazem na sua arquitetura um grande repertório simbólico. Esses lugares estão ligados através de eixos, como uma colcha de retalhos. Pretendo apresentar os símbolos dos lugares da Barquinha e a visão do grupo acerca de cada um. Além disso, apresentarei o calendário das performances rituais, pensando a noção de tempo sagrado e tempo profano, tendo em vista que há uma extensa programação de rituais durante todo o ano, intercalados por recessos.

Apresentada a história do local, a sua cosmologia, o espaço e o tempo, partirei para uma discussão no capítulo 4, das performances rituais observadas durante o trabalho de campo. O objetivo central é o de mostrar a ação dos sujeitos nas performances rituais da casa. À princípio,

de Antropologia da saúde, com a professora Esther Jean Langdon, no PPGAS da Universidade Federal de Santa Catarina (1993) também foram bastante oportunas para uma visão mais firme acerca do assunto.

continuarei com a discussão sobre o Daime, procurando descrever : 1) o ritual estabelecido pelos integrantes da Barquinha para a busca do cipó jagube (*Banisteriopsis caapi*); 2) o tipo de ritual que é realizado para a busca da folha (*psychotria viridis*); 3) como é realizado o feitio do Daime e 4) quais os tipos de Daime que resultam do feitio.

Em seguida tratarei das obras de caridade, o trabalho mais importante do local. O principal objetivo desta atividade é a limpeza espiritual nos indivíduos. Neste ritual - efetuados aos sábados - as consultas são públicas e os clientes são consultados por sete entidades de planos diferentes. A partir desta performance ritual, pretendo discutir essa ampliação espacial que ocorre nos trabalhos, procurando mostrar a dinâmica da cosmologia.

Nos trabalhos para desfazer serviços de quimbanda, ou trabalhos para desfazer malefícios, pretendo demonstrar que os marinheiros do mar sagrado, com a ajuda dos oficiais (entidades de luz), procuram retirar do corpo de matéria os exus (entidades das trevas, inferiores, sem luz), considerados marginais por eles. Os trabalhos feitos às quintas-feiras, fazem com que a entidade sem luz desfaça, através de uma entidade de luz, o malefício que fez ou realizou em nome de terceiros, para em seguida, ser encaminhada para um campo de concentração.

Durante as quartas-feiras, é realizado um outro tipo de trabalho. São os trabalhos de concentração que visam o desenvolvimento mediúnico dos participantes. É neste trabalho - onde não se usa fardamento, mas roupas brancas - que os marinheiros do mar sagrado recebem instruções de entidades que regem aquele espaço. Discutirei, pois, detalhes dos momentos deste tipo de performance ritual.

Influenciados pela filosofia do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, os adeptos do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz realizam nos dias 27 de cada mês a chamada prestação de contas que tem as seguintes finalidades: 1) prestar contas de tudo aquilo que foi feito no espaço à nível material (compras, limpeza dos lugares, busca do Daime, etc.), bem como espiritual (trabalhos de obras de caridade, serviços para desfazer trabalhos de quimbanda, etc.); 2) realizar operações em pessoas enfermas.

As romarias constituem outra atividade e outro uso do espaço. Esta herança do catolicismo popular ocorre geralmente três vezes ao ano e, é quando os fiéis buscam penitência tendo a noção de que o barquinho Santa Cruz sai do cais do porto, na metade de cada romaria dá meia volta e retorna novamente ao ponto de partida. Este tipo de trabalho ocorre todos os dias e, é nele que uma série de outras atividades são realizadas, dentre elas o fardamento e o bailado.

Outra atividade da Barquinha são as doutrinações de almas que se realizam às quartas-feiras, durante os trabalhos de concentração da casa, no dia 02 de novembro, dia dos mortos, dentro das romarias com maior frequência (se possível todos os dias das romarias), ou no final de cada uma destas (20 de Janeiro, 31 de maio e 04 de outubro). Além da doutrinação de almas, os espíritos considerados inferiores (exus) também são doutrinados e convertidos em entidades de luz que passarão a partir do batismo a prestar assistência ao Centro.

O bailado será o último tópico abordado neste trabalho. As “brincadeiras” foram instituídas na década de 50 pelo senhor Antônio

Geraldo, hoje Presidente do Centro Espírita Daniel Pereira de Mattos. Neste tipo de atividade, a dança é realizada no parque que assume as formas de cálice e de barca.

O bailado tem a finalidade de satisfazer os gozos materiais da irmandade e demais convidados, além das entidades dos três mistérios: céu, terra e mar. São Pretos Velhos, Erês, Caboclos, Botos, Fadas, Sereias, Príncipes, Princesas, Reis, Rainhas, Cobras, Peixes, etc. que se apresentam como oficiais da casa para dançar junto com os presentes no círculo sagrado.

Gostaria de deixar claro, que o nosso objetivo repousa em uma análise simbólica do espaço, reativando para dois aspectos fundamentais da Barquinha que são a cosmologia e o ritual.⁵ Para ficar mais claro, preferimos deixar o ritual para o final e, com isso, tentamos discutir como se constitui a cosmologia do Centro Espírita e culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz; poderíamos fazer esta análise juntamente com o ritual, mas ficamos temerosos que a mesma ficasse reduzida.

É necessário lembrar ainda que o uso das metáforas utilizadas nesta dissertação foram propositais, até porque o tema dá liberdade para usá-las. Achamos que a palavra navegar indica processo. Os adeptos do centro continuam navegando sobre a sua história, sua cosmologia revitalizadas nos seus rituais. Fizemos parte também de uma partícula deste processo. Navegamos durante seis meses acolhidos pelos braços do outro em águas que permanecem presentes sobre os olhos da saudade.⁶

⁵ Embora a história do espaço seja bastante importante para a compreensão dos demais pontos do trabalho.

⁶ Lembranças de vários momentos bonitos que experienciamos juntos.

1- EMBARQUE

I

*"Eu vou fazer uma viagem
tão sublime de luz
é para os pés
do meu salvador Jesus*

II

*Meus irmãos eu tenho
um barquinho
em forma de uma cruz
e quem me deu este barquinho
foi a mãe de Deus Jesus*

III

*Vou seguindo minha viagem
no meu barco Santa Cruz
vou levando meus irmãos
para entregar para Jesus*

IV

*E os irmãos que saírem
deste barco Santa Cruz
para sempre vós saíram
do coração de Jesus*

V

*Meu barquinho está flutuando
no Santo lago de luz
para seguir uma viagem
para os pés de Deus Jesus*

VI

*Meus irmãos vós se afirmem
com fé, amor, nesta luz
para poder navegar
no barquinho Santa Cruz*

VII

*Quem me deu este lindo salmo
nos mistérios desta luz
foi a Rainha Soberana
a mãe do salvador Jesus*

VIII

*Seguimos meus irmãos
com firmeza nesta luz*

**que está para chegar o dia
da volta de Deus Jesus
(Barquinho Santa Cruz - Salmo 164 do hinário de Mestre Daniel).**

1.1 - FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DO USO DA AYAHUASCA.

O objetivo central deste capítulo será o de mostrar, durante o percurso de constituição dos centros que fazem a ingestão da ayahuasca, o surgimento do Centro Espírita e culto de oração Casa de Jesus Fonte de Luz. Mas para chegar ao ponto na qual já nos referimos se faz necessário traçar um breve histórico de alguns grupos que fazem a ingestão do chá sagrado de forma ritualizada. Além disso, torna-se de extrema importância o perfil do fundador da missão da Barquinha e dos líderes que os seguiram para podermos compreender um pouco da trajetória histórica do lugar e as mudanças ocorridas no mesmo.

O uso da substância ritualística conhecida por **Daime**⁷, em religiões não indígenas, teve o seu início na década de 30, na Amazônia, com o surgimento do primeiro centro daimista conhecido popularmente nos dias atuais como Alto Santo.⁸

O conceitualizador da doutrina, Raimundo Irineu Serra, nasceu em 1892 em São Vicente Ferré, Maranhão, e em 1912 migrou para a Amazônia junto com uma grande leva de trabalhadores que se sujeitaram a trabalhar na extração do látex (MacRae, 1992:61). Mestre Irineu fixou-se inicialmente na cidade de Xapuri por dois anos e, posteriormente residiu em Brasília, a mais ou menos 250 km da capital acreana, onde viveu mais três anos de sua vida

⁷ Conhecida por uma série de nomes, tais como ayahuasca, *mariri*, *rami*, *yagé*, etc. Esta substância é feita com um cipó por nome de jagube (*Banisteriopsis Caapi*) e de uma folha chamada regionalmente de Rainha (*Psychotria Viridis*). Quem primeiro chamou a atenção para a *Banisteriopsis Caapi* foi o botânico inglês Richard Spruce, que de 1849 a 1864 viajou pela Amazônia brasileira, venezuelana e equatoriana, com a finalidade de fazer um inventário de espécies de plantas encontradas nestas regiões. Nas suas pesquisas, Spruce identificou uma bebida usada em rituais pelos índios Mazan e Zaparo, denominada de ayahuasca, termo que em Quechua significa “vinho das almas” ou “vinho dos mortos”. Análises em laboratórios identificaram que esta planta contém alcalóides beta-carbolina, harmina, harmalina e tetrahydroarmina. Outras plantas de fortes poderes indutores de visão foram incorporadas à *Banisteriopsis Caapi*, como foi o caso da *Psychotria Viridis*, com um alto grau de triptamina (Monteiro da Silva, 1983).

trabalhando nos seringais daquela região, que fazem fronteira com a Bolívia.⁹ Neste período, trabalhou como mateiro na comissão de limites criada pelo Governo Federal e chefiada pelo Marechal Rondon (Guimarães, 1992:35), com o intuito de demarcar a fronteira do Acre, a Bolívia e o Peru (Monteiro da Silva, 1983:61).

A década de 20 pode ser considerada como o primórdio deste movimento religioso, pois, foi quando Raimundo Irineu Serra, na época, um cabo da guarda territorial, passou por uma iniciação através da ayahuasca em fronteiras do Peru e Bolívia, na Amazônia Ocidental. Nesta região, diversas sociedades indígenas - tais como os Campa, Culina e Caxinauá¹⁰ - faziam o uso ritual da bebida principalmente através de seus xamãs, que eram os responsáveis pelo contato com o mundo sobrenatural perante a comunidade. Este conhecimento do sagrado foi passado para os caboclos, e desses, para os fundadores das doutrinas do Santo Daime e da União do Vegetal.

O movimento que Mestre Irineu iniciou apareceu em um momento crucial da formação histórica do Acre, porque surgiu entre os dois grandes surtos da borracha, que trouxe como consequência para a história da Amazônia e, especificamente a do Acre, movimentos migratórios provenientes do Nordeste.

⁸ Na verdade o CICLU - Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, o primeiro espaço daimista do Acre.

⁹ É importante salientar que parte dos homens que trabalharam no Município de Brasília eram negros, provenientes em sua maioria do Maranhão (Peláez, 1994:23).

¹⁰ Os campá ("aquele que tem o pênis atado") tem a sua origem no Peru e vieram para o Brasil no final do século passado devido a presença ininterrupta de seus territórios por caucheiros. Mesmo hoje, a maior parte dos Campa se encontram no Peru, no vale de Urubamba, em Montaña, Alto Perene, em Gran Pajonal e no Tambo. No Brasil, ocupam a região acreana à direita do rio Envira e no Juruá, onde estão instalados às margens do rio Breu e Amônia. Estes índios são denominados Ashininka, mantiveram contato com a civilização incaica e, pertencem ao tronco étnico-linguístico Aruak (Gonçalves, 1991:80). Os Culina, por sua vez, se auto denominam Madija, que significa "gente". Esta sociedade localiza-se no médio Juruá entre o rio Eiru e o rio Gregório. No rio Tarauacá e seus afluentes, e no Juruá e seus afluentes (Silva, 1985:21-22). Já os Caxinauá pertencem ao tronco étnico-linguístico Pano e se chamam Caxi (morcego) e nauá (família), "família de morcegos". Localizam-se no alto Gregório e outros afluentes do rio Tarauacá, com algumas habitações entre o alto Envira, alto Muru e margens do Iboassu (Gonçalves, 1989:202).

A presença nordestina no Acre, como elemento formador de uma sociedade, bem como a mão-de-obra, explorada cada vez mais pelo capital internacional, se dá de maneira maior após 1877.

“Quando ocorre a famosa seca de 1877, que na verdade vai se prolongar até 1879, já havia uma ligeira liberação de força de trabalho se verificando em algumas áreas do Nordeste, inclusive em direção à Amazônia. No Ceará, pelos motivos assinalados, caminhava-se para a formação de excedentes populacionais nas fazendas mistas e em áreas urbanas afetadas pela diminuição do ritmo mercantil - comercial e numerosos cearenses já haviam se deslocado para o Pará e mesmo para a banda Ocidental da Amazônia. A historiografia tradicional tem apontado a seca de 1877 como fator determinante do formidável êxodo de cearenses e demais nordestinos para a Amazônia. Sem negar a importância da mesma como elemento catalisador do processo migratório, convém ter em mente os aspectos que dizem respeito a uma crise na produção algodoeira no início da década de 70 e a formação de excedente populacional no interior do Nordeste.

Com efeito, a seca precipitou a desorganização da produção no sertão cearense e fez com que, não havendo safra e com o gado minguado (...) a população que dependia do patrão se tornava sobrecarga.” (Oliveira, 1979:08).

Ressalta-se que a migração não se realizava só em razão das secas periódicas que a região atravessava, mas pelo pensamento do nordestino, que através de intensas propagandas sonhava com o eldorado amazônico, como uma nova opção de vida e um paraíso a ser desbravado, onde a borracha era tida como salvação de seus problemas econômicos.

Uma pequena análise para a compreensão desse nordestino em força de trabalho, resulta no direcionamento para a extração do látex, tendo em vista que existia uma carência de mão-de-obra para esta atividade econômica. Desta forma, houve a preocupação em incentivar a ida deste imigrante para a Amazônia pelo governo, influenciado por nações capitalistas, preocupadas com o lucro extraído da atividade gumífera. É evidente que dentro desse panorama, estava embutido no imaginário a Amazônia como o “paraíso perfeito”. Mero engano, pois o que era “paraíso”, a princípio, tornou-se um temeroso “inferno”,

e o tão sonhado enriquecimento fácil transfere-se a outros setores que não o seu.

Sendo a goma elástica o destaque econômico durante um grande período na Amazônia, a vinda de imigrantes propiciou o surgimento de seringais às margens dos rios, dentre eles o Purus, Juruá, Acre, Tarauacá, Xapuri, Iaco e Abunã.

Como a borracha se tornou matéria-prima na Europa e nos Estados Unidos, a partir do século XIX, acabou favorecendo um mecanismo de financiamentos por parte de grupos econômicos internacionais. A finalidade das casas aviadoras de Belém e Manaus correspondia ao sentido de recrutar mão-de-obra para trabalhar nos seringais. Este “êxodo dirigido” (Oliveira, 1979:13), podia ser tocado em último caso por empresas capitalistas norte-americanas e européias.

Este nordestino, que chegava ao território acreano, era submetido ao patrão, ao seringalista, que também era explorado pelas casas aviadoras de Belém e Manaus e estas, submissas ao capital internacional. Desta forma, o imigrante já chegava com um saldo negativo:

“Eram debitados as despesas de viagens e subsistência (...) o que não provinha da floresta e do seringal, procedia dos regatões, que em geral iniciavam suas transações com um gole de cachaça e com ela prosseguiram até confundir a mente do infeliz caboclo, sempre se deixando negociar.” (Barros, 1912:42).

O regatão desenvolveu um tipo de comércio ambulante, circulando pelos seringais da região, através de canoas, meio de transporte comum nas estradas de água da Amazônia.

“Nos primórdios da conquista da Amazônia, esta atividade, em sua maioria, era exercida por portugueses, completada por caboclos regionais, tornando-se também na fase áurea da borracha quase exclusiva de sírio-

libaneses, que varavam os rios do Acre levando aos centros distantes e isolados mercadorias necessárias, bem como aquelas perfeitamente dispensáveis. Muito embora sua importância nos primeiros tempos de desenvolvimento amazônico tenha sido expressiva, uma vez que constituíam o principal meio de comunicação e intercâmbio na floresta, os altos preços cobrados pelas mercadorias oferecidas e os preços baixos pagos pelo produto natural, marcavam de desonestidade a forma como a atividade era desenvolvida." (Rancy, 1981:187-188)

No entanto, o que não se pode esquecer é o cordão umbilical desse seringueiro ao barracão, pois, a dívida consistia na permanência desse nordestino ao seringal e o aumento da produção gumífera. Chegou-se mesmo a usar estratégias diversas contra a penetração do regatão nos seringais, algumas delas drásticas.

"(...) A que chamamos de seringal não se resume somente a uma extensa área de terra, com muitas estradas de seringas, seringueiro e patrão. O seringal era todo um complexo e sua estrutura refletia sobre certos aspectos, as exigências do meio e a necessidade da produção da borracha para o mercado mundial." (Calixto, s/d:45).

Assistiu-se portanto, à formação estrutural dos seringais amazônicos, destinados à produção do látex em grande escala e, ao mesmo tempo, ao processo de contato com a cultura indígena local, alterando o curso de vida dessas sociedades.

A forma na qual penetrou o nordestino com suas características, desaguou em um violento choque cultural entre as populações indígenas e não-indígenas. Este contato realizado no início da República gerou uma celeuma entre o nativo e o colonizador. O imigrante próximo de áreas habitadas por indígenas, causaram tremendas chacinas, relatado no período de 1936 e, alongando-se a 1954. Uma das formas de retirar o índio de suas terras era através das "correrias", expedições que expulsavam os nativos de suas terras

de forma cruel e dolorosa através de assassinatos. Estes, por sua vez, eram amparados pelo Estado.

"(...) No período que vai de 1936 à 1954, as chamadas correrias ficaram famosas, na memória do (...) então Território do Acre.

Correrias eram expedições punitivas, criadas e sustentadas pelos donos dos seringais, utilizando seus próprios empregados, e que visavam eliminar índios e aldeias existentes nas áreas a serem ocupadas pela expansão do latifúndio." (Martins, 1983:16).

O antropólogo Michael Taussig (1993) diz que esta prática já era bastante freqüente em outras regiões da Amazônia, na qual o termo era sinônimo de conquista e, uma tentativa de inserir o índio a um sistema de escambo. Estas "reducciones", como alguns preferiam chamar colocava o índio como um escravo. (Taussig, 1993:46). Logo, podemos deduzir que houve dois tipos de correrias: aquela que tinha como finalidade "limpar" a área para os seringalistas, isto é, matar e/ou expulsar os índios de suas áreas e o segundo tipo que visava a escravização nativa.

Estes nordestinos, que a mando dos patrões massacraram grande parte da população indígena da região acreana, tinham - como já dissemos - uma grande ilusão de enriquecer facilmente. Este pensamento estava presente cotidianamente nos seringais amazônicos onde estes homens passaram a residir, principalmente no que diz respeito às denominações destas terras, que sugerem uma mudança na vida nordestina de interior, sofrida, destes homens e de suas famílias. Desta forma, nomes de seringais tais como Nova Esperança, Boa Vista, Bom Destino, São Francisco, etc. manifestam uma perspectiva de melhoria de vida que se daria através do trabalho executado no interior da selva.¹¹

¹¹ Mircea Eliade, analisando o milenarismo escatológico nos Estados Unidos, por imigrantes vindos da Inglaterra, demonstrou que estes denominaram as regiões que passaram a habitar, com o revestimento da

Para os seringais amazônicos, vieram levadas de trabalhadores, principalmente do interior do Nordeste, que sonhavam com uma nova vida e, levaram junto consigo na viagem para a Amazônia o credo no catolicismo popular e o fascínio pela fartura, pela abundância, características inerentes ao seu imaginário.¹² A idéia de um lugar novo, com aspectos suaves permeavam a mente do homem do nordeste, porque ele significava um espaço harmônico, que em nada lembrava o sertão com os problemas da seca, da fome, da miséria, da morte.

Esta concepção - cristã popular - era bastante enfática durante a Idade Média, onde os homens sonhavam com um lugar terreno onde abundasse a prosperidade e justiça (Franco Júnior, 1992:60). Devemos ressaltar que o messianismo, milenarismo e escatologia estão interligados. Segundo o historiador Hilário Franco Júnior, escatologia torna-se o gênero, milenarismo é a espécie, enquanto o messianismo é o tipo.

“Escatologia é o gênero, Milenarismo a espécie, Messianismo o tipo. Tal como aparece na cristandade medieval, o fenômeno é de origem judaica, pois Messias. Tal (em hebraico) ou Cristo (em grego) é o ‘ungido’, aquele dotado do Espírito de Deus. Ele é o organizador de comunidade, alguém que estabelece uma hierarquia a partir de si próprio, criador de leis para o funcionamento do grupo, determinador da vida moral de seus adeptos - súditos. O Messias abole uma organização e cria outra, pois o papel do Messianismo é por fim a um certo mundo e inaugurar uma Nova Era. De certa forma, mata a morte, provoca uma ressurreição espiritual e social do povo.” (Idem, 63).

novidade, do novo. Desta maneira, surgiram nomes de lugares como Nova Inglaterra, Nova Iorque, New Haven, dentre outros.

“Todos estes nomes expressam não só a nostalgia da terra nativa que para trás ficou, como, acima de tudo, a esperança de que aqui nestas terras e nessas novas cidades a vida conheça novas dimensões. E não apenas a vida: tudo neste continente que era considerado um paraíso terrestre tem de ser maior, mais forte” (Eliade, 1969:122).

A chegada desses trabalhadores nas terras Norte-Americanas trouxe idéias religiosas propostas pela Reforma, principalmente o mito de progresso e com ele, o culto à novidade e à juventude, a busca de uma terra onde as pessoas poderiam nascer novamente (Op. cit. 121).

¹²Vale a pena frisar que estes recrutamentos de trabalhadores envolviam não só nordestinos, mas bolivianos seringueiros que residiam na fronteira (Groisman, 1991:09).

Benchimol (1977), ao tratar dos seringais, dos sítios e fazendas, consegue estabelecer de forma surpreendente uma toponímia messiânica destes lugares encravados na Amazônia.

“Um estudo da toponímia da empresa seringueira e rural na Amazônia poderia ser uma importante contribuição no campo da sociologia e da geografia da paisagem e da ocupação humana regional, porque reflete as esperanças, o sofrimento, o sucesso, a fortuna, e o desespero do imigrante que aqui chegou e do próprio nativo, com toda a sua carga anímica, os valores de sua cultura, as raízes de sua ancestralidade, a memória de seu passado e a expectativa do futuro.” (Benchimol, 1977: 335).

Na obra de Benchimol, pudemos constatar cinco toponímias messiânicas. São elas: a messiânica de salvação, do sucesso e da fortuna, da misericórdia e do desespero, da paisagem e do chão, da lembrança e da saudade. Vejamos então, quadro a quadro, as toponímias relacionadas pelo autor, juntamente com as localidades relacionadas:

1- toponímia messiânica da salvação:

Salvador	Nova Sorte
Boa Esperança	Bom Destino
Bom Futuro	Maravilha
Paraíso	Nova Fé
Nova Vida	Felicidade
Livramento	Terra Nova
Nova Esperança	Encontro
Esperança	El-Dorado
Bom Intento	Canaan
Santa Fé	Jerusalém
Boa Fé	Fé em Deus

Novo Destino Providência	Terra Santa
Bom Socorro	Providência
Aliança	Talismã
Alegria	Novo Mundo
Redenção	Céu Aberto
Sossego	Promissão
Morada Nova	Salva Vida
Salvação	Renascença
Restauração	Milagre
Liberdade	Refúgio
Nova Aurora	Esperança em Deus
	Bem Aventurado

Observamos que a presença de termos que remetem a calmaria em uma terra promissora, que em nada lembre o tortuoso passado nas saudosas terras de origem foram os principais nomes empregados para as propriedades de terra na Amazônia. A terra se tornaria um lugar de salvação, um quase paraíso aos olhos da miséria enfrentada pelos homens do nordeste.

2 - toponímia do sucesso e da fortuna:

Independência	Firmeza
Perseverança	Vencedor
Vitória	Vale quem tem
Triunfo	Pão
Novo Progresso	Nova Experiência
Nova Inveja	Ouro Negro

Bom Sucesso	Conquista
Califórnia	Recompensa
Boa Fortuna	Bonança

O nordestino¹³ não pretendia vir para a Amazônia somente com o intuito de fugir da seca que estava assolando parte da região do nordeste, mas de enriquecer facilmente nos seringais amazônicos e retornar para o ponto de origem para viver bem com a sua família, esbanjando ostentação e riqueza, que poderia encontrar com facilidade, segundo a sua concepção, nas bandas amazônicas.

3- Toponímia da misericórdia e do desespero.

Soledade	Ira
Amparo	Oco do Mundo
Piedade	Ilusão
Saudade	Toma jeito
Desterro	Desilusão
Consolação	Escondido
Separação	Lembrança
Mata Fome	Recordação
Enjeitado	Desengano
Cá te espero	Canto escuro
Paciência	Vai quem quer
Vai-e-vem	Valha-me Deus
Quem diria	Afogados

¹³ Gostaríamos de destacar que na maioria dos casos, a terminologia era atribuída pelo seringalista.

Arrependido	Nova Cruz
Por vir velho	Refúgio
Resignação	Exílio
Revolta	Perdido
Deus me dê	Silêncio
Bagagem	Socorro

Os nomes refletem uma dura realidade e o tormento dos homens nestas paragens. A vinda para as bandas ocidentais da Amazônia torna-se um martírio no meio da selva.

4- toponímia da paisagem e do chão:

Boa Vista	Belo Horizonte
Vista Alegre	Remanso
Floresta	Bom Retiro
Bela Vista	Varre Vento
Primavera	Novo Horizonte

Estes nomes aliam-se à primeira toponímia, caracterizando - pelo menos no nome - um sinônimo de plenitude, de uma paisagem diferente da nordestina, pois, não significava uma paisagem de caos.

5 - toponímia da lembrança e da saudade:

Fortaleza	Sertão
Nova Olinda	Massapê
Iracema	Sibéria
Oriente	Baturitá

Paris	Novo Santarém
Olinda	Ipu
Ceará	Palestina
Quixadá	Uruburetama
Paraíba	Russas
Belém	Ceará Mirim
Pajehu de Flores	Santa Quitéria

Para lembrar das boas lembranças de longínquas terras, principalmente as da região do nordeste. Os homens (seringalistas + seringueiros) resolvem projetar nos seringais, nomes que lembrem os espaços longe de serem - a partir daquele momento - pisados por eles. O local torna-se um aglutinador de boas lembranças.

Com a oscilação entre o primeiro e o segundo surto da borracha, os núcleos urbanos passaram a ganhar importância e as cidades começaram a crescer. Um dos fatores que ocasionou este êxodo rural, foi a pulverização dos seringais nativos através da concorrência com os seringais de cultivo da Inglaterra que foram instalados na Malásia e no Ceilão. O sonhado eldorado amazônico começou a sofrer um processo de decomposição. Desta forma, os seringueiros foram ficando esquecidos e, o ouro branco (látex), passou a ser um mero sonho embaçado.¹⁴

¹⁴ Segundo o antropólogo Monteiro da Silva (1983), assistiu-se a três fases da ocupação do espaço rural por parte dos trabalhadores vindos da região nordestina. A primeira ocasionada pelo primeiro surto da borracha, a segunda pela desagregação do mesmo, o que forçou muitos nordestinos a abandonar a região acreana em busca de novas tentativas de sobrevivência e, por fim, o segundo surto da borracha ocorrido na década de 40, durante a segunda guerra mundial, onde novas levas de trabalhadores nordestinos foram recrutados em uma operação relâmpago para trabalhar nos seringais amazônicos, tendo em vista que os

Em todos esses anos em que trabalhou e viveu na Amazônia, Raimundo Irineu Serra conheceu várias sociedades indígenas que faziam o uso da ayahuasca, dentre elas os Caxinauá do Peru e do Brasil. Além disso, teve contato com um vegetalista, isto é, um caboclo que fazia uso da ayahuasca, por nome de Dom Crescêncio Pizango, que atribuía os seus conhecimentos a um Rei Inca por nome de Huascar. Foi Dom Crescêncio quem lhe apresentou a substância (MacRae, 1992:62).

“O Mestre foi convidado por Antônio Costa a conhecer um caboclo por nome Pisango, que era um caboclo peruano, descendente dos Incas. (...) Era Pisango, por assim dizer, um caboclo que sabia aonde as andorinhas moravam. Quando eles tomaram o Daime - eram aproximadamente doze pessoas - e estavam mirando, o caboclo aproximou-se. Só quem viu foi Raimundo Irineu Serra. (...) Na altura do trabalho, Pisango veio e entrou dentro da cuia que estava servindo o Daime. (...) O caboclo Pisango vira-se para Irineu e diz para ele convidar os companheiros a olhar dentro da cuia e perguntar se estavam vendo alguma coisa. A resposta foi: Não! Aí Pisango falou: - só usted tem condições de trabalhar com o Daime. Ninguém mais está vendo o que tu está vendo.”¹⁵

Após seguir as instruções para a iniciação, através deste vegetalista, Mestre Irineu, juntamente com os irmãos Antônio e André Costa, fundam na década de 20, o Círculo de Regeneração e Fé (CRF), que obedecia a uma espécie de modelo militar, com uma hierarquia que ia de soldado a marechal¹⁶ (imaginário pertinente destes homens que haviam passado por experiências militares, principalmente do exército).

seringais asiáticos permaneciam em poder dos japoneses. Com isso usou-se mão-de-obra barata e os indivíduos que foram para a selva receberam a denominação de “soldados da borracha”.

Ainda segundo o autor, a urbanização nesta região foi efetuada em três fases:

- 1 - Na primeira, os coronéis de barranco, ou seja, os seringalistas, e alguns regatões juntam recursos para enviar os filhos e esposas para as cidades, juntando-se à família na sequência;
- 2 - Na segunda, com o declínio do segundo surto da borracha, nordestinos e caboclos desamparados passam a residir nos municípios do Estado do Acre, constituindo assim a massa urbana destas cidades e formando as primeiras favelas municipais;
- 3 - Após um curto tempo destas pessoas nos municípios do Estado do Acre, há o deslocamento das mesmas para as capitais de outros Estados e Territórios.

¹⁵ João Rodrigues. Rio Branco, 1992.

O CRF teve pouco tempo de duração, uma vez que, após desentendimentos com André Costa, Irineu Serra mudou-se para o Município de Sena Madureira e, em seguida, para Rio Branco, onde foi para a guarda florestal, dando baixa em 1932 com o grau de cabo.

Em 1930, já atendia o público com a bebida na zona rural de Rio Branco,¹⁷ especificamente na Colônia Custódio Freire. Neste período, nesta colônia, ele fundou o Alto Santo, ou CICLU (Centro de Iluminação Cristã Luz Universal), que foi reconhecido inicialmente pela comunidade negra local. Logo no início, os seus integrantes sofreram pressões de toda a ordem para fechar o Centro¹⁸, mas este incidente foi atenuado pelas elites locais.

Do Centro de Iluminação Cristã Universal surgiram dissidências. Foi o caso do CEFLURIS (Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra), fundado pelo amazonense Sebastião Mota de Melo, que residia com a família na "colônia 5.000".¹⁹ Este homem passou a tomar o Daime em 1965, quando procurou Mestre Irineu para curar uma doença de fígado. Curado, freqüentou o Alto Santo, onde passou também a receber hinos. Algum tempo depois, foi autorizado por Irineu Serra a produzir Daime na Colônia 5.000, destinando metade da produção para o Alto Santo.

¹⁶ Esta hierárquica é bastante comum nas religiões não-indígenas que fazem o uso da substância psicoativa. Como exemplo, podemos citar a União do Vegetal e a Barquinha, que será alvo deste estudo.

¹⁷ Hoje bairro Vila Ivonete.

¹⁸ Houveram as primeiras tentativas de demonstrar que os cultos eram "ilegais". Para informação acerca do assunto, Monteiro da Silva (1993) e MacRae (1992).

¹⁹ Localizada no quilômetro 5 da estrada que liga o Município de Rio Branco a cidade de Porto Acre. Após receber uma revelação divina, Sebastião Motta, ou Padrinho Sebastião, juntamente com algumas pessoas constroem uma igreja nas terras que ele, juntamente com a sua família já residiam. Esta construção em alvenaria compreende segundo Monteiro da Silva uma fachada principal com seis arcos e duas torres que sinalizam para duas bandeiras, uma delas representa o Santo Daime que foi deixado por Mestre Irineu Serra e, a segunda, a Santa Maria (maconha), implantada pelo Padrinho Sebastião na década de 70. O local tornou-se então uma comunidade, onde o espaço era compartilhado coletivamente. Existiam segundo os dados de pesquisa do antropólogo na época, plantios de cana-de-açúcar, arroz, feijão, mandioca, café, criação de gado, extração do látex e madeira. A produção e circulação de mercadorias para a comunidade ficava a critério do Padrinho Sebastião juntamente com a sua diretoria (Monteiro da Silva, 1983:51-52).

Com a morte de Mestre Irineu, desentendimentos de ordem interna começaram a surgir. O primeiro deles foi entre Sebastião Mota e o sucessor de Mestre Irineu: Leôncio Gomes. Leôncio proibiu o feitiço de Daime na Colônia 5.000 e criticava severamente Padrinho Sebastião pelo apego a ordem nacional. Com isso, Sebastião Mota organizou sessões independentes na Colônia 5.000. Na década de 70, a área ficava pequena para tanta gente (300 a 400 pessoas) e, em 1980, Padrinho Sebastião mudou-se com parte da comunidade para o Município de Boca do Acre - AM, especificamente para o seringal Rio do Ouro, onde todos eles trabalharam por dois anos. Logo após, deslocaram-se para uma área loteada pelo INCRA, às margens de um igarapé por nome de Mapiá, afluente do rio Purus - AM.²⁰

Na Colônia 5.000, em meados da década de 70, era possível observar um interesse maior por parte de pessoas pertencentes à classe média, principalmente jovens do Brasil e do Exterior, que buscavam um novo estilo de vida.

“Chegaram mochileiros, médicos, psicólogos, antropólogos, jornalistas e pessoas doentes, muitas vezes desiludidas pelos médicos, pois, segundo diziam, o Santo Daime poderia curá-las. Alguns ficaram vivendo na comunidade, outros retornaram a seus lugares de origem, contribuindo para a expansão da doutrina por todo o País”²¹ (Peláez, 1994:24).

Não foi somente pelo uso ritual da ayahuasca que houve essa grande procura com relação ao Santo Daime, mas pelas idéias libertárias de grupos

²⁰ Além do grande número de famílias instaladas na Colônia 5.000, outros fatores provocaram o deslocamento de grande parte desta comunidade para o interior do Amazonas, entre eles: o grande desmatamento, ocasionando um forte desequilíbrio ecológico e esgotamento do solo da comunidade que tirava dali o seu sustento. Com isso, não restou outra alternativa que não fosse procurar um espaço mais distante da cidade, que cada vez mais crescia para os rumos da Colônia 5.000.

²¹ Esse contato direto com as novas idéias destas pessoas provenientes de outras cidades do Brasil e do Exterior trouxeram modificações profundas no espaço, bem como nas performances rituais lá apresentadas, havendo na verdade uma re-significação no contexto comunitário e ritualístico. Além de hábitos de agricultores, características urbanas foram gradativamente incorporadas, embora nesta comunidade exista até os dias de hoje a valorização de hábitos e costumes caboclos.

emergentes neste período, que falavam de comunidades alternativas e respeito pela natureza.

A década de 30 foi apenas o marco para a criação desta doutrina, uma vez que, nas décadas posteriores, surgiram novos Mestres e com eles outras doutrinas como foi o caso da União do Vegetal (UDV) e do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz (Barquinha).

1.2 - A UNIÃO DO VEGETAL

A *União do Vegetal (UDV)* fundada na década de 60, emprega um outro nome para a ayahuasca, que é denominada de “*vegetal*”. Este termo liga-se aos primórdios de sua fundação, na qual, Mestre Gabriel havia ingerido o chá pela primeira vez em primeiro de Abril de 1959, recebendo-o de seringueiros que habitavam a fronteira do Brasil com a Bolívia. Estes extratores do látex foram por ele considerados de “mestres da curiosidade”, no sentido da curiosidade em relação ao chá. Evidentemente, este termo não foi dirigido à Mestre Irineu, mesmo porque Gabriel tinha grande respeito e admiração por ele que fundamentou e criou a doutrina daimista. (Andrade, 1995:134).

O que faltava a esses seringueiros “mestres da curiosidade” era uma ordenação doutrinária religiosa para a substância. Esta elaboração por ele efetivada durou aproximadamente três anos, sendo então fundada em 1961 a União do Vegetal. Dentro desta doutrina, ele propôs uma hierarquia, que por sua vez ajudaria a criar uma ordem interna no grupo, dando coesão ao mesmo. Desta forma, o ponto de convergência entre as pessoas é a União, a União daqueles que fazem o uso do vegetal, daí o nome da doutrina *União do*

Vegetal. Era um trabalho destinado a beneficiar as pessoas no lado positivo do termo.

Conta-se que Mestre Gabriel localizou um cipó na floresta proveniente de um único tronco, metade deste cipó era tingui²² e a outra metade era mariri.²³ Naquele cipó, segundo ele, estava presente o “mundo da ilusão” e o “mundo da realidade”, o mundo da ilusão referia-se à “linha negra” adotada por alguns “mestres da curiosidade” e o “mundo da realidade” era fielmente por ele seguido.

Em 1959, Gabriel ao viajar para Rio Branco-AC, acompanhando seu filho a um médico, passou na cidade quarenta dias, e ao retornar, levou pedaços de cipó e folha, que junto à água formam o chá. Preparou a substância em casa e deu para os seus familiares fazerem a ingestão. Este ato marca o seu reconhecimento como Mestre pelos mais próximos.

Em 1962, propôs uma sessão coletiva com os “mestres da curiosidade” no Município de Plácido de Castro-AC, com o intuito de que entre aqueles que participassem da sessão fosse escolhido o Mestre superior. Neste momento, os “mestres da curiosidade” o reconheceram enquanto superior, legitimando definitivamente a UDV.

1.3 - MESTRE DANIEL E OS PRIMÓRDIOS DA BARQUINHA

O Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, a Barquinha, o objeto deste estudo, foi criado no ano de 1945 por Daniel Pereira

²² Designação comum a plantas, basicamente leguminosas e sapindáceas, que induzem efeitos narcóticos em peixes e, por isso, são usadas para pescar. Fragmentadas e esmagadas, são lançadas na água; logo, os peixes começam a boiar e podem ser facilmente apanhados à mão. (Ferreira, 1988:635).

²³ cipó jagube, a ayahuasca.

de Mattos e hoje está situado no bairro de Vila Ivonete, em Rio Branco, capital do Estado do Acre.

Ainda são bastante obscuros os dados acerca da vida de Mestre Daniel. Sabe-se oficialmente que ele nasceu no dia 13 de Julho de 1888, na cidade de São Luís - MA, tendo como pais o senhor Thomas Pereira de Mattos e a senhora Ana Francisca Mattos. Filho de escravos, ainda criança foi ligado a Marinha,²⁴ onde permaneceu durante algum tempo como aprendiz. A partir disto, as entrevistas sugerem uma série de hipóteses acerca da vida deste homem. Alguns alegam que Daniel pertenceu à Marinha de Guerra, onde chegou a ocupar o posto de segundo sargento; entretanto, outros informantes comentaram o fato dele ter pertencido à Marinha Mercante.

Homem habilidoso, foi bastante citado em entrevistas como um indivíduo que sabia desempenhar doze tarefas: construtor naval, cozinheiro, músico, barbeiro, alfaiate, carpinteiro, marceneiro, artesão, poeta, pedreiro, sapateiro e padeiro.

"Aquele homem era um homem sabido, tinha doze profissões. (...) Cozinheiro, maquinista, ele trabalhava em navio. (...) Fez curso de marceneiro. (...), ele tocava do violino, o pistom e o violão, (...) clarinete."²⁵

Na década de 20 já estava no Acre, visto que, em 1928, documentos da Intendência Municipal de Rio Branco, que hoje corresponde à prefeitura daquela cidade, já atestavam a sua presença naquela região requerendo uma

²⁴ Possivelmente "laçado" - pego na rua e levado para uma Escola de Aprendizes da Marinha. Esta história da vida de Mestre Daniel já estava sendo planejada há dez anos por Francisco Hipólito de Araújo Neto. Há alguns anos, o mesmo deu início ao resgate da memória do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. O resultado deste esforço foi a criação da casa de memória Daniel Pereira de Mattos, inaugurada em 08 de Setembro de 1995. Neste dia comemorou-se também os 50 anos daquela casa e a data de *desencarnação* de Daniel. Ainda no ano de 1996, tive a oportunidade de acompanhá-lo em uma de suas pesquisas efetuadas na Marinha - RJ, no mês de Fevereiro.

²⁵ Ademar Sales, entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 17/07/95.

licença para a ampliação de sua residência.²⁶ Da mesma forma, outro documento emitido pela Intendência Municipal, no mesmo ano do primeiro, referia-se à cobrança de Indústria e profissão. Segundo o documento divulgado no periódico Folha do Acre, Daniel era barbeiro de segunda classe e havia pago um imposto à Intendência de 35\$000 pelos serviços efetuados em sua barbearia.²⁷

Estes dados remetem para a suspeita da chegada de Mestre Daniel ao Acre no início do século por via fluvial, já que neste período não existiam outras formas de penetração na região acreana. O percurso de viagem para Rio Branco nos conduz para a possibilidade deste homem ter passado pelo Município de Boca do Acre - AM, através do rio Purus. A cidade de Boca do Acre fica na confluência entre os rios Purus e Acre, o segundo banha a capital acreana.

As embarcações que trafegavam na época por esta região eram pequenas e tinham uma capacidade aproximada de 100 toneladas, o que descarta segundo algumas pessoas a possibilidade de Mestre Daniel ter chegado de fragata a Rio Branco,²⁸ como sugerem algumas entrevistas. Eram raros os navios que chegavam a 200 toneladas, devido a especificidade dos rios da região que em determinados períodos ficavam com um índice de água bastante reduzido, o que faria com que uma embarcação deste porte ficasse encalhada. Este fato foi consumado no relatório apresentado ao Presidente da República

²⁶ Folha do Acre, anno XVI, segunda-feira, 04 de novembro de 1928 - número 667. Rio Branco-AC, pág. 03, colunas 05 e 06.

²⁷ Folha do Acre, anno XVI, segunda-feira, 26 de Julho de 1928, número 646. Rio Branco-AC, pág. 03, colunas 04 e 05.

²⁸ Embora uma grande parcela insista em afirmar que Daniel tenha chegado realmente em uma fragata.

dos Estados Unidos do Brasil através do vice-almirante da Marinha Alexandrino Maria de Alencar.²⁹

Ainda nesta época, o setor de construção naval da capitania do Amazonas entrou em declínio. Com esta crise, a orientação tomada pela marinha foi a de equiparar os navios de 100 toneladas a barcas, cujo comando da navegação ficava a cargo de Mestres. Desta forma, várias pessoas ligadas à Marinha passaram a dirigir embarcações deste porte. Entretanto, estes dados da Marinha não permitem confirmar que Daniel dirigiu uma dessas embarcações neste período ou em época posterior. Antes de 1928 sua vida é uma incógnita.

Ao chegar em Rio Branco, trabalhou como barbeiro no bairro 6 de Agosto, onde também residia. Logo após, passou a morar em um bairro próximo ao centro da cidade, conhecido até os dias atuais como bairro do Papôco. Este espaço situa-se às margens do rio Acre e era bastante freqüentado por navegantes que por ali passavam, sendo também famoso por ser uma zona de prostituição (Araújo Neto, 1995:17-18).

Daniel foi descrito como um homem de estatura média, rosto comprido, bastante forte, voz grossa, negro de cabelos crespos e um senhor bastante educado.³⁰ Até 1945 era considerado um grande boêmio da cidade de Rio Branco. Bebia, fumava, fazia composições musicais que falavam de paixão, de amor, e busca pela mulher amada. Não omitia suas paixões, uma delas pela senhora Maria Emília que residia na época na rua dos Canudos.³¹

²⁹ Ministro de Estado dos negócios da Marinha. Relatório apresentado ao Presidente dos Estados Unidos do Brasil pelo Vice-Almirante Alexandrino Maria de Alencar em Abril de 1914. Rio de Janeiro: imprensa naval, 1914.

³⁰ Ademir Sales, entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 17/07/95.

³¹ Leonor Santos da Silva e Antônia Carneiro de Lima, entrevistas realizadas na cidade de Rio Branco em 22/07/95.

Em razão do seu estado de embriaguez, muitas vezes dormiu ao relento. Em uma de suas saídas, deslizou canções em seu violão. Músicas que fluíam pelos dedos e boca a paixão pela noite, pelas serenatas que embriagavam os homens de canções e cachaça.

Ao retornar de uma festa junto a um de seus parceiros de farra, resolveu descansar um pouco em um lugar conhecido por poço das cobras³². Bêbado, chegou a receber uma revelação na qual dois anjos desciam do céu e lhe entregavam um livro de cor azul. Ao despertar, não procurou saber o significado da visão que acabara de ter, sua única reação foi a de despejar o restante da aguardente no rio Acre.

“Chegou numa casa João, eu não agüentei, não sabia onde estava, me deixaram encostado mais o rapaz que vinha no remo (...) aí ficou comigo. Quando me acordei, já na praia, os outros subiram e eu não subi, fiquei lá e o rapaz ficou comigo, botou uma lona e ficou por lá. Mesmo embriagado, recebi uma ordem pra deixar de beber, peguei a garrafa de cachaça na cintura e joguei lá dentro do rio. (...) Depois de um dia ou dois ou três ele foi lá pro Irineu. O Irineu chamou ele e disse: -aonde é que tu andava que espiritualmente te procurei e não te encontrei? ele disse: -a minha mãe me entregou uma missão aqui por intermédio do seu serviço, a sua linha é das matas, da floresta, e a minha mãe me entregou uma linha por intermédio da sua linha”³³

Este fato marca a iniciação de Daniel para líder espiritual e foi concretizado a partir do momento em que se encontrou enfermo, com problemas de fígado, ocasionados pelo abuso da bebida. Sabendo da gravidade da doença que estava assolando o seu conterrâneo, Raimundo Irineu Serra, freqüentador da barbearia de Daniel, convidou-o para fazer um tratamento espiritual através da bebida sagrada. O tratamento teve início em

³² Chovia bastante nesta oportunidade.

³³ João Rodrigues de Souza, entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 04/08/95. Alguns elementos simbólicos desta entrevista serão discutidos no capítulo posterior.

1936,³⁴ sendo interrompido por Daniel quando se encontrou melhor de saúde. Com isto, foi para a cidade e voltou a beber. Entre a Colônia Custódio Freire - espaço onde sempre foram realizados os trabalhos de Mestre Irineu - e a zona urbana de Rio Branco, encontrou-se bastante cansado, adormecendo às margens de um igarapé onde teve um sonho, a mesma visão que havia sido revelada antes em seu último estado de embriaguez: dois anjos que desciam do céu lhe entregavam um livro de cor azul e falavam de uma missão que deveria ser cumprida por ele.³⁵

Novamente doente, foi chamado por Irineu para fazer um novo tratamento no Alto Santo e mais uma vez através do Daime, teve a revelação da missão que por ele deveria ser efetuada.

A visão do livro azul por Daniel pode ser encarada como o primeiro ensinamento desta doutrina. Cada página deste livro foram e continuam sendo instruções recebidas e essas mensagens ligam-se à cor do livro, o azul, que simboliza o céu, de onde provém revelações sagradas de Deus e de outras entidades cristãs.

O importante e essencial neste caso, é o de enfatizar o momento da passagem, da mudança, da transição, da transformação. Como lembra Van Gennep, a situação de transição compreende três momentos específicos: a separação (saída do estado anterior), a liminaridade (o estado de passagem propriamente, em que a pessoa se acha entre o estado anterior e posterior) e a agregação (quando se dá a entrada no novo estado).

No caso de Daniel, o processo de qualificação, durante o tempo de liminaridade ou passagem propriamente dito, implica em sofrimento. Por

³⁴ Depoimentos de Antônio Geraldo da Silva, em 21/08/95 e Manoel Fernandes de Oliveira em 25/08/95, na cidade de Rio Branco-AC.

delegação, como no caso do martírio e morte de Jesus Cristo, todos os homens, pelo sacrifício de Deus, ficam limpos, purificados. Ele é o cordeiro que tira o pecado do mundo. Influenciado por Raimundo Irineu Serra, Daniel resolve criar a sua própria missão, abraçando definitivamente a vida espiritual.

Escolheu um lugar na zona rural de Rio Branco para iniciar os seus trabalhos. Era um seringal por nome de Santa Cecília e pertencia ao senhor Manoel Julião de Souza. Como a propriedade estava desabitada, não houve nenhum problema na concessão do espaço. Esta liberação no entanto, era apenas informal.

Nestas terras, Daniel construiu uma casinha rústica de taipa e paus roliços, como uma casa de seringal com barrotes, de assoalhos de madeira. Lá ele recebia salmos que eram considerados instruções provenientes de outros planos.³⁶ Neste espaço começou o seu trabalho de atendimentos, por ele designados de **obras de caridade**. Nas origens, estes atendimentos eram realizados em crianças e adultos, especificamente os caçadores da região com os membros de suas famílias. Pouco tempo depois, moradores da zona urbana de Rio Branco passaram a procurá-lo com mais frequência.

“Ele andou adiante, servindo Daime no mato e começou a receber hinos, começou a rezar em crianças, adultos... caçadores que passavam por lá, encostavam para tomar água e ele ficava lá, tocando aqueles hinos bonitos, aquelas coisas bonitas, né? Conversando, e o pessoal foi dizendo que em tal parte tinha um velhinho assim, preto, que rezava em criança muito bem”.³⁷

A morte simbólica de Daniel não serviu unicamente para estabelecer a sua própria perfeição espiritual, mas serviu e continua servindo para a salvação das demais pessoas que porventura procurem os trabalhos daquela casa.

³⁵ Antônio Geraldo da Silva, entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 21/07/95.

³⁶ Por eles denominados de *invisível*.

³⁷ Antônio Geraldo da Silva. Rio Branco, 21/08/95.

O local de fundação da Barquinha nos seus primórdios era designado de **capelinha**³⁸ por Mestre Daniel e conhecido por **capelinha de São Francisco** pelos habitantes da cidade de Rio Branco, pelo fato de São Francisco ser um dos principais mentores espirituais da casa.

“Daniel Pereira de Mattos era um homem pobre, humilde, que vivia na vida franciscana. Comia de esmola. Quem recebia os benefícios dos seus trabalhos espirituais lhe levava um pão, um pedacinho de carne, um litro de leite; e assim ele vivia como São Francisco de Assis, quase de caridade pública. Era Deus quem lhe dava”³⁹

Esta **capelinha** era feita de taipa e coberta por palha, assim como a sua residência.⁴⁰ Ela era ligada à área urbana de Rio Branco através de varadouros que por sua vez cortavam um vasto campo de goiabeiras. Próximo do local, existia um igarapé de águas cristalinas, passagem obrigatória de seus integrantes e de outras pessoas que se dispunham a participar dos trabalhos efetuados por Daniel. A **capelinha** ficava em um local alto, logo após este igarapé.⁴¹

O número de pessoas que freqüentava os trabalhos do Centro no seu início era bastante reduzido. Pessoas humildes que por problemas de saúde, emprego, alcoolismo e/ou familiares, recorriam a Mestre Daniel com o intuito de resolvê-los.⁴²

³⁸ Nunes Pereira em uma de suas importantes obras intitulada *A Casa das Minas* dedica um item a este Centro, atestando que a capela foi construída em uma pequena “fazenda” que segundo ele pertencia ao senhor Manuel Antão da Silva – sendo que nas narrativas orais, todos foram unânimes em afirmar que as terras pertenciam ao Senador Manuel Julião de Souza. Segundo ele, o braço direito para a construção da capela foi Elias Kemmer, pessoa bastante citada nas entrevistas e um dos primeiros membros do lugar. Além disso reconhece Daniel como fundador da doutrina, afirmando que ele foi ligado à mãe-de-terreiro por nome de Joana. Este último dado é bastante curioso, tendo em vista que nenhum dos meus informantes mencionou tal fato. Entretanto, não tenho material suficiente para comprovar este argumento de Nunes Pereira. (Nunes Pereira, 1979:139).

³⁹ UDV. Revista do primeiro centenário de Mestre Irineu Serra. Rio de Janeiro: Ed. Beija-Flor, 1992,

⁴⁰ João Martins de Oliveira Filho. Entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 02/10/95.

⁴¹ Este igarapé ainda existe, mas está coberto por detritos dos moradores do bairro Vila Ivonete.

⁴² Manuel H. de Araújo. Entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 03/09/95.

Daniel Pereira de Mattos casou-se oficialmente na década de 50 com Maria “Ferrugem” e com ela teve um filho já na fase de separação. Com a ruptura do matrimônio, envolveu-se e residiu aproximadamente um ano com Francinete Oliveira dos Santos e com ela teve também um filho.⁴³

“Ela teve um menino em Maio (...) e disse: -olha, o Daniel ele tá muito enganado, ele pensa que só quem tem guia é ele, pois eu vou mostrar a ele como eu tenho guia. (...) O guia dela é o Jordão. (...) Eu tenho pra mim que aquele tumor espocou, botou uma lata todinho de sangue, aquilo foi uma flechada do Jordão. Ela disse: -ele vai ver que eu também tenho guia. Quando aconteceu eu disse: -foi uma flechada! e pegou mesmo a goela do homem. Seu Irineu foi visitar e disse: -é, Daniel era um irmão muito bom, mas também ele tinha um defeito, era muito despercebido da pessoa dele, que pegaram ele na cama. Finado Irineu testou que aquilo ali foi coisa feita, que terminaram a vida dele, (...) tamanha flechada”⁴⁴

Foi em 1957 que Mestre Daniel começou a preparar a irmandade do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz para uma viagem que deveria fazer brevemente. Era um tipo de viagem ambígua, considerada por alguns um retorno para a sua terra natal, São Luís do Maranhão. Mas foi pensado por outros como a sua possível desencarnação, já que o mesmo se encontrava há algum tempo enfermo de um problema iniciado em sua garganta, que se agravou em 1958.⁴⁵ Ao adoecer, entrou em uma penitência de 90 dias, afirmando sempre que no final desta faria a viagem.

Observamos neste fato a analogia das duas flechas, como já enunciou Evans-Pritchard ao estudar os Azande, na qual, toda causa tem uma explicação imediata, mas também uma explicação última. Clinicamente, Daniel

⁴³ O filho do segundo casamento (com Francinete Oliveira dos Santos) tinha apenas 8 meses quando Daniel faleceu.

⁴⁴ Belarmina Maria de Souza Lopes. Entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 01/09/95.

⁴⁵ Algumas pessoas entrevistadas alegam o motivo de sua doença à vingança de Maria “Ferrugem” pela separação. Outros mencionam o fato do casamento indevido feito por ele, pois, casou-se com mais de 50 anos com Maria, de apenas 16. Como as autoridades da época poderiam proibir o matrimônio, resolveu falsificar a sua certidão de nascimento. A causa de sua morte foi antes de tudo espiritual.

contraiu um tumor em sua garganta, mas porque cartesianamente afirmava que após os 90 dias de penitência faria uma “viagem”? para muitos, Daniel se deixou abater sobre a ira de sua ex-esposa, que o fez enfermo através do seu guia.

“Meu filho, eu cometi um erro dentro da missão. Eu vou fazer uma viagem, eu vou viajar, o erro que cometi foi que na idade que estou foi ter procurado uma mulher pra mim casar. (...) A mulher que apareceu foi um aparelho novo demais, ela quer abraçar os trabalhos da Umbanda, da Quimbanda, (...) é ciumenta e vem causando desgosto para mim e com a irmandade. Logo em seguida adoeceu. Qualquer um podia compreender que a viagem dele era para a eternidade” ⁴⁶

Os seus trabalhos duraram 12 anos e, durante todo este período, Daniel jamais pisou na cidade de Rio Branco. A sua trajetória na missão foi marcada no início e no final pela doença. Com sua primeira “morte” é criado o Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, enquanto local de preparação das pessoas para a desencarnação deste plano; a segunda “morte” foi o seu encontro com a eternidade e a continuidade da vida para os seus seguidores.

Daniel desencarnou (“morreu”) no interior da casinha de feitiço do Daime, na tarde do dia 8 de setembro de 1958, às 18:30 hs, no início da romaria de São Francisco das Chagas.

“Nesta tarde eu não vim, mas muita gente conta que lá quando ele desencarnou o céu mudou de cor, foi a coisa mais linda do mundo, não sei se deu vento ou foi chuva, eu sei que transpareceu uma coisa muito linda, mesmo na hora da partida dele.”⁴⁷

Seu corpo foi colocado no interior da Igreja, sobre a mesa de concreto que ainda estava em fase de construção. Nesta noite e parte do dia 9, foi realizado

⁴⁶ Manuel H. de Araújo. Entrevista efetuada na cidade de Rio Branco em 03/09/95.

⁴⁷ Belarmina Maria de Souza Lopes. Entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 01/09/95.

um trabalho especial e prolongado para o Mestre fundador da missão. Seu corpo foi sepultado às 14:30 h do dia posterior a sua morte.

Com o seu falecimento, não pode constatar uma das obras prioritárias da missão, a construção da Igreja em alvenaria, que além de dar maior conforto aos fiéis, passaria a abrigar um número maior de pessoas que buscassem auxílio naquela casa.

1.4 - AS PROVAÇÕES DE ANTÔNIO GERALDO

Os trabalhos ficaram suspensos durante dois meses, retomados logo em seguida com a indefinição de quem iria substituir Daniel Pereira de Mattos na direção dos trabalhos. Através de um consenso de toda a irmandade, ficou decidido que um dos fiéis por nome de Antônio Geraldo, naquele momento, seria o mais apto a assumir o cargo de Presidente do local por um mandato de dez anos.

Antônio Geraldo da Silva nasceu no dia 25 de Maio de 1922, na cidade de União - CE. Nesta época, com uma enchente do rio Jaguaribe, seus pais mudaram-se para Mossoró - RN, local de seu registro e batismo. Soldado da borracha, chegou ao Acre em 30 de Julho de 1944. Como seringueiro, ficou endividado perante o patrão e só pode pagá-lo quando se aliviou de uma doença.

Conheceu o Daime por acaso, entre os anos de 1946/47, quando adoeceu um cunhado seu. Associou no início o Centro de Daniel a um terreiro de macumba, fato este que o deixou com bastante receio de retornar ao local, mas prometeu a sua esposa, Antônia Silva, que iria visitar novamente Daniel.

Entretanto, o seu pensamento estava voltado para a zona de prostituição do bairro do Papôco.⁴⁸ No percurso de sua residência ao Papôco, deparou-se com dois anjos considerados por ele como o anjo do bem e o do mal. O primeiro insistia que ele fosse à zona sagrada, isto é, para a missão de Mestre Daniel; já o segundo pedia a ele que continuasse o percurso rumo à zona profana, ou seja, o bairro do Papôco. Optou pelo primeiro caminho. Este argumento pode ser considerado como uma prova que deveria ser por ele passada, o duelo entre o bem e o mal. Este duelo aparece na história das religiões de todo o mundo. O espaço onde ocorrem essas provas são os mais variados possíveis: uma montanha, um deserto, uma floresta, ou ruas das cidades. Para chegar a um ponto sagrado, o homem tem que atravessar várias zonas profanas. O caso de Jesus e de Buda talvez sejam os mais conhecidos. Ambos tiveram provações, conseguindo vencê-las, mas já tinham recebido revelações do trabalho sagrado que deveriam fazer aqui neste plano.

Esta prova, sofrida por Antônio Geraldo foi um encontro com o espaço sagrado da missão fundada por Daniel. Guiado por um anjo para este local, ele conheceu revelações do sagrado.

Em 30 de Novembro de 1969,⁴⁹ integrantes da Ordem dos Servos de Maria, em uma visita ao local, consideraram-no um prisioneiro, um preso voluntário por questões de ordem espiritual necessárias para cumprir o compromisso através do sacrifício. No dia 20 de janeiro do ano seguinte completaria os 10 anos assumidos diante da missão. Durante todo este tempo,

⁴⁸ *Bairro do Papôco - bairro famoso, associado na época a uma zona de prostituição. Este bairro está situado próximo ao centro da cidade.*

⁴⁹ Relatório da Ordem dos Servos de Maria, Rio Branco - 30/11/69. Faz parte do quadro de ordens da igreja católica apostólica romana. Os seguidores desta ordem eram responsáveis por missões que tinham como finalidades básicas o zelo pela paróquia, além de instrução e educação em escolas de primeiro,

Antônio Geraldo não podia sair do Centro devido a uma penitência que estava cumprindo. Quando completasse esse prazo, ele ficaria livre para visitar a cidade por quarenta dias. Posteriormente, iniciaria novo mandato de dez anos até 1979, mas seu compromisso foi interrompido em poucos anos por problemas internos.

Sua gestão foi marcada por uma série de conflitos. O primeiro deles foi o da legalização das terras da missão. O senhor Antão, genro do Senador Manoel Julião de Souza (AC) aproveitava-se do fato de que as terras estavam cedidas provisoriamente à missão de Daniel para transformar o local em um verdadeiro curral eleitoral em períodos de eleição, prometendo com isso que iria regularizar as terras em benefício de toda a irmandade. Com a morte de Manoel Julião, as terras deveriam ser passadas para os seus dois netos: Lauro Julião de Souza Filho e Severina, filha de Antão, que se achou no direito de reclamar as terras que haviam sido deixadas como herança. Entretanto, jamais havia sido pago imposto para a Prefeitura pela propriedade por um período de 30 anos, sendo que, a irmandade já havia construído uma igreja de alvenaria com várias casas de madeira no espaço do Centro, num perímetro de 50x50, ou seja, 1/3 da área atual. Antônio Geraldo, através do vice-Presidente, o Sr. Manuel Hipólito de Araújo, fez todo o levantamento do que já havia sido construído no local e levaram para exame do Prefeito de Rio Branco, na época o Sr. Adauto Frota.⁵⁰ Como a missão já estava estabelecida naquela área, o Sr. Prefeito autorizou a ampliação da área para 100x100, gerando um conflito com

segundo e terceiro graus sobre a proteção de N. Senhora, o motivo da existência desta ordem. (Pároco Valdemiro Caran - pároco da Catedral de N. S. da Conceição - Campinas, SP, 06/08/96).

⁵⁰ Antônio Geraldo da Silva (Rio Branco, 21/08/95) e Manuel Hipólito de Araújo (Rio Branco, 03/09/95).

o Sr. Antônio, amenizado pelo Governador do Estado Jorge Kalume, que o indenizou na época com a quantia de 20 mil cruzeiros.⁵¹

Na década de 60, surge o segundo conflito, quando o Serviço Nacional de Fiscalização de Entorpecentes começou a pedir informações do Daime usado em rituais de religiões amazônicas.⁵²

Da gestão de Antônio Geraldo até os dias atuais, essas religiões têm sobrevivido formalmente através de pareceres, pois, não existe uma lei definitiva que regulamente o uso normal e natural desta substância nos seus trabalhos religiosos.

1.5 - A INICIAÇÃO DE MANUEL ARAÚJO

Quando Antônio Geraldo da Silva afastou-se da missão, quem assumiu os trabalhos daquela casa foi o Vice-Presidente Manuel Hipólito de Araújo.

Manuel Hipólito nasceu em 10 de Junho de 1921, no seringal Aquidabã em Eirunepé-AM. Seus pais se casaram em 1915 no Ceará e migraram para o Amazonas devido às secas periódicas do Nordeste. Em Belém, fixaram-se em

⁵¹ Manuel Hipólito de Araújo. Entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 03/09/95.

⁵² O primeiro documento data de 21 de maio de 1965, na qual o Sr. Carlos Afonso, Secretário de Saúde do Estado do Acre, enviou ao Dr. professor Décio Parreiras, chefe nacional de fiscalização de entorpecentes, banisteriopsis caapi e psychotria viridis para exame toxicológico. Na mesma data enviou ofício para a Barquinha confirmando a amostra que havia mandado para o Serviço Nacional de Entorpecentes e declarando que através de Décio Parreiras, presidente da Comissão Nacional de fiscalização de Entorpecentes, nenhum caso de intoxicação foi constatado desde 1962 **pelo uso da bebida Iagé ou similar**. Desta maneira, a Secretaria de Saúde e Serviço Social do Estado do Acre não fez nenhuma restrição ao uso da bebida conhecida por **Iagé, Daime, ou Uasca**, tendo em vista que esta substância estava ligada desde o período de fundação aos trabalhos espirituais destas religiões. (S. S. S. S. - AC - 21/05/65).

Em 1973, José Carvalheto Neto, Diretor do Instituto Nacional de Criminalística encaminhou um ofício ao Diretor da Polícia Federal/Acre respondendo ao ofício 155/73 - DPF, a qual solicitava um laudo referente ao exame da ayahuasca. (DPF - 23/08/73).

uma localidade conhecida por castanhal. Encontrando dificuldades, migraram para o Amazonas, onde nasceu Manuel Hipólito.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Manuel Hipólito e seu irmão José foram chamados para fazer parte do exército no Estado do Ceará e foram designados como soldados combatentes na Itália. Seus pais conseguiram com que ele permanecesse no Brasil, seguindo para os campos de batalha apenas o seu irmão José, retornando em 1945. Liberado do exército, veio para o Acre no dia 25 de Setembro de 1942, chegando à capital acreana em 04 de Fevereiro de 1943. Em Rio Branco foi empregado na Secreteria de Saúde, sendo o responsável pela montagem do primeiro laboratório de análises no ano de 1944.

Filho de pais Adventistas do Sétimo dia, em 03 de Outubro de 1956, passou a procurar um Centro Espírita para tentar entender os fenômenos que o acompanhavam durante uma grande parte de sua vida. Desde criança sentia irradiações mediúnicas e aproximação de espíritos.

"Em uma ocasião eu caí e passei 24 horas desacordado, então meus pais pensavam que eu tinha desencarnado, fiquei até frio, mudei de temperatura. Nesta data, 6 para 7 anos, eles fizeram o caixão, a minha mãe que era um pouco nervosa pediu um copo com água, tomou os primeiros goles e o restante disse que deu vontade de derramar na minha cabeça. Quando ela derramou, eu respirei, tornei. (...) Sei que nasci com o intuito de aconselhar, de doutrinar, principalmente a minha mãe, me chamava quando ela se desentendia com meu pai."⁵³

Por indicação de um colega de trabalho, passou a procurar o Centro de Daniel para tentar sanar este tipo de manifestação e problemas relacionados ao alcoolismo.

⁵³ Manuel H. de Araújo. Entrevista realizada em Rio Branco em 03/09/95.

“Meu irmão amigo, se você quiser ir lá na casa conhecer um velhinho por nome de Daniel Pereira de Mattos, que tem uma entidade que trabalha com o Daime... eu estava sendo assediado pelos médiuns, pelos eguns sem luz.”⁵⁴

A primeira vez que foi ao Centro de Daniel, fez a ingestão da bebida sagrada, e observou, através da *miração*⁵⁵ que teve, a situação considerada por ele de pecaminosa. Seria necessário, portanto, uma limpeza dos atos cometidos na vida profana.

“Após meia hora, eu com os olhos fechados materialmente, veio aquele claro, que abriu para mim o meu olhar espiritual. (...) Fui ver a minha própria pessoa, sentada com as mãos em cima das pernas, todo de branco, e lá eu me vi inchado e me admirei daquilo ali, aí comecei a suar, aí ao meu redor começou a surgir do nada labaredas de fogo. (...) Recorri à Deus pedindo clemência, e aquele fogo começou a se aproximar de mim e começou a me queimar e eu dentro de uma fogueira, eu ouvi à minha direita uma voz tão suave dizer assim pra mim: -meu filho, não se assuste! isso aí que tu estás vendo é para te mostrar que o caminho que tu estás seguindo é o mundo profano. Tu estás dentro de uma fogueira, as labaredas estão te queimando, são os caminhos da devassidão, os caminhos dos vícios, são os caminhos de quem não tem amor à Deus e à sempre Virgem Maria.”⁵⁶

É interessante notar que a experiência extática de Manuel Araújo é idêntica a de outros líderes religiosos de diferentes lugares do globo. Em primeiro lugar, o fogo reflete as tentações de mundos subterrâneos, um reflexo do inferno. Passar pelo fogo é mostrar que está selando um pacto com Deus, com o sagrado, uma aliança de um ser terrestre e um ser divino. Ao mesmo tempo ele indica uma transformação, a espiritualização da matéria.

Tão logo assumiu, mudou toda a diretoria, alegando ter recebido ordens espirituais para realizar este tipo de modificação. Ainda na década de 50, teve uma visão. Nesta miração, uma entidade, fardada como um soldado de luz,

⁵⁴ Manuel H. de Araújo. Entrevista realizada em Rio Branco em 03/09/95.

⁵⁵ “Ir além de...”, fenômeno na qual as pessoas alcançam a transcendência através do uso da substância. A miração é a viagem em si, é o olhar de si em si, o olhar de si no outro e o olhar do outro em si. O resultado da miração é o trazer do “além de...” “para...”.

⁵⁶ Manuel H. de Araújo. Entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 03/09/95.

entra com uma bandeja com dois envelopes dentro do salão de trabalho e lhe entrega um dos envelopes e o outro coloca nas mãos de Daniel . Segundo ele, esta visão foi o início de sua chamada para assumir a missão deixada por Mestre Daniel.

“Daniel me entregou uma caixa que tinha mais ou menos 30 cm por 10 de largura (...) em forma de um envelope de ofício. E Daniel disse essas palavras: -toma meu filho, aí está uma missão para tu cumprir. (...) A tampa dele forma uma cruz. (...) Quando eu abri a tampa dele, no centro do envelope apareceu um botão, quando eu apertei esse botão, clareou o mundo todo para mim (...) e eu vi o firmamento, a cabeça de Jesus Cristo coroada de espinhos e disse essas palavras: -hei de cumprir esta missão deste mundo à eternidade em benefício dos inocentes e de toda a humanidade. Nessas palavras foi que eu recebi aquela chave, um compromisso que me estava sendo entregue para cumprir neste plano. (...) Esse envelope quem me trouxe foi Daniel Pereira de Mattos. (...) A minha missão nesta casa tava ligada à coroa de espinhos de Jesus, isso significa a humildade nos mistérios das cinco chagas de Cristo, a coroa de espinhos representa a humildade, então eu recebi uma chave da humildade.”⁵⁷

Recebeu outra mensagem do mesmo tipo quando Antônio Geraldo completou os dez anos de compromisso com a missão.

“No invisível, eu fui levado por uma criança, eu fui levado a um salão, (...) parecia um prédio de ouro no invisível, a criança me levou naquele prédio e entrou comigo (...) agarrado na minha mão. Quando chegamos lá, dentro dum gabinete muito bonito,, a criança apontou para mim e disse o seguinte: -aqui é o gabinete do Pai Eterno, pode entrar que ele está lhe esperando. (...) Eu entrei dentro daquele gabinete, estava sentado na mesa um senhor de cabelos branquinhos como a neve, vermelho, com a barba grande, sentado naquela mesa todo de branco, (...) os sapatos dele brilhava que via o rosto da gente e aí eu cheguei, me curvei a ele e ele disse: -meu filho, estava te esperando. (...) eu sentei à direita dele, ele olhou para mim e disse: -meu filho, pela humildade do teu coração eu vou te dar permissão para ensinar os reprobos. (...) São eguns sem luz, são exus que estão ligados ao trono satânico (...) tem reprobos no invisível, como tem reprobos no visível materializado. (...) Recebi por escrito, que ele me deu o envelope e disse: -vai meu filho cumprir a tua missão! (...) Recebi a incumbência de ser pastor das ovelhas de Jesus” .⁵⁸

Desde a gestão de Daniel Pereira de Mattos à de Manuel H. de Araújo, a Barquinha sofreu uma série de modificações, a primeira delas foi a de que de

⁵⁷ Manuel H. de Araújo. Entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 03/09/95.

características tipicamente rurais, assumiu mais propriamente uma forma urbana, pelo fato de que com o decorrer do tempo, este espaço rural passou a receber novos moradores, constituindo assim gradativamente o bairro Vila de Ivonete. Um outro fator bastante importante para esta transformação, foi a inserção na doutrina de pessoas pertencentes à classe média de Rio Branco.⁵⁹

1.6 - DESMEMBRAMENTOS E EXTENSÃO DA BARQUINHA

Do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz houve três desmembramentos, ocorrendo aquilo que para alguns é considerado como dissidência. Os dois primeiros ocorreram na década de 60, quando foram fundados o Centro Espírita Daniel Pereira de Mattos, sob a Presidência de Antônio Geraldo da Silva, que anteriormente dirigia os trabalhos do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz e o Centro Espírita Luz, Amor e Caridade, conhecido popularmente como terreiro de Maria Baiana.⁶⁰ Este segundo centro está sob a direção de Juarez e Maria Baiana, que pertenciam à Barquinha ainda na gestão de Antônio Geraldo.

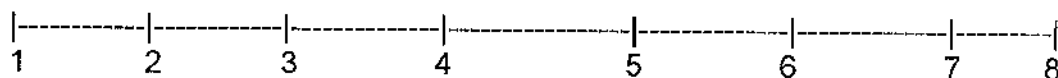
Na década de 90 foi fundado o Centro Espírita Príncipe Espadarte, presidido por Francisca Campos do Nascimento, ou Chica Gabriel, que havia sido um dos principais aparelhos do local, tendo iniciado os seus trabalhos junto a Mestre Daniel por motivos de doença. (Luna, 1995:05).

⁵⁸ Manuel Hipólito de Araújo. Rio Branco, 16/08/95.

⁵⁹ É preciso salientar que a maior parte das pessoas que frequentam o local são pessoas pobres.

⁶⁰ O escritor alemão Hubert Ficht, bastante ligado a aspectos afro-brasileiros visitou a capital acreana durante a gestão de Manuel H. de Araújo, quando já haviam esses primeiros desmembramentos. Sua visita resultou em uma série de programas de rádio para a Alemanha. Infelizmente não tivemos acesso a esses programas.

Na linha abaixo, podemos observar a trajetória do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, com os seus momentos de ruptura e renovação.



1 - Data de fundação do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz por Daniel Pereira de Mattos;

2- 1958- morre Mestre Daniel e assume a presidência da casa Antônio Geraldo da Silva;

3- 1961 -saída de Juarez e Maria Baiana;

4- 1962 - criação do Centro Espírita Fé, Luz, Amor e Caridade - terreiro de Maria Baiana, sob a direção de Juarez e Maria Baiana;

5- 1979 - saída de Antônio Geraldo da presidência, assumindo o seu vice, na época Manuel Hipólito de Araújo, que dirige os trabalhos até os dias de hoje

6- 1980 - criação do Centro Espírita Daniel Pereira de Mattos sob a presidência de Antônio Geraldo da Silva;⁶¹;

7- 1993 - saída de Francisca Gabriel;

8- 1994 - Criação do Centro Espírita Príncipe Espadarte sob a presidência de Francisca Gabriel.

Entre os anos de 1989 e 1990, o Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz passou a ter dois pontos fora do Estado, um no Rio de Janeiro e o outro na cidade de Ji-Paraná - RO. Estes pontos são considerados por eles como extensão dos trabalhos e não filiais, pois, nem todos os rituais são permitidos nestes lugares.

⁶¹ Gostaríamos de lembrar que descobrimos uma nova Barquinha no início de 1997, que surgiu através dos trabalhos do Centro Espírita Daniel Pereira de Mattos, ou a Barquinha do Sr. Antônio Geraldo. Este novo Centro, fundado no ano de 1994 chama-se *Centro Espírita Santo Inácio de Loyola*. Este Centro localiza-se no Bairro da Sobral, em Rio Branco - AC e é Presidido por Antônio Inácio da Conceição.

No Rio de Janeiro, os trabalhos são dirigidos pela psicóloga Marília Bandeira, com a assessoria de seu esposo, o também psicólogo Felipe Bandeira,⁶² que até o ano de 1989 pertencia ao CEFLURIS. Numa de suas viagens no Rio, Felipe recebeu um chamado do Mestre Irineu pedindo que ele conhecesse outras igrejas. Após o casal se fardar, obtiveram autorização do Presidente Manuel H. de Araújo para dirigir os trabalhos na cidade onde residiam. À princípio, eles eram realizados em Copacabana; hoje, são efetuados em uma ampla casa no bairro de Laranjeiras.⁶³ Esta **extensão dos trabalhos** da Barquinha conta atualmente com um número aproximado de 20 fardados. O núcleo de Ji-Paraná, que existe à seis anos, tem como dirigente o senhor Edilson Fernandes. Este local conta com cerca de 22 associados e localiza-se na rua das Flores - 7 - bairro Urupá. Edilson, antes de participar da Barquinha, participou de várias filosofias e religiões, dentre elas, a União do Vegetal, o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e a Rosa Cruz. A sua identificação com o centro se deu porque, segundo ele, pode encontrar o elemento de todos esses movimentos na Barquinha.

A Barquinha⁶⁴, hoje, é freqüentada por cerca de 250 pessoas, sendo que, 177 destas estão ligadas diretamente aos trabalhos espirituais daquela casa, que conta com apenas 220 lugares no interior da Igreja.⁶⁵ Do período de formação da Barquinha, podemos observar que a capelinha de São Francisco deu lugar a estrutura arquitetônica da Igreja que por sua vez passou por uma série de modificações e, foi ampliada gradativamente com o intuito de atender

⁶² Dados de 1995.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Quando falamos da Barquinha, estamos falando na que está ligada atualmente ao Presidente Manuel Hipólito de Araújo, que compreende o Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz e os seus pontos do Rio de Janeiro e Ji-Paraná.

⁶⁵ Dados de Dezembro de 1995.

os participantes dos rituais, bem como pessoas que freqüentemente visitam o local por motivos diversos.⁶⁶

Dentro do espaço do Centro, foram criados novos lugares e novas performances rituais. Dentre os lugares, pode-se mencionar o **Salão das Obras de Caridade**, onde são realizadas as **Obras de Caridade**, uma sala para **desfazer serviços de quimbanda**, um **parque** destinado ao **bailado** da irmandade e de entidades de outros planos, o **Castelo Azulado**, onde o Presidente reside com a sua família e recebe instruções provenientes do invisível em forma de salmos. Estes lugares por sua vez estão marcados por uma série de símbolos, um repertório simbólico que serão desenvolvidos posteriormente, assim como as performances rituais apresentadas/representadas nestes locais.

Porém, antes de trabalharmos a noção de espaço para os adeptos, faz-se necessário apresentar a cosmologia do local, isto é, como os fiéis interpretam o seu mundo religioso e como este foi construído com o decorrer do tempo.

2. COSMOLOGIA EM CONSTRUÇÃO

I

⁶⁶ Este ano (1996), todos estão empenhados na arrecadação de fundos para a ampliação da Igreja, que já não comporta a quantidade de pessoas que participam dos trabalhos.

*O sol brilhante alumia
a terra e o mar
e o seu eterno brilho
vem do mundo sideral
e tudo são obras
do nosso Pai Celestial*

II

*A lua e todas
constelações sagradas
rebrilham com harmonia
por todo mundo Astral
e tudo são obras
do nosso Pai Celestial*

III

*A luz solar ilumina
a terra e o mar
e o seu brilho maior gravita
por todo mundo Astral
e tudo são obras
do vosso Pai Celestial*

IV

*Salvemos a Deus
e aos seus sagrados feitos
que ele nos testifica
desde o Céu, a terra e o mar
e para sempre amém
ao nosso Pai devemos amar*

V

*Do vosso corpo e alma
a luz divina
translada tão amorosa
para viver imortal
da terra aos Céus
com nosso Pai Celestial*

VI

*A contemplar
as santas maravilhas
as obras do grande Mestre
sublime e divinal
salvemos com amor
ao nosso Deus Celestial*

(As Obras de Deus - salmo do hinário da Barquinha)

Iniciaremos este capítulo com uma reflexão sobre a noção de “sincretismo”, tendo em vista que torna-se importante para nosso estudo, na

medida em que tentamos compreender as performances rituais realizadas na Barquinha através de um composto simbólico de práticas religiosas diferentes que se inter cruzam na atuação dos performers durante os trabalhos.

Pierre Sanchis (1995)⁶⁷, apresenta de forma elogiável e elegante, uma discussão acerca de sincretismo, tendo como pano de fundo o espaço luso-brasileiro. Ele inicia o seu texto comentando que o sincretismo sempre deu bastante trabalho para os teóricos, principalmente, no que concerne a própria definição do termo. Para alguns, sincretismo soa como “mistura”, algo que não é “puro”. “Pureza”, “mistura”, e “sincretismo” seriam portanto conceitos etnocêntricos (Fry, cit. in Sanchis, 1995:123).

Sincretismo, para ele, não se restringe somente ao fenômeno religioso, mas está manifestado na própria moldura da cultura, onde identidades se articulam simetricamente e assimetricamente como por exemplo, aquelas que estão inseridas **num campo religioso e num campo profano**. (Op. cit. 125). O processo no qual ocorre o sincretismo religioso, segundo o autor, dá-se de forma desigual ou desarmônica entre **duas culturas, duas religiões, uma religião e uma cultura**. Isto resulta em uma hierarquia e, conseqüentemente, em relações de poder. Mas, sincretismo é bem mais do que relações de poder, pois, estas relações são apenas uma das facetas na qual resultam o seu rico processo.

“O processo sincrético é polivalente o suficiente para acolher as mais diversas cristalizações, sem que a multiplicidade das pesquisas se encontre nunca condenada à repetição ou à aplicação sistemática de um mecanismo sincrético particular, uma vez descoberto” (Sanchis, 1995:126).

⁶⁷ SANCHIS, Pierre (1995). *As Tramas Sincréticas da História*. In *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Número 28, Ano 10.

Sempre existiu uma tentativa, uma grande preocupação de definir o sincretismo de forma absoluta. As concepções de sincretismo são tão variadas, assim como são variados os processos que podem definir uma religião A ou B enquanto sincréticas no sentido antropológico do termo. Entretanto, faz-se necessário entender em que contexto falamos deste fenômeno no seio de uma religião específica. A fórmula universal para aplicar a um fenômeno, designado tecnicamente em nível antropológico, pode ferir em grandes proporções o processo histórico que o levou a ser **construído**.

“O sincretismo entre catolicismo e religiões afro, será provavelmente bem diferente se partir do povo-de-santo ou do grupo de Agentes Negros da Pastoral Católica que, está se esforçando por criar um quadro ideológico e cultural no qual lhes seria possível se definirem Negros. Para uns e outros, o sistema-matriz, poderá ser invertido. E nada impede que os dois sistemas possam se reinterpretar mutuamente, sem que exista mais algum sistema matriz” (Ortiz, 1986, cit. in Sanchis, 1995:126-127).

Algumas práticas religiosas tidas como “puras”, no composto quadro cosmológico da Barquinha, são sincréticas, como é o caso do catolicismo e da Umbanda, religiões que sofreram influências de outras religiões e de outras filosofias.

“O Cristianismo já foi analisado como religião sincrética. Nascida na confluência de três grandes correntes religiosas e/ou filosóficas: o judaísmo, ele mesmo fruto sincrético do caldeamento cultural de Médio Oriente, Grécia Clássica e helenismo tardio. No entanto, a concepção cristã de homem e de sua relação com Deus trazia uma ruptura anti-sincrética. No interior do mundo cristão, pelo menos ocidental, o Catolicismo parece-me o único a evidenciar esta marca, sincrética por natureza e, sincrética por vocação” (Sanchis, 1995:127-128).

O autor fala ainda dos santuários, igrejas, capelas ou paróquias como pontos de identidade local, de onde irradiam as idéias cristãs. Dos templos

obtemos o culto e, junto com ele, a marca do fiel à doutrina Cristã. Para ele, sincretismo abraça uma discussão sobre identidade religiosa.

“Nesse jogo histórico de cruzamentos de identidades religiosas, será preciso distinguir dois níveis analíticos; em primeiro, o das instituições religiosas que afirmam sua diferença e reivindicam sua especificidade; em segundo, o da vivência efetiva dos ‘fiéis’.” (Op. cit. 132).

O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão⁶⁸ chama a atenção para dois tipos de sistemas: o “sistema religioso” empregado por M. Gutierrez no qual religiões do tipo do catolicismo, possuem símbolos de identidade universais reconhecíveis. Mas existe algo acima do “sistema religioso” empregado por Gutierrez, aquilo que Brandão denominou de “sistema de sentidos”, ou melhor, o indivíduo que combina várias religiões sem ser vinculado a nenhuma, aceitando as práticas de cada uma, mas sem estar ligado diretamente a elas e existem aqueles que, uma vez pertencentes a religiões ecléticas, participam vez por outra de cultos de religiões diversas que tenham a ver ou não com o composto simbólico da sua.⁶⁹

A Barquinha insere-se no chamado ecletismo religioso, segundo a literatura antropológica, que propicia ao indivíduo uma experiência que se dá:

“Por uma operação (...) através da qual são ecleticamente reaproximados, sobrepostos e/ou refundidos elementos oriundos das várias tradições, nativas e importadas, que a mobilidade geográfica das pessoas e dos produtos culturais põe hoje a sua disposição. Novas entidades coletivas apontam no horizonte dessas operações, mas elas tendem, em regra, a serem transconfessionais, ameaçando desde já, nesse sentido, redesenhar nessas sociedades centrais o mapa do campo religioso contemporâneo. Parece possível esperar das consequências desse fenômeno uns efeitos de transformações mais radicais que as do tradicional ‘sincretismo brasileiro’ ” (Sanchis, 1995:134).

⁶⁸ BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1994). *A alma do outro - Identidade, Alteridade e Sincretismo na Ética das Relações de Reciprocidade entre vivos e mortos em religiões do Brasil*. In Somos as Águas Puras. Campinas:Papirus.

⁶⁹ Alguns integrantes da Barquinha não escondem que, apesar de participar de seus cultos, continuam frequentando as missas realizadas pela Igreja Católica aos domingos pelo período matutino. Isso não invalida, segundo eles, a permanência na Barquinha.

Neste sentido, pensamos que a idéia de ecletismo religioso é a que melhor se encaixa para a formação de um pensamento religioso para as religiões não-indígenas que fazem o uso da ayahuasca. Mas acreditamos que, ao invés desta circulação do indivíduo, mais fluída por várias religiões, sem ter a preocupação de se sedimentar em uma, respeitando desta maneira a diferença das religiões, o indivíduo da Barquinha é mais fixo; porém, as práticas religiosas que circulam neste tipo de religião amazônica é que são mais fluídas.

Pensamos que se trata de uma **cosmologia em construção**. Por **cosmologia em construção** denominamos um conjunto de práticas religiosas que tendem a formar uma doutrina específica, onde existe uma grande velocidade na incorporação e retirada de elementos simbólicos das práticas religiosas ou filosóficas que combinadas, compõem sua cosmologia.

Das práticas religiosas e de filosofias que compõem a Barquinha, podemos dizer que esta tem características do xamanismo indígena, da Umbanda, do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e do Catolicismo Popular. A Barquinha está sempre em construção porque os seus marinheiros dão continuidade ao trabalho iniciado por Daniel, nesta doutrina eclética, na qual, elementos de práticas religiosas são incorporados ou retirados de acordo com ordens provenientes do invisível.

Outras doutrinas da região, como o Santo Daime, também têm essa formação eclética religiosa, mencionada por pesquisadores como "ecletismo evolutivo".

"O que temos basicamente no campo da 'ação' espiritual do grupo é uma concepção eclética, motivado pela experiência universalizante e dinâmica a cerca do mundo espiritual cuja concepção está baseada no 'ecletismo evolutivo', doutrina espiritualista e esotérica que reúne, na visão do grupo,

diferentes sistemas cosmológicos numa mesma linha, denominada a 'linha do Mestre'. É este ecletismo que possibilita a convivência entre diversos sistemas cosmológicos: a Umbanda, o Candomblé, o Espiritismo Kardecista, e outros, resgatados pelos adeptos que vão se integrando, e ligados a outras tradições espiritualistas. Todos indivíduos devem 'trabalhar' seja no plano material, seja no plano espiritual. Deste ponto de vista, a 'doutrina do Santo Daime' é um fenômeno totalizante, que aborda todos os aspectos da vida do 'irmão', incluindo-o integralmente numa concepção de mundo abrangente e profunda" (Groisman, 1991:89-90).

Um outro reforço para o ecletismo religioso da Barquinha, são os salmos e pontos entoados nas diversas performances rituais do espaço. Estas canções são comumente recebidas naquela casa de forma diferentes: os salmos são recebidos pelo Presidente da casa e, os pontos cantados, pelos aparelhos. No caso dos salmos, estes, em primeira instância, vão preenchendo o livro azul, uma espécie de muro onde cada salmo é um tijolo que ajudará a construí-lo. Estas canções são recheadas de símbolos que fazem referência as práticas religiosas do Centro. Os integrantes da Barquinha não falam do livro como algo que está completo. Suas letras são repassadas para eles como instruções; quando novos salmos são recebidos, é sinal de que novas instruções acabaram de chegar.

O objetivo principal deste capítulo é o de demonstrar como os fiéis classificam a sua cosmologia. Para isso, iniciaremos esta análise falando de três símbolos essenciais para que possamos compreender, de uma maneira mais nítida, o cosmo do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. São eles: a **Barquinha**, o **Mar** e o **Livro Azul**. Logo após, mostraremos o composto de práticas religiosas que sustentam o Centro: a **Umbanda**, o **Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento**, o **Catolicismo Popular** e o **Xamanismo**, reforçando a hipótese da **Cosmologia em Construção**. Posteriormente, trabalharemos a noção de **Práxis-xamânica**,

apontando as semelhanças entre xamanismo indígena e Barquinha. Na sequência, faremos uma distinção entre o **sistema cosmológico xamânico e neo-xamanismo**, afirmando que a Barquinha insere-se entre um conceito e outro. Logo em seguida, faremos uma análise dos **três planos cosmológicos da Barquinha** e, por fim, comentaremos a **iniciação e uso da ayahuasca em algumas sociedades indígenas da região**, para depois discutirmos a **iniciação e o uso da ayahuasca entre os não-índios**.

2.1 - A BARCA, O MAR E O LIVRO - TRIÂNGULO SIMBÓLICO CONSTITUTIVO DO CENTRO ESPÍRITA E CULTO DE ORAÇÃO CASA DE JESUS FONTE DE LUZ

Mestre Daniel, o fundador da doutrina, foi, segundo depoimentos, marinheiro e tinha uma relação muito próxima com o mar. Grande parte dos salmos que compõem o hinário da casa referem-se ao mar, a viagens através de uma nau e a seres aquáticos. Sua história de vida reforçou a proximidade do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz com a Marinha, sendo um dos principais elementos sagrados, a **Barquinha**.

“Ao receber o trabalho doutrinário dentro da linha do Daime, todas as características, todas as referências que ele faz, são a seres do mar e a um elemento muito marcante de seus hinos, quando ele fala da Barquinha, ele se refere muito da Barquinha e da viagem.”⁷⁰

A barca para os seus integrantes tem dois significados: o primeiro é o de que a mesma representa a própria missão deixada por Daniel e a segunda expressa a viagem de cada um. Esta barca é a viagem de suas vidas, em

⁷⁰ Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas - 10/02/96.

resumo, uma viagem dentro da grande viagem. Ela tem como característica principal realizar uma grande travessia. Na história das religiões, a barca tenta sobretudo atravessar uma grande tempestade. Os homens que nela viajam estão na barca de Deus; Ele é, portanto, o seu proprietário de direito. Para que a barca não vire torna-se necessário trabalhar, procurando evitar que o barquinho desapareça mar a dentro. Esses trabalhadores vivem em função de seu proprietário e o trabalho é uma dívida para com ele.

Na grande barca cristã, há uma hierarquia que assemelha-se à Igreja Católica. Esta posição pode ser encontrada na epístola de Clemente a Tiago, no começo das *Homilias*, na qual o corpo da Igreja foi apresentado como um grande navio de origens, raça e sexo diferentes. Na seqüência, apontam Deus como o proprietário do navio, Cristo como o piloto, o bispo torna-se o vigia (proreus), os presbíteros marinheiros (nautai), os diáconos seriam os chefes dos remadores e os catequistas são os atendentes. O mar quando torna-se agitado representa as tentações sofridas neste mundo (Danielou, 1993:59-60).

Os adeptos da Barquinha também acreditam que a nau é a própria igreja, local de reuniões periódicas para a irmandade. A igreja relacionava-se sobretudo com embarcações típicas da região amazônica, que, constantemente, cortam os rios daquela região. Em vários depoimentos sobre a visão da barca, pudemos constatar esta versão, como este abaixo:

"Era um barco assim que nem esses navio gaiola. Aí deu um temporal muito grande e a gente tudo dentro da igreja, então eu vi o príncipe espadarte que era o da Chica Gabriel... tava fazendo a chamada dele, aí começou aquele assovio ao redor da igreja, e o temporal se formando, aquele assovio... quando eu vi ele entrou na igreja num cavalo branco muito bonito, aí quando ele começou a cantar, eu vi a barquinha voando assim. Da igreja formou-se o barco com a gente tudo voando assim. Ficou aquele manejo, tudo voando assim."⁷¹

⁷¹ Francisca Melo (Chiquita) - Rio Branco, 30/10/95.

Para eles, do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, o proprietário da Barquinha é Deus e esta é pilotada por São Francisco das Chagas, Mártir São Sebastião, São José e Daniel Pereira de Mattos, o fundador da casa, que tem como missão conduzir a nau ao encontro de Jesus e, juntamente com os fiéis, procuram evitar grandes tormentas, ou seja, as profanações que ocorrem neste mundo.

“A esse propósito, pode-se evocar a arca de Noé, que é a prefiguração da Igreja. Existe prazer dizia Pascal, **em estar num navio batido pela tempestade, quando se tem a certeza de que ele não naufragará.**” (Chevalier, 1990:122).

A construção da arca de Noé é, ao mesmo tempo, uma desconstrução, porque a partir do momento em que Deus concebeu a sua criação, confirmava a destruição de um mundo profano que deveria ser limpo através de uma grande inundação. Ao construir a embarcação, começaram a entrar em um processo de purificação **ali estampada, numa espécie de renovação onde Noé como cumpridor das leis deveria perfumar a espécie humana** (Araújo Neto, 1995:12). Quando entram na arca, Noé e sua família recebem a graça divina. A provação seria a própria travessia, um sacrifício que marca a transição de um tempo a outro, uma destruição para uma renovação, re-significando novos elementos aos anteriores (Sena Araújo, 1995:05). A chegada da nau marca o final do processo de limpeza de Noé e sua família.

Falando das **Homílias Clementinas, o tratado sobre o anticristo**, de Hipólito de Roma, Danielou diz que o símbolo neste tratado é o mesmo: a igreja é a barca que é sacudida por ondas; Cristo é o seu piloto, um triunfo sobre a morte, na qual a cruz é a sua mais legítima representação. A proa está voltada

para o Oriente, enquanto a popa volta-se para o Ocidente e suas cordas são esticadas como a caridade de Cristo, resguardando a Igreja.

“(...) Ela tem marinheiros à direita e à esquerda, como anjos da guarda que governam e protegem a igreja. As cordas que amarram a verga no alto do mastro são como grupos de profetas, dos mártires e dos apóstolos, repousando no reino de Cristo.” (Danielou, 1993:60-61)

Esta passagem denota um caráter estritamente escatológico semelhante à concepção dos integrantes do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz sobre o sentido da **Barquinha**. O **barco Santa Cruz**, designação apresentada por eles para a nau, está marcado por instruções oferecidas pelo **invisível**, e apresenta na sua trajetória características escatológicas.

“A viagem nada mais é do que uma provação, onde a água agitada reflete as tentações do mundo de ordem mundana. A água se agita porque a sociedade humana quebrou determinadas regras divinas. As águas marítimas exprimem o sentimento descontrolado dos seres humanos e o desgosto do criador.” (Araújo Neto, 1995:13)

A Barquinha, em sua forma mais ampla, continua sendo a missão criada e deixada por Daniel Pereira de Mattos, com a finalidade máxima de viajar dentro de três mistérios. Pode ser ainda designada Vida, na sua mais completa plenitude.

“Nós chamamos a Barquinha porque a nossa vida, o nosso viver nesse planeta representa um barco, uma viagem que nós estamos fazendo da nossa encarnação à nossa desencarnação. É a viagem que nós fazemos e aqui nesta casa, a Barquinha representa esta missão, onde todos nós se reunimos dentro dela e vamos levando louvores à Deus e a sempre Virgem Maria e trabalhar em Obras de Caridade em benefício dos inocentes e de toda a humanidade que assim necessitar. A Barquinha é a missão com os irmãos dentro da Barquinha, o barco Santa Cruz que é onde nós navegamos nas águas sagradas rumo aos pés de Jesus.”⁷²

⁷² Manuel Hipólito de Araújo - Rio Branco, 05/09/95.

Por último, ela representa uma longa viagem, considerada na afirmativa acima como a missão deixada por Daniel Pereira de Mattos. Uma missão que implica trabalhos espirituais realizados pelos fiéis, porque, são os seus atos, que vão determinar o rumo que a Barquinha irá tomar.

Esta barca viaja em três mistérios, ou três planos cosmológicos - o céu, a terra e o mar - e seus componentes são chamados de marinheiros do mar sagrado, ou soldados dos exércitos de Jesus. São enquadrados enquanto marinheiros a partir do momento em que recebem o fardamento.

“Antes dele desencarnar, ele já deixou para o seu Antônio Geraldo um fardamento todo com características de marinheiro, com o quepe da Marinha, com características todo de um fardamento usado na Marinha e, pra completar ainda esse trabalho, ele nos deixa dito dentro do hinário as forças armadas com quem ele trabalha. Então, temos seres da floresta, seres do Astral, seres do mar com quem ele também se identifica. E essa passagem da Marinha trouxe muito para o trabalho, somou muito para o trabalho. Nos hinos ele se refere muito ao mar, a sereias, a fadas, boto, e se refere a Barquinha. Então, quando nos fardamos, nos incluímos nos .”exércitos de Jesus.”⁷³

Quando assumem os trabalhos da Barquinha, os fardados⁷⁴ são chamados de marinheiros, pois desempenham tarefas básicas para alcançar um maior grau de luz quando desencarnarem. Se houver uma preparação aguçada por parte dos fiéis, dizem-lhes que estão promovidos a oficiais e não mais marinheiros do mar sagrado, uma vez que ocupam dentro da sua hierarquia religiosa, uma posição mais elevada. A Barquinha acaba sendo uma escola de preparação de oficiais. Determinadas entidades, por eles designadas como entidades de luz, são chamadas também de oficiais e são consideradas

⁷³ Francisco H. de Araújo Neto, Campinas - 08/02/96.

⁷⁴ Pessoas que abraçaram a religião da Barquinha. Quando passam a fazer parte do grupo, passam por um rito de passagem chamado de fardamento, onde recebem uma farda com características de marinheiro.

chefes de pelotão. Por exemplo, a entidade por nome de Dom Semião, que chefia parte dos trabalhos das obras de caridade.⁷⁵

Estes oficiais, quando chegam para trabalhar, usam determinados instrumentos referentes às Forças Armadas, tais como: lanças, espadas, algemas, cachorros, etc. Os registros desses instrumentos são revelados nos salmos entoados pelos presentes. Essas forças armadas, compostas de entidades de luz, são provenientes dos mistérios do céu, terra e mar e visam combater entidades do mal. Há, portanto, um duelo entre entidades de luz e entidades das trevas. Logo, a Barca, juntamente com marinheiros e oficiais vem a ser um receptáculo de conversão de entidades maléficas a entidades benéficas, desencadeada através de batalhas mar à dentro.

O mar, no qual navegam esses marinheiros, são as águas sagradas, ou melhor dizendo, o Daime, daí a denominação mar sagrado. Estas personagens navegam, portanto, sobre as ondas do Daime no balanço da Barca Santa Cruz.

“As águas sagradas que nós visamos é a luz, o Daime. Chama-se as águas sagradas que nos leva em preparação aos pés de Jesus. Esta é a Barquinha, a Barquinha navegando a nossa vida dentro deste plano. Mestre Daniel viajava nesta barca Santa Cruz. Desencarnou para o outro plano, para o plano espiritual, e nos deixou dentro dessa barca navegando.”⁷⁶

Na entrevista acima, ele, o Daime, é considerado uma luz. A luz associa-se à revelação, a uma ampliação de conhecimentos, e aqueles que navegam sobre as ondas do mar sagrado gradativamente vão adquirindo conhecimentos para si e uma sensibilidade maior de enxergar o outro. É quando se percebe a Vida nos olhos, o olhar de si no outro e do outro em si. A revelação é considerada como um processo simbólico de aprendizagem significativo.

⁷⁵ Discutirei a atuação desta entidade no capítulo 4 desta dissertação.

⁷⁶ Manuel Hipólito de Araújo - Rio Branco, 05/09/95.

Este ponto da associação do Daime à luz retoma outra discussão, como bem lembrou o antropólogo Alberto Groisman (1992), acerca do mundo da ilusão X mundo de luz. Assim como os daimistas, os componentes da Barquinha vêem no Daime uma forma de entrar em contato com o mundo espiritual, onde habitam espíritos de luz que assessoram as pessoas que, através do Daime, estão fazendo um preparo. Mas é somente através de determinadas provações que o ser humano poderá afirmar se está ou não preparado para alcançar este mundo espiritual, irradiador da luz divina.

O conceito de luz tem características semelhantes para populações indígenas e não-indígenas que fazem o uso da ayahuasca. Esta relação está, a princípio, intrinsecamente ligada a posição dos não-índios herdarem as características da ingestão do chá.

“En un cierto sentido, la luz daimista es hermana cultural de la luz shamánica, o sea, en el campo cosmológico ella ocupa un papel central y análogo. El shamán es un iluminador de las tinieblas del mundo como afirma Harner (1989), así como el daimista intenta ser un iluminador de los otros seres del cosmos. Shamanes y daimistas viven en un mundo cosmológico que exige que coloquen en movimiento una especie de sustancia espiritual, que promueve el bienestar y la vida de sus semejantes. No obstante, para los daimistas, la revelación es, antes que nada un evento íntimo, en el cual, el contacto con la luz interior es el contacto con una dimensión divina del propio ser humano. Esta sustancia localizada en su propia naturaleza, producto de un esfuerzo individual, estimulado por la cultura en la cual está inmerso, al auto-conocimiento y al abandono de los impulsos que promueven actos considerados desarmonizadores del mundo, desaconsejados por la doutrina. El shamán, a su vez, recibe su luz para proteger a su sociedad contra los enemigos y la disgregación, entrando en contacto con las fuerzas invisibles que determinan la vida humana y estableciendo relaciones con las fuerzas invisibles que determinan la vida humana y estableciendo relaciones con estas fuerzas. En suma, dando sentido y posibilidad de la supervivencia al universo cosmológico grupal.” (Groisman, 1992:103)

O Daime, que é o mar sagrado, expressa um sinônimo de renovação, de revitalização e de cura. Representa o ponto de partida, sobretudo os primórdios.

“En una fórmula sumaria las aguas simbolizan la totalidad de las virtualidades; la matriz de todas las posibilidades de existencia. Las aguas son curadoras; las aguas expulsan y curan todas las enfermedades! (...) Las aguas simbolizan la sustancia primordial de la que nacen todas las formas y la que vuelven. Las aguas son siempre germinativas.” (Eliade, 1972:178).

É preciso afirmar que o homem ao tomar contato com ela se regenera e, portanto, nasce novamente. Se reintegra e com isso executa um gesto primordial o qual Eliade designa de “gesto cosmogônico de la manifestación formal.” (Op. cit. 178).

Com isso, podemos deduzir que a água é um símbolo de vida e fecundidade. Nela há um re-ordenamento cíclico.

Em duas das visões de Daniel, notamos a presença da água, pois, o mesmo encontrava-se deitado às margens de um rio ou à beira de um igarapé. A primeira, sem o efeito do Daime e a última sobre o efeito deste enteógeno. Estas visões mostram uma passagem, a ligação com o primórdio, com Deus e o início de alguma coisa, a missão.

O Daime, enquanto mar sagrado, torna-se uma substância de poder, um elo de ligação com o sagrado e um *locus* de cura. Evidentemente esta água, não é acessível a qualquer um, a qualquer hora e de qualquer maneira. Por ser sagrada, esta tem que ser usada em um tempo e espaço sagrados. Para ter direito ao uso, o homem tem que passar por uma série de provas. Tem que mostrar que é digno dela. Conseguindo isto, este indivíduo reestabelece a integridade.

Sintetizando esta passagem, podemos dizer que a água é luz, vida e fonte de rica energia positiva do divino. O Daimé é um dos meios de conexão com o sagrado, um dos elementos condutores da troca vertical entre os homens e os seres divinos. Portanto ele é mar, ao mesmo tempo que é luz, algo que afasta as trevas e ilumina o espírito. É a água/luz sagrada que conduz o sujeito a uma viagem para a vida eterna.

“Cualquiera que sea el conjunto religioso en que se presentan, la función de las aguas se muestra siempre igual: desintegran, realizan la abolición de las formas, ‘lavando los pecados’ - purificando y regenerando al mismo tiempo. Su destino es preceder a la creación y reabsorbela, no pudiendo rebasar nunca su propia modalidad, es decir no pudiendo manifestar-se en formas. Las aguas no pueden rebasar la condición de lo virtual, de los gérmenes y de las latencias. Todo lo que es forma se manifiesta por encima de las aguas, desprendiéndose de las aguas, toda ‘forma’ cae bajo la ley del tiempo y de la vida; adquiere límites, conoce la historia, participa en el devenir social.” (O. cit. 200).

O Daimé é considerado um instrutor, um professor, que sempre está ensinando aos participantes das performances rituais que fazem o seu uso. Ele se torna um veículo de comunicação entre a vida material e a vida espiritual. Neste sentido, ele contribui para que o participante do ritual tenha contato com seres divinos de realidades sagradas. Ele traz revelações de entidades de luz e de entidades santificadas. Portanto, a missão de Daniel Pereira de Mattos acaba se tornando uma escola que está sempre ensinando “mistérios” aos que dela participam.

“Daniel é considerado por todos os seus adeptos como um grande professor, como a luz também. Junto com São Francisco, Daniel é o nosso professor da luz. Aquele trabalho para nós é uma eterna escola, é uma

Universidade que nós cursamos durante toda a nossa vida, e só passamos a pronto na eternidade, após desencarnarmos.”⁷⁷

Esta substância produz “sonhos”, é uma planta que faz “sonhar” (Costa e Faria, 1936:606). Ela dá aos integrantes das performances rituais, características proféticas, porque às vezes, anuncia um determinado fato que poderá ocorrer. Quando tal fato é concretizado, ele é então “testificado”, tirado a limpo, vindo a ser duplamente verdadeiro.

A ayahuasca é ainda chamada de voz divina. O ponto de ligação com o ser supremo, um dos meios de conversar com o sagrado representado no topo da pirâmide por Deus.

“O Daime pra mim representa a voz de Deus, o ligamento direto com o Pai eterno. Eu tomo Daime e recebo de Deus as instruções, ele encaminha a estrada correta, a estrada certa para Deus. Meu coração está completamente ligado ao Pai eterno através do Daime. Então, representa a vida, desde o meu nascimento, minha causa, minha felicidade, dentro das instruções do Daime, dentro da luz do Daime que hoje eu sou uma pessoa completamente feliz e educada espiritualmente.”⁷⁸

O ensinamento está presente desde os primórdios de sua fundação através da relação da substância com a visão de Mestre Daniel, que recebeu um livro azul de dois anjos que vinham do alto. Desta maneira, cada página do livro é uma instrução recebida e as mensagens ligam-se à cor do livro, o azul, que simboliza o céu, espaço de onde provém as revelações sagradas de Deus e de outras entidades cristãs. Assim, esta mensagem recebida, marca o início da barca Santa Cruz. É uma barca que está sempre em construção porque os seus marinheiros dão continuidade ao trabalho iniciado por Daniel.

⁷⁷ Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas - 10/02/96.

⁷⁸ Ângela Maria de Souza Conceição - Rio Branco, 15/12/95.

2.2 - BASES DE SUSTENTAÇÃO DA BARQUINHA.

A Barquinha apresenta peculiaridades próprias, e se insere evidentemente na contínua tradição cultural do catolicismo popular brasileiro, herdeiro, por sua vez, da tradição cristã transplantada da Europa, podendo, pois, ser analisada como um centro de devoção.

Riolando Azzi (1977) em seu estudo procura apontar sobre o ponto de vista histórico a evolução dos centros de devoção e romarias populares, mostrando a relevância para a compreensão mais ampla do catolicismo. Para este autor, os centros de devoção constituem o ponto de encontro e também de atritos, entre a religião oficial e a crença popular. A Barquinha pode ser tomada como uma instituição popular religiosa espontânea que, na ausência do controle oficial da Igreja Católica, e mesmo em oposição a ela, o que é, até certo ponto tolerado pelos agentes oficiais do Catolicismo, dá continuidade à tradição, cumpre funções sociais e revela uma característica da cultura popular: a de também exercer o poder de auto-reproduzir-se.

Mas, se a Barquinha pode ser caracterizada como um centro de devoção, como tal, estará ligada a uma tradição cristã popular no Brasil. Esta, por sua vez, não é homogênea, apresentando traços diferenciados segundo a geografia e a época. É razoável supor que, como tantos outros centros de devoção existentes no Acre, tais como o Alto Santo, no quilômetro 08 da estrada Custódio Freire, e tantos outros do Estado, a Barquinha tenha uma relação com diversos centros de devoção, como por exemplo São Francisco do Canindé. (Sena Araújo et al, 1991).

A Barquinha tem suas raízes no catolicismo, diretamente ligadas ao chamado *ciclo sertanejo*, incorporando valores e visão do mundo amazônico,

estritamente relacionados com o surto da borracha. O processo de ocupação econômica da região não ocorreu sem provocar traumas violentos na população local. Desta forma, a tradição religiosa do ciclo sertanejo é reproduzida com modificações ou atualizações. Quando o nordestino veio para a região amazônica, trouxe consigo a esperança de encontrar uma terra nova, onde miséria e opressão não existiriam. Este imaginário dos homens e mulheres relaciona-se a passagens bíblicas, nas quais, a terra torna-se uma esperança de vida, um dom sagrado. A Amazônia despertou este interesse e com esses imigrantes veio o credo popular católico.

Se a base doutrinal da Barquinha é cristã, a Umbanda tem a sua participação efetiva na construção desta religião, tendo em vista que, através de vários depoimentos de informantes, apurou-se que Mestre Daniel, que era maranhense, apreciava este tipo de prática religiosa. Em consequência, após a fundação do Centro, práticas da Umbanda, tais como a incorporação de entidades, tornaram-se relevantes nas performances rituais do espaço. Desta maneira, os poucos adeptos, que pertenciam ao lugar desde as suas origens, faziam trabalhos com entidades na própria capelinha. Estes atendimentos tinham características elementares como as da Umbanda, tal é o caso da aplicação de passes em indivíduos que porventura deles necessitavam.

“Mestre Daniel nasceu em São Luís do Maranhão, uma terra mística que tendia muito para os cultos afro-brasileiros e, tenho certeza, que ele deve ter participado de alguns cultos da Umbanda. Nós vemos isso nas características dos trabalhos porque ele é um trabalho muito eclético. Ele tem elementos da Umbanda, mas que não se utilizam daqueles nomes.”⁷⁹

Além do Catolicismo Popular e da Umbanda, está presente dentro do repertório simbólico da Barquinha, elementos do Círculo Esotérico da

⁷⁹Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas - 10/02/96.

Comunhão do Pensamento, uma filosofia que teve a sua primeira sede fundada em 27 de Junho de 1909⁸⁰ e tem como principais finalidades:

- a) promover o estudo das forças desconhecidas do homem e da natureza;
- b) promover o despertar das energias criadoras latentes no pensamento de cada filiado, no sentido de lhes assegurar o bem-estar físico, moral e social, mantendo-lhe a saúde do corpo e do espírito;
- c) concorrer, na medida de suas forças, para que a Harmonia, o Amor, a Verdade e a Justiça se efetivem cada vez mais entre os homens;
- d) desenvolver uma propaganda ativa e eficiente entre os seus filiados, por meio de publicações, conferências, etc., nas quais recomendará o máximo respeito e tolerância para com todas as religiões e credos filosóficos;
- e) empregar todos os meios ao seu alcance em prol do bem-estar da Humanidade, empenhando-se no combate aos vícios que a flagelam, como sejam: - o alcoolismo, os tóxicos inebriantes, os maus hábitos, etc.;
- f) auxiliar, na medida de seus recursos, todo o empreendimento humanitário e altruísta;
- g) animar entre seus membros o culto cívico dos grandes benfeitores da humanidade, o respeito às leis e aos poderes constituídos do País” (C.E.C.P. s/d:5-6).

Por fim, o xamanismo indígena completa este complexo quadro religioso, no sentido em que, foram dos índios que os caboclos e, conseqüentemente, os fundadores das religiões amazônicas que utilizam a ayahuasca, tiraram parte de seus ensinamentos, principalmente no que concerne à preparação do chá através da mistura do cipó com a folha.

“Tem também um fator principal no seu trabalho que é um culto parecido com o indígena. A utilização da bebida, do Daime, para completar, para compor o trabalho. O trabalho, ele nasceu com o Daime, isso não significa que o Daime seja o fator principal. Nós temos lá uma religião, o Centro Espírita e Culto de Oração chamada Casa de Jesus Fonte de Luz, que para nós é uma religião.”⁸¹

Com base nestas práticas religiosas, ou melhor, nos elementos destas práticas, os membros da Barquinha não se consideram puramente católicos,

⁸⁰ Os primeiros estatutos acham-se registrados na Capital Federal, sob os ns. de ordem 486 e 102.292 de 22 de Maio de 1911; em São Paulo, sob o n. 344 de 5 de Dezembro de 1911, averbados sob o n. 1 aos 26 de Maio de 1924. Os estatutos atuais, de acordo com as novas leis em vigor, foram registrados sob o n. 1099 no 2. registro de títulos e documentos, em data de 27 de Agosto de 1941.

umbandistas, esoteristas, xamãs ou daimistas, mas, como **espíritas apostólicos cristãos**.

“O Daime é usado nesta casa, que é uma casa espírita, é um centro espírita e culto de oração, é... um espiritismo cristão, apostólico cristão. Nós somos espírita porque trabalhamos em obras de caridade, segundo fez Jesus quando cumpriu a sua missão sobre a terra. Trabalhar e fazer o bem sem olhar a quem. Curar os necessitados. Nós aqui fazemos isso... somos apostólicos porque assumimos essa responsabilidade como verdadeiros apóstolos de Cristo. É deste mundo à eternidade, trabalhando na seara do Senhor. Somos Cristãos porque acreditamos, respeitamos e procuramos cumprir as leis cristãs corretamente dentro da nossa missão.”⁸²

“Nós não somos católicos, não somos evangélicos, somos cristãos que trabalhamos com a linha doutrinária recebida pelo Mestre Daniel que nos foi enviada através do hinário. Dentro daquele hinário está contida toda a doutrina Cristã. Para nós o Daime é um veículo para a nossa percepção, para a nossa sensibilidade. O Daime nos dá, na realidade, uma concentração mais profunda e, desperta em nós, um outro sentido, uma concentração mais aguçada.”⁸³

2.3 - PRÁXIS - XAMÂNICA

As religiões que fazem o uso da ayahuasca em sociedades não-indígenas não podem ser enquadradas tipicamente enquanto xamanismo, no sentido estrito do termo, muito menos como neo-xamanismo, mas como religiões que têm dentro de sua doutrina a **práxis xamânica**.

A práxis xamânica, termo proposto pelo antropólogo Alberto Groisman (1991), demonstra que realmente a base deste tipo de fenômeno surgido no Acre tem origens indígenas. A práxis xamânica, nos centros que praticam este tipo de atividade, adota através de seus membros uma dinâmica de relações entre características do xamanismo de grupos indígenas da região, bem como características do Esoterismo, da Umbanda e do Catolicismo popular, uma

⁸¹ Francisco H. de Araújo Neto, Campinas - 10/02/96.

⁸² Manuel H. de Araújo, Rio Branco - 16/08/93.

mescla de elementos indígenas, africanos e europeus, como já afirmamos anteriormente.

Groisman, enumera sete aspectos que mantêm relações profundas do xamanismo indígena para religiões que fazem o uso da ayahuasca.⁸⁴

1) Uso de substâncias sagradas:

“Tanto grupos indígenas quanto o grupo daimista encaram o uso ritual de substâncias oriundas da natureza para fins revelatórios, terapêuticos e/ou transcendentais, de forma semelhante e sagrada. Em geral, estas substâncias estão envolvidas por interditos e recomendações expressas, cuja origem é o mundo espiritual e nelas habitam ou transitam seres de natureza espiritual que protegem, auxiliam, estabelecem alianças, curam, ensinam.”

O surgimento da Barquinha tem as suas raízes ligadas diretamente ao uso da ayahuasca. Ela é um dos elementos mais importantes do lugar, mas não o único. Para o indivíduo fazer o seu uso deve obedecer às recomendações, às regras do espaço sagrado como a proibição de relações sexuais três dias antes e depois da beberagem e também a proibição do uso de bebidas alcóolicas neste mesmo espaço de tempo.

2) Morte simbólica e revelação:

“O indivíduo para compreender o mundo espiritual precisa empreender uma ‘busca’ interior, que pode ser uma ‘peregrinação’ ou um procedimento de disciplina pessoal que o aparta de sua realidade cotidiana. Esta ‘busca’, para ter sucesso deve culminar com uma ‘morte simbólica’, na qual ele transforma sua personalidade e assume uma nova identidade. Por ser esta identidade implícita numa vocação ou em alguma dimensão oculta ou invisível de sua existência, esta ‘busca’ acaba por revelar uma nova forma de ver o mundo e relacionar-se com ele.” (Groisman, 1991:134).

No Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, o auto-conhecimento é o resultado desta busca interior que culmina no

⁸³ Francisco H. de Araújo Neto, *Campinas* - 10/02/96.

⁸⁴ É importante frisar que o antropólogo realizou as suas pesquisas no Céu do Mapiá, matriz do CEFLURIS (Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra).

fardamento. Ao se fardar, a pessoa teve uma revelação divina para a aceitação da religião e, com isto, passa a ter uma nova forma de vida e uma nova conduta moral fará parte do seu dia a dia.

3) Alianças e personificação dos “espíritos”:

“As entidades do mundo espiritual tem identidade específica, qualidades indiossincráticas particulares e podem aglutinar-se entre si e com os seres humanos a partir da ‘força’ do rito.” (Op. cit.135).

Nos trabalhos da Casa, os marinheiros do mar sagrado trabalham com diversas entidades de lugares míticos diferentes, com características também diferentes. estas entidades prestam assistência aos necessitados aconselhando-os e curando-os de algum problema físico e espiritual. Os aparelhos da Barquinha recebem ou são irradiados por entidades que chegam para trabalhar.

4) Doença e cura:

“As dificuldades e imponderabilidade da existência são sistematizadas em um sistema explicativo que coloca a doença e a cura, do ponto de vista cósmico, numa relação dialética, onde a cura não representa uma superação física da doença, mas também e prioritariamente, numa vitória espiritual.” (Op. cit. 135).

Os dois lados de uma mesma moeda. Uma doença chega a debilitar fisicamente uma pessoa, mas no processo de cura, entidades são evocadas para livrar o indivíduo da enfermidade. Na maioria dos casos, quando uma pessoa apresenta uma doença, existe um pensamento coletivo de que por trás da enfermidade existe uma causa espiritual para o caso. Neste sentido, acreditamos que o sentido dado a doença pelos membros da Barquinha, assemelha-se bastante ao pensamento Zande pesquisado pelo antropólogo E. Evans-Pritchard, quando apontou em seu trabalho de campo a analogia das

duas flechas, onde um acontecimento corriqueiro tem a sua causa última no lado espiritual, principalmente a doença.

5) Guerra mística:

“O ritual é um campo de contato entre a comunidade e as forças espirituais aliadas ou hostis. Os agentes religiosos funcionam ou como guerreiros/heróis ou como aglutinadores de forças das forças aliadas para uma ‘batalha’ mística. O uso da substância sagrada é vista não como uma busca de prazer pessoal, mas como uma tarefa a ser cumprida, um ‘trabalho’, que pode ou não ensejar o bem-estar individual e/ou coletivo.” (Op. cit. 136).

Um dos principais objetivos da Barquinha é o de arrebanhar entidades das trevas no percurso da nau através do mar sagrado (Daime). Com isso, contam com a ajuda de entidades de luz que auxiliarão os marinheiros do mar sagrado na conversão das entidades das trevas em entidades de luz.

6) Os dois lados do mundo:

“O mundo é um só, mas tem duas dimensões essenciais, uma visível, aparente, física, explícita e outra, invisível, essencial, espiritual, implícita. Tanto numa quanto na outra dimensão, o ser humano deve observar regras e procedimentos específicos para transitar.” (Op. cit. 137).

Uma realidade visível supõe sempre uma outra invisível. A forma como o indivíduo caminha diante do visível terá o seu reflexo no invisível e vice-versa.

7) Tradução e mediação:

“As lideranças espirituais possuem a capacidade de transitar pelas duas dimensões, traduzir este trânsito e o ‘caminho’ percorrido e mediar as relações entre os seres do mundo visível e os seres do mundo invisível, aglutinando forças espirituais e estabelecendo alianças e auxílio de proteção, transmitindo e organizando na vida cotidiana as perspectivas estabelecidas nos ritos.” (op. cit. 138).

Existe uma forte relação do padrinho com um xamã de uma sociedade indígena no sentido de que estes traduzem realidades do invisível para o grupo envolvido. No caso do Presidente da Barquinha, as ordens da casa são regidas

por forças do invisível e ele é o principal agente que tenta estabelecer o equilíbrio do espaço, mantendo relações dos fiéis com entidades de planos cosmológicos diferentes.

Todas essas semelhanças não devem colocar em evidência que a Barquinha seja um sistema xamânico. Em primeiro lugar, a sua principal diferença para o sistema xamânico é a noção de êxtase. Enquanto o xamã conduz a viagem para o bem-estar da comunidade, os integrantes da Barquinha, bem como os daimistas, associam a viagem ao auto-conhecimento. Em segundo lugar, está a formação cosmológica de cada um dos grupos e o processo histórico que os levou a ser construído.

2.4 - NEO-XAMANISMO E SISTEMA COSMOLÓGICO XAMÂNICO

Práxis-xamânica evidencia cosmologia em construção na Barquinha, caracterizada através dos rituais apresentados naquele espaço, que referem-se a diversas doutrinas religiosas. As ações dos sujeitos envolvem experiências coletiva e individual intensivas e constantes. Todavia, isto não pode ser percebido no neo-xamanismo, onde um indivíduo pode ter uma série de experiências sem a necessidade de se fixar em uma comunidade ou grupo. A principal diferença da Barquinha para o xamanismo praticado por grupos indígenas da região, bem como para o neo-xamanismo, além de formas diferentes de trabalhar com o aspecto cosmológico, está no êxtase, nas formas de lidar com o momento em que o indivíduo encontra-se com o seu estado de consciência ampliado.

O historiador de religiões Mircea Eliade melhor precisou a definição de xamanismo. Para ele, existe uma diferença entre a viagem realizada pelo

indivíduo e o fenômeno da possessão, onde a pessoa é “tomada” por espíritos, perdendo os sentidos e não recordando momentos depois o que aconteceu enquanto estava em transe. Eliade nos deixou esta contribuição sobre as diversas formas com que os xamãs têm para entrar em contato com o mundo dos espíritos, mas o seu enfoque sobre xamanismo privilegiou demais o xamã enquanto indivíduo e não o papel social que este exerce perante a comunidade em que está inserido, ignorando desta maneira o contexto social e cultural. A análise do xamanismo, tradicionalmente falando, torna-se desinteressante quando é vista somente através da figura do xamã. É preciso enxergá-lo por um ângulo coletivo, onde toda a comunidade está envolvida.

“Xamanismo torna-se um sistema simbólico e cultural. (...) É também um sistema social no sentido que ele gera papéis, grupos, e atividades sociais, nas quais o xamã é o ator principal, mas não o único” (Langdon, 1993:22).

Por isso, o xamanismo transita na política, na arte, na cosmologia e em outras manifestações coletivas. Essa proposta de um diálogo harmônico entre as partes faz com que a atividade seja sempre dinâmica, podendo ser recontada e atualizada. Dentro dessa proposta de xamanismo, algumas características são essenciais para poder compreendê-lo, principalmente na América do Sul, onde os traços são bastante parecidos. São elas: **cosmologia**,

princípio de unificação sem divisões, conceito nativo de poder, princípio de transformação, o xamã enquanto mediador e, experiências no êxtase.⁸⁵

É preciso entender dentro do sistema cosmológico, como os nativos compreendem o seu universo em uma perspectiva não só vertical, mas também horizontal, abrindo possibilidade deste entre o mundo ordinário e o sobrenatural. Para isso, é necessário recorrer às práticas de representações coletivas, pois, experienciá-las é sentir a sua parte como integrante de um todo. Os símbolos são incorporados ao indivíduo, logo, xamanismo é entendido como um sistema cultural no sentido de Geertz, porque, é através de uma análise profunda do contexto ritual, que se poderá entender a raiz e emoções dos mesmos.

Essa perspectiva de xamanismo, que não prioriza um só elemento, pode inclusive descartar a possibilidade do agente principal (xamã), neste sentido, Brunelli e Lagrou (1993) expuseram muito bem que pode existir xamanismo sem a figura do xamã.

As religiões não-indígenas que fazem o uso da ayahuasca, como é o caso da Barquinha, têm uma cosmologia mais heterogênea, diferente do xamanismo indígena e, por isso, o sistema cosmológico xamânico difere-se dos neo-xamãs e das religiões amazônicas que fazem o uso da substância sagrada.

O neo-xamanismo surgiu no final da década de 60 e início da década de 70, inspirado em grupos como os hippies e os beatniks. A busca de um novo significado para a vida e a preocupação com o que estava acontecendo no mundo neste período fez com que grupos experienciassem uma nova forma de viver. Um dos pontos essenciais para a semente do neo-xamanismo, foi a atenção maior para filosofias orientais, além da cultura nativa dos índios

⁸⁵ Características estas notadas na Barquinha.

americanos, incluindo sobretudo, a prática xamânica. Logo, grupos começaram a ser formados por estudiosos que haviam passado por experiências com xamãs.

Existe uma procura de realidades alternativas para problemas contemporâneos tais como a ameaça nuclear, desgaste da camada de ozônio, chuva ácida e outros relacionados à ecologia. Mas existe uma preocupação ainda maior com doenças tais como a AIDS e o câncer, verdadeiras epidemias do séc. XX. Apesar da preocupação com as diversas turbulências que o mundo está atravessando, é na doença e cura que melhor recai a atividade neo-xamânica. Um dos motivos alegados é o de que a medicina ocidental, concebida enquanto uma empresa, não dá possibilidade para que todos tenham um tratamento adequado e decente, decorrendo daí uma explicação para que as pessoas de baixa renda buscassem auxílio nas formas alternativas de tratamento para alcançar a cura.

Uma outra possibilidade seria o apego a atividade neo-xamânica pelo fato da medicina ocidental não oferecer uma resposta aos problemas de saúde dos indivíduos. Para os neo-xamãs, a atividade é uma forma holística de saúde. Na falha do modelo médico tradicional, o neo-xamanismo é solicitado. Neste sentido, autores como Fritjof Capra influenciaram bastante esta rede criticando o médico ocidental e valorizando as terapias alternativas. No seu livro, **O Ponto de Mutação** (1982), Capra busca a inter-relação entre aspectos físicos, biológicos, psicológicos e sociais, atribuindo a denominação de concepção sistêmica da vida e atribui o xamã como um agente que tem uma visão holística de saúde.

Atualmente, o movimento neo-xamânico tem crescido bastante e os neo-xamãs procuram propiciar cursos e workshops para os interessados no assunto, acreditando que através da expansão do conhecimento neo-xamânico, haverá uma mudança nas atitudes das pessoas que poderão mover de forma diferente o curso da história. Esta mudança, por sua vez, será trazida para a realidade ordinária quando os indivíduos estiverem em harmonia entre este e os demais elementos do cosmo.⁸⁶

Vale a pena ressaltar, que estes neo-xamãs não falam do cerne do cosmo e qual a concepção deste para eles. Os participantes do movimento neo-xamânico não estão ligados a nenhuma instituição ou grupo que tenha longa duração, como é o caso de xamãs de sociedades indígenas, ou daqueles que participam de movimentos religiosos que fazem o uso do Daime. É importante frisar por fim, que as religiões não-indígenas, que fazem uso da ayahuasca, estão em um meio termo entre o sistema cosmológico xamânico e o neo-xamanismo.

⁸⁶ Atualmente, uma série de críticas são feitas aos líderes de movimentos neo-xamânicos e/ou semelhantes. Uma delas, e talvez a mais grave, é a forma como determinadas pessoas engajadas nestes tipos de movimentos utilizam os elementos de crenças nativas. Não podemos rejeitar a existência destas novas crenças. No caso do Neo-Xamanismo, não podemos negar que este tipo de atividade tem as suas utilidades, tendo em vista que, existem indivíduos preocupados com a sua atuação perante as pessoas que terá que conduzir através do êxtase. Por outro lado, existem determinados “líderes” que ludibriam pessoas, fazendo com que este tipo de atitude prejudique líderes que estão engajados com o movimento e que adquiriram respeito das pessoas depois de longos anos de trabalhos. Em um artigo intitulado *Spiritual Huksterism. Not For sale. The Rise of the Plastic Medicine Men*, In *Indigenous Thought* [Trad. Antônio Pérez], Ward Churchill (1991) critica a atuação de muitos “líderes” destes novos movimentos, chegando inclusive a chamá-los de “feiticeiros de plástico”, metáfora para os não-índios que se disseram iniciados e que portanto, se acham preparados para assumir tarefas desempenhadas por xamãs e para índios que se apropriaram de suas religiões nativas em benefício próprio. Muitos destes “feiticeiros de plástico” afirmam que sabem realizar rituais religiosos e que detém poder de cura. Mas, segundo o autor, acabam transformando as supostas atividades sagradas em um comércio religioso, podendo, inclusive denegrir a imagem de determinadas cerimônias religiosas de sociedades indígenas. Churchill, critica as mistificações literárias que tiveram o seu início na década de 70 com Carlos Castañeda e outros. Para ele, existem os “indígenas”, índios que também participam do grupo que encaram as supostas atividades religiosas como fonte de lucro e os *alienígenas*, não-índios que desempenham a mesma tarefa. Muitos desses “indígenas” e alienígenas publicaram diversos livros narrando as suas viagens. (Churchill, 1991:01-04).

2.5 - OS TRÊS MISTÉRIOS

São três os planos cosmológicos do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz: o céu, a terra e o mar. Os integrantes do local preferem usar o termo três mistérios, ou três mistérios sagrados para designar estes espaços míticos.

“O Mestre Daniel, dentro de todos os seus trabalhos, se refere ao que nós chamamos de três mistérios: o céu, a terra e o mar. Todo o seu trabalho tem a penetração do que nós chamamos desses três mistérios.”⁸⁷

O céu é um símbolo quase que universal. Em muitas religiões, é lá que se encontra o criador do universo, juntamente com a sua corte celestial. Este ser possui uma grande sabedoria e é conhecedor de todos os mistérios.

“O céu é uma **manifestação direta da transcendência**, do poder, da perenidade, da sacralidade: aquilo que nenhum vivente da terra é capaz de alcançar. O simples fato de ser **elevado**, de encontrar-se **em cima**, eqüivale a ser poderoso (no sentido religioso da palavra) e ser, como tal, saturado de sacralidade... a transcendência divina se revela diretamente na inacessibilidade, na infinidade, na eternidade, e na força criadora do céu. O modo de ser celeste é uma hierofania inesgotável. Em consequência, tudo o que se passa no espaço sideral e nas regiões superiores da atmosfera - a revolução rítmica dos astros, a movimentação das nuvens, as tempestades, os raios, os meteoros, o arco-íris - são momentos dessa mesma hierofania” (Chevalier, 1990:227).

Em diversas religiões, a hierarquia terrestre se organiza de forma semelhante à hierarquia celeste. É necessário a ordem e a disciplina para que haja um maior desenvolvimento espiritual, e tarefas que são distribuídas a todos. Na Barquinha, todos são iguais perante Deus. No estágio iniciático, ainda são marinheiros e não oficiais, mas, mesmo como marinheiros, obedecem a uma hierarquia estabelecida que fica mais clara com a diretoria do local, encabeçada pelo Presidente do espaço.

⁸⁷ Francisco H. de Araújo Neto, Campinas - 10/02/96 .

É do céu que emergem ordens divinas, são ordens superiores e de superiores. Estas ordens são chamadas de instruções. São estas instruções que manobram o Barquinho Santa Cruz.

Há de se considerar que na tradição bíblica, o céu torna-se sinônimo da divindade superior, Deus, e, no Apocalipse, o céu é uma forma simbólica de diferenciar o criador e a criação. No céu está o criador. Todos aqueles que habitaram este planeta, segundo os integrantes da Barquinha, terão a oportunidade de residir neste espaço sagrado após o Juízo Final.

Na terra nasceu a vida e, conseqüentemente, os seres que habitam ou habitaram o seu ventre. Nos trabalhos da Barquinha, seres da mata, das florestas, como caboclos e indígenas, constantemente são evocados nos trabalhos rituais.

Já no mar, circulam entidades que participam dos trabalhos da casa. São encantados que se manifestam aos presentes mostrando os mistérios ou encantos deste plano. O antropólogo Heraldo Maués (1992) identifica uma série

de encantados,⁸⁸ dentre eles , os que tem uma relação muito marcante com a água e, por isso, são às vezes chamados de bichos do fundo, fundo de rios, igarapés e mar e manifestam-se na maioria das vezes, através de formas de animais aquáticos, mas podem também aparecer com forma humana. Um exemplo é a sereia que mistura a forma humana e o peixe, que está mais ligado a um ser aquático na sua totalidade da forma. Estes seres são dotados de grandes conhecimentos.

Muito próximo ao plano celestial encontra-se o Astral, também com seres iluminados, mas que ainda se encontram em fase de preparação. Alguns destes seres do Astral têm a permissão para entrar em contato direto com os seres humanos, mas muitos não têm esta permissão, como é o caso da maioria dos bispos da casa.

O trabalho de Mestre Daniel difere-se de outras linhas, como é o caso da linha do Mestre Irineu Serra, que é uma linha das florestas. A Barquinha tem uma predominância Astral e isto está claro desde as suas origens, quando Daniel fala em Nossa Senhora à Irineu Serra, segundo depoimento, afirmando a linha de Mestre Irineu como linha das florestas e a sua, como linha do Astral, dada pela “sua Mãe”.⁸⁹

“Quando nós nos referimos a céu, terra e mar, o céu nós nos referimos ao Astral que para nós tem uma diferença. Céu terra e mar, porque dentro dos trabalhos nós presenciamos entidades que se apresentam para nós como entidades purificadas e santificadas, que estão em um plano superior. Algumas, que por estarem nesse plano superior, não tem a permissão para incorporar. Essas são as entidades santificadas, que se apresentam no trabalho, mas não tem contato com a irmandade, com o público, e temos entidades do Astral, que embora estejam neste plano elevado, tem permissão e a ordem de participar dos trabalhos se incorporando, de um trabalho direto. Esse trabalho tem uma predominância Astral. Tem uma penetração no plano Astral, tem uma penetração no reino das florestas, ou seja, a terra, tem também a penetração nos encantos do mar, mas o domínio é o domínio Astral. Os trabalhos são

⁸⁸ Na religião de caboclos paraenses.

⁸⁹ Verificar o trecho da entrevista de João Rodrigues de Souza no primeiro capítulo desta dissertação.

regidos pelos planos Astrais. Quando nós nos referimos a planos Astrais, nós nos referimos a planos superiores de entidades que fazem unicamente o bem, a entidades que estão em plano de santificação, entidades que estão mais próximas da entidade superior.”⁹⁰

O Astral rege dois planos que ficam mais abaixo: a terra e o mar. Nestes dois planos, é possível encontrar entidades boas, boas e más ao mesmo tempo e más. São entidades dos encantos das florestas como caboclos, pretos velhos, indígenas e exus,⁹¹ e os encantados do mar tais como: sereias, golfinhos, polvos, cobras d’ água, príncipes, princesas, Reis, Rainhas, fadas, etc. A partir destes dados, podemos fazer a seguinte observação: a de que as entidades do Astral não são iguais às entidades do mar e da terra, embora, estas já possam estar com graus de luz. Essas entidades do Astral, por sua vez, são as responsáveis para dar assistência às entidades da terra e do mar.

Quando os componentes da Barquinha falam de Astral, referem-se a Astral superior, pois, nele está refletido entidades consideradas superiores. Este Astral foi designado de várias formas: planos do alto, planos de luz, planos de preparação, planos superiores, planos iluminados.

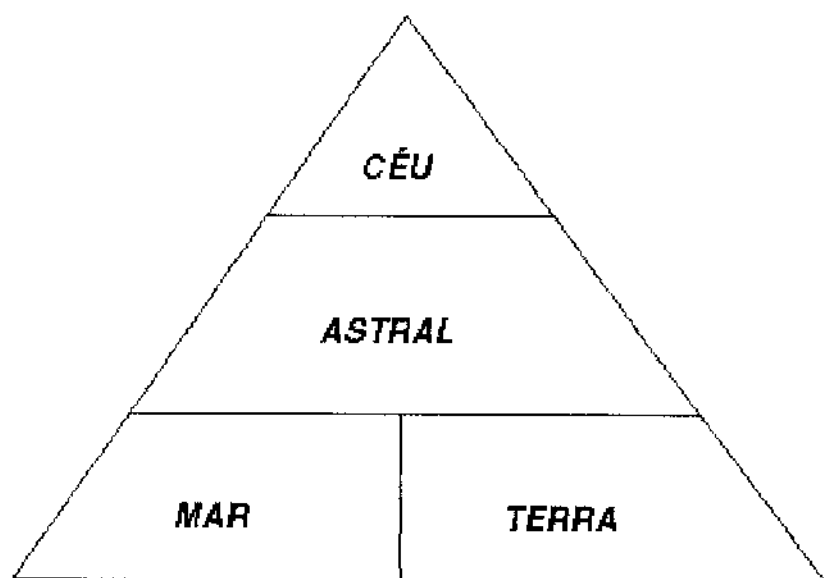
Existe uma diferença entre céu e Astral. O céu é o paraíso, um lugar que sempre existiu, um lugar santificado, onde só habitam seres de plena luz. Estes são os seres divinos, que dão assistência aos trabalhos, mas não têm a penetração direta, segundo informantes, devido ao desgaste e impureza dos que se encontram neste plano terreno. Já as entidades do Astral são também consideradas entidades divinas e têm a possibilidade de entrar em contato com seres deste planeta.

⁹⁰ Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas - 10/02/96.

⁹¹ Quando mencionam as entidades da terra, estes afirmam que por entidades das florestas e matas compreende-se aqueles seres que viveram a sua última encarnação neste plano.

“Elas vem aqui, fazem o trabalho e voltam para o plano superior, diferente das entidades do plano celeste, que permanecem neste plano dando assistência ao nosso plano. E é essa a dominação dos trabalhos de Mestre Daniel: o domínio Astral.”⁹²

Podemos então caracterizar a cosmografia do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz da seguinte forma:



“Essas entidades que a gente se depara, seja no mar, seja na terra, ou no astral, são entidades de luz, que tem um preparo superior ao nosso devido ter vivido à muitos anos atrás. Então elas aparecem pra gente pra orientar, pra ajudar no preparo da gente e quando a gente tá aqui a gente troca idéias com elas, a gente conversa, a gente chega até o ponto de começar a rir, sabe? muitos explicam que já viveram, que já fizeram o seu preparo e que não deixaram de fazer o preparo, continuam fazendo o preparo lá onde eles estão. As entidades, elas vem assim com os seus encantos, com um determinado brilho, brilho assim no seu semblante.”⁹³

Através de viagens , os tripulantes da Barquinha conhecem lugares diversos, produzindo o que nós podemos denominar de **sagrado compartimentado**, tendo em vista que os planos que regem esta casa passam

⁹² Francisco H. de Araújo Neto, Campinas - 10/02/96.

⁹³ Félix Moura da Costa - Rio Branco, 11/11/95.

de espaços míticos à lugares míticos, uma forma de demonstrar que nesses planos ou, emicamente falando, mistérios, nota-se uma geografia mítica que é ricamente construída a partir das visões dos integrantes da Barquinha, que narraram experiências diversas em alguns lugares dos espaços míticos que compõem o quadro cosmológico. As viagens também podem ser feitas a outras regiões do globo.

“Fiz um trabalho junto com outros irmãos desta casa em Flórida na América do Norte. No porto de Flórida eu fiz o salvamento de uma criança que tava morrendo afogada. Tinha um soldado superior ao meu lado e disse pra mim: - pega a criança. Uma criança loira, bonita, aí eu caí dentro d’água e peguei a criança pelo cabelo e trouxe pra terra e lá em terra (...) coloquei a criança em várias posições e a criança foi salva do afogamento. Fui levado por uma entidade pra fazer isso. (...) Fiz uma viagem à Roma. Eu fui levado por uma criança à Roma. Quando eu cheguei lá, a criança me disse: - aqui é o cemitério da Basílica de São Pedro, pode entrar! Quando eu cheguei assim dentro, me veio ordem para mim puxar uma linda corrente de luz. Quando eu comecei a rezar o Pai Nosso, começou a se levantar entidades, espíritos de entidades que foram Reis, Rainhas, Bispos, Papas. Começaram a se levantar e se sentando cada qual numa cadeira e do lado de fora da muralha do cemitério da Basílica estava o Nero com aquela sua vestiária curta gritando lá dentro, implicando porque eu estava rezando lá dentro.”^{94*}

Um dos aspectos dos líderes religiosos da Barquinha que em muito se assemelham a outras tradições, como é o caso dos xamãs, é o resgate de almas. Em um estado ampliado de consciência esses especialistas viajam a planos diferentes para salvar almas. Nas diversas tradições religiosas, o fato mais comum é o de ter ido nas profundezas, em mundos escuros, subterrâneos, ao inferno.

“La persistencia del motivo de la bajada a los infiernos emprendida por la salvación de un alma; el alma de cualquier enfermo (chamanismo stricto sensu), de la esposa (mitos griegos, norteamericanos, polinesios, centro-asiáticos), de la humanidad entera (Cristo), poco importa de momento. Esta vez la bajada no es solo de iniciación, ni se ha emprendido con vistas a un beneficio personal, tiene un fin ‘salvaticio’: se ‘muere’ y se ‘resucita’ no para realizar una iniciación ya adquirida, sino para salvar a un alma.” (Eliade, 1979: 179).

⁹⁴ Manuel Hipólito de Araújo - Rio Branco, 16/08/93. * Voltarei a este ponto quando discutir a doutrinação de almas.

Dedicamos um tópico do último capítulo para tratar da questão da salvação do “outro”, ou seja, das almas e dos eguns sem luz. Este tipo de conversão por parte dos fiéis consiste a nível individual em um aprimoramento pessoal rumo a salvação. Em um caráter coletivo, ela representa a purificação da missão e a continuidade do pacto selado com o criador.

2.6 - INICIAÇÃO E O USO DA AYAHUASCA ENTRE OS ÍNDIOS

São várias as técnicas usadas pelos xamãs de todo o mundo para chegar ao êxtase. O seu vôo cósmico, sua jornada, seu trajeto, transcendência e outras denominações utilizadas quando estão em um estado ampliado de consciência⁹⁵ se dão através de batuques, danças, meditações, canções ou substâncias sagradas como o tabaco e a ayahuasca, ou da relação destes elementos e outros não mencionados.⁹⁶

O uso da ayahuasca entre os índios que habitam a região acreana é muito mais freqüente entre os xamãs, embora, pessoas ligadas à comunidade podem usar a bebida em rituais que tem uma característica sacra.

Existem duas formas para que um indivíduo se torne xamã. A primeira através de uma forma hereditária, a segunda, através de um processo pessoal espontâneo. Sonhos, doenças e iniciação do indivíduo por parte de xamãs mais

⁹⁵ Alguns estudiosos do assunto como Michael Harner preferem o termo “estado xamânico de consciência” (ssc), para diferenciar o xamã de outros indivíduos que chegam a um estado de transcendência. Stanley Krippner no seu ensaio sobre estados alterados de consciência usa a denominação “estados conscientes expandidos”, caracterizando-o como o décimo nono na esfera do estado alterado da consciência. Não chega propriamente a falar de xamã, mas da relação do indivíduo que consegue chegar a ele através de plantas psicoativas (Krippner, 1993:24).

⁹⁶ Bárbara Lex menciona a relação da dança, do canto e de outras manifestações para se alcançar o êxtase.

experientes são maneiras de uma pessoa se tornar um xamã, sendo mais comum na Amazônia esta última que envolve a abstinência sexual, restrições alimentares e proibição de participação em festas, jogos lúdicos e tudo o que possa referir a sociabilidade do iniciando.

Durante o processo de iniciação, uma espécie de substância xamânica de poder é introduzida no seu corpo, garantindo a ele um poder enviado por espíritos através dos xamãs, ou retirado do próprio corpo do mestre-xamã para o iniciando, tendo em vista que, através deste rito de passagem, a substância xamânica de poder irá se recompor no corpo do doador. Desta maneira, o xamã passará a assumir uma característica ambígua. Por um lado, poderá proporcionar benefícios para a sua comunidade tais como “prever o futuro” da aldeia e, especialmente curar. Por outro lado, intencionalmente ou não, poderá provocar doença e morte em indivíduos.⁹⁷

Das sociedades indígenas com que caboclos e vegetalistas tiveram contato na região do Acre e adjacências, podemos citar três: os Culina, os Campa e os Caxinauá. Estas, com práticas xamânicas específicas e utilização da ayahuasca em rituais.

⁹⁷ Edward MacRae, utilizando um modelo construído por Dobkin de Rios comenta a utilização desta substância que funciona dentro das sociedades indígenas para três finalidades:

1- A ayahuasca e o sobrenatural:

a) Rituais mágicos e religiosos. Para receber orientação divina e se comunicar com os espíritos que animam as plantas, para receber um espírito protetor;
b) Adivinhação. Para saber se estão vindo estranhos; descobrir o paradeiro de inimigos e quais os seus planos; para saber se um cônjuge foi infiel; prever o futuro com clareza;
c) Causar doenças por meios psíquicos; prevenção contra a má intenção de terceiros.

2- Ayahuasca e o tratamento de doenças:

Para determinar a causa de uma moléstia e/ou curá-la.

3- Ayahuasca, prazer e interação social:

Para produzir estados prazerosos ou afrodisíacos, para reforçar a atividade sexual, para atingir um êxtase ou um estado de intoxicação; para facilitar a interação social entre os indivíduos.

Os Culina da aldeia do Cacau⁹⁸ comentaram que antigamente todo homem era xamã. Hoje, os homens que não são iniciados a xamã, são vistos na aldeia como “domados”⁹⁹ (Sena Araújo, 1993:06). A atividade do xamã representa aquilo que podemos denominar de “buscar a mata”.¹⁰⁰ O “buscar a mata” refere-se à ligação do dsoppineje (xamã) ao contexto extraordinário, pois, ele viaja a outros planos e mantém contato com espíritos e entidades que lá estão (Walsh, 1993:175), transformando-se e mostrando a entidade ou espírito buscado para os demais integrantes da aldeia através da dramatização ritualística. Este buscar fica evidente quando em um ritual de cura o xamã vai à mata e transforma-se em espíritos ou entidades. Geralmente voltam com formas de animais e, em raros casos, como almas de pajés (tokorime), que são provenientes do mundo subterrâneo (Pollock, 1992:29). É lá que o dsoppineje vai negociar com o espírito ou entidade a efetuação da cura. O caso mais freqüente é o da onça e do queixada (Silva, 1985:34).

Tais animais passam por um caminho que os conduzem à superfície para alimentar os Culina, assim como curá-los sob a forma de espírito através de alianças estabelecidas com os xamãs que para lá viajam pelos mesmos caminhos através do tabaco (Viveiros de Castro, 1978:810). O tabaco é extremamente importante para as populações indígenas de grande parte da

⁹⁸ - Cacau do Tarauacá, aldeia Culina que fica à 1 hora do Município de Envira (AM). A denominação da aldeia é derivado do igarapé cacau que banha a aldeia. O cacau é um afluente do rio Tarauacá, daí a denominação “Cacau do Tarauacá”. Nesta aldeia, realizei uma pesquisa nos meses de Janeiro e Fevereiro de 1995, com o interesse voltado para as suas performances rituais.

⁹⁹ Sociáveis. Se opõem aos xamãs que devem ser o oposto anti-sociáveis.

¹⁰⁰ - O “buscar a mata” se difere do “trazer a mata”. O primeiro termo demonstra o xamanismo do grupo e a figura do xamã “buscando” uma ou mais entidades. O “trazer a mata” diz respeito aos jogos lúdicos e as festas coletivas por eles realizadas. Uso esses verbos, que são sinônimos, para distinguir os dois tipos de performance: por um lado, a apresentação/representação por parte do “performer” nos rituais de iniciação e cura e, por outro a representação dos performers em algumas festas. Voltarei aos termos apresentação/representação quando estiver discutindo as performances rituais do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, a barquinha. Uso os verbos no sinônimo porque creio que existe

região amazônica, podendo ser cheirado, fumado ou mascado (Perrin, 1992:111).

Os Culina por sua vez, não estão fora deste processo, porque o tabaco é um produto de uso diário e, constantemente, os xamãs e outros homens da aldeia usam-no bastante, fixando-o no lábio inferior. Mas existe uma diferença entre fumar e cheirar o tabaco cotidianamente, isto é, no dia-a-dia, para fazê-lo extraordinariamente, pois é através dele que entidades podem ser chamados para curar, porque ele propicia uma via de comunicação entre este mundo que habitamos e os lugares onde habitam os espíritos (Gallois, 1993:33).

Ao mesmo tempo em que o xamã está buscando o espírito através do tabaco, o seu corpo vai tomando a forma da entidade chamada. Seu corpo relaciona-se principalmente aos movimentos de animais (Seeger, 1981:84; Muller, 1990:35) para a extração do **dori**.¹⁰¹

Para eles, o dori é uma substância que permeia todo o corpo do xamã e que consiste na fonte vital do xamã. Obter dori no corpo é ter capacidade de viajar para outras camadas do cosmo, conhecer outros lugares e mediar com espíritos. Quando é materializado, ele pode ser uma pedra, um pequenino pedaço de pau, uma unha de tatu, tamanduá ou até mesmo de um gavião, que pode ser colocado na região do abdômen. O dori pode chegar a tirar a vida de uma pessoa rapidamente (Viveiros de Castro, 1978:82; Silva, 1985:35; Pollock, 1992:27).

um intercruzamento entre todas as performances da aldeia, no qual o fio condutor é o mito da criação. O sinônimo é a sutileza da diferença.

¹⁰¹ O **dori** contém diversos significados para a sociedade Culina. Um deles é o feitiço. O **dori** está ligado à narrativa mítica na qual os Culina atribuem o início da tragédia através de uma entidade mitológica da mata designada de **Massosso**, que destruiu a aldeia primordial, vingando-se dos Culina por terem assassinado o seu filho.

Os xamãs precisam domesticar o dori para voar para longe, assim como fizeram os heróis mitológicos da criação Quira e Tamaco.¹⁰² Mas para domesticá-lo é necessário uma preparação que envolve um processo de treinamento no qual o Culina é iniciado a xamã.

O rito de iniciação está ligado ao tabaco e ao dori. O primeiro é introjetado através de sopros no nariz do iniciando. Além disso, o neófito passará a utilizá-lo no contexto “ordinário” e “extraordinário”. Já o dori está ligado ao ato de Quira introduzi-lo no corpo, absorvendo os poderes de Massosso.

O antropólogo Donald Pollock constatou que a adolescência é o período preferido para realizar o treinamento que compreende a transmissão de dois tipos de dori ao iniciando: o noma e o Koronaua (Pollock, 1992:27). O noma é dado para auxiliar o jovem no processo de aprendizagem para a jornada xamânica, e o Koronaua o ensina o caminho do bom canto.¹⁰³

Para chegar a ser um dsoppineje, o iniciando obedece algumas restrições como:

a) **dieta alimentar** - com tabus a alguns alimentos;

b) **abstinência sexual** - para os Culina a perda do sêmen implica na perda de poder. Por isso a adolescência é a fase ideal para o treinamento, porque os rapazes são solteiros e podem ser controlados por normas que proíbem a relação sexual;

¹⁰² Na mitologia Culina, Quira é o herói mais velho de Tamaco. Quira foi o responsável pelos ensinamentos do irmão mais novo (fato este que reside na responsabilidade de iniciação xamânica). Foram eles os responsáveis pela maioria das espécies vegetais e animais que o mundo conhece hoje em dia.

³⁰ O processo que leva um Culina da fase de Cahuaniji (iniciando), a alcançar o dsoppineje (xamã), pode ser iniciado também na fase adulta. Este processo entre adolescentes ou adultos pode chegar a durar aproximadamente um ano.

c) **proibição à jogos, festas e brincadeiras** - para buscar o lado selvagem e menos sociável da aldeia.¹⁰⁴

Este neófito aprenderá com o xamã as formas e os caminhos que podem levar a outros planos, e a fazer o uso do dori adequadamente, pois o mal emprego da substância pode causar infortúnio e ira entre xamãs, colocando em xeque não só a sua figura, mas a de toda a comunidade. Quando o xamã causa algum malefício, logo é acusado por um xamã de outra facção e, em raros casos, de sua própria comunidade. Portanto, cura e acusação caminham juntos, pois, ao passo que o xamã cura, logo acusa, causando um grande prestígio ao mesmo.

Além disso, torna-se uma figura importante na cerimônia do **rami** (ayahuasca), pois, além de rezar sobre a substância, pode entoar bons cantos para que os presentes nesta performance ritual tenham boas visões e, “boas viagens” ao contexto extraordinário. Nesa cerimônia, a distribuição é feita pelo rami cacahuade.¹⁰⁵ Usando o rami, os Culina “vêem” ataques de outros grupos, morte de parentes e caçadas frutíferas (Silva, 1985:44).

Os xamãs Campa passam por um processo de iniciação através do consumo intensivo de um xarope feito através da mistura do tabaco com a ayahuasca. Este xarope é imaginado como a fonte de poder dos xamãs. Esta substância sagrada lhe dá a possibilidade de se comunicar com os espíritos e realizar tratamentos eficazes de cura em algum enfermo. (Gonçalves, 1991:103).

“É o tabaco que mantém o poder dos espíritos junto ao xamã. A ayahuasca é um alucinógeno que o põe em comunicação direta com o mundo dos espíritos, de modo, que estes o visitam, ou sua alma deixa o seu corpo e visita-os em lugares distantes. Há também o uso de diversas plantas sagradas;

¹⁰⁴ Algumas destas regras foram também constatadas na barquinha.

¹⁰⁵ Indivíduo responsável pelo cipó jagube (*Banisteriopsis caapi*).

cada espécie de planta está associada com um grupo específico de bons espíritos. O xamã tem sempre à mão um suprimento de ayahuasca para as suas necessidades, e de tempos em tempos ele conduz uma cerimônia grupal, envolvendo o uso da ayahuasca, onde resolve casos complicados. Esta cerimônia é uma sessão xamânica de cura.” (Op. cit. 103).

São vários os rituais dos quais participam os xamãs, dentre eles, o destaque maior é o da cerimônia da ayahuasca (*Kamámpari*), que começa ao anoitecer, quando o xamã que preparou a bebida com antecedência passa a distribuí-la aos presentes da performance ritual. Através do uso da ayahuasca é possível realizar curas no plano físico e espiritual, prever o futuro e visitar o “outro”. O xamã, portanto, funciona como um mediador de equilíbrio nesta sociedade.

No ritual de cura Campa, faz-se necessário a acusação no caso de feitiço. Desta forma, ele coloca um pouco de coca em sua mão, mistura e descobre a pessoa que o lançou. Para curar:

“ele sopra fumaça de tabaco e fricciona coca no paciente; faz-se então uma sucção, livrando-o do ‘**corpo estranho**’, do ‘**ser invasor**’ que o feiticeiro pôs nessa pessoa. Fumando e bebendo *Kayampi*, ele se empenha em matar o feiticeiro, devolvendo o feitiço para ele” (Tessman, 1930 apud. Steward & Métraux, 1948 cit. in Gonçalves 1991:102).

Na cerimônia com o uso da ayahuasca, os participantes ingerem o líquido várias vezes e, em um período aproximado de uma hora, a substância começa a fazer efeito naqueles que a tomaram. Durante esta dramatização ritualística o xamã passa a cantar, deslizar canções que segundo os Campa são cânticos dos espíritos. Quando o xamã canta, passa aos presentes as melodias dos espíritos.

Os Caxinauá chamavam os seus xamãs de *huni mukaia*¹⁰⁶. Este, além de ser um bom adivinho, exercia um enorme prestígio perante a comunidade no que diz respeito a cura. Normalmente, era requisitado quando os sintomas da doença fugiam ao padrão da normalidade, de forma que a resposta encontrava-se no sobrenatural.

“Ao ser requisitado, o *huni mukaia* cheira um tabaco local e entra num estado de transe. depois, passa suas mãos no corpo do paciente, que está deitado diante dele numa rede ou no chão. Quando está ciente da causa do problema, ele recomenda tratamento ou, se algum objeto estranho está presente no corpo, graças à feitiçaria ele o remove sugando a parte do corpo mais perto de sua localização. O tratamento freqüentemente inclui ervas que são obtidas com o curador e tomadas com o necessário jejum que sempre o segue (e pode preceder) qualquer tratamento do *huni mukaya*. Como feiticeiro ele pode ser requisitado por um membro da sua comunidade para praticar bruxaria contra um inimigo pessoal que, mora em uma outra vila ou pertence a uma tribo vizinha. Os pedidos de feitiçaria são feitos no maior segredo. Como profeta, o *huni mukaia* pode ser requisitado pelo chefe da aldeia para tentar ver através dos espíritos familiares o que acontecerá no futuro, que afetará os membros da aldeia. Ao contrário do curador, que aprende seu ofício acompanhando um outro mais idoso, o xamã aprende a sua arte com os seres espirituais que lhe dão o *muka*.” (Gonçalves, 1991:212).

Muka é uma espécie de substância xamânica de poder que é colocado no corpo do indivíduo através do Yuxin (espírito dos sonhos). Quando os Yuxin pegam o aprendiz, ele fica doente, então é iniciado (Lagrou, 1991:32). O Yuxin coloca Muka no coração do aprendiz. Existem duas formas do indivíduo receber o Muka:

“ele pode aumentar a sua experiência onírica dormindo muito e tomando remédios (gotas do sumo de certas folhas no olho e banhos) para sonhar mais

¹⁰⁶ Os Caxinauá comentam que, hoje, não existem mais xamãs e, aqueles que lidavam com esse tipo de atividade perderam o poder e, outros viraram crentes. Isso não quer dizer que a atividade xamânica tenha desaparecido do grupo, mas os Caxinauá vêem a necessidade do xamã enquanto um mediador e curador. Desta forma, segundo eles, ficou muito mais fácil o ataque de entidades espirituais e de grupos vizinhos que sabem jogar feitiço (Lagrou, 1991:27). Em abril deste ano, Francisco Hipólito, Vice-Presidente do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz recebeu a presença de um Caxinauá, que estava preocupado com um surto de possessão na sua aldeia. Segundo ele, a possessão estava se tornando periódica na comunidade.

e para lembrar-se dos sonhos; ou pode pegar o caminho da mata, enfeitar-se com envira ou brotos de murmuru (pani xanku) e folhas cheirosas, cantar, assobiar para chamar os yuxin. Há caminhos em forma de cheiros: sensibilizam os yuxin tanto quanto os homens para a presença do outro. Assim manipulam-se folhas cheirosas e perfumes, com o objetivo de atrair ou tornar-se invisível (imperceptível para o olfato) para os yuxin. O perfume em si é dau (remédio), e os perfumes da cidade, do branco, são considerados armas potentes na mão de quem quiser exercer a pajelança de 'branco' (não diferenciado de negro pelos Caxinauá). Certos sons são um outro caminho para o outro lado" (Op. cit. 36).

Uma vez recebido o muka do Yuxin, o xamã passa a ter uma característica ambígua, pode jogar o seu muka para prejudicar uma pessoa e pode usá-lo para realizar a cura. Esse ataque por parte do xamã não acontece com os parentes próximos, nem afins. A acusação de uma pessoa distante produz retaliações.

Os Caxinauá também fazem o uso da ayahuasca (nixi pae), para saber aspectos referentes de si ou do grupo, mas era usada principalmente pelos xamãs com o intuito de realizar curas quando os métodos tradicionais de tratamento não surtiam efeito.

Estas três sociedades indígenas mencionadas anteriormente ainda fazem o uso da ayahuasca com fins sagrados, aprendendo dentro de suas normas peculiares a preparar o chá e a tomá-lo, para manterem contato com espíritos e/ou antepassados.

2.7 - INICIAÇÃO E O USO DA AYAHUASCA ENTRE OS NÃO-ÍNDIOS

O caboclo amazônico, por sua vez, aprendeu também este hábito de preparação e ingestão da bebida, que tem o seu embrião no sistema xamânico (La Roque Couto, 1989:15-16).

"Esse xamanismo mestiço é herdeiro direto do xamanismo indígena, cujos segredos foram aprendidos pelos seringueiros que viviam isolados da

sociedade Ocidental e tinham de se valer dos conhecimentos médicos dos indígenas. O principal trabalho destes xamãs é voltado para a cura, incluindo-se aí a manipulação de forças espirituais para o alívio de problemas financeiros e emocionais” (MacRae, 1992:30).

Nas populações mestiças este tipo de prática é recorrente e, são vários os tipos de pessoas que fazem o uso da substância com esse propósito. São curandeiros e vegetalistas que são freqüentemente chamados de :

“Mestre, doutor, médico, velhinho ou vovozinho. Em certos casos, vegetalistas altamente considerados por seu vasto conhecimento e poder são tratados pelo termo **banco**. Eles deitam-se com a face voltada para o chão e deixam-se possuir por espíritos. Neste caso, **banco** poderia se referir a um assento de poder. Outras denominações para os vegetalistas são bruxo ou feiticeiro, geralmente com conotação pejorativa, usados para os considerados praticantes do mal” (Op. cit. 30).

Foi através de experiências extasiantes que envolviam um processo de iniciação para os ayahuasqueiros, que o fundador da doutrina daimista por exemplo, Raimundo Irineu Serra, passou a adquirir maiores conhecimentos espirituais. Esse rito de passagem sustentava-se no xamanismo indígena que tinha como regras a reclusão na mata onde mestre Irineu passou oito dias tomando ayahuasca, tendo contato apenas com a pessoa que lhe servia as refeições. Fazia também restrições ao que era considerado da realidade profana, evitando inclusive pensar em mulheres. Outra regra era acerca da alimentação. No seu processo de iniciação, deveria ser servido apenas “macaxeira insossa”, isto é, sem sal ou açúcar. Durante esta fase ele teve várias visões que o colocaram diante de realidades sagradas e que lhe deram requisitos para fundar a sua missão, através da linha das florestas, entregue pela Rainha das florestas, Nossa Senhora da Conceição.

Mestre Daniel, o fundador da Barquinha, teve a sua iniciação através da doença. A doença, decorrente de problemas do fígado, devido ao abuso da

bebida alcoólica o levou a aceitar o convite de Irineu Serra para realizar um tratamento de limpeza. Durante este tratamento, Daniel teve visões que lhe mostravam realidades do sagrado e, instruções que por ele deveriam ser seguidas. Evidentemente, durante o processo de tratamento, não lhe era permitido beber ou manter relações sexuais durante um período antes da ingestão do chá. A primeira regra foi quebrada quando Daniel resolveu ir novamente para Rio Branco.

As instruções recebidas do sagrado falavam da missão que por ele deveria ser seguida. Assim como Irineu Serra, Daniel recebeu de Nossa Senhora a missão de conduzir um espaço com finalidades sagradas. Mas diferentemente do líder daimista, a linha que foi designada para ele seguir era a linha do Astral.

Observamos que as regras de preparação de ingestão da bebida destacadas desde os primeiros vegetarianos foram seguidas por aqueles que fazem o uso do Daime. Essas regras de abstinência sexual e proibição da bebida alcoólica três dias antes de tomar o chá, por exemplo, são seguidas à risca pela irmandade da Barquinha, bem como pelas outras doutrinas como é o caso da linha daimista.

“A preparação para tomar o Daime começa pelo menos com três dias de antecedência. Homens e mulheres não praticam relações sexuais, evitam comidas gordurosas e bebidas alcólicas. A dieta alimentar usual no grupo já reflete o cuidado com comidas condimentadas, com a carne em excesso, tendo como base, arroz, feijão, farinha, legumes, frutas e cereais. As pessoas procuram evitar qualquer tipo de alimentação nas 5 horas imediatamente anteriores aos trabalhos espirituais com o Daime. No que se refere a dieta sexual, a mais importante do ponto de vista ritual, a frequência dos trabalhos, proporciona uma abstinência prolongada e que, dentro das convicções grupais, representa um estímulo para proporcionar a elevação espiritual. A dieta pode significar a conversão do aparelho, num depósito sagrado do Daime, e dos espíritos que estão nele, na medida em que colabora na limpeza do aparelho.” (Groisman, 1991:163-164).¹⁰⁷

¹⁰⁷ A única regra que não é seguida com frequência na Barquinha é a da alimentação.

Para o participante pertencer ao Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, é necessário que haja um fardamento, na qual o neófito passa a assumir as normas da casa. Recebendo a farda, torna-se um marinheiro do mar sagrado ou soldado dos exércitos de Jesus. Na maior parte dos depoimentos, os caminhos são bastante tortuosos e dolorosos para os fiéis, que experienciam viagens nada agradáveis.¹⁰⁸

“Me levaram num plano muito alto, aonde lá eu subi e fui atacado por certas correntes inferiores e eu lutando contra aquelas correntes inferiores, e lá em cima eu senti, eu ouvi uma explosão que parecia assim a explosão do mundo todo, deu o maior estrondo do mundo e eu me desintegrei. Aí uma voz disse do meu lado: - e agora, vamos juntar esses caquinhos? eu digo: - eu estou com Deus, eu explodi mas estou com Deus. Foi teste de firmeza. Em outra passagem um soldado de luz me levou para fazer um teste de firmeza. Existiam 12 muros, diferença de 20 metros de um pro outro. Os muros eram de ferro, aí o soldado disse: - nós temos que ultrapassar todos esses muros pelo meio deles. Olhou pra mim e disse: - vamos embora! e eu passei pelo primeiro muro até o décimo segundo. Quando chegou lá no último ele disse: - tá vendo? quem tem firmeza em Deus não tem nenhum impecílio que empate de viajar.”¹⁰⁹

As provações sofridas pelos integrantes da Barquinha assemelham-se em muito ao processo de iniciação xamânica. Para alcançar um maior grau de conhecimento, faz-se necessário o sofrimento através das provas. Uma das mais comuns são aquelas onde aparece o fogo queimando o iniciando. Este fogo marca uma renovação, uma passagem através da purificação. Da mesma forma acontece com a água, deslizamentos de pedras, tempestades, terremotos, etc. verdadeiras catástrofes aos olhos humanos. Estas provações são também passadas e relatadas por xamãs.

Para Mircea Eliade, estudioso de religiões, o xamã é um mestre do êxtase, a atividade que ele exerce (xamanismo), é considerada como “técnica do

¹⁰⁸ A maioria das pessoas que procuram os trabalhos da Barquinha e, posteriormente chegam a se fardar, são pessoas que procuram melhorias de vida, pois sofreram de problemas de alcoolismo, vícios em cocaína e a maconha, doenças, distúrbios familiares e/ou financeiros. Os três primeiros fatores já mencionados são os mais frequentes e lideram entre o número de fardados que sofriam com estes tipos de problemas.

êxtase” (op.cit.22). Um xamã é uma pessoa - seja ele homem ou mulher - que tem a capacidade de alçar vôo a outros planos, viajando em um estado ampliado de consciência, conversando com espíritos e mediando o mundo ordinário e o sobrenatural. É capaz ainda de estabelecer aliança com espíritos de animais, plantas, antepassados comuns e entidades divinas, além de localizar os melhores locais de caça e as atitudes que a comunidade deverá tomar nos dias de privação.

Este homem ou mulher tem a capacidade de subir em pontos altos do céu, bem como descer nas profundezas do subterrâneo, de penetrar no fundo dos rios, de ultrapassar barreiras de fogo ou ainda, vencer obstáculos do vento. Estas são apenas algumas demonstrações de proações e dos tipos de conhecimentos adquiridos por estes indivíduos durante a sua jornada.¹¹⁰

Geralmente, a performance ritual que envolve o fardamento é realizada ao final de romarias, principalmente a de setembro/outubro (São Francisco) e Janeiro (Mártir São Sebastião). De forma geral, no último dia, são enquadrados como marinheiros pessoas que fizeram um preparo que varia entre seis meses e um ano.

Neste ritual, uma regra é básica. Toda a irmandade deve ser fardada em Rio Branco. Afirmamos isso, porque existem membros no Rio de Janeiro e em Ji-Paraná que também realizam os mesmos trabalhos e, que são ligados a Rio Branco. São as extensões dos trabalhos. Os pretendentes ao fardamento devem seguir as mesmas normas da casa presidida atualmente pelo Padrinho Manuel Hipólito de Araújo.

¹⁰⁹ Manuel H. de Araújo - Rio Branco, 26/10/95.

¹¹⁰ A diferença, como já frisamos anteriormente e, voltamos a lembrar, encontra-se no êxtase. Enquanto o xamã trabalha com uma finalidade coletiva para a sua comunidade, os componentes da Barquinha procuram à princípio um auto-conhecimento através do uso do chá.

Podemos dizer por fim que a farda marca a pessoa. Oferta a ela uma nova identidade e dá direitos e deveres perante o grupo. Fardar-se significa estar a meio passo do “caminho da salvação”. Vamos voltar novamente à discussão simbólica da farda quando estivermos discutindo o quarto capítulo desta dissertação, que envolve a participação dos indivíduos em várias performances rituais com fardamento diferente.

A Cosmologia da barquinha está manifestada também na arquitetura. Os símbolos expressos nos rituais es tão marcados nas construções do local. Para continuarmos com a idéia de Cosmologia em Construção elaboramos um repertório simbólico que será útil para entender o processo de contínua transformação do Centro,

3 - NAVEGAR É PRECISO

I

Cruz bendita onde por nós morreu Jesus

Ela é o símbolo de toda a nossa salvação

Vamos adorar a cruz bendita

É a coroa da virgem Mãe da Conceição

II

Na cruz Jesus foi crucificado

E regravado seus santos pés e as santas mãos

Vamos adorar a Cruz Bendita

É a coroa da Virgem Mãe da Conceição

III

Na cruz bendita que Jesus Cristo carregou

Para o seu calvário foi pela nossa salvação

Vamos adorar a cruz bendita

É a coroa da Virgem Mãe da Conceição

IV

No sétimo dia em que Jesus ressuscitou

Lá na Judéia todo o judeu teve o seu perdão

E dos mistérios da cruz bendita

É a coroa da virgem Mãe da Conceição

(Cruz Bendita, salmo do Hinário da Barquinha)

A inspiração para este capítulo se deve em muito ao texto da antropóloga Hildred Geertz, intitulado "The Meanings of Family Ties". No texto, a autora faz uma análise minuciosa de uma casa no norte da África, mostrando pouco a pouco as partes que compõem o todo da residência. Foi esta a preocupação com os detalhes que nos deixou fascinado o texto da senhora Geertz.

Neste capítulo abordaremos o espaço arquitetônico da Barquinha juntamente com o seu agregado de lugares. Antes de mostrar a partitura simbólica da Barquinha é necessário mencionar o que podemos entender por espaço sagrado e espaço profano, a noção de centro e periferia, os elementos mediadores e a relação dos lugares do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz.

NOÇÃO DE ESPAÇO

Mircea Eliade distingue dois tipos de espaços existentes nas sociedades humanas: o **espaço sagrado** e o **espaço profano**. São nestes dois tipos de espaços que os homens transitam. Neles os indivíduos pensam e expressam as suas emoções através de experiências diversas. Para Eliade, a diferença central entre os dois tipos de espaço é o de que o espaço sagrado não é homogêneo, diferente, portanto, do espaço profano.

"O espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras, há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. (...) Há um espaço sagrado e, (...) outros espaços não-sagrados. Essa não-homogeneidade traduz-se pela experiência entre o espaço sagrado e todo, o resto. (...) A não-homogeneidade corresponde a uma 'fundação do mundo'." (Eliade, 1992:21).

Quando ocorre a ruptura da homogeneidade, o homem descobre que está imerso em uma realidade absoluta. Com esta quebra na homogeneidade, encontramos no espaço um ponto fixo. Podemos considerar este ponto fixo como aquilo que o autor designa de centro do mundo. Em torno deste centro do mundo aglutinam-se os homens religiosos (Op. cit. 22). Por outro lado, na experiência profana:

“O espaço é homogêneo e neutro. (...) O espaço geométrico pode ser cortado e delimitado seja em que direção for, sem qualquer diferenciação qualitativa - sem qualquer orientação de sua estrutura. A experiência profana, mantém a homogeneidade e a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o ‘ponto fixo’ já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias. Já não há ‘mundo’, há apenas fragmentos de um universo fragmentado, massa amorfa de uma infinidade de ‘lugares’ mais ou menos neutros onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda a existência integrada numa sociedade industrial.” (Op. cit. 22-23).

Quando aceita a experiência sagrada, o homem religioso questiona os dois tipos de espaço em que circula. O espaço sagrado passa a receber a denominação de ***mundo real***, enquanto o espaço profano é chamado de ***mundo da ilusão***.

O mundo real é absoluto e é através das experiências vivenciadas no espaço sagrado, que o homem consegue chegar mais próximo do criador e da corte celestial. É por isso, que o indivíduo tenta se aproximar ao máximo do local sacro porque é onde o paraíso se torna mais próximo. Todavia, o mundo da ilusão é oposto a esta concepção. Ele é, na verdade, o distanciamento dos seres humanos dos seres divinos e,

consequentemente, do paraíso. Neste tipo de espaço não-sacro encontram-se entidades maléficas, portanto, o local acerca-se das trevas.

“O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, ao desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente - e não numa ilusão. É desejo do homem religioso mover-se num espaço sagrado. É por essa razão que se elaboram técnicas de orientação, (...) de construção do espaço sagrado.” (Op. cit. 27).

Os “trabalhos” da *Barquinha* realizam-se em espaços que fundem materialmente diversos elementos míticos de várias Religiões. Cada espaço constitui um agregado de lugares delimitados e utilizados em determinados momentos de cada performance ritual fazendo referência a espaços míticos de cosmologias diferentes.

O espaço mítico tem características gerais, organizando forças da natureza e da sociedade com localidades ou lugares expressivos no sistema espacial humano, o que pode tornar compreensível o Universo através de seus elementos e da interação daqueles que circulam em ambos os espaços. Com isso, ele ganha uma personalidade, podendo ser chamado de lugar. Ele é divisível e tenta passar uma imagem do Cosmos (Tuan, 1983:103).

O espaço mítico é uma construção intelectual e o espaço arquitetônico é uma tentativa do esforço humano para expressar símbolos do sagrado e com isso, ampliar o conhecimento. Nestes lugares circulam experiências sentidas, verbalizadas tanto à nível individual ou coletivo em proporções horizontais ou verticais (Op. cit. 112).

Na seqüência, mostraremos qual o *Axis Mundi* na Barquinha, quais os principais eixos e a periferia desses centros para posteriormente analisarmos o esquema simbólico do espaço e, por fim, apontarmos a relação entre os eixos dos lugares do Centro.

3.1- CONTEMPLANDO A BARCA SANTA CRUZ - Centro, Periferia e Elementos Mediadores.

O Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz é um ponto de intersecção entre um mundo sagrado e um mundo profano. Daniel, ao receber a missão, escolheu um local para realizar trabalhos espirituais, portanto, consagrou o espaço. Nessa terra, ele construiu uma capelinha rústica de taipa e começou a realizar os seus trabalhos espirituais com os caçadores que por lá passavam, bem como com pessoas humildes. O que podemos dizer é que a nível de estrutura espacial, a capelinha é o início da permanente construção do espaço sagrado. Ela, a capela, é o principal eixo de conexão entre este plano e os três mistérios da casa.

“A construção da cabana sagrada repete pois a cosmogonia, pois esta casinha representa o mundo. (...) A instalação num território equivale à fundação de um mundo.” (Eliade, 1992:42).

Para Eliade, o simbolismo do centro pode conter três características: a) enquanto montanha sagrada, pois, reúne o céu e a terra; b) o templo é considerado uma montanha sagrada que por sua vez se transforma em centro; c) o templo é considerado um ponto de intersecção entre o céu, a terra e o inferno. (Eliade, 1972:21).

A capelinha, portanto, é o **Axis Mundi**, porque ela funciona como o **eixo** da Cosmologia da Barquinha. É a partir deste **Axis Mundi**, que os fiéis mantêm comunicação com outros lugares sagrados e é o ritual que possibilita este tipo de comunicação. Com a construção da capelinha, o universo simbólico do espaço passou a ser criado, ou seja, foi edificado um repertório simbólico, imagens estas que vieram a ser multiplicadas a partir do eixo central e que podem ser vistas na arquitetura do local.

“A identificação de muitos símbolos com o significado do centro permite a construção de um sistema de mundo.” (Sullivan, 1988 :135).

Em cada um dos lugares da Barquinha existe um símbolo principal que podemos chamar de **eixo do lugar**, que por sua vez, unem-se ao **Axis Mundi**. Quando na Barquinha, as performances rituais são realizadas em lugares que vão além da Igreja, estes lugares tornam-se complementares ao eixo (igreja), marco de fundação, logo, esses lugares são **periféricos** porque emergiram do **Axis Mundi** e a eles estão ligados.

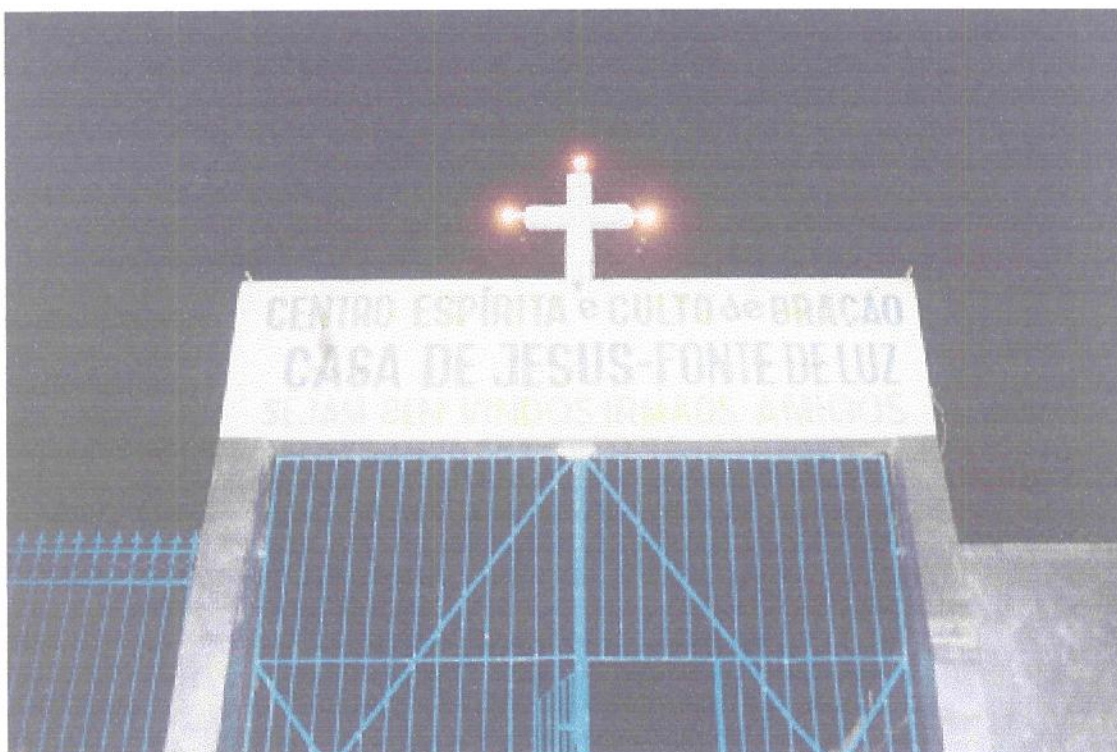
“Há alguma coisa sobre o limite que é contínuo com ou idêntico ao centro. (...) A natureza do centro na qual a periferia é relatada, determina a característica do limite. (...) A experiência liminar, gera um sistema de relações simbólicas que dão caminho a uma autoconsciência. (...) O centro representa a ‘quebra’ nos planos do universo. A periferia do universo, moldada simultaneamente com o centro, revela significados de coisas, como as coisas são definidas pelos seus limites. (...) A periferia do centro é freqüentemente entendida em termos de pontos no horizonte, os cardinais e intercardinais.” (Sullivan, 1988:140-141). [Tradução nossa].

Para entrar em contato com lugares míticos do espaço cosmológico, o fiel da barquinha passa a trabalhar com os elementos mediadores da relação entre o espaço arquitetônico sagrado e o espaço mítico traduzido na forma sagrada do centro através dos símbolos. Estes símbolos podem ser considerados como elementos constitutivos mediadores, no sentido de que através deles o marinheiro da mar sagrado manifesta interesse em alcançar outras realidades e seres míticos. Estes símbolos são aberturas de comunicação com o sagrado. Exemplo disso é a representação simbólica do céu, terra e mar manifestados nas cores do local. Ainda assim, existem outros elementos nos quais estes indivíduos entram em contato com o sagrado, porque na doutrina Espírita - Cristã da **barquinha**, existe um repertório de símbolos que estão manifestados no hinário, na farda usada pelos “soldados dos exércitos de Jesus”, bem como nos lugares que compõem o espaço da barca. Demonstraremos, a seguir, o composto simbólico do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz.

3.2 - A PARTITURA SIMBÓLICA DO ESPAÇO DA BARQUINHA.

O repertório simbólico da Barquinha, que está expresso na arquitetura pode ser imaginado como uma colcha de retalhos, onde as partes se encaixam formando o todo. A experiência ritual nos lugares do espaço da barca, podemos designar de costura, porque é no ritual que temos a tônica da expressão do lógico e do sensível.

Começaremos a trilhar sobre a colcha de retalhos através do primeiro símbolo do Centro: o portão. O portão é um lugar limítrofe entre o espaço profano e o espaço sagrado. Nele observamos a seguinte frase, antes de entrar propriamente no local: “sejam bem - vindos irmãos amigos”. Esta frase é aberta a determinadas pessoas materializadas como também a alguns seres “invisíveis”. Entrar nele seria como se o caos fosse ordenado, onde a lei Divina fosse estabelecida. O acesso a estes lugares se dá pela ordem. Quando a ordem é transgredida a passagem pelo portão é efetuada pelo sentido inverso. É preciso sair para não quebrar as leis divinas, pois, somente através delas e com elas é possível chegar ao Paraíso. O portão é uma linha, um limite, onde só é possível entrar ou ficar quando somos ordenados.



Portão de acesso ao Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. Assim como existem três lâmpadas acima indicando os três mistérios daquela casa, no chão, fora do centro, três velas, representando os três mistérios guarnecem a entrada do portão.

Entidades de luz protegem a entrada do portão contra transgressores, assim como o porteiro oficial da casa a protege contra indivíduos que não tenham autorização para entrar. Eles estariam indo de encontro aos princípios da casa. Este porteiro que abre e que fecha o portão verificando quem entra e quem sai, é aquele que tira e coloca a âncora da **barquinha**, quando os seus participantes estão trabalhando sobre a luz do Daime, ou melhor, quando estão viajando sobre as suas ondas.

“A Igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da Igreja significa, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica os dois modos de ser, o profano e o religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos - e o lugar onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado. (...) O limiar tem os seus ‘guardiões’: deuses e espíritos que proíbem a entrada tanto aos adversários humanos como às potências demoníacas e pestilenciais. (...) O limiar, a porta, mostra de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo, de um veículo de passagem.” (Op. cit. 24-25).

Para Chevalier, há uma significação esotérica do portão, pois ele exerce um papel de passagem entre o mundo exterior, representado pelo profano e o mundo interior, simbolizado pelo sagrado.

“Simboliza, ao mesmo tempo, a separação e a possibilidade de uma aliança, uma união, uma reconciliação. Essa possibilidade se realiza se a pessoa que chegar for acolhida no limiar da porta e introduzida no interior. Os limiares das portas são decorados com todas as insígnias da casa ou do templo (Cristo, etc.), ornamentos, pinturas, que representam a chegada e a acolhida. Ficar no limiar é manifestar um desejo de aderir às regras que regem a casa, mas um desejo que ainda não é completo, definitivo ou ratificado; rejeitar alguém no limiar de sua casa é renegá-lo, é rejeitar a sua adesão. Colocar-se no limiar é também colocar-se sob a proteção do dono da casa: Deus, dignatário ou simples camponês. Passar por um limiar exige uma certa pureza de corpo, de intenção, de alma. O limiar é a fronteira do sagrado, que já participa da transcendência do centro.” (Chevalier, 1990: 549).

Acima do portão, do lado oposto de quem entra, encontra-se uma cruz itálica com três lâmpadas brancas. Abaixo de cada uma dessas lâmpadas foram colocadas três letras. Do lado esquerdo **A**, significando amor, acima o **V**, a verdade e no lado direito o **J** representando a justiça. Essas três palavras somadas a harmonia fazem parte do conteúdo filosófico do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento. Podemos perceber ainda na estrutura metálica deste portão uma estrela, a estrela de Davi



Parte interna do portão. Na fotografia encontra-se o responsável pela entrada e saída dos participantes dos rituais.

Demarcando todo o limite do espaço está um muro de concreto que representa uma espécie de proteção contra seres estranhos à casa, principalmente as entidades maléficas. A representação simbólica do muro coincide com as defesas de sociedades antigas e medievais.

“[É possível que] as defesas dos lugares habitados e das cidades tenham sido no começo, defesas mágicas; essas defesas - fossas, labirintos, muralhas, etc. - eram dispostas a fim de impedir a invasão dos demônios e das almas dos mortos mais do que o ataque dos humanos. (...) O resultado do ataque é sempre o mesmo: a ruína, a desintegração, a morte.” (Op. cit. 44).

Ao entrar no espaço, a primeira imagem que podemos detectar é a de um parque. Este parque foi criado em 1959, por Antônio Geraldo da Silva, o sucessor de Daniel Pereira de Mattos e foi destinado às “brincadeiras” da irmandade com as entidades dos três mistérios.



Parte frontal do parque, que culmina logo em seguida com o aparecimento da Igreja (ao fundo). O círculo é o chamado salão de baile; no centro, encontra-se o coreto, onde os músicos tocam pontos para o bailado. As cores predominantes são o amarelo e o azul, denotando uma forte ligação entre o céu e a terra. Acima do coreto está o barquinho Santa Cruz, símbolo na qual os fardados viajam através dos três mistérios (Céu, Terra e Mar).

O parque assume arquitetonicamente e simbolicamente duas formas: a primeira enquanto barca e a segunda enquanto um cálice. A barca - como já comentamos no capítulo anterior e voltamos a frisar - tem dois significados: o primeiro é o de que ela representa a própria missão

deixada por Daniel e a segunda expressa a viagem de cada um, ela é pois, a nau de suas vidas, uma viagem dentro da grande viagem .



A Barquinha vista de outro ângulo.

O lugar do parque no contexto do espaço do Centro é composto por uma série de símbolos. Existem 12 colunas que circulam aquilo considerado enquanto salão de baile. Estas 12 colunas representam os Apóstolos de Cristo, sendo que o coreto que fica no meio dessas 12 colunas é Jesus Cristo. Esta representação nos remete ao Novo Testamento, onde a barca está associada aos apóstolos, como o tema dos testamentos contendo os 12 Patriarcas, expressando textos tipicamente apocalípticos enquadrado simbolicamente dentro de uma raiz judaica-cristã. A calma será produzida pelo décimo terceiro, Cristo, mas somente os justos poderão sentir a sua leveza durante a travessia (Danielou, 1993: 64-65).

O coreto que fica entre as colunas e no meio do salão de baile, está constituído na forma geométrica de círculo, e lá está Jesus Cristo. O círculo sagrado é possivelmente a forma geométrica mais antiga já desenhada pelo ser humano. Outras formas geométricas, como por exemplo o triângulo, o quadrado e o retângulo, podem ter sido criadas na sequência do círculo. O certo é que podemos afirmar que o círculo constitui um lugar sagrado no qual o indivíduo desempenha tarefas específicas que visam a aproximação com seres e lugares sagrados; ele é a totalidade. Portanto, ao adentrar em um círculo o homem se sente cada vez mais absoluto.

Neste círculo, encontramos a divisão numérica do número 12 (doze) somado a 1 (um), formando o décimo terceiro. A explicação é a seguinte: o número 12 no círculo obedece a uma divisão porque cada um dos pilares reflete uma divisão no chão do salão de baile, ou círculo sagrado. O chão está dividido em doze faixas, seis das quais na cor azul e as outras seis em amarelo. Devemos lembrar que estas faixas pintadas por todo o círculo estão expostas de forma intercalada e dizem respeito a relação entre o céu e a terra.

Faz parte ainda do desenho arquitetônico do barquinho Santa Cruz um grande cruzeiro simbolizando Jesus rodeado por 12 pilares, ou seja, os 12 apóstolos. Os Apóstolos são relacionados às 12 horas do dia; o dia é o próprio Cristo, mas Zeno de Verona compara:

“Os 12 Apóstolos aos 12 raios de sol, isto é, aos 12 meses. (Trac. II, 9, 2). Mas há um outro trecho mais explícito: Cristo é o dia verdadeiramente eterno e sem fim, que tem a seu serviço as doze horas, nos Apóstolos, e os 12 meses os Profetas.” (Op. cit. 116).

Para São Cipriano, as 12 horas e os 12 meses representam os Apóstolos, sendo que as 4 estações do ano e as 4 divisões dos dias seriam os quatro evangelhos (19; C. S. E. L., 23-26). Cristo, o Salvador, pode ser pensado também enquanto o sol que surge no horizonte, então se dia, sol, ano eram Cristo, é preciso chamar de horas e meses os Apóstolos. (Ben. Moisés; P. O., XXVII, 171 cit. In Danielou, 116-117). Fora isso, o número 12 está associado aos 12 signos do zodíaco e estes, relacionados aos doze apóstolos, aos 12 patriarcas, e a 12 astros que regem 12 regiões celestes (Op. cit. 120).

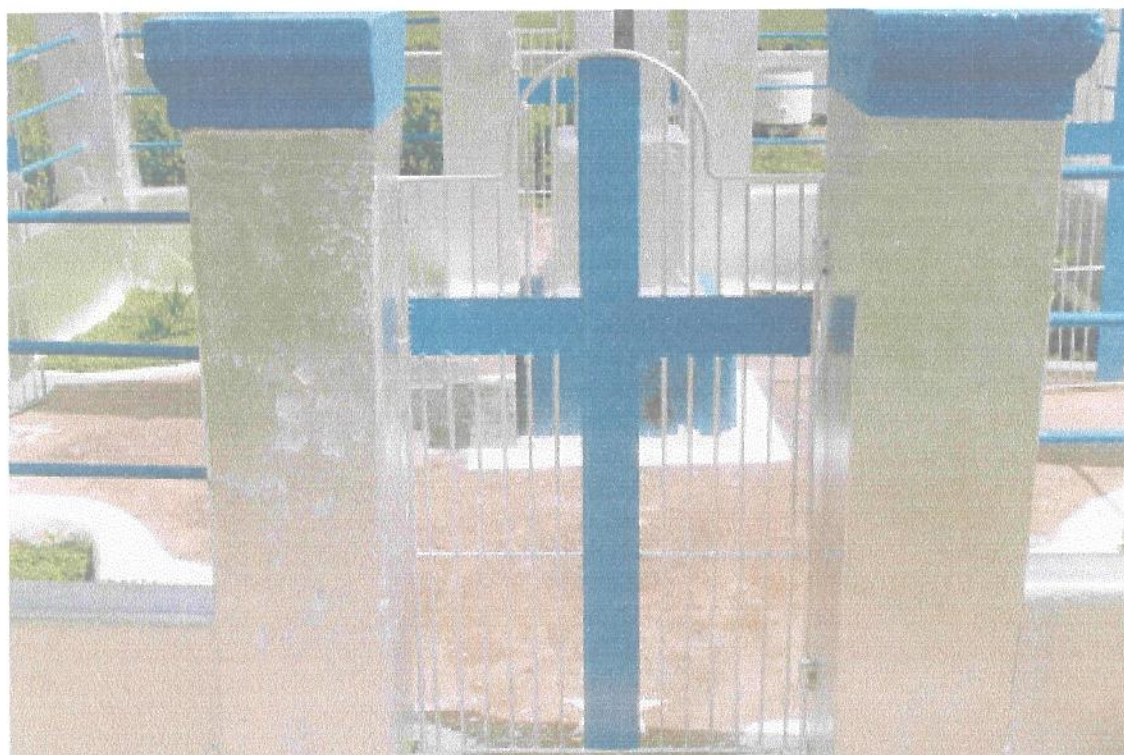
O cruzeiro é o grande mastro do barquinho Santa Cruz. No centro deste cruzeiro estão escritas as seguintes palavras: Amor, Verdade e Justiça. Essas três palavras sintetizam o lema da missão e a relação de seus integrantes desde a época de sua fundação com o Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento. O amor é sinônimo da imortalidade, e através dele será possível chegar ao reino imortal. O amor purifica. A verdade é poder, é hierarquia; no seu topo encontra-se Deus. A justiça é o equilíbrio universal; o equilíbrio de forças. (C. E. C. P. 1963: 14-15).



O cruzeiro, rodeado por doze pilares representando os 12 apóstolos. Verificamos ainda quatro portas simbolizando os quatro pontos cardeais. Acima do cruzeiro estão escritas as palavras amor, verdade e justiça, típicas da filosofia do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento.

Essas três palavras convergem na principal finalidade daquele local: a Caridade, pois, em todos os trabalhos se presta assistência aos necessitados no visível e no invisível. No cruzeiro, pode-se perceber um coração com 12 estrelas expressando os mistérios da paixão e morte de Cristo. Ele é constituído e iluminado por 33 lâmpadas que representam a idade na qual Cristo morreu. Sobre o chão da área do cruzeiro foram desenhadas 12 estrelas significando os 12 Apóstolos de luz. Além disso, este lugar tem 4 portas de acesso representando os 4 pontos cardeais. Estes pontos expressam as quatro direções do espaço: Norte, Sul, Leste e Oeste. Muitas crenças que dizem respeito a origem da vida são articuladas em torno dos eixos que cruzados formam uma cruz, Norte-Sul, Leste-Oeste que juntos com o zênite-Nadir representam o espaço cósmico, bem como o destino humano. O "zênite" é proveniente do árabe

e quer dizer caminho reto acima do observador; a linha vertical perfura a camada celeste sobre o horizonte; já “” “nadir” também é uma palavra árabe que quer dizer justamente o oposto, final de uma linha vertical que sairia dos pés do observador, perfurando o centro da terra para o infinito. (Chevalier, 1990: 970). O espaço torna-se um quadro do mundo que acabou de sair do caos, nele se desenvolvem todas as energias.



Uma das portas de acesso ao cruzeiro. Cada uma das portas carrega em seu detalhe uma cruz.

O cruzeiro, juntamente com as 12 colunas simbolizam também um terço. Este terço pode ser visto nos dias de trabalhos no interior da Igreja, através do posicionamento das velas. Pode ser considerado também como um grande mastro de sustentação da Barquinha nos dias de festas oficiais.

“São os 12 apóstolos e o poste principal é a cruz, os 12 apóstolos rodeando Jesus. É um mistério dentro do outro, você vai afunilando até chegar... são 12 pilares junto com o cruzeiro e afunilando pra dentro tem o coração de Jesus. Dentro estão 12 estrelas representando os 12 apóstolos e o mistério da coroa de espinho que são os sacrifícios de Jesus. (F. H. A. N.) O cruzeiro é a referência por onde todas as almas

antes de serem doutrinadas permanecem em penitência, permanecem antes de receberem a doutrinação lá no altar. Elas ficam aos pés do cruzeiro que representa... a cruz para nós tem um grande significado. Nós temos a mesma consideração que nós temos com Jesus, nós temos com a cruz, porque a cruz para nós é a representação mais legítima de Jesus; é onde Jesus morreu por nós para garantir a salvação, verteu seu sangue sobre a cruz para nos garantir a salvação. Então, no dia de finados, que é o dia das almas, dedicado às almas, nós fazemos a doutrinação das almas. Ao invés de fazer a doutrinação lá no altar, fazemos direto aqui nos pés do cruzeiro, apenas nesse dia, 02 de Novembro.”¹¹¹

Do lado oposto de quem entra no **centro**, é possível observar na arquitetura do parque um cálice. O cálice é um instrumento cristão de consagração. Tomando o Daime se comunga e é previsível estabelecer um elo de ligação com a palavra sagrada de Deus. Dentro do cálice sagrado cristão, encontramos pois, o sangue de Cristo.



Visão oposta do parque. Por este ângulo é possível percebê-la enquanto um cálice sagrado.

“O simbolismo tão amplo da taça [cálice] se apresenta sob dois aspectos essenciais: o vaso de abundância e o vaso que contém a poção da imortalidade. No primeiro caso, ela é muitas vezes comparada ao seio

¹¹¹ Francisco Hipólito de Araújo Neto. Rio Branco, 07/12/95.

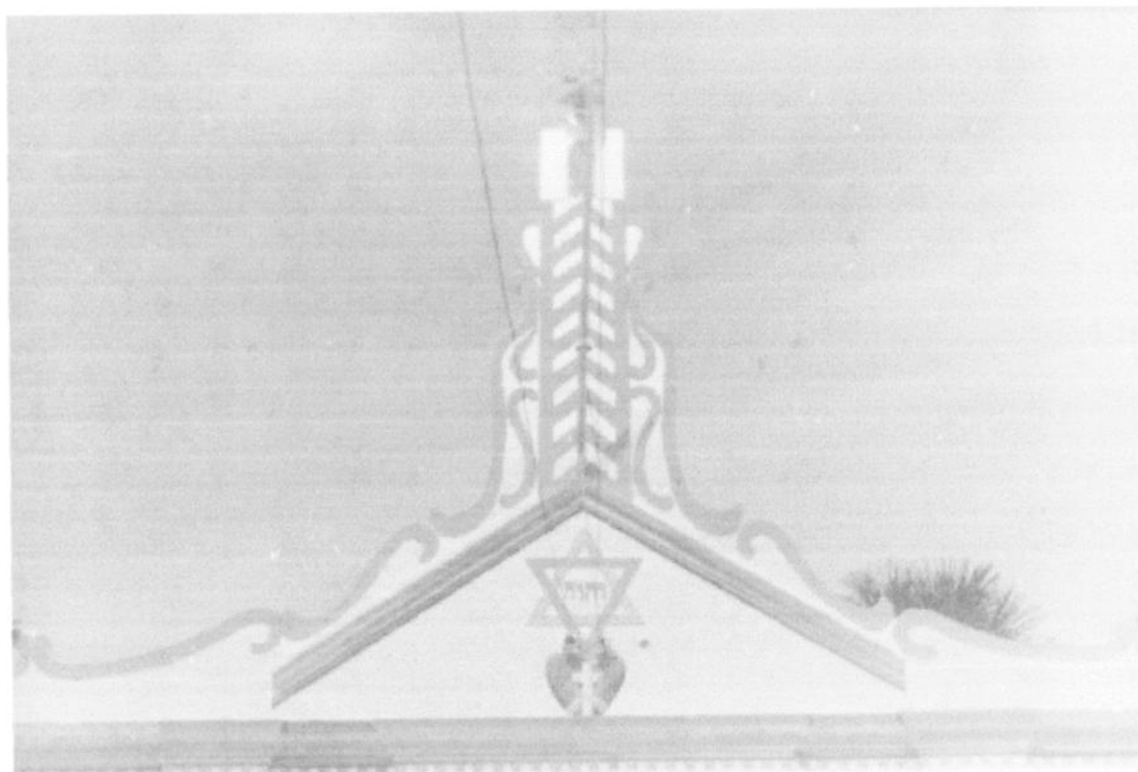
materno que produz o leite. Uma inscrição gaulo-romana de Autun, dedicada a Flora, compara a taça de onde corre a graça com o seio de onde emana o leite que alimenta a cidade (Devoucoux). O simbolismo mais geral da taça aplica-se ao Graal do medievo, cálice que recolheu o sangue de Cristo e que contém simultaneamente - as duas coisas se identificam, no fundo - a tradição momentaneamente perdida e a bebida da imortalidade. O cálice contém o sangue - princípio de vida." (Chevalier, 1990:858).

No centro deste cálice, que representa o corpo e o sangue de Cristo, há uma luz sobre uma **barquinha** que está sobre um coreto. A **barquinha** é considerada a viagem e sua luz o Daime, o mar sagrado, a luz que irradia o salão de baile onde fica a borda do cálice e que também se une as luzes dos 12 pilares, ou 12 apóstolos que irradiam os presentes no círculo sagrado que está ao redor deste coreto. Ele, o círculo, também é chamado de salão de baile. Completando o conjunto arquitetônico deste lugar, observamos 12 bancos de concreto. Estes 12 bancos representam também os 12 apóstolos e o coreto que fica ao centro do círculo simboliza, como já afirmamos, Jesus Cristo, o décimo terceiro.

"Olhando a planta, olhando na planta, dá pra ti perceber direitinho um barco, né? a parte de trás nós chamamos de polpa, né? então aqui seria a polpa, na entrada. E ali que já faz parte do cálice, de lá pra cá, da porta da Igreja tu vê um cálice. Ao contrário, daquela entrada nós vemos um barco que vai desembocar naqueles pés do cálice, lá no pé da Igreja. Aqui no mastro... a proa, da polpa à proa. Isso aí é até a visão de trabalho mesmo. Quando tudo tá embandeirado é um barco perfeito. No próprio coreto nós temos o barquinho simbolizando as viagens, em cima do coreto nós temos o barquinho simbolizando a viagem, né? a viagem são as romarias, é a missão como um todo, que carrega dentro de si toda a irmandade e não só isso, mas todas as almas que são doutrinadas passam por aqui, por essa passagem, pela barquinha. De lá pra cá dá pra ver o cálice tranqüilo, isso aqui só se percebe quem tiver feito um trabalho no Daime. Daqui pra lá você percebe o trabalho todo embandeirado em dia de festa, dá pra ver perfeitamente a barca daqui, a polpa aqui ao seu redor afunilando no centro do bandeirame principal, onde é colocado aquele mastro, onde é colocado as bandeirinhas que vai se unir com a Igreja... é ligada com a Igreja, a barca é ligada a Igreja, a barca está de

encontro a porta principal da Igreja. Ela fecha ali, mas tem uma ligação com a Igreja. A barca é a viagem que nós fazemos durante todo o tempo da nossa existência.”¹¹²

À frente do parque encontra-se a Igreja, local onde termina o desenho arquitetônico da barca, que abriga os participantes das sessões. Dentre os símbolos de sua fachada podemos observar inicialmente três cruzes sobre três pequenas torres. Elas representam o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Na pequena torre que fica muito acima da porta central há uma imagem de São Francisco no seu interior, na torre da direita Mártir São Sebastião e na torre da esquerda São José, os três principais mentores dos trabalhos espirituais da casa.



Parte frontal da Igreja com vários símbolos importantes: o coração, a cruz, as fitas, a estrela de salomão, a pomba, os fios azuis e São Francisco.

“É não só o sinal da cruz, ,as o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Lá em cima é São Francisco, do lado direito nosso, São Sebastião e do lado esquerdo, São José, representando as três romarias.”¹¹³

¹¹² Francisco Hipólito de Araújo Neto. Rio Branco, 07/12/95.

Os três arcanjos, Miguel, Gabriel e Rafael também estão presentes na simbologia da **barquinha**. Na literatura religiosa há somente sete arcanjos, seres com alto grau de poder que dominam a nossa cultura artística e literária. Existe uma variação nos nomes de religião para religião, mas é correto afirmar que todas as quais acreditam em anjos incluem Miguel, Gabriel e Rafael. Os três trabalharam para Deus e dois deles tiveram uma grande relevância: Miguel e Gabriel.

Miguel foi o líder vitorioso dos sete arcanjos. Tem a lança da autoridade e o estandarte da ressurreição. Foi ele quem libertou o Reino dos céus dos anjos rebeldes que desobedeceram a Deus, o criador. Já o Arcanjo Gabriel foi enviado por Deus até a Virgem de Nazaré, para fazer a anunciação da chegada de Jesus.

Estes três arcanjos estão representados na arquitetura através de três pombas. Duas delas ficam ao lado das duas pequenas torres, a da esquerda e a da direita. À frente da torre mais alta, que está no centro da Igreja, avista-se a terceira pomba que chefia esta legião e lá está Miguel.

Ainda na entrada da Igreja encontram-se três corações. Um ao centro, outro do lado direito e por fim um outro ao lado esquerdo. As portas e portões também delimitam os lugares do espaço, espaço **sagrado compartimentado**, compartimentado não só à nível de estrutura física, mas à nível de idéias e de sentimentos.

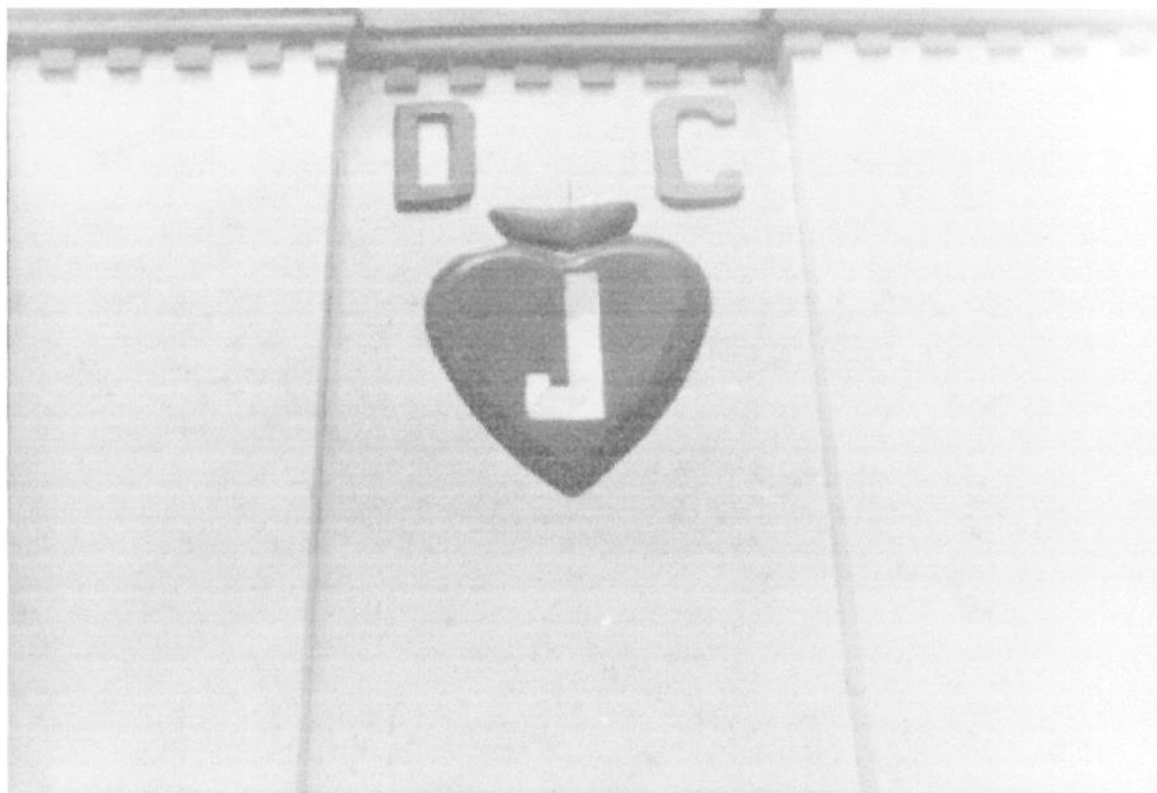
¹¹³ Idem.



Corazón do lado esquerdo da Igreja com as iniciais D C M (Divino Corazón de Maria).

“Corazón parece simbolizar el receptáculo de lo que es más esencial en cada ser: en él está encerrada nuestra herencia adámica transmitida de padres a hijos, el Dios escondido en el hombre, el recuerdo de la Unidad Primordial, la raíz de lá que brotará la regeneración del hombre, el misterio del que hablan todas las tradiciones. A causa de la caída original, este corazón se ha vuelto de piedra y se ha convertido en la prisión de la semilla santa, del fuego celeste. Este don divino llamado gracia por los cristianos, es lo que inicia lo proceso de regeneración y que libera la luz santa encerrada en el corazón. Por la operación del agua de la gracia y del fuego del amor, el corazón se purifica progressivamente hasta que luzca de la luz del día. El corazón puro es una consecuencia de la acción del don divino en el hombre. Una vez abierto y limpio, el corazón es capaz de germinar bajo el influjo divino y dar el fruto de inmortalidad, convirtiéndose en el símbolo del ser vivo por excelencia así como de la fuente de la que mana la vida sobre la tierra. En el cristianismo, el corazón del hijo de Dios abierto en la cruz es el símbolo de la salvación del hombre; de él mana la sangre de resurrección. Del corazón de Cristo brota el agua de la vida, como canta um himno de la fiesta del corazón de Jesus: ‘del corazón abierto nace la Iglesia, unida como esposa a Cristo. Esta es la puerta al costado del arca, abierta para la salud del pueblo.’ El corazón de Cristo se presenta inflamado. (...) el corazón de Cristo es el símbolo del fuego divino, del eter que ha bajado sobre la tierra y habita ella. Dijo Cristo (Lc. XII - 49): ‘vine para traer el fuego sobre la tierra’. Y Moisés (Dt. IV - 36): ‘has oído la voz de su gran fuego sobre la tierra.’ Este es el sentido de las siglas I. N. R. I elevadas sobre la cruz y que en el rito XVIII de la Masonería se leen así: Igne Natura Renovatur Integra (por el fuego toda la

natureza será renovada). 'El agua de la gracia es lo que hace que el corazón mortificado se funda y lo que separa en nosotros la vida pura de la mugre de la muerte. El fuego del amor es lo que fecunda el corazón depurado y lo multiplica en la gloria de Dios.' (Montblanch, 1977:26-27).



Coração do lado direito da Igreja com as iniciais D C J (Divino Coração de Jesus).

Acima da porta que fica no lado direito está um coração com as iniciais D C J: Divino Coração de Jesus. A parte direita é reservada ao assento dos homens. Por outro lado, no setor esquerdo da Igreja, acima da porta lateral encontramos um coração com as iniciais D C M, ou seja, Divino Coração de Maria. Este setor é reservado ao assento das mulheres. Pela ordem divina, a Igreja torna-se dividida ao meio durante os trabalhos realizados no seu interior. Com este tipo de divisão, as tentações carnis tão comuns no mundo profano tendem a ser afastadas.

"São três cruces. Uma com um laço significa a união do amor, a união da irmandade, a união do amor da irmandade porque aquele laço na cruz tá o coração com a letra M e outro coração com a letra J, é... D C J, Divino Coração de Jesus e Divino Coração de Maria."¹¹⁴

¹¹⁴ Manuel Hipólito de Araújo. Rio Branco, 30/08/95.

Acima da porta principal de entrada da Igreja encontramos a estrela de Salomão. A estrela, de um modo geral significa uma das primeiras ligações do céu e da terra. A estrela torna-se o primeiro símbolo por onde inicia o Novo Testamento. Observar as estrelas é ir de encontro com a sabedoria.

A estrela marca o compromisso entre o céu e a terra; sua luz demonstra o caminho da regeneração, é quando o amor do céu abraça a terra.

A estrela de Salomão representa na Barquinha as forças de Salomão, que expressam um sentido de guarnição dos rituais lá apresentados. Esta estrela é a essência combinatória entre a ciência e o espírito. Ela se posiciona no centro, na porta de entrada da Igreja, é pois o equilíbrio, a mistura de duas partes que inclusive podem ser percebidas na própria arquitetura.

O selo de Salomão está presente na filosofia do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento,¹¹⁵ princípios estes que estão configurados na Barquinha. Para o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento o selo de Salomão:

“É o selo de Osíris, é o selo de todo iniciado. Tens agora o esquadro e o compasso, para edificar o templo da ciência e da fé. A cor branca, pela qual se acha rodeado este signo, te indica que por mais que alongues a tua vista, nada verás ao teu redor, estás num deserto; estás num deserto, a tua roupa já a deixaste atrás, porque não te servia mais. Só poderás sair desse deserto por meio deste signo. Ele representa o equilíbrio universal; e é preciso que, pela comparação, estabeleças a lei do equilíbrio entre a sua fé e a tua ciência, para depois estabeleceres este equilíbrio. Essa cruz, que é o emblema do infinito, é formada por seis triângulos opostos dois a dois, para te mostrar que é preciso guardares o teu equilíbrio no meio da escuridão em que te achas. Ela é azul, porque a

¹¹⁵ Daniel Pereira de Mattos, bem como Irineu Serra eram filiados ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, daí toda a representação simbólica herdada desta filosofia.

sua luz é fraca, e debes medir o teu passo para não caíres no abismo. O triângulo (com a ponta para cima) representa o fogo, e o triângulo (com a ponta para baixo) a água: assim, debes misturar o fogo com a água em quantidades proporcionais; debes equilibrar o calor da tua imaginação com a frieza da tua inteligência, para que não haja explosão. A química espiritual é absolutamente análoga à química física. É preciso que compreendas a analogia que existe entre o fogo e a água ou a imaginação e a inteligência, porque o equilíbrio resulta da analogia dos contrários. A liberdade da tua imaginação deve ser dominada pela autoridade da tua inteligência, assim como teu ser inferior. Sabe que os triângulos são seis: a religião e a ciência, a imaginação e a inteligência, o corpo físico e o Astral. Estes triângulos são dispostos em escala para representarem a ordem que debes seguir no teu desenvolvimento. Os triângulos do centro são: a religião em cima e a ciência em baixo; à direita, a imaginação em cima e a inteligência em baixo; à esquerda, o corpo físico em cima e o Astral em baixo. Unirás o Mercúrio macho macho ao mercúrio fêmea, como fazem os alquimistas; o corpo físico ao astral, a imaginação a inteligência, a fé à ciência, e obterás um equilíbrio indestrutível; terás feito o ouro espiritual." (Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, 1963:09).

Dentro deste triângulo está uma inscrição em hebraico que contém as seguintes letras: IOD, HÊ, VÔ, HÊ. Ou seja, em Deus existe três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

IOD - Esta é a primeira letra do nome sagrado. Ela está representada em hebraico por uma espécie de vírgula com um ponto em cima.

"O ponto representa a idéia eterna, imperscrutável, una e imperceptível a toda criatura. Aquela vírgula é um vô minúsculo; no alfabeto siníaco, o vô é representado por um círculo; O círculo representa o universo emanado do primeiro princípio, e assim como a circunferência é infinita, o espaço é infinito. O vocábulo IOD (IUD), deriva-se de IaD (Mão) e de IU (Io, Deus), significando, assim, onipotência do verbo divino, porque nos antigos mistérios a mão era símbolo de poder. A figura do IOD também se representa por três riscos verticais, apoiados em um risco horizontal. Assim figurado, o IOD representa os três sumos poderes do uno-único. A letra IOD é o signo correspondente ao número 10. Já vimos que o IOD pode ser representado por uma circunferência com um ponto no centro. O ponto corresponde à unidade, ao primeiro princípio, ou uno-único. 'O uno único - diz Philolao - é o Pai dos seres, Pai e Demiurgo do mundo.' 'A suprema unidade - dizem os antigos filósofos chineses - é simplicíssima, eterna; sem princípio nem fim, é princípio e fim de tudo o quanto existe; está em todas as partes, dando calor e vida no seu seio ao

universo-mundo.' O número 10 representa Deus e o Universo, o infinito e o finito." (Op.cit. 24-25).

HÊ é a segunda letra e, ela compõe-se de um ângulo reto e de um vô.

"O ângulo reto, segundo os pitagóricos, é representação da realidade sensível. A letra vô é representação do fogo vivo ou luz divina. Assim, o fogo vivo se infunde na realidade sensível, para gerar e criar todas as coisas e todos os seres. O nome da letra HÊ (EA) é vocábulo feminino e denota existência e essência reais. O número correspondente à letra HÊ é o número cinco. Cinco, em hebraico, se diz HaMeSch: é formado de HaM e Asch. A raiz HaM denota calor; Asch, significa fogo; Asch = Isch, ser, existência. O fogo era, nos antigos mistérios, símbolo da essência de cada ser. Assim, o vocábulo HaMeSch, cinco, significa existência e essência reais, significado este que corresponde em tudo ao da letra - HÊ. O signo do pentagrama, ou estrela de cinco pontas era o caráter hieroglífico que representa o número cinco, nos antigos mistérios." (Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, 1963:25-26).

VÔ - é a terceira letra, representada por um cravo ou gancho.

"O cravo, elemento fundamental da escritura caldaica, era representação da inteligência, o verbo divino. O cravo representa também a união. No alfabeto siríaco, o VÔ é representado por um círculo. O círculo é um dos hieróglifos primitivos do Egito e da China; para o vulgo era a representação do sol; para os iniciados, essa imagem heliaca era símbolo:

a) do verbo divino e do seu glorioso esplendor, enquanto poder criador;

b) da causa operante diretora (AUR, luz, Gênese, I, 3, 4, 5); isto é, do Mirum Agens Occultum, chamado por Platão de Anima Mundi (Alma do Mundo);

c) da causalidade universal;

d) da causa motriz;

e) da essência luminosa, dos seres vivos;

f) do dinamismo causa e fundamento das propriedades inerentes em tudo quanto existe com atributos de espaço e tempo.

O número correspondente à letra VÔ é seis, que se diz em hebraico ScheSch. O vocábulo ScheSc significa resplendor, luz, claridade, valor equivalente ao da letra VÔ." (Op. cit. 26).

HÊ - quarta letra do nome sagrado. É a mesma que a segunda, mas está em uma fase inferior que a primeira. Ela indica um estado passageiro e transitório. (Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento).

O Pai, aquele que criou tudo, denomina-se com o nome cabalístico IOD e seu reinado foi até a vinda de Cristo sobre a terra. O nome do filho - que para a filosofia do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento era o destruidor da matéria - é lah e começou a reinar na era cristã e acabou-se no início do século XIX. Já o Espírito Santo é o regenerador de todas as coisas; seu reinado, por sua vez, teve início no princípio do século XIX e o seu nome é laho.

“A letra IOD representa a Mãe expressa no filho, porque em Deus não se admite a mulher, que é o símbolo da fraqueza; a letra VÔ representa o Espírito Santo, o amor do Pai para com o filho e do filho para com o Pai, a RUAH-ELOIM ou sopro Divino; a quarta letra ou segundo HÊ representa a segunda natureza do filho; o primeiro HÊ representa a natureza Divina e o segundo a natureza humana, contidas em Jesus Cristo, IEsChU, que significa Deus encarnado pelo amor. O primeiro atributo de Deus é o tempo (Saturno dos latinos), símbolo da eternidade. É o emblema do Pai Eterno, que se divide em três partes: passado, presente e o futuro. O segundo é o espaço, que representa o infinito, que se divide em longitude e latitude; é o símbolo da cruz e do Cristo. O terceiro é a matéria, que se divide e se subdivide indefinidamente pelo movimento perpétuo e universal, símbolo do Espírito Eterno, que é a alma do mundo, ou o Espírito Santo. Tudo o que existe na natureza passa por esse triângulo místico, isto é, tudo cresce, se destrói e se reproduz. O grande nome de Deus adorado pelos sábios filósofos de todo o universo é JeHoVaH ou antes IEVE.

O nome IEVE, escrito da direita para a esquerda (EVEI), como escrevem-no os hebreus, forma uma escala igual à escala formada pelas palavras HARMONIA + AMOR + VERDADE + JUSTIÇA.

E	+	V	+	E	+	I
HARMONIA		AMOR		VERDADE		JUSTIÇA

As quatro letras iniciais formam a palavra HAVI, que significa o mesmo que EVEL. O nome de JeHoVaH deriva-se do termo caldaico HaVaH, que significa aquele que é eterno. Este nome indica a eternidade de Deus: a sílaba le indica o futuro; Ho significa o presente, e VaH, o passado. Ele era conhecido pelos caldeus, egípcios e outros povos e é dele que os romanos formaram o seu Iovis, assim como existem alguns sinais desses nomes na Índia. Só os grandes iniciados puderam saber a sua verdadeira pronúncia, que é o verdadeiro segredo da magia.” (Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, 1963:27-28).

A estrela de Salomão se combina à estrela de Davi que pode ser encontrada também no fardamento dos adeptos da Barquinha. A estrela de Davi pode ser nominada de estrela dos Magos, ou o “selo dos sábios”. Este símbolo é composto por partes que se completam, porque estão representados por dois triângulos equiláteros. Para alguns autores, a ponta do triângulo para cima é o masculino, ou ativo, e para baixo, o feminino, ou passivo. Esta estrela pode ser pensada também como:

“la montaña y la caverna. Es en cierto modo, lo mismo que la montaña y el pozo. Podemos ver en la estrella de David la reunión de los cuatro elementos. Estos son los siguientes: Fuego, tierra, aire, agua. Si unimos los dos triángulos, o sea el cielo y la tierra, como si lo hacemos con los cuatro elementos o, lo que es lo mismo, las cuatro letras del nombre de Dios, el resultado es el mismo: la estrella de David. Esta estrella, unión del cielo y de la tierra, es asimismo un símbolo de la luz. (...) Podemos considerar la estrella de David desde dos puntos de vista: el exterior y el interior. Desde el punto de vista exterior, esta estrella de seis puntas bien podría aludir al hombre, ceado en el día sexto, y a su redención. Si consideramos esta estrella desde su interior, nos encontramos con el hexágono, símbolo que se ha asociado desde antiguo a la abeja. En hebreo **dbrah**, que corresponde a dabar, palabra, que podemos asociar simbólicamente con el corazón. Ela é La estrella de los sabios o de los magos. El sabio sigue pacientemente los pasos de esta estrella luminosa. (...) La reunión de los dos triángulos, la reunificación del nombre o la unión de los cuatro elementos simbolizan esa visión con la cual Dios enseña a los ‘hombres clarividentes’, o sea aquellos que han visto esta claridad, como si de un alfabeto se tratara.”

Em resumo, para os marinheiros do mar sagrado, a estrela do Rei Salomão significa o símbolo do mistério da sabedoria e a estrela de Davi, representa a estrela guia, quando ele se guiava pelos astros. É assim que foi encontrado Jesus através dos três reis magos.

Ainda na fachada da Igreja encontramos três cruzes. A cruz central, acima da porta principal contém um laço que diz respeito a união da

irmandade entre si e com os seres celestes. Este laço diz respeito ainda a união do céu e da terra.

As cores são de extrema relevância para a compreensão do espaço porque as cores também têm seu valor nas influências astrais, e uma natureza sensitiva, pela vista e observação da cor do rosto e da roupa de uma pessoa observada. Por isso o invisível é analógico ao visível. As cores da roupa de uma pessoa são quase as mesmas que a atmosfera astral que a envolve, e dos pensamentos que a preocupam. Na Barquinha, as cores têm o seguinte significado:

a) Azul - representa o céu, domínio pleno onde estão as entidades celestes. Ornar o espaço de azul é dizer que a cor está manifestando o sagrado absoluto; b) Branco - o símbolo da paz; é a cor da pureza e da alegria; mas é verdade que sem a sombra a luz não existiria. Ela é a morte da luz. Chegará um dia, segundo eles, em que a luz vencerá definitivamente a sombra ou as trevas; c) Amarelo - cor da iluminação celestial. Em muitos lugares da Barquinha o amarelo significa a irradiação sagrada proveniente do céu; d) Verde - sinal de felicidade. Pode ser considerado também como sinal de cura e de resolução positiva; e) Roxo - luto; f) Vermelho - sangue, paixão e sentimento.

Devemos lembrar que todas essas cores são especiais na construção do repertório simbólico do espaço, mas duas delas podem ser vistas na maior parte da arquitetura: o azul e o amarelo. Esta segunda funciona como uma imanação do celeste (azul) através de chuvas de luzes enviadas por entidades celestiais.

“Determinadas cores simbolizam os elementos: o vermelho e o laranja, o fogo; o amarelo ou branco, o ar; o verde, a água; o preto ou castanho, a terra. Elas simbolizam também o espaço: o azul, a dimensão vertical: azul-claro no alto (o céu), azul-escuro na base; o vermelho, a dimensão horizontal, mais clara a oriente, mais escura a ocidente. Elas simbolizam ainda: o preto, o tempo; o branco, o intemporal. O simbolismo da cor pode assumir também valor eminentemente religioso. Na tradição cristã, a cor é uma participação da luz criada e incriada. ‘O verbo de Deus é chamado luz que procede da luz.’ “. (Chevalier, 1990 :275).

No Centro da Igreja, acima da porta principal e dos símbolos encontra-se um símbolo que em nada se compara aos outros arquitetonicamente falando. São fios azuis que convergem para o alto, produzindo uma imagem bastante interessante. Esta representação nada mais é do que a imagem do firmamento, a ascensão ao Céu. Os fios na proporção vertical, simbolizam a ligação do céu a terra.

Pode-se deduzir que a parte central da Igreja é a combinação de todos os elementos, ou seja, a porta central congrega as duas portas laterais, que por sua vez associa-se a duas divisões; é a união do feminino e do masculino, do céu e da terra, de São Sebastião e São José, que auxiliam São Francisco, que está no Centro, dos arcanjos Gabriel e Rafael, ligados a Miguel e tudo relacionado a Deus no firmamento. A entrada principal da Igreja é o equilíbrio de dois pólos. Esta porta está em uma posição horizontal, estrategicamente falando, que circula na mesma linha que os principais símbolos do espaço, que constituem os eixos dos lugares e, num deles (a mesa) encontramos o principal.

O castelo azulado, um outro lugar, é onde o Presidente recebe mensagens provenientes do “invisível”. Estas mensagens são transmitidas por entidades de luz em forma de salmos que compõem o hinário. Segundo Manuel Hipólito de Araújo, o Castelo Azulado é a residência

oficial do Presidente e de sua família. O Castelo azulado já existia antes da sua construção arquitetônica e fica no Astral. No Astral, ele é um Castelo de Cristal e está em um monte designado Monte Azulado, daí a denominação Castelo do Monte Azulado. Neste lugar sagrado circulam anjos e outras entidades sagradas.



O Castelo Azulado, local onde o Presidente recebe os salmos sagrados e os repassa aos adeptos.

“Em geral, o castelo está situado em lugares altos ou na clareira de uma floresta: é uma construção sólida e de difícil acesso. Dá a impressão de segurança, mas de uma segurança no mais alto grau. É um símbolo de proteção. Todavia, sua própria localização, isola-o um pouco no meio de campos, bosques e colinas. E o que ele encerra, separado assim do resto do mundo, adquire assim um aspecto longínquo, tão inacessível quanto desejável. Por isso, o castelo figura entre os símbolos da transcendência: a Jerusalém celeste toma a forma, nas obras de arte, de uma fortaleza erigida de torres e torreões pontiagudos, situados no cume de uma montanha. (Chevalier, 1990:199).”

O castelo azulado demonstra uma grande semelhança com o castelo branco que é ***“um símbolo de realização, de um destino perfeitamente cumprido, de uma perfeição espiritual. O castelo da***

iluminação dos cimos dos montes, e que se confunde com o céu, será o lugar onde a alma e seu Deus estarão eternamente unidos e gozarão de sua recíproca e imarcescível presença.” (Op. cit).

“O Castelo Azulado no Astral, ele existe. Existe que é justamente aonde eu recebo as mensagens. Eu me desprendo no invisível e nesse mistério do Castelo Azulado é onde eu recebo as mensagens divinas para esta casa, trazidas por Daniel Pereira de Mattos. Por isso é que eu fiz essa miniatura aqui, porque é onde eu moro e é onde eu recebo materialmente as mensagens, depois de estar em contato com o invisível. Essa mensagem do Castelo Azulado foi Daniel quem trouxe, é um salmo dele, tem um salmo chamado Castelo Azulado. Ele é habitado por seres divinos, onde trabalham com a espiritualidade em comunicação com esta casa. São os seres divinos que trabalham lá. De lá vem as mensagens divinas para esta casa. Daqui eu vou buscar lá as mensagens para distribuir aqui com os meus irmãos. As mensagens são os hinos, são os salmos que são escritos em louvores à Deus e a sempre Virgem Maria, salmo de instrução, salmos de chamadas espirituais pelo mistério dos exércitos de Jesus, etc.”¹¹⁶

Observamos que o Castelo Azulado tem uma importância fundamental para o andamento dos trabalhos. Ele, o Castelo, é um local de instruções que por sua vez, são repassadas aos fiéis da casa através do Presidente. O Presidente e Padrinho voa até o Astral e lá mantém contato com seres iluminados, ou divinos, tendo como interlocutor Daniel Pereira de Mattos, o fundador da missão. Neste Castelo do monte azulado, as mensagens são transmitidas através de canções com uma fantástica representação simbólica. A construção arquitetônica do Castelo do monte azulado expressa um microcosmo, ele está construído ao lado da Igreja, paralelo a ela, e reflete uma íntima relação.

No Castelo azulado há um sino. O simbolismo do sino, geralmente, está ligado à percepção do som. O sino corresponde a um dos elementos essenciais da Barquinha, pois, é através dele que os marinheiros do mar

¹¹⁶ Manuel Hipólito de Araújo, Rio Branco 30/08/95.

sagrado são chamados para viajar. Ele é o som do embarque, o convite para se tomar o Daime e navegar sobre as suas ondas.



O sino da Barquinha está dentro do Castelo Azulado. Ele representa o convite de embarque dos marinheiros do mar sagrado.

Ao adentrar na Igreja, há um belo desenho de dois anjos carregando uma grande coroa. Este desenho - no período da permanência de Antônio Geraldo na Presidência - ficava justamente sobre a mesa em forma de cruz, tendo em vista que a Igreja ainda não havia sido ampliada. Hoje, ele se encontra sobre o local onde sentam os médiuns que trabalham durante as performances rituais da casa. A coroa diz respeito ao mistério de união entre o céu e a casa e o sentido de que a pessoa que conduz a casa é digna do uso deste símbolo que é um selo de compromisso.

“O simbolismo da coroa fica a depender de três fatores principais. Sua colocação no alto da cabeça lhe confere um significado supereminente: ela participa não só dos valores da cabeça, cimo do corpo humano, mas dos valores do que sobrepuja a própria cabeça, um dom

divino vindo de cima; ela assinala o caráter transcendente de uma realização qualquer bem-sucedida. Sua forma circular indica a perfeição e a participação da natureza celeste, de que o círculo é o símbolo. Ela une, na pessoa do coroadado, o que está abaixo dele e o que está acima, mas fixando os limites que, em tudo que não é ele, separam o terrestre do celestial, o humano do divino." (Chevalier, 1990: 289).

Dentro da Igreja, há um lugar cercado por grades de ferro. Este local é onde sentam os médiuns que trabalham na casa e desempenham tarefas específicas. Dentre elas, a assistência às entidades em obras de caridade e trabalhos para desfazer serviços de quimbanda. É importante ressaltar que o "cercadinho" está dividido em dois lados: um deles, o lado direito de quem entra na Igreja, está reservado para os homens, e a parte esquerda para as mulheres. Devemos lembrar que a formalidade dos trabalhos da Igreja devem obedecer este critério, que visa afastar ambos os sexos das tentações carnis e profanas. Desta forma, aqueles que sentam na mesa em forma de cruz, a assistência, isto é, lugar que está fora do cercadinho e que é destinado a fardados que não desempenham tarefas muito importantes, mas que também auxiliam os trabalhos e a audiência, lugar reservado para os visitantes, obedecem a esta norma, presente inclusive na doutrina daimista.

A experiência do sagrado demonstra uma fundação do mundo. Mestre Daniel, ao tomar contato com o sagrado fundou a missão e revelou o real, distanciando-se do mundo profano e de ilusão. Esse espaço projeta um centro. É deste centro que provém as orientações sagradas através da mesa em forma de cruz. A mesa em si é a cruz, que representa para os participantes da casa o símbolo da salvação, na qual Jesus verteu o seu sangue.



O principal símbolo do interior da Igreja, a mesa em forma de cruz. É desta mesa que a maioria dos trabalhos da casa são conduzidos.

A cruz também representa um símbolo de orientação espacial, pois, ela aponta para os quatro pontos cardeais.

“A orientação total do homem exige... um triplo acordo: a orientação do sujeito animal com relação a ele mesmo; a orientação espacial, com relação aos pontos cardeais terrestres; e, finalmente, a relação temporal com relação aos pontos cardeais celestes. A orientação espacial se articula sobre o eixo Este-Oeste, definido pelo nascer e Pôr-do-sol. A orientação temporal se articula sobre o eixo de rotação da terra, ao mesmo tempo Sul-Norte e em baixo - em cima. O cruzamento desses dois eixos maiores realiza a cruz de orientação total. A concordância, no homem, das duas orientações, animal e espacial, põe o homem em ressonância com o mundo terrestre imanente; a das três orientações, animal, espacial e temporal, com o mundo transcendente supratemporal transcendente pelo meio terrestre e através dele (Chas, 27). (309) A cruz, tem ainda, o valor de símbolo ascencional. (...) A tradição cristã enriqueceu prodigiosamente o simbolismo da cruz, condensando nessa imagem a história da salvação e a paixão do Salvador. A cruz simboliza o cruxificado, o Cristo, o Salvador, o verbo, a segunda pessoa da santíssima trindade. Ela é mais que a história de Jesus, ela se identifica com a história humana, com a sua pessoa. (...) Acresce que a iconografia cristã se apoderou dela para exprimir o suplício do Messias mas também a sua presença. Onde está a cruz, aí está o cruxificado. (...) A cruz com um braço transversal é a cruz do evangelho. Seus quatro braços simbolizam os quatro elementos que foram viciados na natureza humana, o conjunto da humanidade atraída para o Cristo dos quatro cantos do mundo, as virtudes da alma humana. O pé da cruz enterrado no chão significa a fé

assentadas em profundas fundações. O ramo superior da cruz indica a esperança que sobe para o céu ; a envergadura da cruz é a caridade que se estende mesmo aos inimigos; o comprimento da cruz é a perseverança até o fim. A cruz latina divide desigualmente o madeiro vertical segundo as dimensões do homem de pé, com os braços estendidos, e só pode ser inscrita num retângulo. (...) A cruz assume os temas fundamentais da Bíblia. Ela é a árvore da vida (Gênesis 2, 9), sabedoria (Provérbios, 3, 18), madeira (a da Arca de Noé, a das varas de Moisés que fizeram brotar água da pedra, a árvore plantada junto das águas correntes, o bastão ao qual está suspensa a serpente de bronze). A árvore da vida simboliza, reciprocamente, o madeiro da cruz.” (Chevalier, 315).

A cruz está associada a um valor pré-cristão, o da árvore do mundo. Ao mesmo tempo, está relacionada ao próprio Cristo. É símbolo de renovação e está marcadamente ligada a um acontecimento histórico: a paixão de Cristo. Há que se destacar que os demais símbolos da Barquinha emergiram dela. Ela se torna a fonte cristalina do jardim dos símbolos.

Ao redor da mesa em forma de cruz, existem seis cadeiras de um lado e seis do outro, representando os 12 apóstolos de Cristo. Na mesa, além de vários santos cristãos está localizado em seu centro São Francisco das Chagas, o mentor espiritual da casa, com os braços abertos. Se observarmos bem, São Francisco está na mesma linha que Jesus Cristo que está em um patamar superior no altar logo a frente da mesa em forma de cruz. Ainda na mesma direção encontra-se o Presidente do espaço. Simbolicamente, as ordens provenientes do invisível, podem ser passadas nesta ordem hierárquica, de Jesus, a São Francisco para o Presidente do espaço. Ainda na mesa encontramos um livro que representa o livro dos 10 mandamentos recebidos por Moisés e que estão contidos dentro do hinário, que para eles é a Bíblia Sagrada de forma cantada. Resta salientar novamente que a cor do livro é azul.

"Daniel, ele mesmo construiu esta mesa, ele era carpinteiro. Ele mesmo construiu esta mesa e disse: - está aqui! este é o contato de nossa mesa em forma de cruz. Em forma de uma cruz por que? porque nós estamos sentados ao redor dessa mesa que representa Jesus, a mesa, a cruz bendita representa Jesus no seu sacrifício, representa o seu amor. É onde ele recebeu todo o sacrifício pelo amor a mensagem do Pai e pelo amor aos filhos ingratos que não souberam lhe compreender, então aí é onde está o mistério da cruz bendita, porque ela representa o símbolo da nossa salvação. Quem tá sentado ao redor da cruz bendita, está sentado com Jesus, como ele sentou com os seus apóstolos na Santa Ceia."¹¹⁷

Outro lugar no interior da Igreja e que tem uma importância fundamental é a pequena sala de entrega do Daime para os soldados dos exércitos de Jesus, ou melhor, para os marinheiros do Mar Sagrado. Nesta sala, encontra-se um filtro com a bebida sagrada. Este filtro, por sua vez, está dentro de uma réplica da Igreja, representando a luz que emerge de dentro da mesma, do Axis Mundi, ponto de relação com outras dimensões do sagrado. Esta sala está à direita de quem entra na Igreja.

Do lado esquerdo, encontramos duas salas. Na primeira, localiza-se o túmulo do fundador. Este túmulo, todavia, está rodeado de luzes características da simbologia do Centro, dentre elas, o azul, amarelo, vermelho, verde e roxo. É para esta sala que irão os corpos dos demais Presidentes que passarem pela casa, segundo depoimento do Presidente e Padrinho do Local. Na segunda sala, podemos observar a sala destinada às operações realizadas nos dias 27 de cada mês. Este lugar está composto por três camas com lençóis brancos e um pequeno altar com algumas imagens, dentre elas podemos destacar as de São Francisco e a de Daniel Pereira de Mattos.

¹¹⁷ Manuel Hipólito de Araújo, Rio Branco, 16/08/95.



Túmulo de Daniel Pereira de Mattos. Toda a sala está coberta com azulejos e diversas imagens de Santos.

Atrás de todos esses lugares que já mencionamos, está o altar, um espaço sagrado. O altar, para Mircea Eliade, não é nada mais, nada menos que uma reprodução - em escala microcósmica - da criação (Eliade, 1978: 29).

"Microcosmo e catalisador do sagrado. Para o altar convergem todos os gestos litúrgicos, todas as linhas arquitetônicas. Reproduz em miniatura o conjunto do templo e do universo. É o recinto onde o sagrado se condensa com o máximo de intensidade. É sobre o altar, ou ao pé do altar, que se realiza o sacrifício. i. e., o que torna sagrado. Por isso, ele é mais elevado (altum) em relação a tudo o que o rodeia. Reúne igualmente em si a simbólica do centro do mundo: é o centro ativo da espiral que sugere a espiritualização progressiva do Universo. O altar simboliza o instante em que um ser se torna sagrado, onde se realiza uma operação sagrada." (Chevalier, 1990:40).

A partir do momento em que foram criados lugares na Barquinha, estes lugares integram-se no cosmos. Quando um homem se instala em

um local, ele transforma o caos em cosmos, dando estrutura, forma, normas.

Acima do altar, há o desenho de uma imagem. Esta imagem simboliza Deus, bem como a santíssima trindade. É o Divino Espírito Santo que irradia sua luz em formas de faixas amarelas, para as duas portas de passagem destinados a um dos trabalhos realizados na casa designado de obras de caridade.

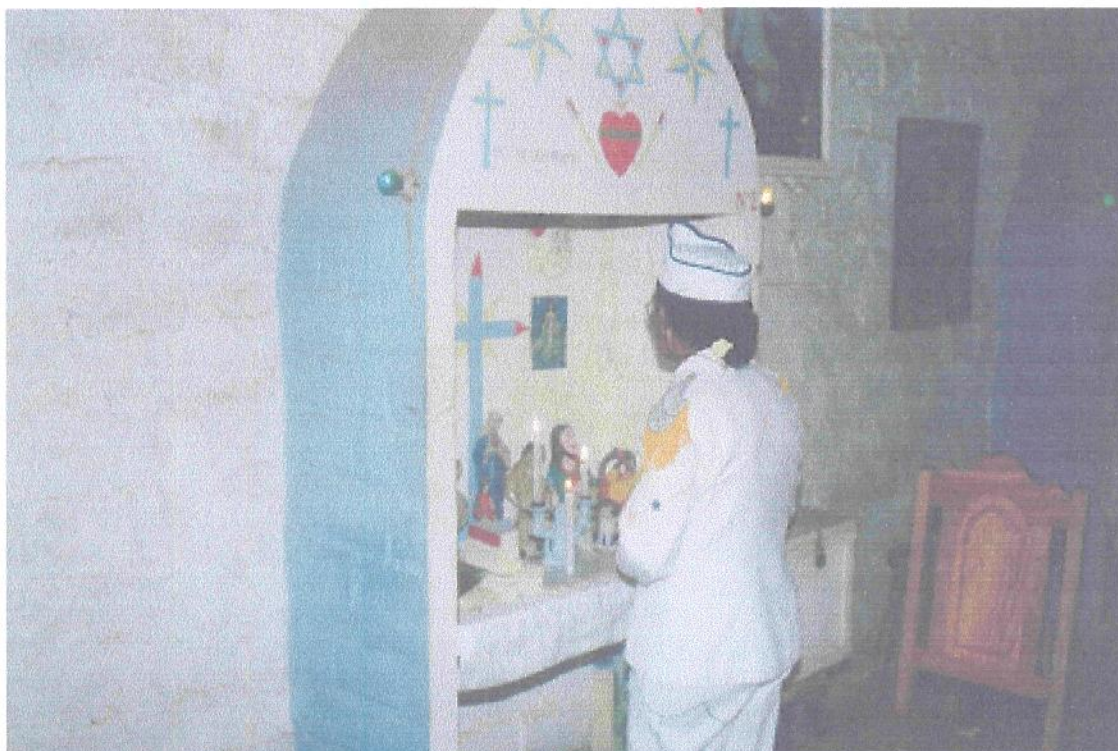


Altar do Centro com uma imensa variedade de Santos. No meio está a imagem de Jesus. Os fios amarelos que estão acima dele simbolizam luz e guarnição para os trabalhos efetuados nas obras de caridade.

“Aquelela imagem já representa o Pai Eterno, representa a santíssima trindade, representa Cristo Redentor, é aquela representação daquela imagem. Representa o Pai, o Filho e o Espírito Santo e acima daquele altazinho tá o símbolo do Pai, Filho e do Espírito Santo. Um triângulo, o triângulo despejando luz para cada uma das portas que vai para as obras de caridade. Aquilo ali representa a cobertura de luz, a bênção de luz que vem do Divino Espírito Santo para os nossos trabalhos de obras de caridade lá atrás.”¹¹⁸

¹¹⁸ Manuel Hipólito de Araújo. Rio Branco, 30/08/95.

Antigamente, todo o serviço de atendimento em obras de caridade era realizado na capelinha, ou em outros lugares do Centro. Com o acúmulo de freqüentadores, foi necessário a ampliação do espaço e a organização de um salão que visasse o atendimento ao público. Este local foi chamado de salão de atendimento Daniel Pereira de Mattos.



Um dos gabinetes de atendimento (conga) das obras de caridade.

Nele, foram construídos 7 gabinetes ou congás, que tiveram a frente as seguintes entidades:

GABINETE - ENTIDADES

- 1
 - Príncipe Dom Semião;
 - Dom Tubarão Branco;
 - Pai Joaquim de Angola;*

2 - Mestre Dom Romão;*

3 - Rei Urubatã;*

4 - Rei Tubarão do Mar;
- Rei Cicinato;
- Pai Jordão;
- Mestre Carlos;*

5 - Rei Ricardino;
- Príncipe das águas claras;
- Príncipe Tupiraci;
- Anastácia da luz;*

6 - Dom Tubarão Branco;
- Pena Branca;
- Jangadeiro do Mar Sagrado;*

7 - Príncipe Dom Jordão;
- Pai Tomé;
- Antônio da Luz;
- Paruaçu da Luz;*

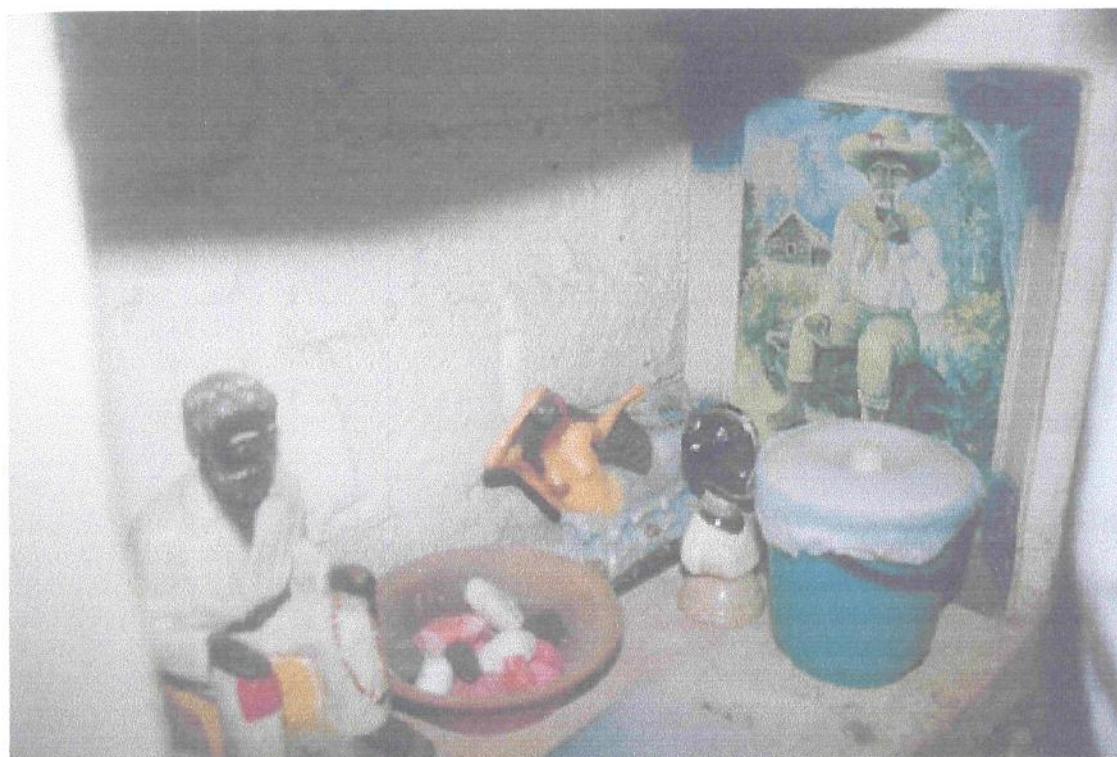
É interessante observar que esses gabinetes de atendimentos ou congá estão divididos em duas partes. A parte de cima está reservada a santos cristãos que podem em alguns casos representar entidades da Umbanda. Estas entidades relacionam-se ao Astral. Por outro lado, na parte de baixo, encontramos caboclos e pretos-velhos e entidades do mar.



Patamar de cima do gabinete de atendimentos, com entidades do Astral.

“As entidades do Astral, nós colocamos no patamar de cima e outras entidades, como por exemplo a do mistério das florestas, (...) nós colocamos embaixo (...) do altar das entidades celestiais.” ¹¹⁹

¹¹⁹ Manuel Hipólito de Araújo. Rio Branco, 16/08/93.



Patamar de baixo do gabinete de atendimentos, com seres da floresta e do mar.

Através deste depoimento fica claro que o gabinete de atendimento é um lugar sagrado hierárquico e que assim como no discurso acerca da cosmologia, o patamar de cima rege o patamar de baixo, isto é, entidades da terra e do mar estão sendo regidas por entidades do Astral, pois, segundo eles, este é um plano mais elevado do que os dois primeiros já mencionados. O gabinete de atendimentos funciona portanto como um microcosmo da cosmologia da Barquinha, onde as entidades têm um lugar específico de origem, embora viajem dentro dos três mistérios da casa.

“O congá indica a direção do sagrado e tem a função de altar. Antes da consagração, é apenas um local onde se pode manifestar o divino; depois de consagrado passa a ser ele próprio manifestação do sagrado.” (lima, s/d : 73-74).

Nesses gabinetes de atendimentos, chamados de congá na Umbanda, encontramos uma série de símbolos. O principal deles, sem

dúvida, é a cruz, que está presente em todos eles. É importante frisar que todos os gabinetes têm os mesmos símbolos desenhados nas mesmas proporções. Ela purifica, regenera e dá força nos trabalhos de limpeza e de cura ali efetuados.

“Pode-se assim definir a cruz: quaternário espiritual neutro. O braço horizontal representa a matéria e o braço vertical as forças da evolução. O seu feitio é representado pelo cruzamento de duas retas, não importando serem contornadas com as mais variadas linhas sinuosas ou até mesmo retas complementares. O próprio cristianismo cujo símbolo é a cruz, não possuía um símbolo único nas suas origens. Adotou-se indiferentemente diversos símbolos encontrados nas catacumbas. O último destes símbolos foi considerado por muito tempo como o monograma de Cristo pelos arqueólogos que queriam formar com a letra “Chi” e “Ro”, os dois primeiros nomes da palavra “Xristos” (Cristo). Na realidade, este símbolo místico foi encontrado na base de um vaso funerário de Galosecca com mais de um milênio antes de Cristo. Este signo, na verdade, em sua origem, possuía um formato de um ‘X’ cortado perpendicularmente por uma haste, cuja parte superior tinha formato arredondado em forma de ‘P’, ou seja, a combinação do Crisma e da Cruz. Jesus Cristo (Oxalá), adotado no sincretismo católico é aceito pela Umbanda, como a sua divindade Máxima. Na Umbanda, a cruz tem o mesmo significado daquele que o esoterismo cristão transmite: todavia, alguns aspectos podem ser ressaltados, em especial a vinculação da cruz com o ‘Reino das almas’ e a do ‘Sinal da Cruz’, assim como um poderoso recurso purificador e fortalecedor. Na leitura dos pontos riscados, o surgimento da cruz é interpretada como indicação segura da ligação da entidade com as almas. Em geral, a cruz desenhada tem os braços iguais (é o chamado ‘quaternário’ ou ‘cruz grega’). Já no cruzeiro das almas, a cruz construída é a de braços desiguais, o braço vertical maior, denominada ‘cruz latina’. No cruzeiro das almas os umbandistas cumprem obrigações, fazem promessas e acendem velas, em intenção das almas. No tocante ao sentido purificador e fortalecedor que o signo da cruz comporta, ele se revela na Umbanda, no ‘cruzamento dos terreiros’, rito que antecede normalmente o início dos trabalhos ou os ‘passes’.” (Guimarães, 1993: 78-84).

Outra representação simbólica bastante comum nos gabinetes é a espada. Ela é uma representação militar, portanto, destaca-se o que nela torna-se essencial: a bravura e conseqüentemente o poder. Este poderio tem um caráter duplo: o da destruição, mesmo que encarada contra injustiças e a da construção que possibilita a paz e a justiça, que por sinal

são duas palavras bastante recorrentes em todos os lugares que visitamos na Barquinha. As espadas, na Barquinha, estão intimamente associadas à idéia de força, de luta e de trabalho. Este símbolo antigo cristão tem a sua expressão máxima durante os trabalhos das obras de caridade.

"Símbolo guerreiro, a espada é também o símbolo da guerra santa. Antes de mais nada, a guerra santa é uma guerra interior, e esta pode ser igualmente a significação da espada trazida pelo Cristo (Mateus, 10, 34). Nas tradições cristãs, a espada é uma arma nobre que pertence aos cavaleiros e aos heróis cristãos. À espada está associada a idéia de luminosidade, de claridade." (Chevalier, 392-393).

Junto a essas espadas encontram-se duas cruzes, que aliadas às espadas representam uma relação próxima ao cristianismo. Ainda às espadas e às cruzes, juntam-se duas rosas-dos-ventos que se relacionam ao símbolo da roda, do círculo.

Ao lado do salão de atendimentos Daniel Pereira de Mattos, encontram-se duas salas: a primeira delas se refere a uma sala de afirmação, ou seja, um local onde são realizados pedidos para o anjo da guarda de cada um. É um tipo de sala sem nenhum tipo de decoração, e a única coisa que é possível constatar são velas acesas em dias de trabalhos.



Ponto da sala de afirmação.

A sala para desfazer malefícios completa o conjunto arquitetônico da Barquinha. Lá são desmanchados trabalhos de quimbanda e realizadas descargas nos clientes que procuram este tipo de trabalho.



Círculo para realizar descarga. este círculo está localizado na sala para desfazer malefícios.

3.3 - Eixo dos lugares

Cada um dos lugares da Barca comporta um eixo como já afirmamos anteriormente. É preciso mencionar que estes eixos, por sua vez, encontram-se dispostos na arquitetura em linha horizontal. Os eixos ligam-se através das performances rituais. Cada eixo representativo de um lugar está envolvido de outros símbolos próximos que constituem junto com o principal um todo local simbólico.

Se comparado ao *Axis Mundi*, estes eixos são periféricos, embora tenham uma grande importância para o conjunto do espaço arquitetônico, que quando percorrido no ritual, torna-se um espaço performático. Por espaço performático entendemos a relação dos sujeitos envolvidos através de sua ação com os lugares da Barquinha.

São quatro os eixos detectados na Barquinha. O primeiro deles, e o principal, é a mesa em forma de cruz, pois é dela que emergem ordens provenientes do invisível para os marinheiros do mar sagrado. Esta mesa encontra-se no meio da Igreja, ocupando um lugar central, ela é a base de sustentação dos trabalhos.

Observando a parte externa da Igreja, verificamos a presença do cruzeiro, local onde geralmente os fiéis fazem preces antes de entrar na Igreja. O cruzeiro está projetado arquitetonicamente entre a mesa em forma de cruz que está localizada no interior da Igreja e o coreto que está no centro do parque. Ele, o cruzeiro, é o elo de ligação entre a Igreja e a sua representação principal, a mesa, de onde surgem mensagens sob uma capa cristã e o parque com a sua principal representação: o coreto, ou melhor, Jesus.

Mas esta denotação cristã presente no salão de baile e no coreto é também simbolizada para os marinheiros do mar sagrado da seguinte maneira: o coreto é Oxalá, entidade máxima da Umbanda e relacionada a Jesus, e o salão de baile é o terreiro, porque este congrega entidade dos três mistérios, que passaram por um processo de batismo através do cruzeiro, conforme mostraremos no capítulo seguinte. O cruzeiro, portanto, é a intersecção da Igreja para o lugar destinado ao bailado. Por fim, há o primeiro gabinete de atendimento, que está atrás da Igreja. Este gabinete está ligado ao primórdio da casa, quando Dom Semião, uma das primeiras entidades do Centro passou a trabalhar com Mestre Daniel. É Dom Semião quem coordena o galpão que está atrás da Igreja nos dias destinado a atendimento ao público. Devemos ressaltar que esta horizontalidade arquitetônica tem um significado importante nas performances rituais da casa. Esta linha reta possibilita aquilo que designamos de ampliação espacial, iniciada através da mesa, porque é dela que emanam todos os trabalhos, conforme veremos adiante.¹²⁰

¹²⁰ É preciso destacar que existem ainda no Centro Espirita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz algumas residências de pessoas próximas à família do Presidente, dentre elas, a de Francisco Hipólito de Araújo Neto, Vice-Presidente do espaço; sua casa situa-se à esquerda da Igreja. Há também as residências do senhor Antônio Lopes, responsável pela distribuição e feitio do Daime na Barquinha, a de Adércio, o responsável pela condução da ala masculina na beberagem do Daime nos dias de trabalho e a do senhor João, o simpático porteiro do Centro. Além disso, há uma escola designada de São Francisco de Assis I. Esta escola é destinada aos alunos da comunidade, que não precisam ser necessariamente filhos de fardados. Existe também um campo de futebol e uma quadra de voleibol de areia para a recreação da irmandade. Não podemos esquecer também da casa de feitio onde é produzido o Daime. Esta casa de feitio encontra-se à direita da Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos.

3.4 - POR QUASE TODOS OS DIAS DO ANO

O tempo da Barquinha não é homogêneo, muito menos contínuo. Existem intervalos que a projetam com dois tipos de tempos distintos: o tempo sagrado e o tempo profano. O tempo sagrado está presente nas festas ritualísticas por eles designadas de trabalhos. O tempo profano, por sua vez, manifesta-se pelo oposto, pelos atos do homem religioso que não dizem respeito ao imenso calendário do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. Devemos lembrar que é através das performances rituais que os marinheiros do mar sagrado atravessam uma duração temporal ordinária para um tempo sagrado. Este homem religioso, portanto, vive a eternidade.

“O tempo sagrado é por sua própria natureza reversível, no sentido em que é, um tempo mítico primordial tornado presente. Toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, ‘nos primórdios’ (Eliade, s/d :59).

Logo, os fiéis da Barquinha quando expressam o seu sentimento de fé vivenciam um tempo primordial, os “primeiros tempos”, o tempo de fundação. Quando vivem o início o re-constroem e o constroem através da re-construção, comungando assim com os ideais de Daniel Pereira de Mattos. Neste sentido o tempo sagrado é:

“indefinidamente recuperável, repetível. (...) O tempo sagrado se apresenta sob o aspecto de um tempo circular, (...) espécie de eterno presente mítico”(Op. cit. 60)

Para o historiador Jacques Le Goff, o homem religioso experiencia o tempo marcando-o através de um calendário. Desta feita, o controle do tempo nada mais é do que o controle do universo pelo homem.

“De um modo tão geral, observa-se como numa sociedade a intervenção dos detentores do poder na medida do tempo é um elemento essencial do seu poder: o calendário é um dos emblemas e instrumentos de poder; por outro lado, apenas os detentores carismáticos do poder são senhores do calendário: reis, padres, revolucionários.” (Le Goff, 1994:486-487).

Para Lawrence Sullivan os calendários são esquemas complexos pois tratam de diversas experiências humanas. Os homens vivenciam o sagrado, levando para a vida profana aquilo que aprenderam com o mundo real. Desta forma, os calendários nutrem os povos pelas suas experiências temporais.

“A realidade de traços temporais refletem realidades múltiplas que aparecem em períodos míticos. Calendários mostram que a experiência cultural é real e ampla. Os calendários mantêm a delicada teia da existência. Porque calendários enfatizam o valor dos modelos de experiência de tempo. Eles conectam as condições da existência; os calendários guardam vida criativa, abundante e ordenada.” (Sullivan, 1988:166-167).

A maior parte dos calendários existentes tem as suas origens no sagrado. No cristianismo, por exemplo, a apocalíptica hebraica do século I d.C determinou um caráter sagrado para o calendário, porque ele era uma “expressão da determinação por Deus” (Danielou e Marrou, cit. In Le Goff, 1994: 488).

“O cristianismo manteve o calendário juliano, mas deslocou o início do ano, dando lugar à anarquia. Enquanto os bizantinos faziam começar o ano a 1 de setembro, os latinos adotaram vários estilos ligados a festas religiosas. O estilo da circuncisão (1. de Janeiro; prosseguimento cristianizado do calendário juliano) foi conservado apenas na Espanha. O 1. de Março, início do ano religioso romano, conservou-se aqui e ali e em particular foi adotado pelos venezianos. O estilo da encarnação (25 de Março) foi usado sobretudo no Sul da França, na Alemanha, na Inglaterra,

enquanto os florentinos lhe permaneciam fiéis durante toda a Idade Média. O estilo da natividade (25 de Dezembro), muito em uso na alta Idade Média, conservou-se na Espanha, juntamente com o estilo da circuncisão e foi adotado pelos papas de Avignon no século XIV. A maior complicação veio da adoção, no século XII, por grande parte da cristandade (e em especial pela França) do estilo pascal, que fazia começar o ano com uma festa móvel. Esta anarquia do calendário é muito típica da Igreja medieval: vontade de fazer desaparecer os costumes pagãos, impotência para dominar os particularismos regionais e locais, desejo de impor as grandes festas cristãs como ponto de referência, ou melhor, como ponto de partida. Foi necessária a reforma de Gregório XIII em 1582 para que, a velha cristandade medieval adotasse a data de 1. de Janeiro como início do ano." (Le Goff, 1994: 506-507).

O calendário, ao qual os fiéis do Centro obedecem, é tipicamente cristão (romano), porque compreende festas cristãs. Notamos que o homem religioso da Barquinha vivencia uma experiência sagrada bastante intensa. Das outras doutrinas que fazem a ingestão do chá na região, esta é a que mais realiza trabalhos com fins espirituais. O antropólogo Luís Eduardo Luna concorda com a mesma posição, pois realizou pesquisas no "Centro Espírita Príncipe Espadarte", um dos desmembramentos do Centro fundado por Daniel. Segundo ele:

"Das três linhas usuárias de ayahuasca, a Barquinha é, sem dúvida, a que exige mais dedicação por parte dos fiéis, absorvendo-lhes de maneira praticamente total. (...) Tomando como base o ano de 1995, contabilizei 173 dias de serviços na Igreja com o Daime, e 19 'festas'. (...) Um total de 192 dias em um ano em que a comunidade se reúne e bebe o sacramento. Tem que se adicionar as 'pesquisas' de jagube e chacrona na floresta, e os feitios da bebida, umas seis vezes por ano" (Luna, 1995:17-18).

Há periodicamente quatro trabalhos semanais no Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz que são realizados nos dias de domingo, quartas e quintas - feiras e aos sábados. Decidimos

sistematizar e apresentar os trabalhos desempenhados pelos fiéis no ano de 1995, período em que realizamos esta pesquisa

OBRAS DE CARIDADE: 48 trabalhos;

TRABALHOS PARA DESFAZER MALEFÍCIOS: 50 trabalhos;

PREPARAÇÃO DE MÉDIUNS: 45 trabalhos;

ROMARIAS: 85 dias;

CATECISMO E BRINCADEIRAS DO PARQUE PARA AS CRIANÇAS:

47 trabalhos;

Além destes trabalhos somam-se as quatro buscas de cipó e de folha efetuadas por equipes de homens; os quatro dias de feitiço (preparação do chá) e os demais dias de “festas”, contabilizando, por assim dizer, 283 dias de trabalhos no ano de 1995.

O longo período de trabalho sacro obedece a determinadas rupturas. São nestas rupturas que encontramos o tempo profano. Este tempo profano na Barquinha pode ser melhor percebido no final das principais romarias da casa (São Sebastião do dia 01 ao dia 20 de Janeiro, Nossa Senhora, do dia 01 ao dia 31 de Maio e São Francisco, do dia 01 de Setembro ao dia 04 de Outubro). Ao término de cada uma delas, é determinado um período de recesso. O fiél da Barquinha passa a viver o caos, ordenado somente quando o adepto viver novamente o tempo sagrado, isto é, trilhar sobre o extenso calendário sagrado que a constitui, porque, é através disto que ele estará se regenerando, purificando-se e navegando pelo eterno.

A fase de preparação anual por parte dos fiéis, está ligado a noção de escatologia incorporada neste tipo de doutrina espírita apostólica cristã. A idéia de escatologia está diretamente relacionada ao juízo final.

Para Le Goff:

“O termo ‘escatologia’ designa a doutrina dos fins últimos, o corpo de crenças relativas ao destino final do homem do universo. Tem origem no termo grego, no plural, *tá eschatá* ‘as últimas coisas’. Porém, alguns especialistas em pregam-no no singular, *eschatón* ‘o acontecimento final’, para designar o Dia do Senhor, o Dia do Juízo final, segundo o Apocalipse cristão. A escatologia refere-se, por um lado, ao destino último do indivíduo e, por outro, ao da coletividade. A escatologia individual só assume real importância na perspectiva da salvação que adquiriu, um lugar de primeiro plano nas especulações escatológicas, mas não é certo que ela seja fundamental, nem original nas concepções escatológicas (cf. 4). Os problemas ligados à escatologia individual são fundamentalmente os de um julgamento depois da morte, da ressurreição e da vida eterna, da imortalidade. Na religião do Egito antigo e na religião cristã a tônica é posta no julgamento. A escatologia foi-se aperfeiçoando através de escritos de natureza profética que descreviam um *apokalypsis* ‘revelação’ dos acontecimentos do fim dos tempos. Estes escritos judaico-cristãos foram escritos nos últimos séculos antes da era cristã e nos primeiros desta; um deles, o *Apocalipse de São João*, foi introduzido pelo cristianismo no *corpus* do Novo Testamento. Dada a considerável importância adquirida por estes escritos, quer do ponto de vista dogmático, quer histórico, a apocalíptica está estritamente ligada à escatologia. (Le Goff, 1994:520).

A Barquinha, isto é, a missão deixada na terra por Mestre Daniel, só irá ancorar no dia do julgamento final, quando os fiéis que por ela viajaram se encontrarem com Jesus, que lhes mostrará o destino absoluto de suas vidas. À partir do momento que o homem religioso da Barquinha cumpre as funções determinadas na Barca Santa Cruz no seu calendário sagrado, maior será a sua possibilidade de viver o eterno absoluto.

4 - QUANDO OS MARINHEIROS TRABALHAM EM ALTO MAR

I

*Quando Jesus andou no mundo
neste mundo de ilusão
para todos os filhos preparou
caminhos da salvação*

II

*Com seu precioso sangue
que sobre a cruz se derramou
ele nos deu a salvação
testificou o eterno amor*

III

*O sagrado sangue de Deus
sobre a terra iluminou
e no coração dos filhos seus
nos fala o nosso Salvador*

IV

*O santíssimo túmulo de Deus
com selo romano foi selado
nada valeu o sétimo dia
em glória foi ressuscitado*

V

*Por tudo isto nos comprova
o nosso Salvador Jesus*

para nos termos a eterna vida

nos selou com a santíssima cruz.

(Selo Romano - salmo do hinário da Barquinha)

4.1 -TEORIA RITUAL: PERFORMANCE

Desde os primórdios, as sociedades mais remotas utilizavam-se da representação para estabelecer um nexos entre os integrantes de uma comunidade; de uma comunidade e outras mais próximas; e, entre os integrantes da mesma e divindades pertencentes ao seu quadro cosmológico. A representação envolve comunicação e, sobretudo, relação.

Neste trabalho, os termos representação e apresentação são perfeitamente conciliáveis, no sentido de que entidades se apresentam na Barquinha e, também, os espíritas apostólicos cristãos representam o sagrado no Centro.

O ato de narrar, aspectos referentes ao xamanismo e disputas pela posse de terra são performances. É preciso nesta dinâmica que haja a apresentação de um (ou alguns) e, uma audiência. Sem esses elementos, a ação performática torna-se nula.

A palavra performance vem do inglês, podendo significar realização, desempenho, atuação, preenchimento, ato, acompanhamento, capacidade, habilidade, cerimônia, rito, etc. O termo é oriundo do francês antigo do século XVI onde a palavra era *performance*, derivada do latim *per-formare*. A mesma se caracteriza por atos em situações definidas. Isto é o caso também de algumas manifestações artísticas como por exemplo o teatro e a dança. Para Milton Singer elas são:

“Caminhos no qual a satisfação cultural de uma tradição é organizada e transmitida pelos meios específicos de comunicação.” (Singer, cit In Mac Aloon, 1984).

Cada sociedade tem as suas performances. Estas, são formas peculiares de demonstrarem fragmentos da estrutura de cada uma delas. Desta maneira, os ritos funerários, aniversários, casamentos, rituais de circuncisão estão inseridos nesta afirmativa.

Performance evidencia coletividade, uma ordem comunal da ação humana e, todas as teorias acerca dela tentam firmar um estudo desta ação e as suas qualidades particulares, mesmo porque, pensar performance, é procurar entender que este tipo de atividade surge de um contexto particular de conhecimento de cada sociedade.

Victor Turner no seu **From Ritual to Theatre** abre uma possibilidade de enxergarmos o ato da apresentação e representação. Apoiado em uma outra obra, “Dramas, Fields and Metaphors”, Turner desenvolve a idéia de dramas sociais. Então, é através dos dramas sociais, que podemos observar também as facções, divisões, revitalizações e coalizões, enfim, a dinâmica sócio - política de uma determinada sociedade. Os dramas sociais próprios são caracterizados pelo conflito.

Os dramas sociais são capazes de revelar também características pessoais, estilos pessoais, estéticas diferentes, mas antes de tudo e, diríamos que o mais importante, é que neles encontramos o poder do símbolo na comunicação humana. Portanto, drama social é comunicação, da mais refinada possível entre a relação psicofísica do participante.

As idéias de Dilthey também influenciaram Victor Turner, principalmente as suas estruturas da experiência, assim consideradas por Turner.

As estruturas da experiência para Dilthey, não são estruturas cognitivas, estáticas. Existe na experiência emoção e volição, fontes de valores, julgamentos e preceitos.

A antropologia da performance, termo proposto por Turner é uma parte essencial da antropologia da experiência. Na antropologia da performance podemos encontrar rituais, cerimônias, carnaval, teatro, explanação e explicação da vida em si. As performances são tão variadas, assim como tão variado é aquilo que encontramos nela.

Dilthey usa a expressão “jogar ou espremer para fora”, no sentido em que o criador, através do processo da experiência, pressiona para dar margem a uma “expressão” que a completa. Uma performance é o próprio final de uma experiência, logo, é expressão.

A performance com os fundamentos de Dilthey pode conter cinco momentos aos quais ele denominou “erlebnis”. São eles:

- (1) - Comportamentos repetitivos;
- (2) - Evocação de experiências passadas e, projeção das mesmas;
- (3) - Eventos passados podem ser revividos;
- (4) - “Significados” são gerados por sentimentos e pensamentos sobre a interconexão entre eventos passados e presentes. A vida para ele nada mais é do que um caos de harmonia e discórdia.

(5) - Uma experiência nunca é completa até ela ser expressa, até ela ser comunicada de forma inteligível para os outros.

Para o autor, interpretações só são possíveis através da experiência subjetiva. Experiência é uma palavra importante para poder compreender as performances rituais.

A experiência humana abrange neste sentido características individuais e coletivas. A performance é uma maneira de manifestá-la, de mostrá-la através de ações.

Uma performance não é imutável. Ela abre possibilidade de uma cultura recriar sua história e re-atualizar-se, relacionando novos componentes aos anteriores. Sullivan, analisando sociedades indígenas da América do Sul, sugeriu a relação dos tempos míticos, ou tempos primordiais com o processo de contato em sociedades indígenas.

"Nos Andes, por instante, o ruído agudo da maquinaria industrial é imaginado como uma performance, um ritual de ação simbólica. (...) Os sons da sociedade industrial são sons de Pishtaco, um monstro que assassina índios" (Sullivan, 1986:15).

Erlmann (1992), de forma semelhante, concorda que uma performance é uma maneira de colocar o ontem no presente através de um grande número de canais comunicativos multisensórios tais como música, sons, textos, roupas, danças, dentre outros.

Uma performance abrange dimensões estéticas, psicológicas, políticas, etc. Hymes utilizou esta possibilidade de permear sobre várias formas de entendimento como "qualidade de conhecimento". Esta "qualidade" é o alicerce da performance e pode estar formada em si, trazendo em seu bojo relações específicas de forma simbólica e sinestesia em representações. Esta última:

"(...) é geralmente definida como um fenômeno na qual um outro tipo de estímulo evoca a sensação de outro, por exemplo a pesquisa de Dobkin de Rios fornece um caminho na qual a audição de sons, sob a influência de plantas sagradas, resulta na visualização de cores" (Sullivan, 1986: 06).

Sinestesia significa "unidade dos sentidos". A performance, neste caso, torna-se a expressão simbólica da unidade dos sentidos. Ela possibilita o conhecimento cultural através da experiência individual de cada um no corpo coletivo. Ela é um veículo no qual um indivíduo pode transmitir informação a outro.

Em uma performance a emoção torna-se uma das características vitais. Bárbara Lex fala das formas de interação emocional que são performadas, onde se faz necessário no comportamento ritual uma série de atos repetitivos, produzindo estados ampliados de consciência e fixação. Com isso, o performer pode estabelecer consigo uma espécie de partitura.

Os performers trabalham com os diversos canais de percepção, de forma alternada ou não. Suas experiências são táteis, sinestésicas, visuais, motoras e acústicas, produzindo um processo sensorial bastante apurado.

A repetição, como já foi mencionada anteriormente, é uma das características essenciais para a performance ritual porque ela possibilita a abertura dos canais sensórios de comunicação. A comunicação por sua vez está:

"sempre ligada à transmissão de informações através de múltiplas formas dos meios [de comunicação]. Birdwhistell demonstrou que o processo de comunicação demanda destes muitos sinais a serem derivados por caminhos orquestrados. Esta versão de sinestesia, a comunicação pode estar performada porque no ponto de vista de

Birdwistell, performance oferece a responsabilidade em muitos níveis: afetivo, acústico, linguístico, semântico e outros” (Sullivan, 1986: 07-08).

À partir do momento em que o performer põe em evidência todos os sentidos, ele produz significados.

O surgimento de uma performance é proveniente de exercícios de improvisação como a representação, a dança, a música, o canto, etc. O corpo é a base fundamental para pensarmos as performances. Para isso, é necessário percebermos o corpo e a sua relação com o espaço performático.

Os gestos das várias partes do corpo são essenciais e ganham uma importância peculiar para o espectador, que passará a dar valor às possibilidades de relação entre os componentes e os movimentos executados pelos mesmos

A performance não trabalha com o corpo mas com a possibilidade de um discurso deste. Falar de discurso do corpo é algo extremamente complexo por causa dos inúmeros sistemas semióticos de uma sociedade e “isso explica as dificuldades em reter sua dinâmica e seu desenvolvimento característicos” (Glusberg, 1978:53).

Atitudes e gestos encontrados em uma performance constituem uma metalinguagem que podem agregar uma série de novos significados, isto é, re-significar.

No fenômeno/processo da performance, a proposta de um gera a expectativa do outro. O performer propõe um determinado comportamento, o seu corpo se transforma. O receptor cria expectativas que se relacionam a sua imagem corporal.

“Trocas de identidade, posições imprevistas, programas camuflados de tipo gestual, forçosamente tem que atuar sobre a fantasmática do sujeito receptor, reorganizando ou distorcendo o repertório legalizado de suas imagens corporais. Esta ruptura se dá em vários sentidos e a performance funciona como operadora de transformações: desde os condicionamentos generalizados até a colocação destes em crise, e desde as imagens corporais cristalizadas até sua quebra espetacular” (Glusberg, 1978: 66).

O tempo e o movimento são de fundamental importância para a performance. Apesar de existirem performances estáticas, jamais elas podem ser consideradas atemporais. Estaticidade e dinamismo são marcados pela sua temporalidade.

“A questão da repetição, vinculada com o tempo, é fundamental nas performances. Antes de mais nada, é importante ressaltar que é impossível uma repetição do tipo cópia-carbono de uma outra performance; em primeiro lugar, porque as condições psicológicas vinculadas com as representações subjetivas do performer, sempre variam, não são imutáveis; em segundo lugar, porque o tempo real que separa uma performance de outras vai incidir sobre sua produção concreta” (Op. cit. 68).

Em uma performance, um símbolo abre possibilidade de remeter a um outro símbolo e assim sucessivamente. Este ato consiste naquilo que denominamos de **eco simbólico**. Eco, no dicionário da língua portuguesa pode ser considerado um fenômeno físico devido a reflexão de uma onda acústica por um obstáculo, e observado como a repetição de um som emitido por uma fonte. Pode ser também ruído, rumor, som ou repetição de palavras ou de sons e, por fim, repetição de um determinado desenho sonoro.

No esquema performático, é possível através da poética imagética pensar alguma coisa através das metáforas nela produzidas. Deuses, espíritos e entidades podem ser pensados à partir de objetos, sons e gestos. De repente uma pedra pode simbolizar um jacaré. Mas por que

algo tão diferente na forma, representa alguma coisa desproporcional em termos aparentes? o resultado está no simbólico. Um objeto, por exemplo, pode representar uma coisa completamente oposta daquilo que aparentemente é. Evans - Pritchard, ao estudar os Nuer, observou que um pepino para aquela sociedade é um boi. Existe uma representação em um vegetal de um animal, entretanto, o oposto não se daria.

O ato, a ação dramática, pode revelar espíritos ou entidades. A aparência destes está manifestada no gestual, caracterizando atitudes e comportamentos. Tais gestos tendem a estar enquadrados no esquema cultural da sociedade. Muitas vezes, os códigos variam de lugar para lugar. Na visão de Turner, os atos como símbolos são considerados como fusão entre espíritos e representação material.

Em resumo, o que queremos dizer com eco simbólico, é que este pode ser manifestado materialmente, mas ao mesmo tempo que reflete uma idéia, esta idéia abre possibilidade para uma outra. Uma idéia vai simbolizando outra, ressoando, reproduzindo-se ou repercutindo ao longe, no espaço e no tempo.

4.2 - O MAR SAGRADO

I

*Papai do Céu chegou
sublime e com amor,
saudemos ao nosso Deus
que nos abençoou*

II

*Mamãe do Céu chegou
sublime e com alegria,
saudemos a Mãe Divina
a sempre Virgem Maria*

III

*A Virgem Mãe rogou
a Jesus Deus Salvador,
a baixar nesta luz
os seus frutos de amor*

IV

*Se afirmem meus irmãos,
com amor de coração,
adoremos a Deus Jesus
e a Virgem da Conceição*

V

*Vejam como é sublime
as sagradas magestades,
nos derramando as bênçãos
nesta luz de verdade.*

(Santíssimo amor - salmo do hinário da Barquinha)

Neste capítulo trataremos das performances rituais realizadas pelos componentes da Barquinha. Começaremos falando do Daime e em seguida, destacaremos as Obras de Caridade, o principal trabalho da casa e, à partir das obras de caridade, falaremos de todos os demais, porque todos os rituais da casa tiveram o seu surgimento à partir deste.

A substância sagrada conhecida por Daime nas doutrinas da **Barquinha** e do **Santo Daime** como já foi exposto no primeiro capítulo, é formada por um cipó chamado cientificamente de *banisteriopsis caapi* e cotidianamente de jagube e, de uma folha designada pelos cientistas de *psychotria viridis*, mas apelidada pelos fiéis do centro de chacrona.

Assim como em outras Igrejas daimistas, os integrantes do Centro fazem a busca do cipó e da folha na mata. Entretanto, vale a pena ressaltar que a forma pela qual os homens da Barquinha buscam os ingredientes para a preparação da substância se difere, por exemplo, dos daimistas, embora algumas regras sejam seguidas à risca pelas duas doutrinas. A mudança, portanto, estaria na base ritual de cada uma das doutrinas que antecede a procura dos ingredientes para a preparação da bebida.

Tentaremos demonstrar neste capítulo: 1) como era o feitio do Daime na época de Mestre Daniel, de Antônio Geraldo e atualmente com Manuel Araújo; 2) de que forma os marinheiros do mar sagrado se preparam para a busca do cipó e da folha. Dito de outra forma, que tipo de ritual é estabelecido pelos integrantes da Barquinha para a busca do cipó jagube e da chacrona; 3) como é realizado o feitio do Daime e, 4) Quais os tipos de Daime que resultam do feitio.

O início do uso do enteógeno na missão liga-se à boa relação que Daniel mantinha com Irineu Serra. Mestre Irineu foi um grande incentivador para que Daniel Pereira de Mattos seguisse a sua jornada espiritual. Neste sentido, permitiu que o mesmo fizesse o uso do Daime nos primórdios do Centro. Com a chegada de adeptos, o Daime passou a ser confeccionado no próprio espaço, passando por diversas transformações no que diz respeito ao feitio.

“Na época do Daniel nós fazia o Daime ali adiante na mangueira... tinha... eu já cheguei a bater um Daime pra ele também, e ele é quem fazia o Daime. Depois é que chegou o Chico Tenório e... ainda tem vivo o Chico Tenório, o Chico Tenório ainda fez Daime com ele e ele ainda carregou Daime ainda com nós da chapada, mas antes do Daniel morrer ele já tinha saído. Naquela época tinha pouquinha gente. Na época do seu Antônio Geraldo ele fazia, depois fazia o Zé Luís, no tempo do Antônio Geraldo eram três que faziam: finado Agostinho era o chefe da mata que ia buscar com nós; finado Manoel Toro também. No tempo do Antônio Geraldo nós carreguemo Daime nas costas com seis horas de viagem, da chapada, sabe onde é a chapada? é aqui perto do pontão, castanheira, lá pra dentro mesmo. Nesse tempo era batido a marreta, com um saco deste tamanho, cortado os pedacinho assim, cansamo de chegar no Irineu e arriar lá debaixo de um pé de árvore que tinha, e ele dizia: - hei, vem tudo com fome e cansado! - vem sim senhor! o que que tem por aí? nós já tinha aquele costume, sabe? aí ele trazia aquelas banana e aquela farinha, farinha d'água. Passava por ali, pedia água e vinha cortando por dentro. Antes era assim, depois apareceu uma bestinha aí nós já não trazia nas costas, aí depois apareceu um cavalo, aí depois o Manuel foi e comprou um caminhão, aí depois acabou com o negócio de trazer um

pedacinho de Daime, hoje a gente arruma um caminhão e olha aí? graças à Deus!"¹²¹

A busca do cipó e da folha atualmente envolve duas equipes de homens que se revezam na ida à mata. Estas pessoas se reúnem entre três e quatro horas da manhã. Cada equipe obedece ao seguinte processo ritual: Três velas são acesas aos pés do cruzeiro e lá são realizadas diversas preces, das quais destacamos a Ave-Maria, o Pai nosso e o Creio em Deus Pai. O objetivo simbólico de tudo isto é o de acorrentar as entidades aos pés do cruzeiro, porque, estes seres podem atrapalhar a coleta das plantas na mata.

"Com um tempo na missão eu disse: - eu sei andar no mato, e eu conheço o Daime, e conheço a folha... eu não sei pra que servia, mas que eu conheço eu conheço. Aí o Chico entregou essa missão nas minhas mãos, a de pegar folha. E eu pego folha à vontade, parece que clareia uma coisa assim em mim. Minha missão é sempre tá atento com o tempo, pra onde eu vou sair na mata, levar eles pra onde eu vou buscar a folha, não perder o ritmo do lugar, os passos, o local, o sol, pra onde ele nasceu, pra onde ele vai se pôr; o vento, pra onde ele corre, tudo isso tá comigo, a pessoa nem percebe, tá comigo! eu sei disso porque eu passei seis anos na Bolívia... a gente nem sabe, a gente passa um tempão carregando uma coisa de valor, quando vai descobrir... mas o trabalho da folha, a gente sempre sai daqui depois dos trabalhos da Igreja, aí o horário de sair mesmo é de 3:30 para 4 horas da manhã. Nós junta toda a turma da equipe da folha, todo mundo leva o equipamento, o seu material. Nós vamos pros pés do cruzeiro, faz a abertura dos trabalhos, faz a prisão de todos os intrusões. É... 'que os intrusões que tão atrapalhando a vida de nossos irmãos nessa busca dessa viagem, os maus pensamentos, os pensamentos negativos, os pensamentos ruins, que fiquem presos, amarrados e algemados aos pés do cruzeiro, em nome de Deus e da Sempre Virgem Maria, Glorioso São Francisco das Chagas, Frei Daniel nosso Presidente, que eles fiquem algemados, que Deus nos guie na santa paz para nossos trabalhos e que Santa Clara e Santa Luzia abra os nossos caminhos, que clareie os nossos olhos materiais e espirituais, que nos una e que nos dê um bom trabalho em busca da folha rainha para a confecção do nosso Daime e mais algumas coisas, aí nós abre os trabalhos, mas aí quando os trabalhos tão abertos nós temos que tomar muito cuidado por causa de corrente inferior, que pega mesmo! a pessoa pensa que não pega, mas pega mesmo! às vezes, quando a gente tá com um trabalho bom, aí a gente acende 6, 10 velas mesmo, agora o certo

¹²¹ Antônio Lopes. Rio Branco, 28/01/97.

mesmo é três, três! três defumação, três velas, reza três preces completa, uma Salve Rainha e um Pai Nosso, aí abre os trabalhos.”¹²²

Na mata, os adeptos abrem o trabalho da mata. Enquanto aos pés do Cruzeiro o trabalho é de cobertura, na floresta ele é aberto.

“Lá, a mesma coisa pra abrir pra entrar na mata, aí, quando a gente abre os trabalhos lá, aí já é a busca, aqui, é a abertura dos trabalhos! essa abertura aqui é para acobertar até o fim dos trabalhos, ou seja, aos pés do Cruzeiro é a cobertura e lá é a abertura. Então, nós pede permissão a Santa Rainha das Florestas e a todos seres de Luz que tá com nós aqui nesta casa, aí pede permissão que afaste insetos venenosos, animais ferozes, tudo o quanto não presta e que nos acoberte com o Divino Amor, com a bandeira da paz e com a Santa Cruz bendita e que nós se acoberte todo, aí toma a Santa Luz e vamos catar folha, aí o trabalho preenche, aí fica tudo beleza, todo mundo tranquilo, quando é 11 horas, 11:30, aí eu vejo que quantidade tem, aí nós vamos almoçar, aí depende da nossa união, aí vamos catar folha mesmo. Nós fazemos serviço mais no primeiro dia, no outro dia nós tem só uma quantidade pouca, aí a gente fica mais folgado, aí fecha os trabalhos diários!”¹²³

O primeiro passo para a coleta do cipó e da folha consiste na nomeação de uma relação de homens que se dispõem a ir a mata à procura das plantas, são as equipes. Estas equipes sempre calculam a sua chegada ao local destinado para o amanhecer.

“Inicialmente é feita uma relação no dia anterior para os irmãos que tem condições de ir, que estão preparados para ir realmente para a viagem. Quando chega na mata, inicia sempre os trabalhos de retirar o cipó, fazer os feixes que a gente faz a amarração e colocar no caminhão pra trazer e a folha. A gente é bem recebido tanto pelos irmãos materiais que estão aguardando a gente como pelos irmãos espirituais que acompanham a gente na mata e... espirituais que trabalham aqui conosco. Tem irmãos que fazem as preces, tem os irmãos que dão as orientações para os irmãos que vão pela primeira vez, o que deve conversar no mato, o que não deve. Tanto na equipe do cipó, como na equipe da folha tem os irmãos que vão à frente pra poder orientar, pra poder tirar a dúvida dos irmãos iniciantes Dependendo do local, às vezes saímos 5 hs da manhã, às vezes 6 hs da manhã. A equipe da folha ultimamente sai mais cedo, sai 3 hs da manhã, às vezes sai 1 h da manhã, devido o acesso pra chegar ao local.”¹²⁴

¹²² Manelão. Entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 15/12/95.

¹²³ Manelão. Entrevista realizada na cidade de Rio Branco em 15/12/95.

¹²⁴ Félix Moura da Costa. Rio Branco 11/11/95.

Chegando ao local escolhido, a equipe prepara um novo tipo de pedido de guarnição com três velas em forma de triângulo. Ao redor deste triângulo formam um círculo e rezam pedindo permissão e proteção a entidades dos três mistérios, principalmente para a Rainha das Florestas (Nossa Senhora), aquela que tem o seu reino nas matas. É importante lembrar que junto a essas velas são acesos três defumadores, que servem para limpar o ambiente. O primeiro Daime sempre é dado para os seres invisíveis, de forma que é jogado ao chão. Logo após, todos os presentes tomam o chá. Como regra geral, é proibido falar muito, de forma que os participantes da coleta mencionam apenas aspectos referentes ao trabalho em si e, nada, além do cipó ou folha deve ser retirado do lugar.

O jagube (cipó) deve ser cortado e colocado em feixes, que serão amarrados na sequência e postos em um caminhão para, posteriormente ser transportado para o local de origem. Por outro lado, a folha deve ser colocada em sacos que tenham a capacidade de ter uma boa circulação de ar, para que as mesmas cheguem sadias na sede da Igreja.

A busca da folha segue princípios semelhantes da busca do cipó.

Segundo Manelão,

“As folhas são colocadas em sacos que respirem, sacos de nylon, vamos supor, que tem uns buraco, né? aí ela respira muito, que pega muita ventilação. Saco fechado assim não serve não, que ela pode pubar. A folha, tem que ser catada uma por uma pra não quebrar o olho, o olho sempre tem que tá ali vivinho pra quando nós voltar ela tá com a mesma carga de folha e a gente colhe em todos os pés. Tem pés assim que dá meio saco de folha e nós com o maior cuidado pra não quebrar, pra não estragar, pra não danificar, porque é sério mesmo. Essas comidas boa na mata nunca prestou, é... macarrão, esse negócio, uma farofinha simples, uma banana, um doce, um pão, essas comida assim, a não ser o caso que nós leve, dorme lá, já tem esse rapaz aí nós faz comida, leva uma carne, uma galinha, aí nós frita e nada de mexer com a coisa alheia, vamos

supor, se tiver banana, cana, essas coisas assim dos outros na roça, ninguém mexe, filhos do mato, se achar alguma coisa ninguém mexe, nosso trabalho é direto à folha, foi, voltou, da Igreja pra mata, da mata pra Igreja.”¹²⁵

Durante a busca, seja ela de cipó ou de folha, o silêncio é fundamental, porque a mata tem um ritmo peculiar que deve ser respeitado pelos marinheiros do mar sagrado que dela tiram os ingredientes para executarem as suas viagens. Nela se fala pouco e torna-se proibido qualquer assunto profano.

“Na mata nós fala, mas só coisas assim da missão, da missão. Sobre o trabalho, da festa, como gostou, se não gostou, como pode ser, como pode ser pra frente, como podia ser, porque os nossos merecimento, assim essas coisas e aquela coisa e no mais como eu já disse, conversa pouco, né?”¹²⁶

O material colhido na mata vai para a casa de feitio, onde serão transformados, através de um longo processo de preparação, na substância ritualística. Esta casa tem um significado bastante especial para as demais doutrinas que utilizam a ayahuasca nos seus trabalhos.

“A ‘casa do feitio’ é um espaço limial por excelência. Nela somente são realizadas as atividades do ‘feitio’. E mesmo quando não está sendo realizado um ‘feitio’, o trânsito através dela ou arredores deve ser respeitoso e em silêncio” (Groisman, 1991:179-180).

A casa de feitio da Barquinha, está localizada à direita do Castelo Azulado, posterior a Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos. Ela é uma casa de madeira simples, com um rústico sistema de ventilação em suas laterais. De forma geral encontra-se fechada e só é aberta algumas vezes no primeiro semestre de cada ano, fase de coleta do cipó e da folha.

¹²⁵ Manelão. Rio Branco 15/12/95.

¹²⁶ Manelão. Rio Branco 15/12/95.

No interior da casa, encontramos uma máquina para triturar o cipó, um fogão industrial e quatro panelões. O chá é preparado com quatro ingredientes básicos: cipó, folha, água e fogo. Estes ingredientes, posicionados em camadas, produzirão, após longas horas de fervura, o chá sagrado.

“O feitiço, ele é feito depois que o cipó é adquirido... o cipó jagube, a folha, a chacrona, adquirido na mata, depois vem a colheita. Ele é feito, é... dependendo da quantia, da quantidade do Daime que vai ser feito, a gente faz, passa de 10, 20 dias fazendo e... como você sabe, a gente usa o cipó, a folha e a água. Ele é feito no fogão de cozinha. Antigamente era feito com lenha. E a gente faz isso aí com amor, faz com certa responsabilidade, faz com prazer, a gente faz assim... a gente transmite alegria pros irmãos que vão receber. O cipó, ele é triturado na máquina. Antigamente ele era batido, hoje é feito na máquina... e folha, a gente encontra folha na mata. O interessante é que elas nunca nascem perto do cipó. O cipó nasce num canto... eles nunca estão próximos um do outro. A folha, ela gosta mais da sombra, ela é mais melindrosa. Dependendo da quantidade a gente faz 1.000 litros, 2.000 litros, que é para durar o ano todinho, pra não pegar aquele inverno chuvoso”.¹²⁷

A produção do Daime, que demora cerca de duas semanas, proporciona aos participantes um estoque de seis meses. As três buscas do Daime na mata visam à sustentação da bebida durante todo o ano na Barquinha e nos pontos do Rio de Janeiro e de Ji-Paraná.

“Esse Daime vai até agosto. Eles pode fazer umas três buscas de Daime, pra aguentar, porque é muita gente pra tomar Daime... o Manuel dá um pouquinho a um, um pouquinho a outro, porque o Frei Daniel irradiou ele e disse: - meu filho, quando chegar um irmão aí com sede e pedir pra tomar um golinho d' água, você dê! não dá o sujeito que chega aí embriagado, não se dá não. Mas chegou um que não esteja com essa doença aí ele vai e manda dizer que a gente dê um pouquinho. Mas se não falar com ele eu não dou de jeito nenhum”.¹²⁸

¹²⁷ Félix Moura da Costa. Rio Branco 11/11/95.

¹²⁸ Antônio Lopes 28/ 01/97

O chá é confeccionado em quatro panelões de alumínio, três dos quais servem para o cozimento e o quarto para a apuração.

“São quatro panelão, três de cozinhar e um de apuração. Quando tão todos desocupados, no começo, né? eu cozinhei ele nos quatro, aí quando tirei o bagaço dos quatro aí passei ela todinha só pra um já com água do outro, agora os quatro cozinham. Tira o bagaço dos quatro, aí pega a água dos três e coloca junto lá com a água dos quatro, aí faz a apuração no quarto. Aí depois só três, aquele lá pra apurar os três. Cada panelão desse vão três camadas de folha, três camadas de cipó, aí cozinha tudo junto, aí depois pega o suco e bota lá, aí quando chega lá eu boto mais outra quantidade de folha, pra ele apurar e cozinhar aquela folha soltando aquele sabor da folha ficando todinho nele. A folha tem que tá cozinhada... aí sim, aí quando eu boto a folha eu rezo as dez preces, só rezo quando eu boto a derradeira folha, no apuramento, aí eu rezo as dez preces, aí eu peço à Deus primeiramente, à São Francisco das Chagas e Frei Daniel pra consagrar aquela luz em nome de Deus e nós tomar ela... eu digo nós, eu não digo um outro irmão porque eu faço parte, eu digo nós tomar essa luz que vai sair agora, apurar. Nos dê tudo o que é bom, dê tudo o que é bom pra nós, abri a nossa mente pra nós ver tudo o que é bom. São dez Pai Nosso, dez Ave-Maria, agora só tem um Salve Rainha e um Creio em Deus Pai, no final, no fechamento. Isso é quando eu boto a folha pra ele ir apurar lá, aí quando a folha tá cozinhada ela fica mesmo no fundinho, ela tem soltado o suco dela, o sabor dela, aí quando você vê aquela folha assim Demora pra cozinhar umas três horas, agora lá pra apurar é duas horas e meia, cinco horas e meia pra ficar pronto. Tem que deixar pouquinho. Tira o bagaço e se tiver muita água nele você tem que deixar baixar o fogo. A água só vai quando coloca o bagaço, a folha, os tijolo e a tampa e aí coloca a água. Bota a água que é pra aí colocar o fogo pra cozinhar. Aí a gente bota o bagaço, pega três vezes o bagaço e três vezes a folha, aí quando tiver tudo cheio a gente coloca o tijolo e a estaquinha pra segurar o tijolo pra não subir, aí é que põe a água, aí depois que põe a água, a quantidade d'água que dê pra cozinhar, aí acende. Aquela espada ali é pra medir. É uma espada e ao mesmo tempo cruz, são coisas de guarnição, porque tudo é seguro, né?”.¹²⁹

Para coar a substância, é usado um quinto panelão e em seu centro, um banco sem a parte do assento, apenas com a sua estrutura. No meio desta estrutura é posto em um saco de açúcar e só então o Daime é derramado. Está pronta a “Santa Luz”.

¹²⁹ Antônio Lopes. Rio Branco, 28/01/97.

Do feitio resultam dois graus diferentes do chá: o mais diluído, com cor marrom, usado com mais frequência pelos participantes, e o “Daime do Padrinho”, como é chamado o mais apurado. Este é mais escuro do que o primeiro e é bastante concentrado, proporcionando um forte poder de miração.

“Tem dois tipos de fazimento do Daime, assim pelo seguinte... aquele com menos grau, nós olhamos lá naquela espadazinha, tipo medida, dez litros e eu posso tirar com seis litros, seis litros sai mais forte que é o mais escuro, eu posso tirar com cinco, com cinco basta eu dizer, basta você cheirar pra você trabalhar (risos). Ele não é dado pra todo mundo, aquele tem que dar pros irmãos que são fortes no Daime, porque tem irmãos que são fortes, esses irmãos que vem de fora, quer tomar um Daime bom... né? é o Daime do Presidente”.¹³⁰

Há um outro elemento que o feitor do Daime nos falou. Diz respeito ao amor e à paz espiritual que o confeccionador deve ter no coração na hora do seu preparo, para que esta bebida não leve cargas negativas para aqueles que dela beberão.

“Não posso ter raiva de ninguém. Se alguém tiver raiva de mim, fizer alguma coisa comigo, eu não posso ter de irmão nenhum, não posso, de jeito nenhum. Eu recebi isso no meu trabalho, porque eu é quem faço a luz do Daime. Como é que eu vou fazer a luz do Daime com o coração desse tamanho, com raiva do meu irmão? num pode! como é que eu vou dar o Daime lá pro meu irmão com o coração deste tamanho? com raiva? tenho isso aí pra mim, não posso, eu recebi e eu tenho fé em Deus que um dia quando eu chegar lá pro papai do céu, ele vai dizer: - esse aqui tem um coração muito bom, fez o Daime, deu Daime e não tinha raiva de ninguém. Agora eu queria dos irmãos que frequentou aqui, que desencarnou na minha época, tô hoje contando a história; queria que os irmãos visse que jeito tá esses irmãos na eternidade, é uma riqueza!”¹³¹

¹³⁰ Idem.

¹³¹ Ibidem.

4.3 - "FAZER O BEM SEM OLHAR A QUEM".

I

**"Eu estou firme no Culto Santo
que tenho por devoção
Deus abençoe as minhas preces
da alma ao coração**

II

**O divino Pai Eterno
para nos dar a salvação
mandou preparar os caminhos
para Jesus, por São João**

III

**São João veio sobre a terra
São Gabriel foi sua guia
pregou clamor no deserto
a luz santíssima do Messias**

IV

**São João é filho único
do sacerdote Zacarias
Santa Isabel é sua mãe
e prima da Virgem Maria**

V

**São João preparou a doutrina
em tudo testificou a luz
e lá no rio de Jordão
ele batizou Jesus**

VI

**Na hora do santo batismo
os céus se abriram por encanto
e baixou um fogo sagrado
sobre Jesus e o Espírito Santo**

VII

**São João nos abençoe
e nos dê caminhos de luz
seja vós o nosso guia
para os santos pés de Jesus**

VIII

**Estou firme na verdade
que representa esta luz
está aberto o Culto Santo
das doutrinas de Jesus
(CULTO SANTO)**

As obras de caridade se convertem no principal trabalho da missão implantada por Mestre Daniel. Estas obras representam a mola central de todos as demais performances rituais da casa.

“Nós somos Espíritas Apostólicos Cristãos, haja visto que o mediador da nossa casa é São Francisco das Chagas. No início da vida de Jesus na terra, ele cumpriu uma missão, ele veio para cumprir uma missão sobre a terra. Ele veio para ensinar os filhos a se prepararem para quando desencarnarem, subirem ao Reino Celestial. São Francisco, dentro da sua missão divina sobre a terra, usando o mesmo que Jesus usava, fazendo a caridade: ‘fazer o bem sem olhar a quem’, fazendo preparos, fazendo atendimentos aos pobres, aos doentes, aos desajustados, para poder ele cumprir a missão dele. Mesmo assim, nós continuamos a missão que Jesus iniciou e que São Francisco continuou. Nós estamos dando essa mesma continuação dentro dessa casa, que é ‘fazer o bem sem olhar a quem’. Eu atendo aqui aos sábados 100, 150 pessoas que vem de fora em busca de tratamento para sua saúde, em busca de melhorias de suas vidas, em busca do que é bom. Chega aqui eu atendo todo mundo, atendo sem cobrar um tostão de ninguém, aqui não se paga nada! aqui não se tem lucro ou dividendo de lugar nenhum. Ele é feito exclusivamente por amor à Deus e por amor ao próximo. Desde o início é assim.”¹³²

Quando Daniel Pereira de Mattos recebeu a missão que deveria cumprir aqui na terra, o foco principal de sua atenção consistia na caridade, ou seja, atender aos necessitados que por algum motivo precisassem de ajuda da missão. Neste sentido, este dom torna-se o eixo central de todos os trabalhos da casa, porque é deste tipo de atividade espiritual que emergiram as demais, construídas com o passar do tempo através de influências dos planos do invisível.

Assim como na Umbanda, os fiéis da Barquinha entendem que as consultas públicas são meios de se prestar a caridade, porque, é uma forma de se prestar ajuda aos necessitados.

Abordaremos neste tópico a forma como os praticantes desenvolvem esta atividade, levando em consideração os diversos momentos deste tipo

¹³² Manuel Hipólito de Araújo. Rio Branco, 16/08/95.

de performance ritual. Além disso, destacaremos os símbolos expressos no ritual.

4.3.1 - O CULTO SANTO - INTRODUÇÃO RITUAL

Durante esta atividade e em grande parte do repertório de trabalhos da Barquinha, são acesas três velas, uma em cada lado do portão de entrada e a terceira, entre as duas velas, diante do centro do portão, mas do outro lado da rua de acesso, formando um triângulo. Nestes triângulos circulam entidades protetoras, que visam guarnecer o espaço, portanto, é um triângulo de luz. A presença de luz serve para afastar a aproximação das trevas, das entidades inferiores que podem atrapalhar o andamento dos trabalhos. As três velas dizem respeito aos três mistérios da casa, logo, as entidades guardiãs pertencem aos planos do Céu, da Terra e do Mar e, visam afastar os intrusos que porventura tentem perturbar os trabalhos do Centro.

O início do trabalho é marcado por dez badaladas de um sino, um convite ao embarque. Estas batidas são efetuadas pelo Vice-Presidente do local Francisco Hipólito de Araújo que convida os presentes a tomar a “Santa Luz” (o Daime) e a viajar sobre as suas ondas durante este tipo de performance ritual.

Após as badaladas, são formadas duas filas para tomar o chá. A do lado esquerdo reservada aos homens e a do lado direito está reservada para as mulheres. Antes, porém, do Daime ser tomado, é rezado um Pai-

Nosso, uma Ave-Maria e um Creio em Deus Pai. Estas orações são puxadas pelo responsável das orações no interior da Igreja.

O Daime encontra-se em um filtro de porcelana, que por sua vez, está dentro de uma réplica da Igreja. A representação da Igreja junto a substância diz respeito a aproximação da luz e, conseqüentemente, o encontro com o sagrado. Esta junção entre a representação do espaço sagrado e o “vinho” sagrado trará revelações para os participantes que poderão beneficiar os fiéis tanto à nível individual, quanto à nível coletivo.

Uma vez ingerido o Daime, os participantes se dirigem para o interior da Igreja. A Igreja, por sua vez, obedece uma divisão de sexo, no qual o lado direito é reservado para os homens e o esquerdo para as mulheres. Esta divisão envolve os seguintes lugares: 1) a mesa em forma de cruz que está à frente de todos os participantes, de onde emana a forte corrente espiritual para todo o trabalho das obras de caridade; 2) o cercadinho que está logo atrás da mesa, no qual os médiuns que trabalham nas obras de caridade sentam-se; 3) a assistência que fica atrás do cercadinho dos médiuns, onde ficam os fardados que deverão apoiar os médiuns do cercadinho e, por fim, 4) a audiência que está ao lado do cercadinho dos médiuns. A audiência é reservada aos demais presentes.

Como já afirmamos no capítulo anterior, a mesa tem um papel muito importante na casa, pois ela rege a maioria dos trabalhos do local e, principalmente, as obras de caridade. É necessário, portanto, que ela sempre esteja completa, para que a corrente espiritual em sua volta nunca seja desfeita. Esta mesa comporta 13 pessoas, uma representação

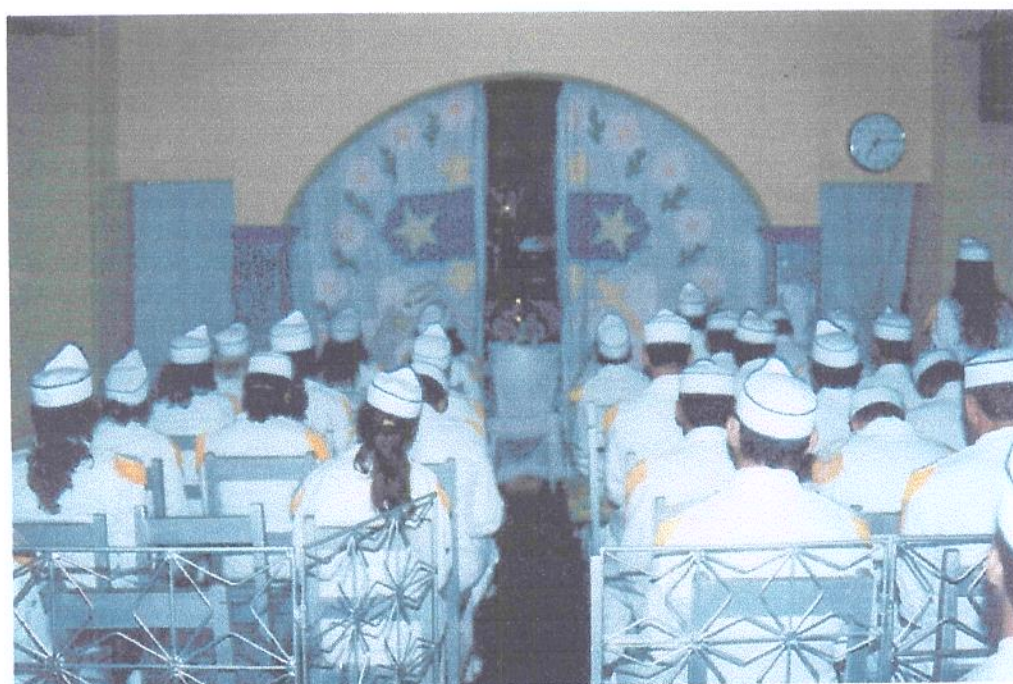
simbólica dos doze discípulos e, junto aos pés da mesa o Presidente Manuel Hipólito de Araújo; esta é a primeira corrente. Existem ainda a segunda corrente, intermediária, que apóia a primeira que está mais próxima da mesa e a terceira corrente, que assiste a segunda.

Podemos pensar as obras de caridade da Barquinha como um origame que está sendo aberto, porque este tipo de trabalho está pontuado por momentos que fundem os diversos lugares do interior da igreja e de seus arredores.

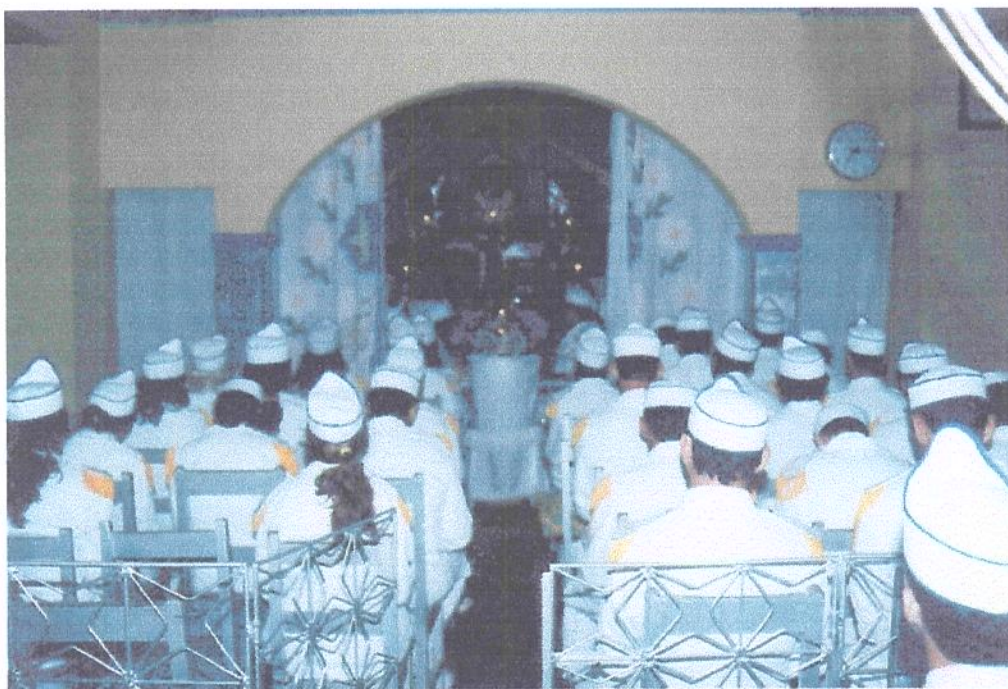
O início do trabalho demonstra a nossa afirmativa anterior, pois, com o salmo designado de culto santo, a cortina é aberta. Esta cortina, é dividida ao meio e, no centro, encontra-se uma cruz rodeada por doze rosas. Encontramos novamente o simbolismo de Jesus e dos doze apóstolos. Acima da cruz, acham-se três estrelas que dizem respeito aos mistérios da casa (Céu, Terra e Mar). Este pano, é aberto lentamente, fundindo o lugar da mesa e do altar ao restante da igreja, fazendo das partes um todo.



O que ocorre neste tipo de performance ritual nada mais é do que uma fusão de espaço, uma consagração dos lugares da casa. Nesta fotografia, podemos observar os médiuns dentro do lugar que corresponde a eles durante a primeira parte dos trabalhos.



Continuando a sequência fotográfica, podemos considerar que na medida em que o salmo vai se desenrolando, a cortina que liga uma parte da Igreja, vai se abraçando a outra. É possível, à partir deste momento visualizar o ponto central da Igreja: a mesa em forma de cruz, de onde emerge a energia para a sustentação dos trabalhos de Obras de Caridade.



Na terceira e última sequência do ensaio fotográfico, podemos perceber ao fundo um altar com santos diversos e duas portas que dão acesso ao salão de obras de caridade. Esta dinâmica que pudemos apreender em todo este tempo de convivência na Barquinha, nos faz pensá-la enquanto espaço performático com um enorme puzzle simbólico.

Neste trabalho, assim como os demais realizados na igreja, são intercalados por hinos e preces; cada prece antecede a um salmo. É importante ressaltar que o momento de abertura não significa que oficialmente os trabalhos de obras de caridade estejam abertos. Esta performance só tem o seu início propriamente dito, quando é executado um salmo por nome de forças armadas. Só então o Presidente menciona as seguintes palavras: “nesta hora Santa, em nome de Deus, de Frei Daniel e da Sempre Virgem Maria, os trabalhos estão abertos. Não haja medo meus queridos irmãos, pois estamos guarnecidos pelos santos exércitos de Jesus do Céu, da Terra e do Mar e quem está presidindo os trabalhos pelo santo dia de hoje é ... (nome do santo responsável).”

Posteriormente, é executada a chamada das sete entidades que devem estar posicionadas a frente do altar, sobre as ordens divinas de Jesus, para que comecem os trabalhos das obras de caridade. É

importante salientar que os guias que recebem as sete entidades entram pela porta que está à direita do altar, enquanto os aparelhos que irão prestar assistência a elas adentram o Salão de Obras Daniel Pereira de Mattos pela porta que encontra-se à esquerda do altar.¹³³

4.3.2 - O CULTO SANTO - OBRAS DE CARIDADE

O Salão de Obras Daniel Pereira de Mattos, é iluminado pelo altar e tem como reforço a mesa em forma de cruz. Acima do altar há uma representação iconográfica do Divino Espírito Santo que irradia através de faixas amarelas as duas portas que dão acesso ao Salão.

Os primeiros a penetrar no Salão são os guias, que se posicionam em seus gabinetes de atendimentos, designados na Umbanda de congá. Em seguida, entram os aparelhos que passam a circular por todos os gabinetes. Este é o momento da saudação formal dos aparelhos para com as entidades que estão trabalhando nas obras. Estas, por sua vez, estão a frente do gabinete com a mão direita fechada e dois dedos da mesma mão posicionados para cima. Da mesma forma procedem os aparelhos que mencionam a seguinte frase: “salve meu irmão”! em referência a entidade que dentro de poucos minutos atenderá o primeiro cliente.

Já afirmamos anteriormente que são sete as entidades que atendem nos gabinetes de atendimentos reservados atrás da Igreja. Esses seres de luz são provenientes de um dos três mistérios no qual os informantes nos falaram. Entretanto, quando passam a trabalhar no Centro, essas entidades circulam livremente dentro dos três planos cosmológicos do

¹³³Estas entidades de apoio tornam-se o braço direito das obras de caridade, por isso devem entrar pelo

lugar. Podemos classificar as entidades que foram convertidas para desempenhar funções na Barquinha dentro dos seguintes lugares:

- 1) Rei Urubatã - terra;
- 2) Mestre Carlos - Astral;
- 3) Tubarão Branco - Mar;
- 4) Pai Joaquim de Angola - Astral;
- 5) Anastácia de Luz - Astral;
- 6) Mestre Dom Romão - Astral;
- 7) Paruaçu da Luz - Astral;

Segundo informações de um dos guias,¹³⁴ todas essas entidades acima mencionadas trabalham no Céu, na Terra e no Mar, porque elas são consideradas enquanto oficiais que estão trabalhando em benefício de toda a humanidade. O trabalho desempenhado por essas entidades visam não só beneficiar este plano, mas outros encontrados no invisível. O tipo de atividade desenvolvida por eles corresponde principalmente ao tratamento de enfermos, executando a cura ou a melhoria dos pacientes, e conseqüentemente, efetuam a prisão de entidades maléficas que porventura perturbem àqueles que por sua vez procurem o Centro por problemas diversos.

“Eles são os soldados guerreiros, autoridades de Jesus para vir prestar obras de caridade nesse mundo para terminar o preparo deles também. Todas essas entidades, elas trabalham nos três mistérios, porque elas são preparadas, elas recebem o batismo para trabalhar nesses três mistérios, por exemplo, o Rei Urubatã, se por acaso trabalha nas florestas, trabalha no Astral e trabalha no Mar, ele é preparado para isso. Hoje ele trabalha na Floresta, amanhã ele pode vir no mistério do Mar e amanhã ele pode vir no mistério do Astral. Tudo isso que nós recebemos, todos esses trabalhos são por intermédio do Daime, o Daime

lado direito.

¹³⁴ No qual recebe a entidade por nome de Rei Urubatã.

é que faz todo esse trabalho, ele ensina tudo isso pra nós, é o nosso professor, autorizado pelo Pai Eterno e pela Virgem Mãe da Conceição e Frei Daniel, porque o Daime ele é um bom professor, ele nos ensina tudo na nossa vida que nós precisamos, ele ensina pra nós. A luz, ela não ensina nada errado pra ninguém, ela só ensina o certinho pra nós seguir o positivo, pra nós seguir feliz com o mundo, e tudo com o Daime é assim, se nós errar, é porque nós somos teimoso. O Daime, ele cura quem é doente mental por exemplo, isso aí eu tenho certeza, ele cura a mente da pessoa, é onde você vai encontrar a paz, ele conserta tudo que tá errado.”¹³⁵

Essas entidades, que passam por um processo de doutrinação, recebem designações que as identificam como entidades mais próximas a doutrina cristã. Por exemplo: Caboclo Urubatã passou a ser chamado de Rei Urubatã; a escrava Anastácia, é chamada de Anastácia da Luz, e assim sucessivamente.¹³⁶

As obras de Caridade tem como objetivo primordial, fazer limpeza espiritual, bem como batizar os espíritos considerados inferiores, o que caracteriza o Centro enquanto uma casa doutrinária, preparando o espírito materializado e o espírito já desencarnado para a eternidade. Acreditam que através da doutrinação:

“Muitos desses mensageiros, tem a chance de abandonar o mal que vinham praticando contra os seus irmãos encarnados, e gravitarem para uma faixa de espiritualidade melhor, conduzidos por aqueles espíritos abnegados, deixando suas perseguições, curados das doenças que vinham lhe causando.” (Ferreira, s/d: 92).

Na **Barquinha**, assim como na Umbanda, esses espíritos considerados inferiores são incorporados no corpo dos médiuns, mas é

¹³⁵ José do Carmo. Entrevista realizada em Rio Branco no dia 08/11/95. O que o entrevistado nos disse e foi comprovado por outras entrevistas realizadas, é que o Daime propicia a cura material e espiritual em alguns casos. Conheci uma senhora por nome de Fátima, que teve sérios problemas mentais e que obteve melhora significativa no Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. É importante frisar que não é a substância em si que proporciona uma regeneração, mas toda uma série de elementos que estão relacionados também com a cura através dos espíritos. Neste caso, observo tanto a doença quanto a cura, tratadas na Barquinha, enquanto um processo, que envolve uma série de elementos simbólicos. Acerca deste tipo de processo, discutirei no próximo tópico.

importante frisar que não são todos que são designados a executar a caridade, pois poucos são aqueles que são chamados a botar a roupa com essa finalidade. Na **Barquinha** existem inúmeros fardados e outros ainda por vir, mas são poucos os que ocupam lugar de apoio no centro da Igreja, porque é dali que emanam as entidades que trabalharão em conjunto com um par de **aparelhos**.

Estes espíritos inferiores são também chamados de **eguns sem luz**, que são espíritos desencarnados pouco evoluídos e, chamados em **pelotão** ou **falange** para a doutrinação. Sendo assim, é comum a diversidade numérica quando os médiuns recebem estes espíritos que não foram preparados no plano terreno.

Se na Umbanda são os **eguns de luz** que trazem as chamadas entidades inferiores para o **batismo**, no Centro Espírita e Culto de Oração, uma entidade, por nome de Príncipe Dom Semião é quem é responsável por esta função.¹³⁷

Paula Montero afirma que o domínio do aspecto selvagem da Umbanda é a forma de diferenciar os **eguns batizados** para os **eguns pagãos**. É importante salientar que essa passagem se dá através do batismo, pois o mal pode ser domesticado não só quando se recebe um nome, mas um lugar e uma função determinada (Montero, 1985:149). Este fato é verificado com os integrantes da **Barquinha**, que quando indagados, respondem que temem entidades inferiores porque não sabem a sua origem, o que elas pretendem e a intensidade de sua força.

¹³⁶ Neste sentido há uma série de re-significações no Centro. Uma delas é o gabinete de atendimentos, chamado na Umbanda de Congã.

Enquanto a mesa em forma de cruz - que é composta com o padrinho e simbolicamente com os doze discípulos que fazem ponto de apoio aos trabalhos- transmite uma **corrente** de energia para a continuidade das Obras de Caridade, as sete entidades que foram chamadas através de São Francisco por intermédio do Presidente, atuam em consultas públicas atrás da Igreja, no salão.

Existem, na verdade, três tipos de salão nesta Barquinha: o Salão de festejos, ou seja, o parque onde a irmandade efetua as suas comemorações através de um bailado; o Salão de cânticos e louvores, que está localizado no interior da Igreja; e o salão de Obras de Caridade. Este último, é o local onde os clientes se submetem às consultas públicas.

“Nas obras de caridade trabalham sete entidades responsáveis por aqueles gabinetes de atendimento de obras de caridade. São sete médiuns, são espécies de sete médicos que trabalham naquela obra de caridade, só são aqueles sete. Agora tem mais aparelhos, mas para receber as entidades negativas que estão com os doentes fazendo os trabalhos.”¹³⁸

Os clientes, que estão presentes neste tipo de atividade, devem ficar aguardando o início dos atendimentos em um hall que fica ao lado do Salão de atendimentos e, não são obrigados a assistir a primeira parte dos trabalhos que se realiza no interior da Igreja, muito menos tomar o Daime. Por uma questão de educação e respeito, segundo eles, mulheres e crianças formam o primeiro grupo de pessoas que passam a ser atendidos; posteriormente, o segundo grupo formado por homens, tem a permissão para realizar consultas.

¹³⁷ O Príncipe Dom Semião traz e leva entidades consideradas pagãs, para serem doutrinadas. Discutiremos o desempenho desta entidade, quando passarmos a falar da doutrinação das almas, que inclui também o batismo de eguns sem luz. Verificar o item 4.9 desta dissertação.

“Todo o sábado vem pra cá clientes espontaneamente atrás de tratamentos espirituais e material também. Vem, e nós aqui se reunimos, eu com a minha irmandade, eu tenho um corpo de quarenta e tantos médiuns, trabalhando em benefício das obras de caridade. Nós se juntamos, abrimos um trabalho, abrir um trabalho é abrir uma sessão, junto a irmandade, leva-se o doente lá para o salão de obras de caridade, nós temos dois salões. Nós temos o salão de comemoração, o salão de visitas e temos o salão de obras de caridade. Aí nós levamos eles lá para o serviço de obras de caridade e lá é tudo dividido. Lá eu tenho sete pontos de serviços, sete gabinetes, nós aqui chamamos gabinetes de serviços. Nesses gabinetes de serviço é que nós fazemos o atendimento. Em cada gabinete de serviço tem uma entidade, tem um irmão, ou em cada gabinete de serviço eu coloco três irmãos, um que recebe o guia curador, outro para fazer o atendimento entre os doentes e as entidades e outros para receber a carga negativa que aquele cliente traz, o cliente vem, chega aqui ele é submetido a um preparo, a um exame, e aí a carga negativa que tiver circulando com ele, que todos são médiuns também, então a carga negativa que tiver circulando naquele irmão eu posso passar para os aparelhos que estão preparados para receber aquela carga negativa e se identificar o que é, o que ele quer, o que que veio fazer, o que que anda fazendo, por que que tá atrás daquele irmão, ele se identifica. Se identifica e depois que ele se identifica, se ele fizer algum mau, alguma gira é... ele vai desmanchar, eu faço ele desmanchar, coloco ele num campo de concentração, prendo, coloco num campo de concentração, depois que ele tiver num campo de concentração ele vai fazer uma limpeza e vem no dia certo, que geralmente é quinta-feira, vem, é chamado, para desmanchar aquele serviço que ele fez para aquele irmão para que aquele irmão fique livre daquela magia negra que ele fez pra ele. Aí então eu vou tratar do doente e vou preparar a entidade negativa para que ela nessa casa mesmo, ela receba um batismo de cristão e inclua nos exércitos de Jesus, tirando ele daquela vida de fazer mal a um, mal a outro. Então eu coloco ele como um soldado dos Exércitos de Jesus trabalhando nesta casa, já com outro grau de luz, que é com a luz do batismo, batismo cristão. Faço a prisão daquela entidade negativa que vive acompanhando, que vive circulando aquele cliente, pra poder eu tratar o cliente e ele desmanchar alguma gira, no caso alguma magia negra que ele fez para aquele cliente, pra eu poder tratar do cliente e também dar oportunidade pra aquela entidade negativa, que é ignorante, receber a luz do batismo, e se incluindo nos exércitos de Jesus, retirando ele completamente da área negativa.”¹³⁹

¹³⁸ Manuel Hipólito de Araújo. Entrevista realizada em Rio Branco em 16/08/95.

¹³⁹ Idem



Nesta fotografia observamos parcialmente o salão da Igreja, a que o Presidente do espaço Manuel Hipólito de Araújo mencionou anteriormente. Observamos o cercado de médiuns em um primeiro plano (todos eles com o fardamento azul, destinados a obras de caridade). No segundo plano podemos notar a presença da audiência masculina.

Nas consultas, existem os que precisam libertar-se de maus fluídos. Neles, são executados passes simples, com objetivo de descarregar essas energias inoportunas (Montero, 1985:149). O passe constitui uma das principais formas ministradas pelas entidades de luz para afastar malefícios deixados pelas entidades inferiores, que provocam crises orgânicas e perturbações mentais. O **encosto** é outro elemento que pode ser afastado através de passes simples porque ainda é uma das formas mais brandas de obsessão (Gomes, 1989:65).



As pessoas que procuram a casa visam uma recuperação, seja por problemas de saúde (o mais comum), por problemas financeiros, conjugais, etc. Estes indivíduos passam por uma consulta prévia com um dos guias do Salão Daniel Pereira de Mattos e recebem passes, movimentos simbólicos na qual é desprendida energia positiva àquele que procura o espaço. Funciona como limpeza e torna-se eficaz em tratamentos brandos.

Os passes consistem em uma série de gestos simbólicos expressivos, que procuram atuar sobre diversas partes do corpo, seja o peito, a cabeça ou membros, procurando retirar as influências negativas e o reestabelecimento da saúde do indivíduo, já que na **barquinha**, as doenças podem ser categorizadas da mesma forma que o modelo proposto por Montero, isto é, doenças causadas pelos próprios indivíduos quando transgridem regras rituais, quando se recusa a desenvolver a sua mediunidade, ou mesmo quando realizam malefícios a outras pessoas. Existem também as doenças kármicas, consideradas como falhas cometidas em existências anteriores (Montero, 1985:130-133).

“Os passes não fazem parte do corpo doutrinário do Espiritismo. Eles remontam aos mais remotos tempos e constituem recursos naturais, postos à disposição dos homens para tarefas de socorro ao próximo. O Novo Testamento demonstra que Jesus e os Apóstolos utilizavam-se dos passes como recursos magnéticos curadores aliados a recursos

espirituais, curando pela imposição das mãos ou pelo influxo das palavras de fé. Em nossos dias, graças à sua feição de 'consolador prometido', o Espiritismo conserva e difunde essa modalidade de auxílio, a fim de atender a uma infinita quantidade de pessoas que batem às portas dos Centros Espíritas, na esperança da cura ou do alívio. Há teoricamente dois tipos de passes: 1) aquele ministrado com os recursos magnéticos aúridos no plano espiritual; 2) aqueles ministrados com os recursos magnéticos do próprio médium (médiuns magnetizadores ou curadores. Considerando que todo o poder vem de Deus, o recurso será sempre de natureza divina, sugerindo ao médium, como intermediário, apenas o cultivo constante da humildade. André Luiz, na sua obra *Mecanismo da Mediunidade*, nos oferece preciosas informações sobre o aspecto científico pelo qual pode ser encarada a transmissão do passe, e apresenta algumas conclusões que achamos oportunas: 1) o medianeiro do passe magnético é autêntico representante do magnetizador espiritual à frente do enfermo; 2) é indispensável o clima de confiança entre o necessitado e o socorrista, para que se forme o elo de confiança que permite o auxílio, na medida dos créditos de um e de outro; 3) ao toque na energia que emana do passe, com a supervisão dos benfeitores desencarnados, o enfermo, na pauta da confiança e do merecimento próprios, emite ondas mentais características, assimilando os recursos que recebe; 4) o processo de socorro pelo passe é tanto mais eficiente quanto maior for a aceitação do paciente; 5) o passe, como gênero de auxílio sem qualquer contra-indicação, é sempre valioso no tratamento devido aos enfermos de todas as classes. Emmanuel conceitua o passe como uma 'transusão de energias psicofísicas, operação de boa vontade, dentro da qual o companheiro do bem cede de si mesmo em benefício de outrem.' Para o êxito dessa operação, cabe ao médium passista buscar na prece o fio de ligação com os planos mais elevados da vida. Mágoas excessivas, paixões, desequilíbrio nervoso e inquietude, bem como alimentos inadequados e alcoólicos, são fatores que reduzem as possibilidades do passista e que, portanto, devem ser evitados. Aqueles que se consagram aos trabalhos de assistência aos enfermos através dos passes, devem cultivar, além da humildade, boa vontade, pureza de fé, elevação de sentimentos e amor fraternal. A fé, aliada ao respeito e ao recolhimento, aumenta também a receptividade do doente ao passe, ao passo que a ironia, a indiferença e a dureza no coração, tornam ineficaz o recurso terapêutico. Nos processos patológicos orgânicos, os 'passes' não dispensam os recursos da Medicina, devendo ser utilizados como complementos." (Guimarães, 1993: 68-69).



Cada entidade tem um lugar delimitado para a aplicação dos passes. Neste local ela, a entidade, atende crianças e adultos, diagnosticando a gravidade da situação de cada um.

Cada entidade que aplica os passes, os realiza no ***gabinete de atendimento***, semelhante ao ***congá*** na Umbanda. Este, está dividido em duas partes. A parte de cima contém Santos Cristãos, que podem representar entidades da Umbanda, por exemplo São Jorge, que representa Ogum e Santa Bárbara, designada de Iansã pertencendo a linha de Iemanjá. Esse cruzamento de entidades e santos foi proposto por Bastide (1989:368) e Ortiz (1991:81). A parte de baixo do gabinete de atendimento é reservada aos Caboclos e Pretos velhos. Sobre a já mencionada divisão do gabinete, o Presidente fez a seguinte observação:

"(...) As entidades do Astral, nós colocamos no patamar de cima e outras entidades, como por exemplo a do mistério das florestas (...) nós colocamos embaixo (...) do altar das entidades celestiais."

As obras de caridade sintetizam uma relação entre elementos africanos, indígenas e europeus. Pretos-velhos, caboclos e o terreiro ilustram os dois primeiros; já o congá, com as velas e imagens de santos são de origem cristã européia. (Lima, 1993 : 51)

Cada uma das entidades trabalha com dois **aparelhos**. Esses aparelhos, recebem os espíritos do corpo daquele que está sendo consultado, através de uma **transmissão**. Muitas vezes os exus também baixam e, quando detectados, é aconselhado um retorno com intuito de desfazer trabalhos de quimbanda.

Para finalizar, é importante dizer que após o término dos atendimentos por parte das entidades no Salão de Obras Daniel Pereira de Mattos, as mesmas devem retornar para a frente do altar que encontra-se no interior da Igreja. Só então os trabalhos são fechados, da mesma forma em que começou, com o salmo “culto santo” e com o fechamento das cortinas. Os fiéis devem se deslocar para as suas casas com a graça divina.

4.3.3 - POSSESSÃO¹⁴⁰ E MIRAÇÃO NO PERCURSO DA NAU

Dentro da perspectiva de que os fiéis do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz trabalham com elementos de várias tradições religiosas e filosóficas, faz-se necessário abrir um parêntese, por menor que seja, sobre os fenômenos/processos da miração e da possessão. Neste sentido, acreditamos que as duas coisas se complementam, tendo em vista que ambas as práticas convivem harmonicamente dentro do processo ritual do grupo envolvido.

A antropóloga Maria Beatriz Lisboa Guimarães fez uma análise entre um terreiro de Umbanda e o Santo Daime e nos propicia uma discussão interessante acerca dos dois tipos de atividades em questão. Para ela, a diferença fundamental é a do “imane/te/transcendente”. No ritual do Santo Daime, por exemplo, é através das mirações que o fiél atinge um estado de transcendência visando alcançar o Astral e, mais ainda, este plano, o material, o mundo dos homens e daquilo que é visível é um mundo de ilusão. O adepto então, busca a transcendência para atingir justamente o oposto: o invisível, o espiritual e o mundo real. Por outro lado, na Umbanda, os médiuns incorporam entidades. Estas entidades “baixam” à terra e utilizam o corpo dos adeptos. O corpo torna-se um receptáculo de comunicação do visível com o invisível e, várias são as formas em que estas entidades entram em contato com este plano. Uma delas é a possessão. Para a autora, através da possessão, os homens podem dominar os espíritos, é como se Deus estivesse “conosco”.

¹⁴⁰ Quando nos referimos a possessão, estamos tratando de incorporação dos adeptos da Barquinha, que recebem entidades nos seus corpos.

Se na possessão, Deus está em nós, está marcado no corpo. Na Barquinha, que utiliza o chá, por exemplo, Deus está dentro, porque o chá é um enteógeno, que produz junto ao ritual uma viagem individual e coletiva. Na Grécia Antiga, segundo Edward MacRae, este termo era designado para indicar quando uma pessoa era possuída por um Deus que havia penetrado seu corpo, através de transe proféticos, atividades artísticas, paixões eróticas e de experiências místicas através da ingestão de determinadas substâncias. (MacRae, 1991:16).

Existem várias formas de entrar em contato com o Divino, com o invisível e o que determina é o ritual, ou seja, a forma na qual é conduzido os trabalhos de determinado grupo religioso. Na Umbanda, somente para exemplificar, a prática de incorporações é fator recorrente nos trabalhos do terreiro, todavia, entre os daimistas a comunicação se dá através da miração, uma forma do espírito encontrar níveis mais altos através do desprendimento da matéria. Assim, no ritual da Umbanda, o meio criado para possibilitar o encontro entre o mundo dos espíritos e o mundo dos homens, se dá através das incorporações. Enquanto que para o ritual do Santo Daime essa comunicação dá-se por meio das mirações, onde o espírito se desprende do corpo e atinge outros níveis mais elevados de consciência. No estudo de caso realizado por Lisboa Guimarães, é possível esta fusão entre miração e possessão. Segundo ela:

“A Mãe-de-Santo do terreiro em estudo é capaz tanto de incorporar espíritos, quanto de realizar ‘viagens astrais’. Grande parte da sua contribuição à ‘doutrina’ do Santo Daime reside, justamente, nela desenvolver a mediunidade de incorporação em seus fiéis.” (Lisboa Guimarães, 1992:67-68).

O trabalho das Obras de Caridade comporta perfeitamente os fenômenos da miração e da possessão. Durante a primeira parte dos trabalhos realizados no interior da Igreja, os adeptos procuram “trabalhar” o Daime recebido, isto é, concentrar mentalmente para estabelecer contato com o invisível, seja através da miração, conhecendo outros lugares e recebendo instruções de seres de luz, através da “Santa Luz”, ou mesmo através das irradiações mediúnicas que ocorrem no interior da Igreja com ou sem o chá.

No segundo momento deste tipo de performance ritual, podemos detectar com maior frequência as incorporações dos aparelhos, que são preparados para receberem as entidades em seus corpos. As entidades recebidas são entidades chamadas de pagãs como os caboclos, os exus, os indígenas, etc. Um aparelho pode receber uma, duas ou mais entidades, dependendo da gravidade do cliente, porque, segundo eles, existem pessoas que são acompanhadas por vários espíritos inferiores. O corpo, enquanto receptáculo de espíritos, desenha formas dos seres invisíveis, e mostra aspectos do seu plano de origem.

4.3.4 - O FARDAMENTO

São três as fardas da Barquinha: a branca, a azul e a roxa.

O tipo de uniforme usado em obras de caridade é diferente da cor das fardas usadas em dias de trabalhos oficiais e durante a semana Santa

e dia de finados. Em dias de festas oficiais - comemorações de santos e final de determinadas romarias - usa-se uma roupa branca, representando a paz, com os mesmos detalhes daquela que é usada nos dias de obras de caridade. Durante as comemorações da semana Santa e do dia de finados, é usada uma farda roxa, simbolizando luto. Este último fardamento, ao contrário dos outros dois não tem nenhum símbolo exposto como nas duas primeiras. Para o Groisman, o fardamento representa:

“O ingresso integral na ‘doutrina’ no sentido do engajamento pessoal, que significa a entrada no campo dos direitos e deveres do indivíduo em relação ao grupo. Para ‘fardar-se’ deve o indivíduo ter tomado o Daime pelo menos três vezes e estar convicto de sua decisão. O grupo considera que ‘fardar-se’ significa dar um passo no ‘caminho da salvação’ (Groisman, 1991:28).

Dos símbolos que estão expressos nas fardas branca e azul do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, podemos detectar a estrela de Davi, no quepe dos homens e um coração no quepe das mulheres. Ambos os símbolos estão na frente de cada um dos fiéis. Acima destes símbolos, está uma cruz; há ainda outras duas que ficam nos lados direito e esquerdo do quepe.

Ambas as fardas, são compostas de um torçal amarelo ouro procedente do ombro esquerdo, que tem, assim como no direito duas estrelas de Davi e uma de salomão. Este torçal, é ligado ao bolso que está ao lado esquerdo. Este bolso tem uma estrela de Davi acima de uma cruz com os pontos colaterais. Existe um bolso com as mesmas representações do lado direito.

Existem detalhes que infelizmente não nos foram revelados, como por exemplo os dois pássaros amarelo ouro que se encontram acima dos bolsos, as estrelas que estão desenhadas nos dois braços da farda e os fios azul e rosa do blazer e calça dos marinheiros do mar sagrado. É necessário frisar que estas fardas são compostas de gravatas. A farda branca, com uma gravata azul e a azul com uma branca.

4.4 BATALHA NO MAR - TEMPESTADE E CALMARIA

I

Quem for temente a Deus
e com firmeza o amar, tem sua alma limpa,
tem caminhos de luz
para feliz andar
com Jesus

II

Seguimos a Deus Jesus,
pedimos fé e amor,
Senhor Jesus nos livre
dos laços do maldito,
o sujo atentador;
Deus nos livre do horror

III

A Virgem Mãe santíssima,
Rainha Mãe do Céu,
vós siga em nossa frente
como Mãe protetora
e nos leve aos pés de Deus,
lá no Céu

(Quem for temente a Deus)

Os trabalhos de desmanchar malefícios, isto é, os trabalhos para desfazer serviços de quimbanda, já foram iniciados, segundo depoimentos, com Mestre Daniel. Esta atividade espiritual teve o seu início com três aparelhos:

“a dona Francisca Gabriel, a dona Inês e a dona Maria Baiana. Estes foram os três primeiros aparelhos do Mestre Daniel. Então, na época dele, ele já recebia as pessoas pra rezar, pra prestar este atendimento, que eram feitos através destas três senhoras. Elas recebiam as entidades que se manifestavam para prestar as obras de caridade e, através deles, já chamavam os espíritos que trabalhavam na quimbanda, pra desmanchar os trabalhos de magia negra, os trabalhos de quimbanda. Então, desde o tempo de Mestre Daniel, já se fazia este trabalho.”¹⁴¹

No período em que assumiu o sr. Antônio Geraldo da Silva e, posteriormente o sr. Manuel Hipólito de Araújo, esse trabalho foi ampliado no que diz respeito ao número de entidades que prestam assistência aos clientes. De três aparelhos que trabalhavam com Mestre Daniel, pudemos constatar que hoje são sete o número de gabinetes na qual se presta assistência espiritual.

Para o Presidente Manuel Hipólito de Araújo, a quimbanda

“É uma gira que quem faz são os próprios elementos que fizeram a gira de quimbanda, compreendeu? da maneira que eles fazem a gira de quimbanda para atingir uma pessoa qualquer, daquela mesma maneira eles pedem material e fazem no salão onde é desmanchado as giras de quimbanda. Tem um salão próprio para desmanchar as giras de quimbanda. Do jeito que eles fizeram aquela demanda pra cima do irmão, aquele trabalho, do mesmo jeito eles vão desmanchar pra poder eles entrar pra receber a luz do batismo.”¹⁴²

São durante as quintas-feiras que são efetuados os trabalhos para desfazer serviços de quimbanda e, os clientes que participam deste tipo

¹⁴¹ Francisco Hipólito de Araújo Neto. Campinas, 10/02/96.

¹⁴² Manuel Hipólito de Araújo. Rio Branco, 12/08/95.

de atividade, já passaram por uma consulta prévia no dia de sábado, durante as obras de caridade.

“Os trabalhos de desmanchar malefícios, eles são realizados ordinariamente nas quintas-feiras. Eventualmente, quando uma pessoa tem que viajar, necessita que aquele trabalho seja desmanchado, porque o trabalho de quinta-feira é um trabalho que aconteceu, é... um trabalho antes do sábado. Teve um trabalho para que fosse detectado que a pessoa tinha um trabalho de magia negra. Quando é detectado, então é marcado pra quinta-feira, que é o dia especial pra desmanchar trabalhos de quimabanda. Quando, eventualmente, uma pessoa precisa viajar com

emergência, os médiuns podem desmanchar qualquer dia. Qualquer dia e qualquer hora, dependendo da necessidade.”¹⁴³

Segundo a concepção dos espíritas apostólicos cristãos, o cliente quando participa dos trabalhos para desfazer malefícios encontra-se acompanhado de uma entidade maléfica, designada de entidade quimbandeira. Esta entidade, por diversos motivos, principalmente por influência de terceiros, visa prejudicar a vida material e espiritual de determinado cidadão e, neste sentido os problemas alegados são os mais variados possíveis, desde a tentativa de desarmonia no casamento, passando por problemas financeiros e, por fim, o mais grave, na qual a maioria dos clientes passam: a doença.

As entidades quimbandeiras são vistas como pertencentes ao lado da magia negra, porque da forma que é possível pensar a Umbanda como magia branca com entidades benéficas, na **Barquinha**, assim como em alguns centros espíritas, é possível pensar a quimbanda como magia negra, com seres que podem fazer o mal (Alva, 1974:25).

Na visão do espiritismo de Kardec os espíritos obedecem uma repartição tríplice em espíritos puros (anjos, arcanjos e serafins), espíritos de segunda ordem (que ainda devem passar por segundas provas) e espíritos imperfeitos (arrogantes, orgulhosos, egoístas), aqueles que são enviados para o bem e aqueles que são enviados para o mal. Logo, é estabelecido uma dicotomia entre bem/mal e reino da luz/reino das trevas, desembocando na diferenciação entre umbanda e quimbanda (Ortiz, 1988:87).

¹⁴³ Francisco Hipólito de Araújo Neto. Campinas, 10/02/96.

“ A quimbanda se apresenta (...) como dimensão oposta da umbanda, ela é sua imagem invertida. Tudo que se passa no reino das luzes tem o seu equivalente negativo no reino das trevas”. (Op. cit. 1988:88).

Os trabalhos para desfazer serviços de quimbanda são efetuados na **Barquinha**, com o objetivo de retirar do corpo da matéria os Exus, colocados no plano marginal, porque são considerados desviantes e transgressores e que podem ser ritualmente controlados por entidades de luz. Estes espíritos são também chamados de obsessores na visão kardecista e agarram-se ao perispírito que: **serve de envoltório ao espírito propriamente dito**. (Kardec, 1944:85).¹⁴⁴

Desta maneira, os espíritos inferiores, arrogantes e teimosos tentam apossar-se do perispírito, dificultando o acesso aos bons espíritos e a comunicação normal com estes e, sob este ponto de vista, o **Centro** trabalha formas do próprio espírito obsessor desmanchar o trabalho que fez, guiado certamente por uma entidade de luz, que insiste aos espíritos inferiores arrependimento e desistência de perseguição aos indivíduos (Warren, 1984:58).

Este tipo de atividade que é realizado nas quintas-feiras, envolve apenas o salão de obras de caridade Daniel Pereira de Mattos, isolando portanto qualquer trabalho no interior da Igreja.

“A parte da frente da Igreja não é usada neste tipo de trabalho porque a Igreja ela é exclusiva para os cânticos de louvores à Deus e a Sempre Virgem Maria e para toda a irmandade, é um lugar de oração, são os lugares principais de oração, que é a frente da Igreja, aonde recebe todos os irmãos que vem.”¹⁴⁵

¹⁴⁴ São três as principais modalidades em que podem ser feitos os trabalhos de quimbanda a saber: 1) uma pessoa encomenda o “trabalho” para “outra” e o quimbandeiro executa; 2) uma pessoa pelo pensamento, cria um “trabalho” contra si própria; 3) um quimbandeiro ou qualquer outra pessoa que tenha conhecimentos de magia negra, faz o “trabalho” por sua própria conta, por motivos que julga do seu interesse ou vontade.

¹⁴⁵ Manuel Hipólito de Araújo. Rio Branco, 12/08/95.

A forma de condução dos trabalhos segue mais ou menos a estrutura da chamada das obras de caridade, mulheres inicialmente e na sequência os homens. Ressalta-se que uma vez que o cliente é atendido por uma entidade, este deverá permanecer com ela durante a continuidade de seu tratamento.

Cada congá apresenta um número máximo de três médiuns, sendo o primeiro o condutor dos trabalhos e que recebe a entidade responsável pelo trabalho naquele gabinete de atendimentos, e os outros dois membros são aparelhos que recebem entidades em seus corpos, incorporam entidades que não são batizadas na casa.

Esta incorporação visa transmitir a energia do cliente ao médium que se posta ao seu lado em um banco de madeira. A transmissão se dá por intermédio de um outro médium, que transmite a carga de energia do cliente ao médium. Paralelo a incorporação, a entidade continua a conversar com o paciente.

Realizada a transmissão do paciente ao aparelho por outro médium, o aparelho receptor incorpora a entidade que está perseguindo o cliente e, por intermédio da entidade de luz do congá, é ordenado que ela própria desfaça o trabalho, mesmo porque, são nessas sessões que são efetuados sessões de cura de obsessões, com cercamentos e perseguições ao espírito. A presença de pessoas estranhas neste trabalho só poderá ser permitida com a autorização do Padrinho, pois é uma das sessões mais delicadas, porque trata de elementos considerados

inferiores e qualquer deslize poderá acarretar prejuízos materiais e espirituais presentes na sessão.

Ao dirigir-se à pequena sala ao lado do galpão, a **entidade sem luz**, levada por um médium, executa no chão um traço que a representa (Santos, 1987:52); tais pontos expressam códigos que podem identificar o poder e as responsabilidades da entidade (Matta Silva, citado em Gomes, 1989:122). É através do ponto riscado que os espíritos identificam o seu plano, bem como a parte à qual estão ligados, pois, são espíritos que contam os seus segredos aos homens, expressando-os através dos desenhos.

Feito o ponto riscado, é então distribuído sobre ele o material pedido durante a consulta anterior; geralmente, em todos eles é usado a vela. É interessante notar que a vela, dependendo do local e da intenção com que é acesa, possui uma função diferente. Em um sentido coletivo, ela indica firmeza para proteger o Centro, mas aponta também uma característica individual que é a de proteger o anjo da guarda. As velas usadas pelos médiuns são acesas numa sala ao lado de onde são executados os serviços para desfazer trabalhos de quimbanda, onde assumem a manutenção dos trabalhos. É acesa também no Cruzeiro (cruz externa), com o objetivo de iluminação espiritual. No congá, o propósito é de firmeza, tanto no sentido coletivo, como no individual. No primeiro caso visa à segurança do terreiro. Na segunda, à fixação do anjo da guarda do médium.

Como herança da tradição católica, a vela foi absorvida pela Umbanda; é utilizada também para iluminação espiritual. Com esse

objetivo é acesa na 'casa das almas' ou no 'cruzeiro', existentes nos centros umbandistas e nas Igrejas.

"A concentração no espírito que necessita de orientação e luz, provocada pelo ato de acender a vela, atrai não só aquele para quem ela é destinada, mas todos que estiverem carentes de orientação e auxílio. Como são seres perturbados e aflitos, ligados ao lugar e ao campo psíquico da pessoa, transmitem, a ambos, os sofrimentos, tristezas e aflições que carregam consigo impregnando-os desses eflúvios. Por essa razão nunca se deve acender velas para as almas dentro de casa, a fim de evitar que o lar se torne um núcleo de forças sofredoras, que possam oprimir os moradores." (Gomes, 1989:118).

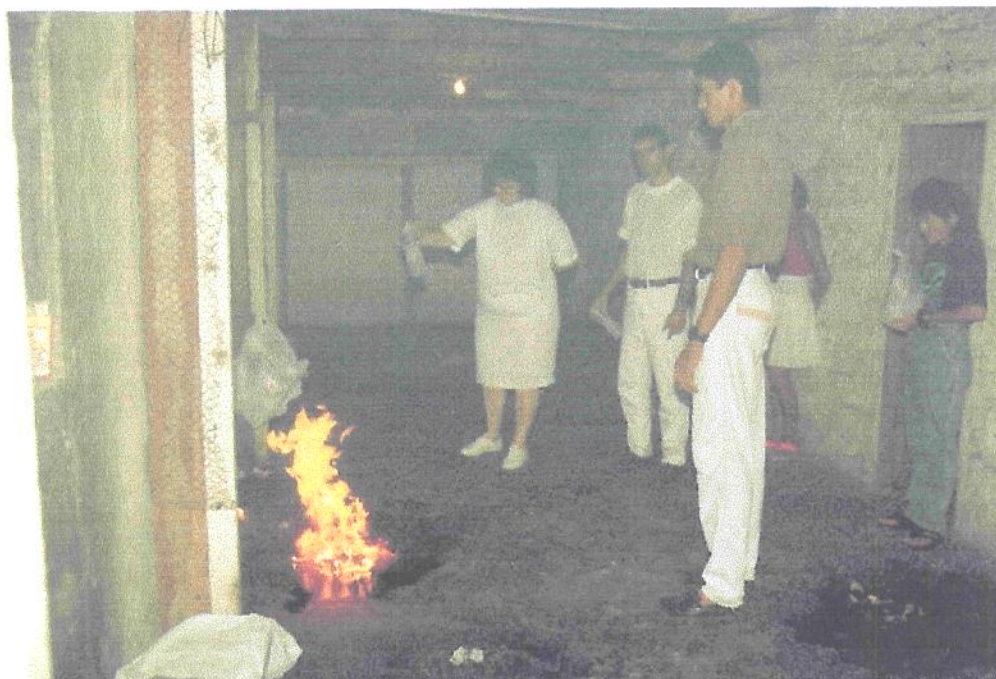
É dito que não é conveniente acendê-las geralmente em um sistema de obrigação, pois, isto acarretaria um condicionamento, porque os espíritos inferiores que recebem fluídos benéficos via oração e vela nos dias e locais determinados ficam pelo local rondando, e isso influenciaria de forma negativa àqueles que se aproximassem (Ibid).

Estabelecido o ponto riscado, o próprio espírito queima o trabalho realizado contra o indivíduo através do álcool. A assistência junta tudo aquilo na qual a entidade queimou através de uma espátula, semelhante a um remo. A entidade então é aprisionada em uma morada do Astral chamado de campo de concentração e quando estiver preparada, retorna como entidade de luz.

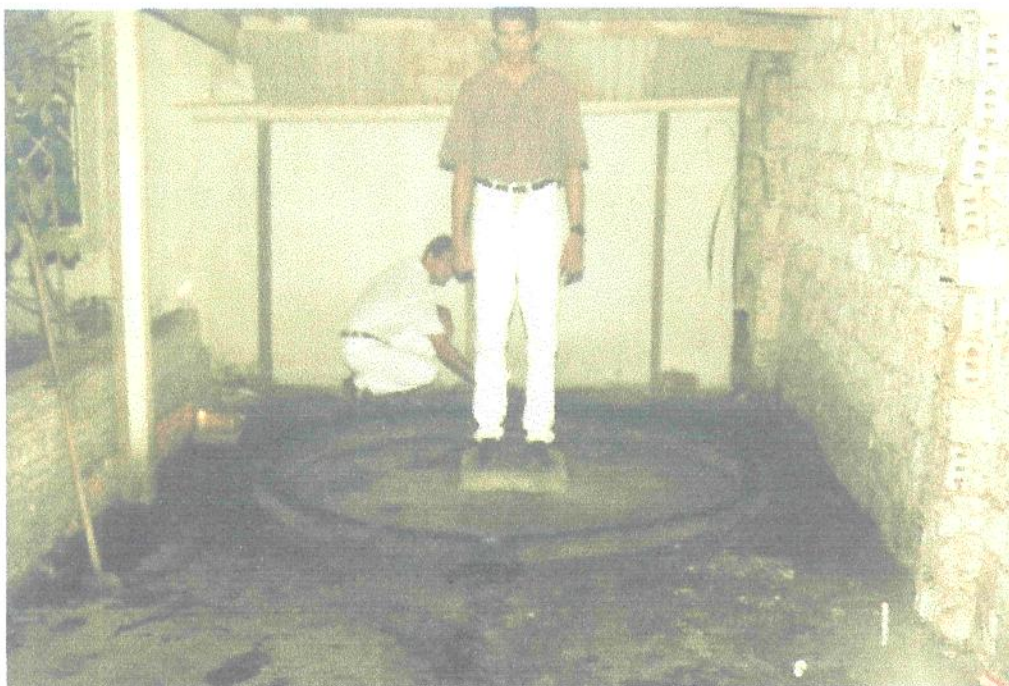
Realizado o serviço, é feito o banho de descarga com pólvora para desfazer os laços fluídicos entre obsessor e obsedado, que juntamente com ervas defumadoras, que tem como finalidade afastar as energias negativas e, efetuam a descarga no paciente (Gomes, 1989:114-116) executando a limpeza maléfica.



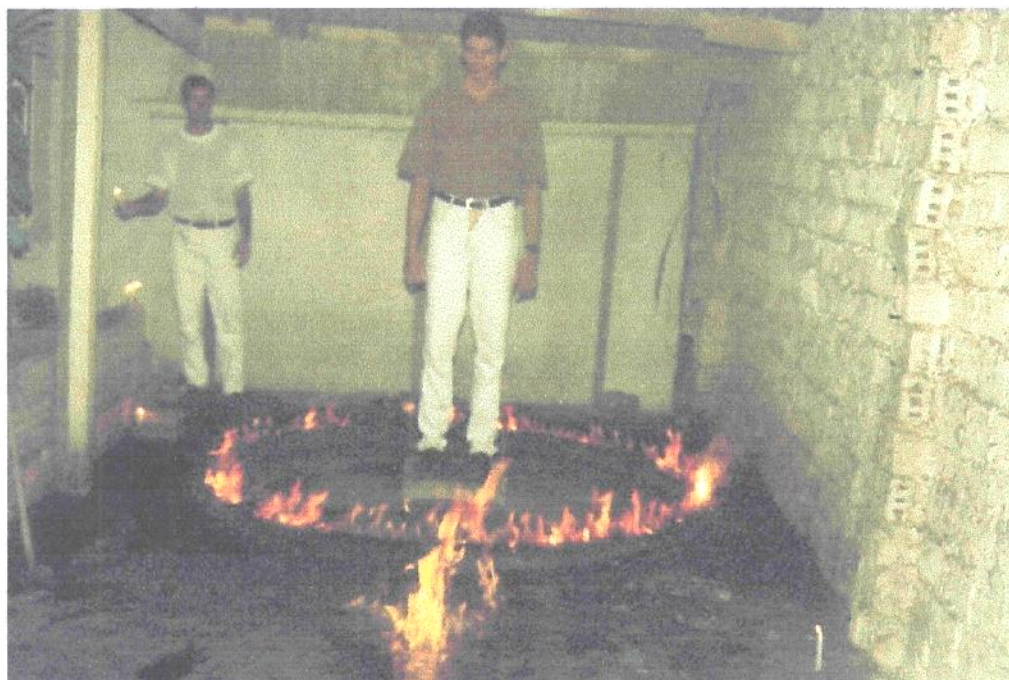
Nesta fotografia, o médium está recebendo um exu.



Guiado por um espírito de luz desfaz o trabalho que realizou por influência de terceiros.



O cliente entra no círculo de descarga com o pé direito e nunca com o esquerdo.



Pólvora, álcool e ervas produzem a descarga para livrá-lo de maus flúidos. Enquanto isso, a entidade sem luz é levada para a frente do altar e enviada para o campo de concentração.

4.5 - CONCENTRAÇÃO, LUZ E INSTRUÇÃO

I

**A Rainha me levou lá no Astral
no Castelo do Monte Azulado
lá ela mostrou-me, as chaves dos mistérios
das portas do reino encantado**

II

**A Rainha levou-me num salão
de infintos mistérios de luz
aonde só se ouve os cânticos dos anjinhos
louvando a Deus Pai Jesus**

III

**Lá sobre uma mesa de cristal
vi doze livros azuis da cor do Céu
os livros, são as doze, ciências e mistérios
o maior dos mistérios é Deus**

IV

**Meus irmãos façam o sinal da Santa Cruz
e se afirmem na concentração
que eu estou no Astral, no Castelo Azulado
prestando contas, desta sessão**

V

**Os hinos, que eu canto aqui nesta sessão
em todos tem, o nome de Deus
e tudo que eu afirmo, com o seu sagrado nome
quem tem que prestar contas sou eu**

VI

**A conta que eu estou a prestar lá no Astral
é para Deus e a Virgem da Conceição
e também estou recebendo, os livros das ciências
e mistérios aqui desta sessão**

(Castelo Azulado)

Durante a maioria dos dias de quarta-feiras, são realizados trabalhos que visam intensificar a preparação espiritual dos fardados da casa. Este tipo de atividade é conhecida por preparação de médiuns.

Para o antropólogo Fernando de La Roque Couto os daimistas também utilizam trabalhos de concentração. Eles obedecem toda uma norma para a participação deste tipo de performance, que por sua vez, diferencia-se dos ritos de hinário.

“A ‘Família Juramidã’ realiza tradicionalmente, além dos ritos de hinário, os ritos de concentração e cura, onde se usa uma farda mais simplificada, a farda azul, também conhecida como farda de concentração, que consta de calça comprida azul marinho, sapato azul, meias e camisa de manga comprida branca, gravata preta e a estrela no peito, do lado direito. O fardamento feminino consta de uma saia plissada azul marinho, sapato azul, meia branca e camisa de manga curta branca. A estrela é a mesma, não se destacando a virgindade como na farda oficial (branca). Usa-se uma gravata borboleta preta e às vezes a estrela é pintada no bolso da camisa, juntamente com as letras C. R. F., que são a abreviatura de Centro Rainha da Floresta. Não se usa a coroa como na farda branca. Nos ritos de concentração, em vez de se cantar e bailar, a ‘corrente’ é formada pelo silêncio dos irmãos reunidos em torno da mesa central onde fica o ‘Santo Cruzeiro’. Os bancos, que durante os ritos de hinário ficam encostados na parede, são puxados para o centro, ocupando o espaço antes destinado ao bailado, para que os irmãos permaneçam sentados em silêncio. O rito de concentração começa às sete horas, com o terço cristão e toma-se uma dose maior da bebida. Segundo os mais antigos, nesses trabalhos a pessoa tem oportunidade de aprofundar mais seus ‘estudos’. Após o terço, todos se sentam em torno da mesa, observando a separação por sexo e idade, permanecendo em silêncio de duas a três horas. Após esse período, todos se levantam e cantam sem bailado e sem instrumentos, os doze últimos hinos do hinário do Mestre fundador. Logo em seguida, são feitas novas orações e o trabalho é encerrado antes da meia-noite. As datas consagradas para os trabalhos de concentração são os dias 15 e 30 de cada mês.” (Couto, 1989:151-152).

O tempo anual de duração deste tipo de trabalho efetuado na Barquinha, é bem maior do que o realizado pelos daimistas, pois, é realizado em quase todas as quartas-feiras de um ano. Além disso, o ritual é mais simplificado do que os trabalhos de obras de caridade feitos aos

sábados, sobretudo, porque nesta performance ritual não encontramos fardamento, pois, os fiéis usam apenas roupas brancas. Além disto, é dispensado o uso da cortina que é específica das obras de caridade e das festas oficiais.

Ao contrário dos daimistas, o tempo destinado a concentração nos trabalhos de quarta-feira é menor, variando entre 1 hora e 1 hora e meia e, não existe nenhuma diferença no posicionamento dos presentes que altere a forma como estes se sentam nas obras de caridade e em festas oficiais.

Dependendo da quarta-feira, "novos" salmos substituem os anteriores. São as chamadas instruções provenientes do invisível que, segundo eles, trará revelações e elementos substanciais para que os fiéis desenvolvam nas suas vidas material e espiritual. Estes salmos, todavia, continuam sendo entoados através de instrumentos como baixo, bateria e teclado.

Na concepção dos fiéis, a barca é uma escola e o Daime, o mar sagrado, um Mestre, que traz junto de si entidades professoras. Tal conceito relaciona-se ao emprego que os caboclos e vegetalistas utilizam para a substância, denotando a ela o sentido de ensinamento que se dá durante o processo ritual. A concentração é parte inerente do constante aprendizado daqueles que fazem o uso do chá na casa. Ela traz em seu bojo revelações divinas que fortificam o espírito. As entidades que ensinam através do Daime, são entidades purificadas, com um maior grau de luz, que, por sua vez, trabalham para que os irmãos da casa cheguem um dia a um plano mais elevado que não este onde, segundo eles, habitamos.

"Eu tive a oportunidade de conhecer um aluno de violão do Mestre Daniel. Ele construía os próprios instrumentos dele, artesão que ele era. E ele era considerado por todos os seus primeiros adeptos um grande professor. é o nosso professor da luz também, junto com São Francisco,

Daniel é o nosso professor da luz. A característica de professor, de escola, é como nós temos naquele trabalho. Para nós é uma eterna escola. É uma universidade que nós cursamos por toda a vida, que só passamos a pronto na eternidade, quando desencarnarmos.”¹⁴⁶

Isto explica crucialmente a finalidade principal deste tipo de trabalho: o desenvolvimento mediúnico, que por sua vez, visa a preparação do indivíduo da casa para trabalhar durante as obras de caridade e em trabalhos para desfazer serviços de quimbanda, se for necessário. O desenvolvimento mediúnico é uma das tarefas mais difíceis realizadas pelos participantes da Barquinha. Ela envolve pois, uma série de obrigações que devem ser seguidas para que o fiél mantenha sempre em ordem o seu contato com o invisível.

“O trabalho da preparação de médiuns, se prepara com a própria luz, com o próprio Daime, faz a preparação nos médiuns, eles tomando o Daime e continuamente trabalhando, nele vem o esclarecimento da mediunidade dele porque nós temos 36 tipos de mediunidade e cada irmão pode ter dois, três tipos de mediunidade, ele pode ser médium vidente, pode ser médium intuitivo, pode ser médium de recebimento de entidades e pode ser médium... é... tem uma porção de mediunidade, cada uma pessoa tem várias mediunidades e pode ter só uma.”

Durante esta performance ritual, a quantidade de Daime servida é ainda maior, se desejada pela pessoa. Neste sentido, nos foi dito que a proporção da substância ingerida nos dias de quartas-feiras destina-se ao “trabalho” das pessoas. É um dia de instrução, portanto, de reflexão.

As mensagens são recebidas através da luz. Alberto Groisman (1996), em sua pesquisa sobre o conceito de luz no Santo Daime nos propicia uma discussão interessante, no sentido de procurar entender a concepção daimista acerca de luz.

¹⁴⁶ Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas, 10/02/96.

“Parto do princípio de que há uma relação entre a cosmologia daimista e as cosmologias dos grupos nos quais o xamanismo ocupa um papel decisivo no método de acesso a dimensões incomuns da existência humana. Um destes pontos é a ‘luz’, de natureza espiritual, que produz o conhecimento acerca do mundo dos espíritos que podemos considerar uma categoria básica das cosmologias amazônicas. Juntam-se a este tema central, outros elementos, como a ‘revelação’, o ‘conhecimento’, a ‘verdade’, a ‘ilusão’, a ‘visibilidade’, as ‘trevas’, todos incluídos, com suas traduções específicas, nos sistemas cosmológicos encontrados entre os grupos que admitem a existência de um mundo de natureza espiritual (Groisman, 1995 :08).

O termo técnico xamã foi escolhido para diferenciar o indivíduo ou indivíduos que desempenham determinadas tarefas específicas dentro de uma comunidade. É bem verdade que este termo técnico difundiu-se no dicionário antropológico, mas a sua utilização tornou-se necessária para diferenciá-lo de palavras como mago, curandeiro, bruxo e, até mesmo médium (Harner, s/d: 20). O xamã pode ter características de um mago, homem - médico, curandeiro, bruxo, médium, dentre outras (Eliade, 1976), mas o apego à palavra pode trazer algumas complicações ainda bastante discutidas.

Para Eliade, o xamã é um mestre do êxtase, logo, a atividade que ele exerce (xamanismo), pode ser considerada como “técnica do êxtase” (op. cit.).

Um xamã é um indivíduo - seja ele homem ou mulher - que tem a capacidade de alçar vôo à outros planos viajando em um estado de consciência, podendo conversar com espíritos, mediando o mundo ordinário e sobrenatural. É capaz ainda de estabelecer alianças com espíritos de animais, plantas, antepassados comuns e, entidades divinas, além de poder localizar os melhores locais de caça e as atitudes que a comunidade deverá tomar em dias de privação.

Este homem ou mulher, dependendo de sua cosmologia, tem a capacidade de subir em pontos altos do céu, bem como descer nas profundezas do subterrâneo; de penetrar no fundo dos rios, de ultrapassar barreiras de fogo ou, ainda, de vencer obstáculos de vento. É evidente que estas são apenas algumas demonstrações de proações e dos tipos de conhecimentos adquiridos por estes indivíduos durante a sua jornada.

Durante a sua “caminhada” por diversos planos, o xamã aprende com o “outro” e, através das suas viagens. O nível de conhecimento abstraído será repassado para a comunidade no qual está envolvido, seja à nível de iniciação individual ou no sentido coletivo que envolve todo o grupo. Neste percurso, ele adquire a luz.

“É preciso, preliminarmente, abordar o substrato simbólico que envolve a oposição entre ‘luz’ e ‘trevas’. Luz e trevas, enquanto categorias sintéticas, ocupam lugar fundamental em muitos sistemas explicativos de criação do universo. Esta presença está intimamente ligada a correlação Cosmos/Caos. Em geral, a escuridão das ‘trevas’ está relacionada com o desconhecimento, simbolizado pela obscuridade do Caos. Por sua vez, a ‘luz’ é relacionada com o conhecimento, simbolizado pela integração do Cosmos (Eliade, 1979). Estas correspondências não são necessariamente colocadas da mesma maneira por todas as culturas. O que interessa aqui é que são um ponto de partida básico para definirmos seus desdobramentos culturais. A tensão entre estes dois elementos cosmológicos fundamentais, a ‘luz’ (o Cosmos) e as ‘trevas’ (o Caos) está presente, segundo Eliade, em muitas culturas. ‘Luz’ e ‘trevas’ são dimensões essenciais da experiência religiosa como categorias motivadoras e representam as dificuldades que os seres humanos tem ao viver a experiência religiosa transcendente. Por outro lado, estas cosmologias, segundo Eliade (Eliade, 1988), estão baseadas na idéia de que o ser humano já viveu o passado mítico, um ‘estado de divindade’, em relação ao qual, através de paixões, da ‘queda’, teria perdido contato. A partir desta ruptura que explica sua ‘separação’ em relação a divindade, o ser humano tentaria a busca de uma ‘volta’, um ‘retorno’, que, acreditaria estar na busca de uma ‘luz interior’.” (Groisman, 1995:10).

Quando o fiél da Barquinha alcança a “luz”, ele passa então a obter a verdade, o conhecimento do “real” e, se projeta fora do mundo da “ilusão”,

porque a luz está mostrando a esses indivíduos o caminho da salvação, onde cada ascendência através da miração torna-se uma instrução, regra vital que por eles devem ser cumpridas para que preparem o espírito para uma etapa posterior da vida.

Este tipo de manifestação nos mostra que existem algumas semelhanças entre a luz daimista e a luz xamânica. No caso da luz xamânica, as condições que a reúnem dentro de um contexto simbólico são as seguintes: “iluminação”, revelação e alteridade. Neste sentido, o xamã “ilumina as trevas do social”. (op. cit.) porque tudo o que ele desenvolve, após passar por diversas tarefas à nível espiritual, está em concomitância com o grupo em questão.

“Tomar o Daime é ‘entrar em comunhão’ também, e consequentemente, ter acesso aos espíritos guardiões que estão no ‘Astral’, o plano Espiritual. Segundo as concepções daimistas, são estes espíritos que ‘iluminam’ as ‘trevas’ do mundo ilusório da ‘ignorância’ ou da convicção exclusivista de que o mundo ilusório da ‘ignorância’ ou da convicção exclusivista de que o mundo é composto apenas de uma dimensão material, física, visível. Na cosmologia daimista, eles mostram o ‘caminho’, ‘àquele que merece’.” (Op. cit. 15).

Ao penetrar nesses mundos o sujeito aprende o “real”, recebe “luz” através de ensinamentos dos seres invisíveis. Para chegar ao mundo espiritual, a pessoa tem que estar preparada, pois, só assim a sua jornada rumo ao conhecimento espiritual se tornará proveitosa. Para alcançar este nível, concomitantemente com os daimistas, os adeptos devem ter as seguintes características pessoais: humildade, perseverança, desprendimento pessoal e confiança (Op. cit).

Para alcançar o mundo espiritual, o fiél passa por diversas provas espirituais, que visam suplantar o “mundo da ilusão” pelo “mundo real”, dito

de outra forma, superar o material para o espiritual. Este tipo de trajetória na qual o adepto atravessa diversos obstáculos assemelha-se em muito às passagens de xamãs de várias partes do globo que visam alcançar outros planos, outras dimensões extra-ordinárias. Várias destas provas são as tentações de ordem mundana. Passar por elas seria a manifestação de prestígio pessoal e da comunidade envolvida. Na concepção daimista:

“O ‘caminho’ deve estar, o mais possível, povoado de obstáculos iniciáticos. Neste particular, a ‘comunidade’ ocupa lugar importante na seleção genérica destes obstáculos, pois eles devem necessariamente existir para colocar à prova os ‘irmãos’. Enquanto estado totalizante de reciprocidade ideológica e material, a ‘comunidade’ daimista é modelada pela tradição oral e pelas ‘mensagens’ recebidas dos ‘seres divinos’. Não basta, para os daimistas, um ‘estado interior de iluminação’, mas também, o contexto social onde ocorre, onde são partilhados os símbolos, os atos pessoais e os ‘ensinos’ recebidos do ‘Astral’ e onde o adepto pode mostrar seu desenvolvimento. A ‘Santa Luz’ não se manifesta aleatoriamente, portanto, revela-se apenas aos indivíduos que a ‘compreendem’, que permanecem no ‘caminho’ íntima e socialmente e que a ‘irradiam’.” (Groisman, 1995:17).

Através deste tipo de experiência, o marinheiro do mar sagrado passa a ser irradiado pelo “invisível” e, com isso presencia no seu cotidiano a ampliação do sagrado, trabalhando a si, ou seja, a sua matéria e o seu espírito, bem como o outro, aquele que necessita de ajuda física e material na casa durante os trabalhos do Centro, principalmente nas obras de caridade. Assim, o fiél estará trilhando rumo ao caminho da salvação. Esta é a preparação de médiuns, trabalhos instrutivos que visam não só instruir o indivíduo que participa das sessões da casa, para que na sequência, prestem assistência a si próprios e a pessoas que penetrem no Centro, mas a entidades consideradas inferiores que são arrebanhadas durante a trajetória da nau.

4.6 - QUANDO CHEGAM AS ENTIDADES PARA CURAR

I

*Quem recebe as bênçãos de Deus
tem vida, saúde e bonança,
Deus é o amor, Deus é a vida
e para sempre a nossa esperança*

II

*Baixou agora nesta mesa
o santo poder curador;
seis Cherubins, seis Serafins,
primeiro Jesus Salvador*

III

*Quem tiver fé fica curado
e limpa a alma para sempre amém,
como Jesus ressucitou Lázaro,
vem a nós ressucitar também*

IV

*Enchemos o coração de fé
e pedimos de Deus o amor,
ele é a verdade infinita
e em tudo é o poder curador*

(Poder curador)

No dia 27 de cada mês, há uma sessão especial que tem por objetivo diversas finalidades, dentre elas a prestação de contas de tudo aquilo de material e espiritual que foi realizado até esta data e operações espirituais em enfermos.

A escolha deste dia é o resultado da influência da filosofia do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento que tem os dias 7, 17 e 27 como datas representativas esotericamente falando.

Quando este tipo de trabalho coincide com os dias de trabalhos ordinários que comumente são feitos na casa, os mesmos podem ser ampliados à nível de tempo (horas), entretanto, em muitas ocasiões, tivemos a oportunidade de observar que o número de horas absorvidas nesta atividade em trabalhos ordinários da casa coincidiam com o mesmo tempo dos trabalhos que costumeiramente se executam na casa.

Uma observação bastante peculiar é a de que neste dia são cantados pelos fiéis hinos de cura, com uma frequência maior, além de salmos que fazem referência a prestação de contas com seres do Astral.

Este ritual tem o seu início às seis e meia da noite, podendo durar aproximadamente três horas e meia. Ele é considerado um tipo de trabalho oficial, tendo em vista que os adeptos se reúnem 12 vezes ao ano (uma em cada mês), para a prestação de contas das atividades que estão realizando.

Três camas estão dispostas na segunda sala do lado esquerdo, pois, a primeira sala é reservada ao túmulo de Daniel Pereira de Mattos.¹⁴⁷ Todas as camas estão cobertas com lençóis brancos (a roupa do paciente deve ter

¹⁴⁷ É um trabalho tão sutil, que os presentes não percebem, na maioria dos casos, quem encontra-se na sala para ser operado.

a mesma cor). Além disso, nenhuma pessoa está autorizada a entrar no recinto além dos seres curadores.¹⁴⁸

Este tipo de atendimento é recomendado dentro das obras de caridade, portanto, todos os demais trabalhos efetuados em pessoas emergem dela. O ponto de partida, portanto, concentra-se no sábado. Neste sentido, a cura torna-se um processo, iniciado no principal trabalho do Centro.

A antropóloga Maria Beatriz Lisboa Guimarães nos deixa uma discussão interessante acerca de doença e cura nos centros¹⁴⁹ onde realizou a sua pesquisa. Segundo ela, a cura enquanto prática terapêutica fornece ao indivíduo não só ao indivíduo um auto conhecimento e com isto, este sujeito se integra a sociedade e ao cosmos.

Outra ressalva que deve ser feita diz respeito ao universo de indivíduos que se utilizam desse tipo de prática de cura. Essa maneira de lidar com as noções de saúde e de doença está inserida no contexto de práticas 'alternativas' que fazem parte do cotidiano desses indivíduos. (Guimarães,1982:93).

Categorias de doença e cura são tão heterogêneas, assim como tão heterogêneas são as partes de uma sociedade dita ocidental. Antes da homogeneidade, é preciso um olhar cuidadoso sobre as diversas práticas que possibilitam o bem estar do sujeito.

No caso da Barquinha a doença é oriunda do espírito. O que anima o corpo é o espírito, desta forma, a causa última não está no plano físico, mas no espiritual. Pensamento semelhante também é o de Guimarães

"Para os integrantes do grupo em estudo que dizem compartilhar da base teórica do espiritismo, a doença, seja ela física ou espiritual, provém do espírito. O corpo físico é apenas um mata borrão ou um fio terra ou

¹⁴⁸ Uma responsável fica na porta e vez por outra olha os enfermos para verificar se está tudo em ordem.

¹⁴⁹ A pesquisa da autora foi realizada em um terreiro de Umbanda na zona sul do Rio de Janeiro e outra em Lumiar - RJ, onde se situa um núcleo daimista.

ainda, uma descarga do espírito. O que dá vida ao espírito é o corpo.” (Guimarães,1992:95).

São várias as causas de uma doença. Estas, podem ter origens físicas, espirituais, psicológicas e sociais. O indivíduo torna-se um ser desarmonico ao nível do universo. Precisa se reequilibrar novamente.

“De acordo com a visão do grupo no homem estão presentes todas as ‘energias’ que vibram no universo, variando de intensidade e de qualidade conforme o indivíduo. Quando uma pessoa vive realçando um certo tipo de ‘energia’, vibra muito nesse sentido, sucumbindo as outras ‘energias’ que ficam paradas no seu corpo. Essa pessoa, então, se desarmoniza com o todo e tem a doença característica daquela ‘energia’. Assim, quando uma pessoa é muito irada, muito raivosa e ela cultiva esse sentimento exarcebado, ela fatalmente largará muitas descargas tóxicas no seu organismo e ele possivelmente ficará combalido. Ao longo dos anos os distúrbios vão aparecendo e, sendo somatizados, começam a degenerar determinados órgãos ou funcionamento do organismo como um todo. É somente neste estágio que a medicina ocidental é capaz de detectar a doença.” (Guimarães, 1992:95).

A doença para a autora estaria relacionada ao contexto da harmonia da pessoa com o meio ambiente e, por fim, da harmonia da pessoa com a própria natureza, envolvendo desejos e sentimentos. Ainda assim, a doença pode estar relacionada aos laços estabelecidos socialmente. A relação social gera também, desarmonia pessoal. (Op. cit.).

“Grande parte dos distúrbios psicossomáticos devem-se às relações desarmonicas que se estabelecem socialmente, especialmente nas relações vividas no seio familiar. Fazendo um cruzamento com as doenças de causa predominantemente espiritual, podemos incluir nesse caso as ‘doenças-de-mau-olhado’, ‘quebranto’, e os ‘trabalhos feitos para prejudicar outra pessoa’.” (Op. cit.).

As doenças provocadas por causas estritamente espirituais são em geral àquelas causadas por ‘espíritos obsessores’ que ficam atrás, obsessivamente, da ‘luz’ de determinadas pessoas, retirando-lhes as suas

'energias'. Existem também doenças provocadas pela mediunidade não desenvolvida.

Os 'espíritos obsessores' são chamados de 'eguns', são os espíritos de menos esclarecimento espiritual, ou seja, eles não possuem o conhecimento advindo do mundo espiritual, só conhecendo a existência do conhecimento do mundo material. São, portanto, forças desorientadas que ficam vagando sem destino, no espaço, à procura de um corpo frágil e desprotegido no qual possam encostar-se.

Faz-se necessário informar que as devidas operações realizadas nas pessoas que procuram o Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus fonte de Luz só são realmente recomendados quando estes pacientes passaram por uma série de consultas prévias que tem o seu início de fato nas obras de caridade, podendo, se necessário, se estender aos serviços para desmanchar malefícios. Caso a cura ao paciente não surta efeito, segundo o diagnóstico da entidade que está a frente do gabinete, é recomendado que o mesmo passe por um processo de operação.

Esta operação funciona na maioria dos casos como um dos últimos recursos para obter um corpo e um espírito são. Poderíamos dizer que aos olhos da medicina ocidental, trata-se de uma prática paralela, muito pouco reconhecida por especialistas da área médica. O certo é que a devida operação será realizada por um ser de luz, que adentrará o recinto onde está o enfermo, procurando "limpá-lo" do mau que vem assolando este indivíduo.

Esta operação realiza-se em dias de prestação de contas. A prestação de contas, por sua vez, nada mais é do que a demonstração de

tudo aquilo que foi realizado durante o mês no espaço. É considerado uma entrega ao divino, para que se obtenha mais crédito (força) no decorrer da trajetória da barca.

Nesta entrega, são contabilizados todos os trabalhos de obras de caridade, dos serviços para desmanchar malefícios, os trabalhos de preparação de médiuns (ou concentração), as festividades, buscas de folha e cipó (se for o caso).

4.7 - VIAGENS DENTRO DA GRANDE VIAGEM

I

**Vamos meus irmãos
A passos firmes com alegria
vamos a frente com amor em Deus Jesus
com as santas romarias**

II

**sigo com os meus irmãos
nestas lindas romarias
seguimos cantando louvores a Deus Jesus
e a sempre Virgem Maria**

III

**A Virgem Mãe de Deus
com os santos anjos da eucaristia
é quem entrega lá no Céu para Jesus
as nossas romarias**

IV

**Irmãos com fé e amor
seguimos as romarias
vamos entregando louvores a Deus Jesus
e a sempre Virgem Maria**

V

**Deus meu Jesus
ordenou santa alegria
para mim e meus irmãos com santo amor
seguir nossas romarias**

VI

**A virgem Mãe de Deus
da glória ao Céu nos guia
e entrega ao seu bento filho lá no Céu
as nossas romarias**

(Salmos das romarias)

4.7.1 - AS ROMARIAS DA BARQUINHA

O fenômeno/processo que estamos estudando nesta dissertação, a Barquinha, reveste-se histórica e culturalmente de características que nos autorizam a considerá-lo um exemplo típico de “continuidade” de tradição religiosa, sem a repercussão dos demais centros aqui já mencionados no início deste trabalho. A Barquinha tem, portanto, elementos do catolicismo popular.

“O Catolicismo Popular apresenta uma interpretação religiosa no universo de vida campestre, transfigurando-o perante a consciência coletiva num mundo católico e transfigurado de suas partes pelas demais dimensões da vida no campo no decorrer dos tempos. Esta transfiguração existencial não só colocou dentro e além desta realidade palpável um significado mais amplo, profundo, absoluto, religioso e moralizador, mas significou também uma remodelação da mensagem original no povo receptor em função de seu condicionamento cultural histórico” (Leers, 1977:134).

A tradição religiosa do catolicismo popular citada neste trabalho, insere-se no chamado ciclo sertanejo. Esta tradição é reproduzida com modificações ou atualizações. Assim, entendemos que o Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz carrega fortemente a estrutura dos tradicionais centros de devoção e romarias do nordeste.

“As romagens ou romarias constituem uma tradição constante na prática religiosa do povo brasileiro. De origem medieval, as romarias chegaram ao Brasil através da cultura lusitana. A romaria tem a finalidade de exprimir a fé e homenagear o santo cultuado. Com muita frequência, essa expressão de fé se manifesta pelo fato de vir pedir uma graça ou cumprir uma promessa. Deste modo, visita-se o santo tanto para pedir favores como para agradecer os favores recebidos do céu.” (Azzi, 1978:73).

As romarias constituem um aspecto lusitano herdado pelo catolicismo tradicional. Essa herança que persiste até os dias atuais não foi estabelecida apenas pela Igreja católica, no sentido de influenciar tal

tradição, mas pelos próprios colonizadores lusitanos que tinham como grande preocupação fixar a Igreja Católica no Brasil. (Op. cit. 155).

Riolando Azzi, expõe com bastante veemência as características de uma personagem peculiar desta tradição: o romeiro, isto é, a pessoa que participa de uma romaria. Ser romeiro para ele é sinônimo de manifestação de fé, da fé católica. Além disso, esta pessoa passa por uma série de provas, de sacrifícios que devem seguir por um determinado tempo, o tempo sagrado das romarias. Seguir as santas romarias, por sua vez, representa uma manifestação de limpeza, onde os fardos pecaminosos seriam deixados de lado após o término deste compromisso religioso. Mas isso não significa que o romeiro esteja salvo participando deste tipo de atividade religiosa, porque, as romarias representam um preparo para a vida eterna, mas não o único. (Op. cit.80).

São quatro as principais romarias existentes no Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz. A primeira delas é realizada do dia primeiro ao dia vinte de janeiro e é dedicada a São Sebastião; na sequência, em março, há outra para São José e, por fim, em outubro, a principal romaria da casa, tendo em vista que é destinada ao mentor espiritual do espaço: São Francisco.¹⁵⁰ É por isso que na arquitetura do Centro, estes três santos aparecem em destaque na fachada da Igreja.¹⁵¹

“As romarias, nós temos quatro principais romarias aqui dentro desta casa. É... uma romaria com São Sebastião, São Francisco e São José. Do dia primeiro de janeiro ao dia vinte, fazemos um compromisso com São Sebastião, São José, São Francisco rezando preces, rezando cinco preces e cantando hinos, hinos de louvores e de rogativas à Deus e à Sempre Virgem Maria. No final nós entregamos os trabalhos, no dia 20 nós fazemos uma festa, entregamos esse trabalho a São José, a São Francisco, a São Sebastião e pedimos a eles que levem aquele sacrifício que nós fizemos,

¹⁵⁰ Gostaríamos de frisar que há a romaria destinada a Virgem Maria, no mês de maio.

¹⁵¹ São Sebastião ao lado direito, São José ao lado esquerdo e, no alto, São Francisco.

levem à Deus e à Sempre Virgem Maria, pedindo que dêem paz para o Universo, paz para os inocentes, paz, compreensão pra os homens administradores da terra pra que saibam administrar os seus irmãos com amor. Tem outra no mês de maio, da Sempre Virgem Maria, é o mês de maio, nós começamos no dia primeiro até o dia 31 de maio, rezando dez preces, cantando hinos de louvores, etc. a mesma coisa que nós fazemos como os outros, todos cumprem em casa, como cumprem aqui no templo, diariamente nós fazemos uma sessão para ser tratado o assunto da romaria.”¹⁵²

Durante as romarias, os santos homenageados tornam-se protetores dos peregrinos. A aparição e cura obedecem certos requisitos ritualizados, marcados fortemente nas homenagens de cada um no calendário sagrado, que sem dúvida, é um calendário litúrgico católico. Neste sentido, há uma tolerância das autoridades eclesiásticas no que diz respeito as sessões efetuadas pelos fiéis, porque estas, obedecem o mencionado calendário.

É nesse sentido que surge o pacto entre entidades divinas e homens, um reforço para a manutenção do sagrado. O homem suplica, pede a entidade divina auxílio e proteção para problemas diversos, se atendido, procura demonstrar a sua graça para com o ser que o ajudou em momento tão difícil na sua trajetória de vida. Realiza então uma promessa, para pagar o voto de confiança.¹⁵³

As romarias são marcadas por três momentos principais para os marinheiros do mar sagrado: embarque, travessia e desembarque, uma representação simbólica que diz respeito a penitência e purificação dos fiéis.

Embarcar na nau sagrada, segundo eles, tem um sentido de uma viagem que tem um começo, um meio e um fim. Para isso, os adeptos têm a

¹⁵² Manuel Hipólito de Araújo. Rio Branco 16/08/95.

descrição de que a “barquinha” sairá do cais do porto, viajando pelos três planos cosmológicos da casa. Este tipo de viagem está pontuada por grandes tormentas, por grandes provas, por desafios que estas pessoas terão pela frente durante o percurso do barco Santa Cruz. É necessário vencer estes obstáculos para prosseguir a viagem.

Este barquinho, tem uma divisão temporal lógica no que concerne o sentido da travessia, por exemplo, na romaria de São Francisco entre setembro e outubro de cada ano, o tempo sagrado dedicado a este tipo de atividade é de 34 dias. O barco Santa Cruz sai, portanto, do cais do porto no dia primeiro de setembro navegando mar a dentro; no décimo sétimo dia, o barquinho faz a volta e retorna ao ponto de origem no dia 04 de outubro. Os marinheiros chegam renovados ao cais, local de embarque e desembarque, perfazendo um outro percurso que não o inicial.

“Dentro dessas romarias, nós temos a descrição de que o barquinho penetra no mar. Sai do cais do porto no dia primeiro dessa romaria; por exemplo, no dia 10 de janeiro ele dá a volta em alto mar e volta para o porto de chegada.”¹⁵⁴

Este movimento circular dentro da existência histórica do espaço em linha reta, os fiéis designam de **viagens dentro da grande viagem**. São estas viagens que marcam parte do calendário sagrado na qual podemos detectar a riqueza simbólica para a construção cosmológica do espaço. Neste sentido, ocorre uma re-significação simbólica durante todo o ano, e também um tempo cíclico, que precisamente indica aos fiéis novos detalhes do sagrado na barca Santa Cruz, um constante desvendar mistérios.

¹⁵³ Observamos na Barquinha, especificamente na romaria se São Francisco (do dia primeiro de setembro ao dia quatro de outubro), uma pessoa vestida como São Francisco, como promessa cumprida por uma graça alcançada.

¹⁵⁴ Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas 18/02/96.

“Nós nos incluímos como marinheiros dos exércitos de Jesus do Barquinho Santa Cruz para navegar dentro do mar sagrado que são, também, as viagens que fazemos em romaria. São viagens dentro da grande viagem, que pretendemos passar toda a nossa vida rumo aos pés de Jesus. A barquinha para nós significa nossa vida, a missão que Daniel nos deixou para nos prepararmos para a volta de Jesus. Ela é a nau de nossas vidas, navegando rumo aos pés de Jesus, fazendo um preparo dentro daquela missão.”¹⁵⁵

4.7.2 - ESCATOLOGIA

As romarias denotam um sentido escatológico, tendo em vista que aqueles que delas participam tendem a se preparar material e espiritualmente para o dia do juízo final. Esta afirmativa está presente no discurso dos fardados que falam que as calamidades que estão assolando o planeta são nada mais, nada menos que sinais da destruição final, quando a barca irá de encontro a Jesus que por sua vez virá sobre a terra para julgar os vivos e os mortos. Para o historiador Jacques Le Goff:

“A vinda de Jesus é o início, a antecipação do reino futuro; as calamidades que se aproximam não são o fim do mundo, são o ‘começo das dores’; só quando o evangelho tiver sido pregado sobre toda a terra, ‘virá o fim’. Através de Jesus, a humanidade reconcilia-se com Deus, mas ainda não está salva.” (Le Goff, 1994: 343)

Ainda, para o historiador, a noção escatológica expressa no cristianismo converte-se em história, no sentido de que alguns evangelhos tornam os fatos mais precisos. Como exemplo, o autor utiliza o evangelho segundo São João, onde a vinda e morte de Cristo faz parte da ordem do presente, entretanto, haverá o dia do Juízo final, onde Jesus aparecerá novamente para julgar os vivos e os mortos.

“Os crentes já não devem esperá-lo com temor, mas com fé. (344-345) O mundo presente pertence a Satã. O mundo futuro pertencerá a Deus. Mas Deus domina o tempo e a história desenrola-se segundo a sua

¹⁵⁵ Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas 18/02/96.

vontade, mediante um plano traçado sobre o modelo de criação, numa semana de sete dias, no fim da qual o sétimo dia verá o cumprimento da promessa. Como para ele, 'mil anos são como um dia', daí decorre a existência de Idades de Mil Anos, em que o último será o reino dos justos com Deus." (Op. cit.)

Estes tempos são marcados por determinados sinais que pouco a pouco provocam o caos na terra, como a guerra, a fome, a peste, desastres naturais, problemas de ordem econômica, etc. Durante a entrega do trabalho nas obras de caridade e em romarias, o vice-presidente da casa roga a Deus que livre toda a humanidade dos diversos problemas que estão acontecendo por toda a terra.

Este aspecto, no qual encerram-se os trabalhos do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, denota um caráter estritamente dramático, expresso no evangelho de São João, onde o centro das atenções está na vinda do anticristo sobre a terra e a segunda ressurreição por Cristo, ou seja, o Juízo final. Dentro deste prisma, é que encontramos a angústia e pânico das populações para problemas como cometas, terremotos, inundações, fome, guerra, doenças diversas, dentre outros aspectos inerentes ao pensamento apocalíptico que contribuiu para moldar o "cristianismo do medo".

Neste sentido, as romarias servem para a penitência dos fiéis, pois, há uma série de regras que devem ser seguidas de forma intensiva durante estes períodos do calendário sagrado da Barquinha.

Uma destas regras diz respeito a abstenção sexual que o adepto deve ter ao participar das romarias; outro interdito refere-se a não utilização de bebidas alcoólicas e a proibição do fumo e, por fim, não é conveniente que este fiel participe de festas não-sacras durante estes períodos.

O sentido expresso nestas abstenções tem como a principal finalidade a intensificação do sagrado, do eterno e absoluto. O homem passa a viver com mais frequência o mundo real. Para isso, deve afastar-se do mundo da ilusão e de tudo aquilo que o cerca, isto é, festas, bebidas, fumo, etc. Desta feita, o homem religioso da Barquinha estará se afastando de tentações profanas e carnavais e aproxima-se sobretudo do mundo espiritual.

Portanto, as romarias denotam um sentido de purificação. Abstendo-se da vida profana, o homem estará encontrando o caminho da limpeza espiritual e material e, sobretudo, da renovação, pois, a cada viagem do Barquinho Santa Cruz mar a dentro, estas pessoas voltam mudadas para o cais do porto. No mar, lavam os seus pecados e clamam arrependimentos, sofrem, se sacrificam para tirar de si os fardos incorporados no mundo exterior ao espaço sagrado.

Estas viagens realizadas pelos marinheiros do mar sagrado têm um tom individual e coletivo, porque, além de pedirem auxílio para si durante a romaria, ajudam seres sagrados a arrebanhar almas e entidades pagãs durante o percurso da nau.¹⁵⁶

“Nessa viagem das romarias, nós fazemos um número maior de obras de caridade, efetuando o atendimento ao público. Dentro dessas romarias, nós fazemos atendimento todos os dias, tanto doutrinação de almas, quanto atendimento ao público que chega em busca de assistência espiritual. Ela é uma aceleração da viagem, é uma ampliação da grande viagem que temos que ir rumo aos pés de Jesus dentro do Barquinho Santa Cruz, pilotado por São Francisco das Chagas, Mártir São Sebastião, São José e Daniel Pereira de Mattos, o fundador da missão.”¹⁵⁷

Os adeptos procuram a purificação para uma outra vida. Esta é outra característica vital das romarias. A vida para eles, é a luz, em outras

¹⁵⁶ Manuel Hipólito de Araújo fala dos oficiais da casa enquanto pescadores; pescadores do mar sagrado.

palavras, os espíritos que estão na vida são os espíritos dotados de luz e, mortos, são aqueles que desencarnaram sem fazer um devido preparo. Desta forma, uma das principais finalidades das romarias é a de projetar esses espíritos para a luz, ou seja, trazê-los das trevas e dar a eles vida.

“Vivos são aqueles que aproveitaram essa oportunidade, fizeram um preparo e têm uma condição de iluminação. São espíritos que não estão salvos e estão em uma condição de preparo melhor do que aqueles que não tiveram oportunidade. Estes espíritos que não estão salvos e estão em uma condição de preparo melhor do que aqueles que não tiveram esta oportunidade. Estes espíritos para nós estão dentro da vida e não estão nas trevas. Para nós o primeiro conceito de morte é este.”¹⁵⁷

Ainda para os fiéis, a morte física é apenas uma transferência deste plano para um plano superior. As romarias reforçam esta afirmação porque os seus participantes trabalham de forma aguçada em benefício do espírito e dos semelhantes. Portanto, a morte, torna-se uma passagem, um renascimento.

“Para nós, estamos nascendo. Esta morte física, esta inércia da matéria, para nós significa o nascimento para a espiritualidade, desprendido deste fardo pecaminoso, deste peso que é a matéria, que nós consideramos uma vida, mas que na realidade é muitas vezes a morte do espírito. E nós, que estamos fazendo este preparo espiritual estamos nos preparando para a verdadeira vida, a espiritual.”¹⁵⁸

4.7.3 - A ESTRUTURA RITUAL DAS ROMARIAS DO BARQUINHO SANTA CRUZ

Esse tipo de performance ritual tem o seu início às 18 horas, com duração de aproximadamente duas horas diárias.

Os fiéis, após tomarem a “Santa Luz”, se encaminham para a frente do Castelo Azulado. Existe na frente deste Castelo um caminho ladrilhado

¹⁵⁷ Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas, 10/02/96.

¹⁵⁸ Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas 18/02/96.

de tijolos. É neste caminho que os presentes organizam-se em duas filas; a da direita reservada aos homens e a da esquerda às mulheres, obedecendo uma divisão entre crianças, que sempre vão à frente, e atrás destas crianças os adultos.

É importante frisar que todos os participantes levam em suas mãos uma vela. Esta vela tem o sentido de iluminação dos fiéis na viagem que estão realizando na Barca Santa Cruz. Se pudéssemos olhar de cima, veríamos um cordão humano iluminado.

Quando o principal salmo destinado as romarias é entoado, este cordão humano iluminado penetra no parque, que é simbolicamente a barca. Esta barca passa a ser iluminada pelos sujeitos que nela trabalharão durante todo o percurso de sua viagem. A iluminação se dá pela fé.

Ressalta-se ainda que a trajetória que os participantes percorrem tem um sentido mítico muito importante, pois, estes saem na horizontal do Castelo Azulado, local de onde emanam instruções sagradas, de forma vertical. Devemos lembrar novamente que neste Castelo, que está no Astral, encontram-se entidades de luz, purificadas, que transmitem revelações do “invisível”. Neste caso, o Castelo tem um sentido de guarnição para o sujeito que participa deste tipo de trabalho.

É notável perceber que estas caminhadas em todos os dias das romarias constituem pequenas procissões que saem da frente de um lugar sagrado (o Castelo Azulado), para outro local sacro (a Igreja), passando por dentro de outros lugares santificados.

“Procissão é uma oração pública feita a Deus por um comum ajuntamento de fiéis disposto com certa ordem, que vai de um lugar sagrado a outro lugar sagrado, e é tão antigo o uso delas na Igreja Católica, que

¹⁵⁹Francisco Hipólito de Araújo Neto, Campinas 18/02/96 .

alguns autores atribuem a sua origem ao tempo dos apóstolos.” (D. Sebastião Monteiro da Vide cit. In Azzi, 1978:135).

Nesta locomoção do Castelo Azulado para a Igreja, os praticantes penetram na Barca obedecendo a mesma ordem de saída, com homens à direita e mulheres à esquerda. À frente do andor do Santo homenageado está o Presidente e Padrinho do lugar e atrás do andor encontra-se a madrinha e esposa do Presidente, que entoia o salmo das Santas Romarias, recebendo o coro dos fiéis. À direita, como condutor da fila dos homens, está o Vice-Presidente e à esquerda, como condutora da fila das mulheres está a filha do Presidente, que é responsável pelas canções da primeira parte dos trabalhos. Este rapaz e esta moça caminham com duas crianças, uma do sexo feminino à esquerda e outra do sexo masculino à direita.

Ao sair do salão de baile, apenas o Presidente, o andor e a sua esposa atravessam o enorme cruzeiro que está logo atrás do parque e as filas masculina e feminina passam apenas na lateral do Cruzeiro. Após este cruzamento, os adeptos penetram no interior da Igreja, pela porta principal, apagando as suas velas e entregando a mesma para a moça responsável pela distribuição e recolhimento do material. Na sequência, todos tomam os seus assentos.

MULHERES	HOMENS
-----------------	---------------

Ao adentrar na Igreja, as mulheres sentam-se ao lado esquerdo e os homens ao lado direito, conforme o diagrama acima. Por uma questão de cortesia, em alguns trabalhos, como as obras de caridade, as mulheres são as primeiras a serem atendidas. Só então é que os homens passam pelo atendimento. É preciso frisar que esta é a estrutura da ação dos sujeitos no interior da Igreja, mas na extensão de alguns trabalhos, como é o caso das obras de caridade executada no interior do salão Daniel Pereira de Mattos e do bailado no parque, homens e mulheres se misturam e há a incorporação.

Uma coroa de hinos é entoada. Os fiéis entendem que esta “coroa” representa um número específico de salmos que louvam o santo homenageado, pedindo luz, perdão pelos pecados cometidos, saúde, paz, proteção, etc. Estes salmos, ao mesmo tempo que transmitem louvores à entidades sagradas, refletem uma idéia de pedidos e de graças recebidas. As romarias encaixam-se perfeitamente naquilo que o antropólogo Marcel Mauss considerou como dádiva, dom, onde o atributo principal de sua teoria consistia no dar/receber/retribuir, uma constante troca e reciprocidade. A troca estabelece um elo de ligação entre seres humanos e entidades de planos invisíveis e, principalmente o santo homenageado. Desta forma, os fiéis pedem graças à entidade e se atendidos, retribuem na romaria seguinte. Neste caso, este ser de luz está dando e recebendo ao mesmo tempo.

O ápice das romarias se dá no último dia, quando uma festa é realizada no parque com o intuito de promover as “brincadeiras” das pessoas e entidades que delas participaram. É quando homens e entidades são chamados para bailar no salão do Barquinho Santa Cruz.

4.8 - OS PESCADORES DO MAR SAGRADO

I

Senhor meu Deus,
me dê santas virtudes,
o meu perdão, a minha vida
e minha saúde

II

Vós sois a vida
eterna e para sempre
vós me curais, me dê saúde
que eu estou doente

III

senhor eu vos rogo
por mim e meus irmãos,
vós nos curais e nos limpais
e nos dê o perdão.

IV

Senhor eu vos rogo
por todos os inocentes,
tão pequeninos, os pobrezinhos
choram doentes

V

adoremos a Jesus
que ele nos dá virtudes,
ele é a vida, ele é a luz
de eterna saúde

VI

Adoremos a Deus Jesus
e a sempre Virgem Maria,
que temos vida, temos saúde,
paz e alegria
(Virtudes de Deus)

Um outro trabalho realizado na Barquinha intitula-se doutrinações de almas. Estas doutrinações realizam-se todas as quarta-feiras dentro da sessão de concentração da casa, no dia 02 de novembro (dia dos mortos), dentro das romarias com maior frequência (se possível todos os dias da romaria), ou no final de cada uma destas (20 de Janeiro, 31 de maio e 04 de outubro) e, por fim, durante a semana Santa.¹⁶⁰

“A doutrinação de almas é feita nas quartas-feiras à noite, na sessão da noite. É um trabalho que eu faço de preparação para a irmandade, de preparação para as almas penitentes que desencarnaram e não tem nenhum preparo para viver no mundo invisível, então eu faço também um preparo nas almas penitentes, eu faço uma doutrina, quem faz essa doutrina é São Francisco das Chagas para que ele coloque elas num campo de concentração, onde elas lá vão receber mais preparo para o viver eterno e aguardar a vida de Jesus que é quem vem fazer a consagração final de todos os filhos.”¹⁶¹

É preciso frisar que existem dois tipos de doutrinação. Aquela que é específica para doutrinar espíritos de pessoas que não fizeram um preparo adequado aqui neste planeta e, que por isso, continuam sofrendo, “vagando como almas sofredoras”, sem a oportunidade de “reencontrarem-se novamente”. E existem ainda, para eles, a doutrinação de entidades que ainda não alcançaram um grau consistente de luz espiritual. Em uma quarta-feira o Presidente doutrina almas penitentes e em outra, batiza os considerados eguns sem luz, ou seja, os exus, são os caboclos, são aqueles que fazem o trabalho de magia negra. A doutrinação de almas

“é o seguinte: o filho veio para este plano com uma finalidade de se preparar para a volta de Jesus. O filho vem, encarna, e fica neste plano, é obrigação o dever sagrado de fazer um preparo para a vida eterna. Ele tem

¹⁶⁰ Os dirigentes dos núcleos do Rio de Janeiro e Ji-Paraná não estão autorizados a fazer este tipo de atividade, que só pode ser efetuada pelo Presidente do espaço.

¹⁶¹ Manuel Hipólito de Araújo - 21/09/95.

o tempo necessário. Se ele não fizer aquele preparo, quando ele desencarnar, ele fica nas trevas, na escuridão como alma penitente. Alma, quer dizer que o sujeito tá almejando alguma coisa. Chama-se alma porque é o espírito que tá almejando a luz, almejando o preparo espiritual.”¹⁶²

Há uma diferença elementar no processo de doutrinação no que concerne ao lugar para as mesmas. Com excessão do dia 02 de novembro no qual este tipo de performance ritual é feita aos pés do cruzeiro, todos os trabalhos são efetuados no interior da Igreja, especificamente no altar da Igreja, onde há uma determinação de Jesus, que está no patamar máximo da corte celestial presentes no altar, para São Francisco que irradia o Presidente do espaço autorizando-o a fazer a doutrinação. Este tipo de manifestação demonstra a hierarquia exercida dentro dos trabalhos da casa.

“A doutrinação é justamente os irmãos que em vida de matéria não souberam se preparar, foram para o invisível e lá ele não tem outra oportunidade de uma reencarnação. São Francisco que é o mediador dos nossos trabalhos. Ele traz esses irmãos já com permissão divina para esta casa, para que possa receber uma doutrina... uma doutrina em consagração com a pessoa dele, com o espírito dele, que nós elevamos esse irmão a um plano, onde ele lá, ele vai continuar de penitência, fazendo novas penitências, até a vinda de Jesus, que disse que um dia vinha nos buscar e esse dia chegará... ele vem nos buscar e nós estamos preparados para receber o nosso Pai, para receber o julgamento final e receber a consagração para habitar o plano onde nosso Pai Eterno determinar. Os espíritos são vários! todos eles no invisível andam de pelotão... pelotão de 5.000, 2.000, 3.000, 4.000, 10.000 com conformidade que ele recebe para receber aqueles irmãos. E vão para o plano invisível e vão voltar somente com a volta de Jesus.”¹⁶³

É justamente nos planos regidos pelo Astral, que vagam entidades que precisam passar por um processo de doutrinação. São os eguns sem luz, os exus. A determinação do plano celestial é a de arrebanhar almas e entidades consideradas pagãs através do processo de doutrinação, de

¹⁶² Idem.

batismo, projetando nas mesmas luz espiritual. Este é o principal objetivo da doutrinação: preparar almas, e convencer entidades a aceitar a doutrina cristã, fonte inspiradora da maior parte dos conceitos morais da casa.

“Eu represento nesta casa, nada mais, nada menos do que um pastor, arrebanhando este lindo grupo de irmãos, ensinando, procurando a preparar os meus queridos irmãos e arrebanhando as almas penitentes que em vida de matéria não souberam aproveitar o tempo que Deus lhe deu neste plano para fazer um compromisso sagrado... e os indígenas pagãos, os seres pagãos que ainda não tem o símbolo do cristão, que é o símbolo da santa cruz bendita, eu arrebanho todos esses irmãos para um dia eu ir prestar contas dessas obras no julgamento final, entregando ao nosso salvador Jesus Cristo o meu compromisso dentro dessas santas missões que cumpro junto com todos meus queridos irmãos. É isto aí, o significado da minha presença neste plano e nesta missão... arrebanhando estas ovelhinhas para Jesus, pescando essas almas para Jesus. Esta é a maneira que eu fui identificado espiritualmente dentro da nossa missão.”¹⁶⁴

No caso das almas, estas, são arrebanhadas por Frei José Joaquim, o Pastor das Almas. É ele quem traz e quem leva as almas para serem doutrinadas, por intermédio de São Francisco. Durante os trabalhos, todos os presentes que encontram-se no interior da Igreja, podem receber as almas em seu corpo, que serão chamadas na sequência para serem doutrinadas. A doutrinação não implica que ela, a alma esteja salva, mas que a mesma foi colocada em um estado de preparação dentro de um processo evolutivo, onde ela “vai purgar os seus pecados”, através de um período de penitência. Com isso, ela estará se preparando para o julgamento final.

“Nós aqui nesta casa, que é uma casa de caridade de fazer o bem sem olhar a quem, é... Daniel, implantou nesta casa esta doutrina de almas para nós trabalharmos buscando as almas. Tem o pastor das almas que é o Frei

¹⁶³ Manuel Hipólito de Araújo, Rio Branco - 16/08/93.

¹⁶⁴ Manuel H. de Araújo, Rio Branco - 21/09/95.

José Joaquim. Ele procura as almas que estão nas trevas, na escuridão e traz pra esta casa essas almas e me entrega.”¹⁶⁵

Segundo o Presidente da casa, ao receber estas almas de José Joaquim, elas serão levadas para um salão de Luz que fica aos pés do cruzeiro. Lá, elas vão fazer um preparo de vários dias para receber a doutrina. Quando estas estiverem prontas para serem doutrinadas, o pastor das almas as leva novamente nos dias certos de trabalho. O presidente me descreveu da seguinte forma o lugar para onde estão estas almas penitentes:

“elas habitam num campo de flores, num campo de luz, campo de flores. Tem barraquinhas como acampamento de exército, tem barraquinhas, tem tudo lá, é um movimento grande. Lá tem administradores, tem tudo. Lá se reza, lá se canta, lá se dá louvores à Deus e à Sempre Virgem Maria, Lá se faz tudo o quanto é bom e as almas ficam lá trabalhando, morando naquele plano administrado pelo administrador, pelo um espírito de luz.”¹⁶⁶

Alguns fiéis dizem ter visitado o salão de luz onde habitam as almas penitentes. Estas viagens são marcadas por uma ampla subjetividade, mas é importante salientar que enquanto símbolo do contexto do espaço do Centro, o salão tem uma importância coletiva e as viagens individuais apenas reforçam a sua existência.

“Eu fui ao salão aonde ficam as almas penitentes, aonde elas estão aguardando a luz do batismo, aonde elas estão aguardando a luz da doutrina, e fica num plano Astral, são as chamadas legiões das almas, né? também eu fui ao cemitério... é uma cidade Santa aonde as pessoas na verdade desencarnaram e tem que cumprir a lei de Deus, porque você desce a mansão dos mortos. É uma cidade, aonde as covas onde são sepultadas as pessoas, tem uns que conforme o seu preparo é um foco só de luz, e outros que não tem a luz, cada qual no seu preparo. Já as entidades vão pra um campo de concentração. Lá tem um instrutor e elas recebem instrução que não se pode atacar o semelhante, o próximo, que não se pode ofender, aí depois eles são batizados, aí eles recebem a luz do

¹⁶⁵ Manuel H. de Araújo, Rio Branco - 21/09/95.

¹⁶⁶ Idem.

perdão do Pai Eterno e mudam de mistério. Já as almas são doutrinadas, por exemplo, se elas morrerem de câncer, aquele pelotão de almas que morreu de câncer, um câncer localizado no estômago por exemplo, aí na hora que ela recebe a luz da doutrina, ela é curada do câncer, aí ela fica cheia de luz e não sente mais a dor que vinha sentindo. Até receber a doutrina, ela não se apercebe assim que ela passou pro mundo invisível, mas que tá sofrendo daquele mal que foi a causa de sua morte e aí ela fica boa, cura, aí é quando ela foi doutrinada, vai pra um outro plano Astral rezar por todos aqui na terra e depois, conforme o desejo de Deus, vem pra ajudar os que tão aqui, os seres humanos, pra não se desviar, né? eu aparelhei o meu pai. O meu pai veio pra receber a doutrina e depois o meu tio, o Aprígio Barros. O meu pai era Artur Baltazar, e depois veio o meu primo Oscar Barros que morreu em Belém e veio ano passado e veio conversar comigo, porque minha tia tava chorando muito lá em Belém. Com a perda do filho ela vivia constantemente chorando, e ele veio me pedir que eu falasse pra ela, só que eu não sabia que ela tava chorando, eu pensei que ela tava chorando só lá no dia, aí eu liguei porque ele pediu que conformasse ela que não estava bem, que ele estava feliz, tava feliz de me encontrar aqui e que ela não chorasse e sim se sentisse alegre porque na verdade ele não estava sentindo nada, porque a causa da morte dele foi um acidente de carro automobilístico de Fortaleza pra Belém, aí capotou o carro, bateu a cabeça, a nuca e deslocou o pescoço. Quando ele se apresentou disse que eu conformasse ela que ele estava bem. Então eu fiz a entrega dele pro Frei José Joaquim que é o Pastor das Almas, aí ele foi para o salão de concentração receber instruções, mas também pra ele vir, mas ele ainda não foi doutrinado, ele ainda vai vir, ele foi só entregue; agora o meu tio já foi doutrinado, o meu pai já foi doutrinado.”¹⁶⁷

Os médiuns da casa, são os responsáveis para receber essas almas, que serão doutrinadas pelo Presidente, por intermédio de São Francisco, o responsável pela doutrinação do Centro.

“Então, pelo meu intermédio, São Francisco faz a doutrina. Depois da doutrina delas, o mesmo São Francisco, leva elas para um campo de luz onde estão as almas doutrinadas desta casa, aguardando a volta de Deus Jesus que vem fazer o julgamento final em todos os nossos irmãos, os vivos e os mortos.”¹⁶⁸

Um dos exemplos mais interessantes que nos foi fornecido, foi o de Nero, citado no capítulo I deste trabalho. Na miração do Presidente Manuel

¹⁶⁷ Sheila Mendonça Lima 08/11/95.

¹⁶⁸ Manuel H. de Araújo, Rio Branco - 21/09/95.

H. de Araújo, Nero estava doutrinado e, ainda se encontrava realizando trabalhos espirituais para “purificar-se”.

“Uma entidade que estava ao meu lado com uma coroa muito bonita disse o seguinte: - ele está aqui porque foi ordenado para se fazer, ele é um irmão doutrinado, ele já está cumprindo este compromisso, autorizado por superiores. (...) Eu saí daquela passagem e Nero ficou lá do lado de fora com aquela vestiária curta, blasfemando porque eu estava lá dentro e ele não tinha o direito de entrar lá. Nero não teve nem o direito de participar dos corpos santos, dos corpos que estavam na Basílica de São Pedro. Esta luz é um veículo que leva um médium ao campo de expansão da natureza no invisível, esta luz nos conduz aos pés de Deus.”¹⁶⁹

A doutrinação de almas, não mais efetuada no interior da Igreja, mas aos pés do cruzeiro, é realizada todo o dia 02 de novembro, dia dos mortos.¹⁷⁰ Há um compromisso especial dos membros da Barquinha, pois, neste dia, várias almas são convertidas, ou melhor, doutrinadas pelo Presidente da Casa. Nesse tipo de trabalho, são entoados 5 salmos, e rezado um terço, intercalado pela descrição dos 5 mistérios da crucificação de Cristo. Dentro do cruzeiro ficam as pessoas que participam da composição da mesa nos trabalhos realizados no interior da Igreja, aqueles que apóiam os trabalhos da casa e fazem parte da corrente espiritual, de onde irradia energia para a condução dos trabalhos da casa. Fora da grade do Cruzeiro ficam os demais integrantes do centro e todos os presentes.

Semelhante ao trabalho de doutrinação está o batismo dos eguns sem luz, dos exus, considerados por eles “entidades das trevas.” Para o Presidente, existe uma diferença entre a doutrinação de almas e o batismo de eguns sem luz porque as almas, em sua grande maioria já foram doutrinadas, porém, o que falta a elas é um preparo como cristãs. Por outro lado, os eguns sem luz precisam ser batizados para ajudar a carregar a

¹⁶⁹ Manuel H. de Araújo, Rio Branco - 21/09/95.

bandeira da cruz, servindo portanto, ao Deus cristão. Quando estes exus aceitam a doutrina são levados a um lugar mítico no Astral chamado de campo de concentração. Neste lugar, os “espíritos das trevas” serão convertidos em “espíritos de luz”.

“Aqueles que aceitam a doutrina de Cristo, a cristandade, são trazidos para esta casa, colocados num campo de concentração, depois, lá no campo de concentração, eles vão receber dos espíritos de luz, que trabalham nesta casa, conselhos, preparos para renegar a corrente inferior, a corrente satânica e incluir nesta casa, fazendo parte dos exércitos de Jesus.”¹⁷¹

Se José Joaquim é o pastor das almas, é o Príncipe Dom Semião, uma entidade da Barquinha que está presente desde a fundação do espaço com Mestre Daniel, quem está encarregado de ser o pastor dos eguns sem luz. É ele quem leva os exus para o campo de concentração, e, é ele que os traz para receberem o batismo. São Semião é um ser de luz, ele é um oficial, um Príncipe encantado. Ele é considerado o chefe de equipe e coordenador dos trabalhos espirituais. Além do fundador, Daniel Pereira de Mattos, Dom Semião tem um papel importante, porque ele leva e traz mensagens espirituais o tempo, que for necessário para os fiéis da casa.

“Quando eles aceitam, o próprio Dom Semião me traz esses irmãos. Eu faço a chamada nos dias apropriados, aparelha nos aparelhos por pelotão de 5.000, de 10.000, de 50.000... aparelha naquele irmão, e vem na frente, o correspondente daquele pelotão. Quando eu interrogo, ele se identifica... destá que atrás dele tem 10.000, 20.000, 50.000, conforme seja. Aí eu digo: - quantos estão contigo? aí ele diz: - tantos mil! aí é que eu vou fazer o batismo desses elementos, assim como Jesus foi batizado no rio Jordão por São João Batista, e São João Batista e os outros apóstolos batizados por Jesus, neste mesmo mistério eu batizo eles com o nome do Pai, do Filho e do Divino Espírito Santo para que dali pra frente ele seja um verdadeiro cristão obediente e temente à Deus. No mesmo instante eu incluo ele nos exércitos de Jesus para servir a Cristo, desse mundo à eternidade. E eles ficam aqui neste plano trabalhando em benefício do

¹⁷⁰ Criado na França aproximadamente em 980 d. C.

¹⁷¹ Manuel Hipólito de Araújo, 21/09/95.

próprio espírito dele para pagar as culpas deles, as grandes culpas deles com Jesus.”¹⁷²

Desta forma, é possível pensar que o batismo funciona como uma espécie de limpeza na terra e no mar, locais onde habitam essas entidades inferiores. Quando as entidades são doutrinadas, passam a trabalhar nos três mistérios, nos três planos (céu, terra e mar), mas ainda não tiveram a oportunidade de chegar ao plano celestial.

Para o antropólogo Alberto Groisman (1991), a doutrinação de eguns é uma característica que torna-se imprescindível nos centros que trabalham com a linha do Daime, como é o caso do Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS). Esta doutrinação para eles corresponde a uma “batalha no Astral”, que implica em um caminho para a salvação eterna de espíritos considerados inferiores, maléficos e impuros. Estes espíritos, por sua vez, entram em conflito com os espíritos de luz, que tentam de todas as formas, converter os espíritos pagãos.

“Na ‘batalha do Astral’ entram em ação legiões de espíritos aglutinados em torno de seus ‘comandantes espirituais’. Cada comandante age em seu front, conforme suas especificidades, ou as forças espirituais que estão aliadas a ele. Tanto no campo da ‘espiritualidade’ quanto no campo da vida diária, sua ação está voltada para a ‘doutrinação’ dos espíritos ‘trevosos’, que também podem estar organizados em ‘legiões’. As ‘doenças’ estão ligadas à ação dos ‘espíritos trevosos’, que podem inclusive ‘atuar’, ou seja, incorporar permanentemente nos ‘aparelhos’ dos indivíduos suscetíveis, modificando o seu comportamento. A ‘batalha no Astral’ está também intimamente ligada ao apocalipse de São João, que refere-se a uma batalha na qual os espíritos de luz e os espíritos das trevas entrarão em conflito até que somente os espíritos purificados se salvem” (Groisman, 1991:105-106).

Além da ligação com o Apocalipse de São João,¹⁷³ o trabalho de batismo dos eguns sem luz, está relacionado com as cruzadas do período

¹⁷² Manuel H. de Araújo, Rio Branco - 21/09/95.

¹⁷³ É importante ressaltar, que os componentes da Barquinha diferem do CEFLURIS no que diz respeito ao caráter messiânico deste último, porque, para os adeptos do CEFLURIS o Padrinho Sebastião Mota Melo é considerado a reencarnação de São João Batista.

medieval, quando a Igreja católica buscava arrebanhar fiéis que não estavam enquadrados na doutrina Cristã. Esta portanto, foi a conotação dada pelo Presidente do espaço para tentar relacionar o batismo a um fato histórico.¹⁷⁴

Ao auxiliarem essas almas e entidades penitentes, os soldados dos exércitos de Jesus estarão se preparando neste plano para alcançar um grau maior de luz, até o dia do Juízo final, quando a barca Santa Cruz, no percurso do mar sagrado, irá ancorar aos pés de Jesus.

¹⁷⁴ No capítulo 2 desta dissertação, discutimos alguns símbolos que fazem referência às cruzadas medievais.

4.9 - SOBRE O BALANÇO DO MAR

I

Hoje a noite está tão linda
vamos todos passear
no meu barquinho sem vela
sobre as águas do mar

II

Seguimos todos no barquinho
sobre as águas do mar
vamos ao palácio da Natura
buscar a Rainha do Mar

III

Ela vem com alegria
para nos apreciar
com ela vem todos os encantos
para hoje aqui brincar

IV

Do palácio da Natura
seguimos todos a navegar
no meu barquinho sem vela
com a Rainha do Mar

V

Na praia está um grande amigo
com alegria a nos esperar
é o irmão Girassol com todos os seus
encantos que também vem brincar

VI

Vejo o Príncipe das águas verdes
com sete fadas do mar
a linda índia formosa
para hoje aqui brincar

VII

Vejo a Rainha das Florestas
com seu exército a beira-mar
hoje nesta linda noite
com toda a alegria vem nos apreciar

VIII

O barquinho vem tão sublime
sobre as águas do mar
vem trazendo todos os encantos
do céu, da terra e do mar

IX

Na frente vem uma bandeira
escrito Rainha do Mar
na proa vem o Príncipe formoso
na sua corneta a tocar

X

Hoje aqui nesta casa
todo mundo vai brincar
com todos os lindos encantos
do céu, da terra e do mar

XI

Saudemos a Deus e a Virgem Maria
e S. José do Arribamar
salvemos a S. João Batista
que hoje vão nos abençoar

XII

Salve a Rainha das Florestas
e a Santa Rainha do Mar
saudemos a todos os encantos
do céu, da terra e do mar

XIII

Seguimos todos no barquinho
sobre as águas do mar
louvando a S. João Batista
e a S. José do Arribamar.”

(Vamos brincar - salmo do hinário da “barquinha”).

Quando Daniel Pereira de Mattos faleceu, o senhor Antônio Geraldo realizou algumas modificações no espaço. Dentre elas a criação de um parque destinado às brincadeiras da irmandade com as entidades dos três mistérios que regem aquela casa: o céu, a terra e o mar.

Os bailados realizados no parque são considerados uma extensão dos trabalhos iniciados na Igreja, pois, é do interior da Igreja que ocorre aquilo na qual eu denominaria de ampliação espacial, porque é da mesa de trabalho, que tem uma forma de cruz e é um dos eixos centrais de todo o espaço, que com o decorrer dos trabalhos oficiais há uma ampliação, isto é, novos lugares vão sendo abertos. Existe uma mobilidade espacial, portanto, podemos considerá-lo como espaço móvel, pela dinâmica apresentada em cada um desses lugares.

A finalidade do bailado é a de satisfazer as entidades que trabalham nos mistérios das obras de caridade em datas específicas santificadas, principalmente no final de Romarias como as de S. Sebastião, S. Francisco e S. José, quando essas entidades têm um trabalho mais intenso nas obras de caridade. Nessas Romarias ocorre um preparo mais aguçado da irmandade. O barquinho Santa Cruz,

como já afirmamos,¹⁷⁵ sai do cais do porto no primeiro dia de Romaria, penetra em alto mar e na metade de cada uma, ele dá a volta e retorna para o porto de chegada. Durante este tipo de trabalho, um número maior de pessoas são atendidas, além de que há uma grande quantidade de doutrinação de almas, porque estas viagens (Romarias), preparam os indivíduos na grande viagem, que terminará quando a barca irá ancorar aos pés de Jesus.¹⁷⁶

As entidades chamadas para brincar têm a permissão para se satisfazerem dos gozos materiais, no caso a dança, pois, se utilizam dos aparelhos para bailar pontos que as identificam. As entidades também tem o poder de enviar pontos através dos aparelhos que os recebem e os escrevem na seqüência. Estes pontos louvam entidades do Astral, da Floresta e do Mar.

As brincadeiras são também uma iniciação à incorporação, porque, muito raramente há este tipo de prática no interior da igreja. O bailado, por deixar as pessoas mais descontraídas através do Daime, dos pontos e, principalmente através do movimento, faz com que estas desenvolvam sua mediunidade através da incorporação.

¹⁷⁵ Verificar o tópico viagens dentro da grande viagem.

¹⁷⁶ Durante os trabalhos oficiais, bandeiras de cores diversas são estendidas por todo o parque. Além disso, é colocado 1 estandarte em cada coluna. Esses estandartes homenageiam caboclos, encantados, santos e pretos velhos. É importante ressaltar que estes seres representados no pano não são misturados. As entidades na qual observemos nos dias de bailado foram as seguintes: Princesa das Limeiras, Sereias, Iemanjá, São Jorge, Príncipe Espadarte, Índio Chefe das Matas, Índio Itapuã, São Sebastião, Jangadeiro do Mar Sagrado.



A incorporação é prática recorrente nos bailados da casa.

Pois bem, o bailado tem essa finalidade de atender as entidades que se dispõem a prestar caridade naquela casa e, por conseguinte as pessoas que trabalham no Centro utilizam o lugar para efetuar uma brincadeira que resulta também em uma auto-análise da vida. A brincadeira produz trilhas para pensar os problemas da vida, devido as instruções recebidas.



Observe a elegância do performer em sua viagem rítmica. Podemos verificar que o ponto entoado é executado em ritmo de valsa. O ponto intitula-se "sereia do mar". Na foto está bailando D. Odete, que recebe uma entidade por nome de Anastácia da Luz.

Solange Arruda, analisando a dança através do método de Laban

pensou algo semelhante:

"A dança proporciona maior auto-consciência: quando sinto meus ossos, órgãos internos, minha pele, meus movimentos, meu núcleo, começo um caminho para dentro de mim. Ao mesmo tempo, desenvolvo a consciência do outro: se encontro meu núcleo, o que é único em mim, minha unidade, posso perceber o outro como ser inteiro. Minha inteireza permite que eu entre em contato, então posso conhecer uma relação nova, sem projeção, medo ou culpa. Além disso, ganho a consciência do espaço que desenvolve o raciocínio abstrato e o relacionamento com os outros. Adquiro a consciência do tempo que desenvolve a presteza ao agir, a percepção do ritmo interno e a musicalidade. Quando me conscientizo da fluência, desenvolvo a percepção de como está sendo feito o percurso do movimento, que pode ser livre ou controlado. (...) O ser humano é energia e sua ação acontece no tempo e no espaço. (...) A energia que move o nosso

corpo pode ser leve ou forte. Começo a movimentar-me , sem saber como e nem por que e percebo que algo me respira, me espreguiça, me rodopia, me move. Há a relação entre o movimento interno em direção ao externo e do externo em direção ao interno. O movimento em direção à vida e o movimento da vida em direção a mim.” (Arruda, 1988:16-21).

Sentir a energia externa fluindo para dentro de si traz a percepção de que forças do invisível penetram os membros da barquinha, que as interiorizam sentindo o todo. Quando estes exploram as suas energias internas, as manifestam através do movimento externo. O tempo no bailado pode ser lento ou rápido. Aqueles que bailam podem fazer movimentos estritamente lentos, bem como movimentos rápidos. A percepção da fluência do tempo desenvolve a musicalidade. (op. cit. 21).

A autora ainda fala do movimento com três tipos de acento: aquele que pode estar no início do movimento ou da ação, isto é, quando se sai da inércia, o acento no meio do movimento ou da ação, chamado de movimento de pêndulo, ou ainda no fim do movimento, ou movimento de brecar o moto-contínuo (op.cit.22).

Sendo rítmico, cada componente da barquinha cria um ritmo pessoal na dança; não foram raras as vezes que me falaram que cada um dança para si, sobre o seu ritmo. Quando escutam os seus sons interiores, estes marinheiros acabam criando músicas, exteriorizando-as através dos movimentos. Mas eles também escutam sons de fora, do barulho de carros, das pessoas conversando, do vento que sopra, etc. Da mesma forma que o som interior, é possível também recriar os exteriores com gestos, ou tentar uni-los ao interno manifestando-os através do movimento. Com isso, é possível dançar esses sons,

transcender o tempo, entrar na eternidade, criar um novo tempo e comunicar-se com ele. (op. cit.22).

O lugar do parque torna-se dinâmico porque os corpos ¹⁷⁷são envolvidos por eles. Ele acaba se tornando um companheiro de dança. Desta maneira, aqueles que participam do bailado percebem o lugar, o círculo sagrado, porque através do olhar sobre este, é perfeitamente possível ver outros mundos e torná-los visíveis através dos gestos de lá para cá; é quando começam a circular no disco, na borda do cálice sagrado ou na barca, símbolos de realidades sagradas através das ondas do Daime que vem e vão. Acerca disso, aqueles que bailam em conjunto com o espaço tornam-se escultores-dançarinos ¹⁷⁸ porque dão forma à realidade invisível.

O salmo de convite às entidades e à irmandade para bailar chama-se vamos brincar, é um hino de transição entre o interior da Igreja e o parque. Neste salmo são convidadas entidades do Astral, da Terra e do Mar para este tipo de performance ritual. São chamados as crianças ou erês, os pretos velhos, os caboclos e os encantados como botos, sereias, fadas, príncipes, princesas, etc.

No plano Astral, algumas entidades não têm permissão para incorporar, são entidades santificadas ou purificadas que se apresentam no trabalho, mas não mantêm contato direto com a irmandade, como é o caso de alguns bispos que são citados no hinário. Os bispos são em média 33, mas tive acesso a poucos de seus

¹⁷⁷Corpos visíveis. Estes trazem consigo aspectos do invisível.

¹⁷⁸Concepção de Arruda para o relacionamento entre o performer e o espaço.

nomes. Contudo, existem entidades do Astral, que embora estejam em um plano elevado, têm a permissão de "baixar" no aparelho.

É interessante notar que todas essas entidades são consideradas oficiais da casa e os componentes do Centro são preparados neste plano para tornarem-se oficiais quando desencarnarem. Os oficiais apresentam-se fardados e todo o trabalho tem o domínio Astral. A farda marca a relação das entidades desses planos com o cristianismo. Quando os integrantes da barquinha referem-se a entidades do Astral, afirmam que estas estão mais próximas do céu, diferente daquelas do Mar e da Terra, embora já estejam com um grande grau de luz. As entidades do Astral prestam assistência a essas entidades do mar e da floresta. O céu é o paraíso, onde habitam seres de plena luz que, embora dêem assistência aos trabalhos, não agem mais diretamente como ocorre com a maioria daqueles seres pertencentes aos três mistérios.¹⁷⁹

Nos trabalhos oficiais do parque, existe uma divisão no tempo e uma ordem de classificação de entidades. Em primeiro lugar bailam as crianças. As crianças bailam no primeiro tempo, ou seja, na abertura dos trabalhos durante hora e meia a 2 horas, exatamente o período em que as crianças que participam dos trabalhos oficiais podem permanecer acordadas, o horário varia de 22:00 h às 00:00. Em seguida as crianças se afastam e ocorre a baixada de pretos velhos, os quais participam dos serviços de cura das obras de caridade. Eles também tem o seu período de bailar, de hora e meia à 2 horas. Estão

¹⁷⁹ Exemplifico os Santos que fazem parte da doutrina da casa como São José, São Sebastião e São Francisco, o mediador do local.

em uma segunda ordem. Depois de algum tempo é realizada a subida dos pretos velhos, então é feita a baixada dos caboclos, que não é tão específica deles, pois aí também estão inseridos os indígenas, as fadas, os botos, as sereias e todos os seres que não se classificam como crianças e pretos velhos.

No parque, só bailam entidades que foram doutrinadas aos pés do Cruzeiro ou aos pés do altar no interior da Igreja. Não há, portanto, permissão para que nenhuma entidade pagã participe do bailado. São entidades fardadas que se aproximam dos marinheiros fardados em fase de preparação para alcançar um plano de luz mais elevado. A farda marca a relação com os símbolos cristãos entre os participantes dos trabalhos e as entidades doutrinadas naquele espaço. Entretanto, é possível a penetração de entidades consideradas inferiores; é aí que ocorre o aprisionamento destas entidades para uma posterior doutrinação, um dos trabalhos em alto mar.

O ritmo destinado para as crianças é um ritmo de marcha, os pretos velhos dançam mais tranquilos, geralmente em ritmo de marcha lenta e os caboclos, as sereias, os botos, as fadas, os indígenas, os príncipes, estes obedecem todos os ritmos que são tocados: a valsa, a marcha e a balada.

Além do convite das entidades para bailar no parque, quando os marinheiros do mar sagrado passam da formalidade para a informalidade, existe um ponto de cobertura chamado “troco - troco”, na qual o terreiro está assegurado por reforços invisíveis enviados por Jesus Cristo . Logo após há a chamada das entidades e, por fim, o

terreiro é aberto por D. Romão, entidade responsável por este tipo de trabalho. Antes, este tipo de atividade estava entregue a D. Semião, que era recebido por D. Chica Gabriel. Com a saída desta, assumiu este tipo de função Maria Leopoldina, que recebe o Vô Romão nos trabalhos de obras de caridade.

Os pontos executados no lugar servem, além da descontração, para limpar e tirar os maus fluídos bem como para curar¹⁸⁰ aquelas pessoas que estão dançando naquele círculo, considerado um círculo de luz, pois, simbolicamente a luz da barquinha ilumina toda a circunferência, irradia os performers. Enquanto ocorrem as incorporações, cantam-se pontos de limpeza no parque, e as pessoas são levadas para o salão de atendimentos, onde o Presidente envia as entidades obsessoras para um campo de concentração a fim de, posteriormente, serem doutrinadas e poderem no futuro trabalhar com os indivíduos. Ao serem doutrinadas, estas passam a receber denominações cristãs, são as entidades que passam a carregar a bandeira da cruz.

As canções induzem de certa forma as viagens dos participantes a reinos distantes do Astral, da Terra e do Mar. Na maior parte das narrativas colhidas, entidades os convidam para visitar os seus reinos em um ou mais mistérios.

O bailado do parque é formado pelo movimento + dançarino + contexto + audiência, formando uma performance ritual. O movimento está ligado na perspectiva de Laban a uma estrela de 5 lados que

¹⁸⁰ Concepção de Arruda para o relacionamento entre o performer e o espaço.

juntos resultam na dança. Para bailar, é necessário portanto o corpo, o espaço, dinâmicas, relacionamentos e ação.

“Ações dinâmicas do corpo, ações da dinâmica corporal, o corpo relacionado ao espaço, relacionamentos dinâmicos através da ação, relacionamentos do espaço no corpo, ações de dinâmica corporal relacionada no espaço.” (Dunlop, 1979:08).

A brincadeira do parque tem um sentido para aqueles que ocupam o salão de baile. Acreditando no movimento executado, a dinâmica é apreendida, as formas espaciais tornam-se compreensíveis, o todo manifestado na dança. Mas o movimento só ganha significação quando liga-se a um contexto. Unidades de ação, corpo, dinâmicas, espaço e relacionamentos são os ingredientes para o movimento, os 5 pontos de uma estrela, e eles estão ligados e presentes em todas as performances, existindo independentemente na mente enquanto uma idéia. (op. cit.08).

Este tipo de performance ritual, antes de ser uma representação por parte dos fardados torna-se uma apresentação das entidades autorizadas para o bailado.

Bailar nada mais é do que uma combinação de gestos, exposto através de motivos individuais. Para Suzanne Langer “gesto é a abstração básica pela qual a ilusão da dança é efetuada e organizada.” (Langer, 1980:163). Ele tem uma infinidade de formas. Dependendo de uma série de condições internas e externas o executor da performance pode expressar alegria, dor, angústia e uma série de sentimentos através das partes que compõem o corpo. Desta maneira, pode-se ter mãos que choram, pés que se exaltam em fúria ou ombros maliciosos e quadris sensuais.

As características das entidades evidenciam-se na dança. As crianças pulam bastante, desprendem muita energia no início dos trabalhos com gestos traquinas. Os pretos velhos são curvos, são mais lentos na dança e dançam flexionando os joelhos (Guimarães, 1993:93). Os caboclos demonstram bastante força no bailado, as sereias demonstram sensualidade, beleza, são graciosas, elegantes e rodam com bastante frequência. Elegância no bailado é uma característica dos outros encantados. É preciso ressaltar que estas características não são válidas para todos, mas é possível percebê-las em alguns daqueles que bailam.

No parque as pessoas dançam para si e compartilham a dança com as entidades que ali estão. Algumas vezes ocorre a incorporação mas, no geral, há o predomínio da irradiação sobre os presentes, porque a maioria das entidades doutrinadas passam a ter um outro tipo de relação com o aparelho.

Nos pontos executados, algumas características apresentam as entidades e os lugares de onde elas vêm e o que vêm fazer. Em Odum, Odum, são chamados Odum, Cosme e Damião e todas as crianças para brincar no terreiro. Este é o ponto de chamada das crianças, como assim são designadas estas entidades pelos integrantes do Centro. Na Umbanda são chamados de Erês. É preciso salientar que apesar de virem ao salão de baile, ou terreiro para brincar, as crianças são encaradas com a maior seriedade possível porque atrás dessas vibrações infantis, se escondem espíritos de grandes poderes. Há uma suspeita de que Odum seja Doum na

Umbanda, isto é, aquele que veio ao mundo para fazer companhia a seus irmãos gêmeos Cosme e Damião.

Este tipo de sincretização de pares (Ibêji, Ibeijada ou Erê na Umbanda) com Santos católicos, gêmeos e que foram médicos, assemelha-se aos Erês da África. Como faltava Doum, colocaram-no com seus irmãos, de quem os pequenos bastões de pau aproximavam as imagens de Santos Católicos, como uma trindade de imanação. (Guimarães, 1993:162-163).¹⁸¹

No segundo momento do bailado do parque ocorre a baixada de pretos-velhos.

As chamadas legiões de Pretos-Velhos foi formada no Brasil devido o amplo comércio de escravos vindos da África. Poucos idosos vieram

¹⁸¹Na sequência demonstrarei o nome de alguns pontos de crianças e as características mais importantes de cada um.

Denominações e procedência:

Mestre Joãozinho: neste ponto a entidade vem do alto mar;

Joãozinho da Golméia: procedente de Caruarú;

Tacurumim: filho do Rei de Nagô, é considerado Príncipe curador;

Barão de Goré: barãozinho das ondas do mar;

Rosinha: aquela que vem e vai no balanço do mar. É uma sereia;

Zezinho da Jurema: vem do reino de Juremá;

Zezinho das águas verdes: filho da cabocla brava - cabocla feitiçeira;

Outros pontos que não designam a entidade no seu título:

Mãe Maria: aquela que chega para brincar com as crianças do reino de Juremá;

Chegou todos os reinos: união dos três encantos (céu, terra e mar) através das estrelas do céu, dos peixes do mar e dos pássaros na floresta que fazem festa para Iemanjá;

Três estrelas: referência a Cosme, Damião e Mariazinha;

Axé, Axé: ponto que apresenta Darcí que chega com o objetivo de cantar, trabalhar e brincar;

A lua e o sol: apresenta os dois irmãos gêmeos Cosme e Damião que baixaram no terreiro junto a Vô Romão;

O vento bateu na roseira: sinal que Vô Romão, um preto velho acabou de buscar os Erês;

Menina Ciranda: menina que chega ao terreiro com a menina Ená, Rosinha, Sinhá, Darcí do mar e Vô Juliana;

Eu pedi a Oxalá: pedido ao dono do terreiro para as crianças brincarem e trabalharem no terreiro de Iemanjá;

As criancinhas vem de longe: procedentes do jardim de Oxalá, trazem rosas bonitas não só para enfeitar o terreiro, mas para protegê-lo;

A lua lá no céu brilhou: quando brilha a lua e o mar balança é sinal de que a sereia está chegando. A lua e o agito do mar neste ponto são símbolos que identificam a sua chegada ao salão de baile.

para estas terras, tendo em vista que os senhores de engenho tinham preferência por negros mais jovens que através do trabalho forçado poderiam melhorar sua produção. Esta pequena minoria que chegou em terras brasileiras trouxe consigo conhecimentos milenares tais como o uso de ervas, raízes e rezas que tinham como finalidade limpar e curar os enfermos. Os pretos velhos praticavam os seus rituais escondidos e assistiam forçados às cerimônias religiosas da Igreja Católica. Os trabalhos ocultos eram realizados na mata virgem.

Os negros recém nascidos eram batizados duas vezes, a primeira, de forma oculta, recebendo o nome da Nação de seus pais. A segunda através da tradição católica, onde recebiam o primeiro nome do seu senhor e o sobrenome da fazenda na qual era escravo, por exemplo: Antônio da Coroa Grande, ou do lugar de origem: Pai Joaquim d' Angola. (Op. cit, 1993:143).

No bailado da barquinha, há alguns pontos que os identificam como seres curadores e como negros que sofreram quando estiveram no cativeiro.¹⁸²

¹⁸² **Catarina:** Ponto de transição das crianças para os Pretos-Velhos. Nela há a Chamada de Catarina para dançar no terreiro de Oxalá juntamente com todas as entidades que trabalham nos seus gabinetes de atendimentos no salão das obras de caridade atrás da Igreja, ou seja, Vô Romão, Pai Joaquim d' Angola, Rei Urubatã, Tubarão Branco, Anastácia da Luz, Jangadeiro do Mar Sagrado, Mestre Carlos, Paruassú da Luz. Além destes, solicita a presença de outros pretos velhos como Mãe Maria, Pai José e Pai Quirino;

Tia Catarina: é chamada para desmanchar serviços de feitiçaria através dos poderes do céu, da terra e do mar;

Vó Juliana e Pai José: Pretos Velhos que vem para curar através de folhinha de guiné;

Navio Negroiro: lembranças do cativeiro. O ponto remete à figura de Pai Quirino;

Pai João: Ponto de Cura, pois, Pai João e Mãe Maria vem ao terreiro com este objetivo. O primeiro é caracterizado como rezador já a segunda como benzedeira e chegam para curar mau olhado, dores e cegueira. *Pai João faz a reza, Mãe Maria benzação com galhinho de guiné, arruda e manjerição;*

São Benedito: caracterizado como um soldado. A canção fala ainda em 7 ramos, cada um com o seu mistério;

Vovó: lembrança dos tempos de cativeiro;

Os caboclos são considerados da maior importância para os integrantes da barquinha. Seres da floresta que têm forte poder de cura e capacidade para afastar entidades consideradas inferiores.¹⁸³

Os últimos pontos cantados nos dias de bailado da barquinha são aqueles que falam no povo do Oriente. Entidades distantes que chegam no “terreiro “ para “brincar”, ou seja, trabalhar nas curas.¹⁸⁴

Tira ponto: Refere-se a Preto Velho que tira ponto para Xangô, Iansã, Iemanjá e Oxalá;

Preto Velho rezador: Cipriano rezador dos tempos da senzala;

Vô Romão: ponto de transição de Pretos Velhos para Caboclos. À pedido de Jurema Vô Romão pede a Oxalá para um ponto cantar. No ponto, o vento está forte, os mistérios são da lua na qual o sol vai contar derramando os seus raios em cima da aldeia. De longe, avistam-se o brilho das estrelas que acordam a caboclada para trabalhar no terreiro de Oxalá;

¹⁸³ Vejamos alguns pontos de caboclos executados no parque:

Naquela Mata: Referência a três caboclos caracterizados com três penachos de penas, três capacetes, três colares. Estes caboclos de mata virgem vem para trabalhar juntamente com o caboclo Jangadeiro do Mar Sagrado e o Rei Tupinambá;

Brado do Rei Tupinambá: caracteriza-se por bradar na colina e chamar o caboclo 7 flechas;

Vou chamar papai e mamãe: ponto do caboclo roxo que aparece quando surge a lua. Caboclo guerreiro do Maranhão, é mencionado neste ponto trazendo taquara no ombro e cinta na palma da mão;

Caboclo Jangadeiro: apresenta o caboclo com seus instrumentos de uso constante: a espada e as flechas;

Kiô, kiô: outro ponto do caboclo Jangadeiro do mar Sagrado que vem para trabalhar sobre as ordens de Santa Bárbara, Iansã nas religiões Afro-brasileiras;

Ouvi um brado na Campina: ponto do Rei Urubatã;

Mamãe eu chamei Iá-Iá: Princesa Iá-Iá, proveniente do Reino de Jurema através das forças de Oxalá e Iemanjá;

Índio Rei das florestas: traz o caboclo Jangadeiro do Mar Sagrado, Pena Branca, Rei Tupinambá, Rei Urubatã, Caboclo Roxo, Arranca-Toco, Índia Açucena, Índia Ceci, Cabocla Janaina, Pena Azul e Pena Verde;

Caboclo Etá: Pombo branco, filho do Rei Oriental;

Vem Jurema: o movimento do vento e o céu azul sinalizam a chegada de Jurema;

Príncipe da Jurema: sua chegada ocorre à noite, quando o galo canta e, sua finalidade é a cura;

Cabocla Serondina: assim como o Príncipe da Jurema, a cabocla Serondina chega através do balanço do mar para curar aqueles que precisam de sua ajuda;

Boiadeiro: quando a lua clareia a escuridão da noite, o Rei da Jurema por nome de boiadeiro chega com o seu chapéu de couro;

Caboclo flecheiro: apresenta Jurema como cabocla da mata; Oxóssi o dono das matas, Oxum das cachoeiras e Oxalá o dono do terreiro. O caboclo flecheiro é considerado caçador de feiticeiros;

¹⁸⁴ Das canções executadas naquele lugar, duas chamam bastante a atenção. A primeira intitula-se **Rei de Bagdá**, ponto no qual anuncia a chegada do Rei através de um cavalo branco com patas de prata. O soberano usa colar de ouro e coroa de prata, demonstrando a ostentação em artigos de luxo dos povos do Oriente. No ponto seguinte, o Rei de Bagdá se identifica: é **Dom Murilo** que chega no terreiro louvando a Deus e a Virgem Maria.

É importante frisar que todas as linhas da Umbanda podem ser detectadas no bailado do parque.

A primeira delas é a linha de Oxalá, dirigida por Jesus Cristo. Na Umbanda, esta linha é composta por 7 falanges que formam cada legião. Desta forma encontram-se nela as legiões de Santo Antônio, legião de São Cosme, Damião e Doum, legião de Santa Catarina, legião de São Expedito, legião de Santa Rita de Cássia, legião de São Francisco de Assis e legião de São Benedito.

Esta linha é a força de expressão máxima na Umbanda. Para os Espíritas Apostólicos Cristãos, Oxalá é o chefe do terreiro. Esta linha é formada por diferentes raças da terra, não somente brancos e negros, mas padres, frades e freiras, cujas almas purificadas atingiram a perfeição. (Lima, 1993:88).

Iemanjá lidera a segunda linha na qual é possível detectar três legiões em pontos cantados na barquinha, são elas a legião das sereias sob a proteção de mamãe Oxum, as caboclas do mar sob proteção e orientação de Indaiá e as caboclas dos rios, que têm como chefe a cabocla Iara. Iemanjá é também chamada de “Mãe d’água”, “dona das águas”, “protetora dos marinheiros”, “mãe”, “mãezinha”, etc. Ela tem a proteção de Oxum, que é dona dos rios, lagos e cachoeiras, da fecundação e do amor. Esta linha é composta também de entidades de diferentes raças; na Umbanda, caboclos, pretos velhos e exus; na Barquinha caboclos e pretos velhos, os exus serão doutrinados por serem considerados entidades inferiores.

A terceira linha da Umbanda, a linha de Omolu também está presente no bailado através da legião de São Cipriano, representando as falanges da magia, legião de caboclo, com caboclos de todas as raças, legião de pretos velhos, com pretos velhos de todas as raças, legião de povos Orientais, com espíritos considerados evoluídos de todo o Oriente.

A quarta linha é a de Ogum que representa São Jorge. Desta linha, foi possível verificar a presença das seguintes legiões: legião de Ogum Beira-Mar, que está aliada ao povo do mar, legião de Ogum Nagô, associada dos rios (caboclos) e a legião de Ogum Rompe-Mato, aliada a Oxóssi e seu povo da mata. Como é chefiada por Ogum, um Orixá de guerra na umbanda, suas legiões são lideradas por guerreiros de diversas raças como caboclos e pretos velhos.

A linha de Oxóssi ou quinta linha representa o povo das matas. No sincretismo religioso Oxóssi é São Sebastião. Ele é, pois, o senhor dono das matas. Nesta linha percebe-se a presença de duas legiões, e a legião da cabocla Jurema. Oxóssi, além de senhor das matas, representa a fartura.

Na sexta linha, a de Xangô, o Orixá do fogo e do trovão na Umbanda há a presença de Iansã (Santa Bárbara), caboclos e pretos velhos.

Na sétima e última linha, chefiada por Dom Miguel¹⁸⁵ que, no sincretismo religioso, simboliza o Arcanjo Gabriel é integrada por Omolu (Obaluayê) entidade da saúde. Esta linha é típica de pretos

¹⁸⁵Concepção de Arruda para o relacionamento entre o performer e o espaço.

velhos.¹⁸⁶ Nela há a presença da legião do Pai Cabinda, que integra as falanges do povo da Costa; a legião de Pai José d'Angola, com falanges do povo de Angola; Legião do Pai Congo, com falanges do povo do Congo; Legião de Pai Francisco, com falanges do povo de Loanda; Legião do Pai Guiné, integrada por falanges do povo de Guiné. (Guimarães,1993:92).

Nos domingos,¹⁸⁷ após o catecismo, as crianças são levadas para o parque para bailar. É importante ressaltar que neste tipo de atividade não há o ponto de cobertura, tampouco a chamada espiritual dentro da Igreja. Além disso, não existe uma ordem para os pontos de erês, pretos - velhos e caboclos como ocorrem nos dias de trabalhos oficiais. O bailado dura cerca de três horas e os presentes não usam fardamento ou roupas brancas, como ocorrem nos dias de festas oficiais. A cor da roupa fica a critério de cada um.

¹⁸⁶ Esta representação é tipicamente umbandista. Apropriei-me, na verdade, destes conceitos para poder melhor entender este tipo de manifestação no trabalho desenvolvido no parque.

¹⁸⁷ Na Umbanda, os domingos são reservados para os Erês.



Bailado das crianças. Neste tipo de “brincadeira”, a maior parte dos pontos cantados são de Erês. Nesta fotografia vemos Dona Chiquita, que recebe o caboclo arranca toco para atender no gabinete de atendimento. Como esta entidade entidade foi doutrinada o seu nome desde então no Centro é Antônio da Luz.

Em ambos os tipos de bailado, a dança é espontânea e o movimento só acontece quando existe uma motivação interna, ou quando cada um encontra dentro de si uma tentativa de resposta para um desafio sobre as diversas facetas da vida.



Bailado realizado aos domingos. Observem que os participantes não usam fardamento ou, roupas brancas de forma obrigatória, como ocorrem nos trabalhos oficiais da casa.

Os elementos internos tais como sentimentos e pensamentos aliam-se aos externos (música, luzes, cheiros, etc.) e produzem movimentos que falam de “outras realidades”, de outros seres. O Daime, um dos elementos dos trabalhos pode estabelecer uma conexão, um canal de ligação às outras dimensões dos três mistérios. Ressalta-se ainda que a prática da incorporação pode ocorrer sem o auxílio da substância.¹⁸⁸

¹⁸⁸ para finalizar este trabalho, vale a pena mencionar o que Monteiro da Silva pensa acerca da dança na comunidade daimista, por ele estudada. *A dança ritualizada e os demais atos estimulam a criatividade dos grupos, restituindo e tornando homogênea as durações individuais, contribuindo para a unificação de diferentes ordenações corpóreo-temporais.* (Monteiro da Silva, 1983:67).



Esta fotografia faz referência às brincadeiras dos dias de domingo, destinada às crianças. Um grande número de adultos participa deste tipo de bailado.

Finalizando, voltamos a lembrar que o bailado tem importância crucial dentro das atividades da Barquinha, porque ele atende a quatro finalidades básicas: a) o bailado enquanto prática de incorporação, pois, é durante as “brincadeiras”, que os frequentadores têm a oportunidade de projetar em seu corpo entidades oriundas de planos diferentes; b) o bailado enquanto forma de lazer - falamos do sentido lúdico da festa, onde o parque torna-se um local do brincar, com uma estrutura ritual distinta do interior da Igreja;¹⁸⁹ c) as “brincadeiras” como dom, no sentido de nela haver troca e reciprocidade de forma horizontal e vertical, ou seja, à título horizontal, destacamos as relações dos homens com os outros homens e, a nível vertical, a relação dos homens com entidades divinas; d) o bailado como conversor, porque, no bailado, especificamente durante as incorporações

¹⁸⁹ Embora temos que lembrar novamente que os trabalhos do parque são considerados uma extensão dos trabalhos iniciados no interior da Igreja.

ocorridas durante o seu processo, entidades maléficas são capturadas e enviadas a um plano de luz; e) o bailado como prática de cura, pois, do círculo emergem bons fluídos e ainda, entidades de luz, que podem propiciar um bem estar espiritual e material ao indivíduo que esteja enfermo.

O bailado, assim como todos os demais trabalhos da casa servem como um dinamizador da cosmologia, onde os símbolos são transmitidos e/ou modificados. Os trabalhos de Daniel tentam dizer alguma coisa, pois, os diversos atos inscritos nas performances rituais constituem ação, logo, expressão. Expressar não só idéias, mas sentimentos. Neste caso, a missão deixada por ele ultrapassa os próprios muros que separam o mundo sagrado e o mundo profano. As pessoas retornam para a vida cotidiana embriagadas pelo sagrado.

5 - DESEMBARQUE

I

*Quatro estrelas brilhantes,
graças vem nos derramar;
a primeira é Jesus Cristo,
a segunda é a Rainha Soberana,
a terceira é a Rainha das Florestas,
a quarta é a Rainha do Mar.*

II

*Com o divino Jesus
se fez acompanhar
a Rainha Soberana,
a Rainha das Florestas,
vem sublime nesta luz,
com a Rainha do Mar.*

III

*Vamos dobrar os joelhos,
diante a este altar
e oferecermos preces
para quem nos engrandece,
a Deus e as três Rainhas,
que vem nos abençoar*

IV

*Com Jesus se acompanham
cortejos de adoração;
vem grandes forças invisíveis
do céu, da terra e do mar,
são forças que as três Rainhas
nos guardam nesta sessão.*

V

*Meus irmãos com amor,
vamos nos concentrar,
que nesta luz vem Jesus,
vem a Rainha soberana,
vem a Rainha das Florestas,
com a Rainha do Mar.*

VI

*O nosso Senhor Jesus
vem nos abençoar,
com a rainha Soberana,
com a Rainha das Florestas,
é quem oferece este hino
para a Rainha do Mar.*

(Rainha do Mar - salmo do hinário da Barquinha)

No decorrer deste trabalho, procuramos apresentar de maneira antropológica, uma etnografia acerca do Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz, a Barquinha. Tal estudo foi realizado a partir das perguntas que se tornaram pertinentes ao longo da pesquisa, como tentamos evidenciar na introdução desta dissertação.

Como já frisamos, através das idéias de Geertz, fazer esta etnografia constituiu-se em uma descrição densa no sentido de procurar aprofundar como os fiéis da Barquinha pensam a si mesmos e como constroem a imagem simbólica da missão deixada por Daniel Pereira de Mattos. Ao mesmo tempo, pensando acerca das informações dos praticantes, pudemos explicar algo sobre algo explicado. Partimos do pressuposto do detalhe e, com isso, praticamos interpretação.

Como fazer etnografia é modelar uma descrição densa,¹⁹⁰ Geertz menciona três características de descrição densa de forma interpretativa:

“o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. O *kula*

¹⁹⁰ Geertz exemplifica melhor a sua opinião sobre descrição densa pensando no exemplo de Ryle sobre dois garotos, um que piscava involuntariamente e o outro que piscava de forma conspiratória.

“Vamos considerar, diz ele, dois garotos piscando rapidamente o olho direito. Num deles, esse é um tique nervoso; no outro, é uma piscadela conspiratória a um amigo. Como movimentos, os dois são idênticos; observando os dois sozinhos, como se fosse uma câmera, numa observação ‘fenomenalista’, ninguém poderia dizer qual delas seria um tique nervoso ou uma piscadela ou, na verdade, se ambas eram piscadelas ou tiques nervosos. No entanto, embora não retratável, a diferença entre um tique nervoso e uma piscadela é grande, como bem sabe aquele que teve a infelicidade de ver o primeiro tomado pela segunda. O piscador está se comunicando de forma precisa e especial: (1) deliberadamente, (2) a alguém em particular, (3) transmitindo uma mensagem particular, (4) de acordo com um código socialmente estabelecido e (5) sem o conhecimento dos demais companheiros. (...) Suponhamos que haja um terceiro garoto (...), ele está imitando alguém que, na sua opinião tenta piscar. (...) O caso é que, entre o que Ryle chama de ‘descrição superficial’ do que o ensaiador (imitador, piscador, aquele que tem o tique nervoso...) está fazendo (contraindo rapidamente a sua pálpebra direita) e a ‘descrição densa’ do que ele está fazendo (praticando a farsa de um amigo imitando uma piscadela para levar um inocente a pensar que existe uma conspiração em andamento) está o objeto da etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as formas zero de tiques nervosos as quais como *categoria cultural*, são tanto não-piscadelas como piscadelas são não-tiques), não importa o que alguém fizesse ou não com a sua pálpebra (Geertz, 1989:17).

desapareceu ou foi alterado, mas de qualquer forma, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* continua a existir. Há ainda, em aditamento, uma quarta característica de tal descrição, pelo menos como eu a pratico: ela é microscópica.” (Geertz, 1989:31).

O ponto de partida para esta investigação etnográfica se deu no âmbito do espaço. Ele serviu como pano de fundo para ligar os três pontos chaves que nos referimos durante as páginas anteriores: a história, a cosmologia e os rituais.

Trabalhar a religião como processo foi fundamental, pois essa perspectiva mobilizou os pontos principais desta dissertação. O primeiro deles, o aspecto histórico, mostrou o desenvolvimento da doutrina através dos líderes religiosos que circularam pelo espaço; qual o movimento histórico em que cada um estava inserido e, a importância que tiveram e ainda tem para a continuidade dos trabalhos da casa.

Desta maneira, os ensinamentos de Daniel, o fundador deste tipo de sistema doutrinário, trouxe uma série de adeptos que passaram a assumir funções importantes após a sua morte, seja na continuidade dos trabalhos da casa que Mestre Daniel iniciou as suas atividades, seja na manutenção dos trabalhos em outros espaços fora do Centro fundador.

Esses desmembramentos deram margem para a criação de novos Centros tais como o Centro Espírita Daniel Pereira de Mattos, o Centro Espírita Fé, Luz, Amor e Caridade e o Centro Espírita Príncipe Espadarte. Todos os dirigentes destes Centros passaram pelo Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz e, por diversos motivos se afastaram da casa, fundando um novo espaço com idéias da missão de Daniel. Acreditamos que este tipo de prática recorrente das doutrinas não-

indígenas que fazem a ingestão da ayahuasca torna-se um feito riquíssimo, porque, as rupturas reacendem novas idéias, novos sentimentos e uma variação simbólica impressionante.

Esta composição simbólica a qual estamos nos referindo está elaborada, em parte, pela proposta de Mestre Daniel, bem como pela visão de mundo desses líderes religiosos, que são provenientes de lugares distintos de culturas diversas. Os centros, e em especial, o Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte de Luz torna-se um aglutinador de culturas, mas o termo aglutinador por si só não basta. Ele torna-se um ordenador de elementos culturais, constituindo algo autêntico, novo e dinâmico.

E neste sentido a Barquinha é uma nau de re-significação. Aspectos de sua cosmologia estão sempre sendo atualizados, ou retirados. O Centro é de uma incrível flexibilidade simbólica. É o caso de considerá-lo como **cosmologia em construção**.

Para melhor exemplificar o que queremos dizer por cosmologia em construção, vamos pegar como exemplo a construção de uma grande barca. A barca para ser construída, terá de ter vários tipos de madeiras diferentes em lugares distintos. Desta forma, vamos encontrar as vigas, as tábuas, o mastro, o leme, etc. todos com a madeira compatível para a barca. Da mesma forma, encontramos suportes de encaixe para a sua construção: os parafusos, os pregos, e outros. Após a construção da barca, da grande barca, podemos observar e dizer que a mesma está “estruturada”.

Mas a finalidade da barca é navegar, viajar mar a dentro, dias e noites, no calor ou frio. Seu proprietário resolve então deixá-la mais alegre. Começa

pintando o seu quarto e, logo após, começa a desenhar formas geométricas na cabine de onde pilota a nau. São pequenas alterações de grande significado, que aos poucos, vai sendo comungado pelos tripulantes da embarcação.

Este barco viaja a lugares diferentes, enfrenta tormentas, tempestades. Logo, a embarcação precisa de reparos urgentes para continuar viajando. São trocadas algumas tábuas, outras são lixadas, e assim por diante.

E as viagens continuam. Os tripulantes, em especial o proprietário da barca conhecem lugares diferentes e, conseqüentemente, pessoas distintas. Passam a dialogar, estabelecem a troca, dão e recebem, experienciam, aprendem, voltam mudados. Resolvem lembrar dos lugares e das pessoas que conheceram. Traçam novos desenhos, criam objetos que lembrem o outro.¹⁹¹

Mas a barca muda ao longo do tempo. Apesar da estrutura interna de suporte da nau, os tripulantes procuram a cada dia que passa dar uma roupagem diferente a ela. E assim continuam além da linha do horizonte a navegar com as lembranças presentes.

Este exemplo demonstra o que queremos dizer por cosmologia em construção. As características centrais para pensar a Barquinha refletem as práticas religiosas que dão aos adeptos um norte, uma visão de mundo, como a estrutura da própria barca. Entretanto, o que podemos denotar é que novos elementos simbólicos podem ser incorporados no decorrer da trajetória de existência do espaço.

¹⁹¹ Este feito se torna aquilo que podemos designar de Antropologia da Saudade. Os símbolos que nos remetem aos bons momentos da vida.

Desta maneira, novos elementos do catolicismo popular, do xamanismo indígena, do espiritismo e de outras práticas religiosas e/ou filosóficas podem ser alocados ou retirados.

Além disso, está o hinário, que a cada dia que passa vai sendo preenchido, trazendo novas instruções através de lindas melodias. Esta Bíblia de forma cantada justifica em parte o que queremos dizer por esse processo de construção desse tipo de sistema doutrinário.

O livro azul (hinário) representa mensagens sagradas trazidas por entidades divinas. Cada salmo recebido retrata uma série de símbolos recebidos pelo Presidente do espaço, que tem a função de repassá-los aos fiéis de forma musicada. Este livro encontra-se no centro da mesa. É deste ponto do espaço que tudo se torna re-significado, novo, re-modelado.

Esta re-significação parte do pressuposto das viagens por parte dos dirigentes a outros planos e, com isso, as visões que tem em outros planos são manifestadas na arquitetura do espaço.

As viagens são as mirações que os dirigentes tiveram para a construção simbólica do local e, neste ponto, a re-afirmação da terminologia cosmologia em construção. Porque foram nestas mirações que estes líderes receberam revelações de lugares sagrados. Queriam portanto, demonstrá-los na arquitetura do espaço. Nos lugares da Barquinha há um agregado de símbolos que foram incorporados no decorrer de décadas.

O homem religioso da Barquinha está imerso em símbolos e está marcado consciente ou inconscientemente por eles. Tudo começou com o *Axis Mundi* do local, a capelinha rústica de taipa, de onde Daniel começou

os seus primeiros trabalhos. Da capelinha, partiu-se para outros lugares, formando os eixos dos lugares, a periferia ligando-se ao *Axis Mundi*.

Esses lugares são vividos, experienciados individual ou coletivamente durante um longo período de atividades religiosas designadas por eles de trabalhos. Como já afirmamos anteriormente, esta Barquinha torna-se um dos centros que estabelece o maior número de performances rituais apresentadas na região acreana e adjacências.

O Daime funciona como um forte componente dentro da doutrina de Mestre Daniel, e os seus praticantes (fardados) fazem o seu uso dentro de todos os trabalhos. Ele funciona como um elemento que amplia a consciência dentro dos trabalhos.

Os trabalhos constituem a ação do sujeito dentro dos lugares do espaço. Por isso, optamos por estabelecer um capítulo somente para o espaço e os lugares que o compõe, com o seu vasto repertório simbólico, para em seguida, mostrar como esse espírita apostólico cristão percorre os vários pontos da Barquinha. A ação do sujeito enquadra-se naquilo que podemos designar de espaço performático e, juntamente com este espaço performático, a ampliação espacial, na qual os lugares são fundidos no decorrer das performances rituais lá efetuadas.

Os rituais da Barquinha marcam profundamente o reencontro de tradições européias, indígenas e africanas. O ritual funciona como manifestação dessas culturas que estão presentes em três características básicas: a prece, a miração e a possessão (entendida enquanto incorporação). Na primeira, os elementos católicos oriundos da Europa, a miração relacionada ao xamanismo indígena e a possessão aos cultos afro-

brasileiros. Para melhor exemplificar o que queremos dizer, podemos mencionar a doutrinação de almas, onde esses três elementos comungam dentro do espaço performático e da ação dos sujeitos. Os trabalhos de cura também estão dentro dessa perspectiva. Em resumo, o reencontro dessas tradições revitalizadas no ritual marca a permanente construção.

É preciso observar que durante os rituais, os homens religiosos da Barquinha dinamizam o processo de re-significação. É quando algo novo pode ser visto durante os trabalhos da missão de Daniel.

Isto está evidente durante as romarias, que são sintetizadas como viagens dentro da grande viagem. A mobilidade da barca provocada pelos sujeitos que a compõe produz esta dinâmica, pois voltam mudados, transformados. Esse é o sentido da construção, não só de produzir efeito sobre a arquitetura do local, mas tocar os sujeitos envolvidos, os marinheiros do mar sagrado. Seria impossível a existência de um sem o outro.

FONTES ORAIS

Ademar Sales de Oliveira*
Rio Branco - 01/01/95

Antônia Carneiro de Lima
Rio Branco - 08/08/94*

Antônio Geraldo da Silva
Rio Branco - 05/07/94*

Antônia Ferreira da Silva
Rio Branco - 05/07/94*

Agda Maria Campos Nascimento
Rio Branco - 21/12/95

Ângela Maria de Souza da Conceição
Rio Branco - 20/12/95

Antônio Lopes
Rio Branco - 17/02/95

Belarmina Maria de Souza Lopes
Rio Branco - 19/01/95*

Félix Moura da Costa
Rio Branco - 10/11/95

Francisca Josino de Melo
Rio Branco - 30/10/95

Francisca Xavier da Rocha
Rio Branco - 06/11/95

Francisco Hipólito de Araújo Neto.
Rio Branco - 07/12/95
Campinas

Francisco Cândido da Silva
Rio Branco - 11/12/95

Francisco Raimundo da Silva Dantas
Rio Branco - 17/11/95

João Euclides dos Santos
Rio Branco - 08/12/95

João Martins de Oliveira Filho
Rio Branco - 07/08/94*

José Bernardino
Rio Branco - 25/10/95

João Rodrigues de Souza
Rio Branco - Rio Branco 07/08/94*

José do Carmo Lima
Rio Branco - 08/11/95

Leonor Santos da Silva
Rio Branco - 08/08/94*

Manoel Fernandes de Oliveira
Rio Branco - 08/08/95*

Manoel Messias dos Santos
Rio Branco - 15/12/95

Manuel Hipólito de Araújo
Rio Branco - 16/08/93
20/07/95
02/08/95
12/08/95
30/08/95
25/04/96

Marcos Antônio Puga
Rio Branco - 23/10/95

Maria José do Vale
Rio Branco - 11/12/95

Maria Leopoldina Araújo
Rio Branco - 09/12/95

Odete dos Santos Silva
Rio Branco - 15/12/95

Rita Alves de Souza
Rio Branco - 05/12/95

Sheila Mendonça Lima
Rio Branco - 08/11/95

* Entrevistas gentilmente cedidas pela Casa de Memória Daniel Pereira de Mattos.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Regina (1990). A Doutrina do Santo Daime. In Sinais dos Tempos - a Diversidade religiosa no Brasil. Rio de Janeiro: ISER.
- ALVA, Antônio de (s/d). Como Desmanchar Trabalhos de Quimbanda (Magia Negra). Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: ECO.
- ALVERGA, Alex Polari (1984). Viagem ao Santo Daime: O livro das mirações. Rio de Janeiro: Rocco.
- (1992). O guia da floresta. Rio de Janeiro: Record.
- ANDRADE, Afrânio Patrocínio de. (1995). O Fenômeno do Chá e a Religiosidade Cabocla - Um Estudo centrado na União do Vegetal. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior.
- ARAÚJO NETO, Francisco Hipólito de (1995). Com quantos paus se faz uma nau. Rio Branco: UFAC (manusc.).
- ARRUDA, Solange (1988). A Arte do Movimento - as Descobertas de Rudolf Laban na Dança e Ação Humana. São Paulo: PRN gráficos e editores associados LTDA.
- AZZAN JÚNIOR, Celso (1993). Antropologia e Interpretação - Explicação e Compreensão nas Antropologias de Lévi-Strauss e Geertz. Campinas: EDUNICAMP.
- AZZI, Riolando (1977). Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. In Religião e Sociedade, N. 1.
- (1978). O Catolicismo Popular no Brasil - Aspectos

- históricos. Petrópolis: Vozes.
- BASTIDE, Roger (1971). As Religiões Africanas no Brasil. São Paulo: Pioneira.
- BENCHIMOL, Samuel (1977). Amazônia: Um pouco - Antes e Além - Depois. Manaus: Editora Umberto Calderano.
- BIRDWHISTELL, R. L. (1970). Kinesics and Context: Essay on body Motion Communication. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- BIRMAN, Patrícia (1985). O que é Umbanda. Coleção primeiros passos; 34. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (1994). A Alma do Outro - Identidade, Alteridade e Sincretismo na Ética das Relações de Reciprocidade entre os Vivos e os Mortos em Religiões do Brasil. In Somos as Águas Puras. São Paulo: Papirus.
- BRUMANA, F. G. e MARTINEZ, E. G. (1991). Marginália Sagrada. Campinas: Ed. da Unicamp.
- BRUNELLI, Gillio (1993). Do Xamanismo aos Xamãs: Estratégias Tupi - Mondé frente à Sociedade Envolvente. In Novas Perspectivas sobre Xamanismo no Brasil. Florianópolis: UFSC.
- CALIXTO, Valdir de Oliveira (1983). Acre, uma História em Construção. Rio Branco: FDRHCD.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1990). Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio.
- CHURCHILL, Ward (1991). Spiritual Huksterism. Not for Sale. The Rise of the Plastic Medicine Men. In Indigenous Thought.

CÍRCULO ESOTÉRICO DA COMUNHÃO DO PENSAMENTO (1957).

Primeira série de instruções. São Paulo: Editora Pensamento.

CÍRCULO ESOTÉRICO DA COMUNHÃO DO PENSAMENTO (1963).

Noções de Simbologia Esotérica. São Paulo: Pensamento.

COSTA, Valdeli Carvalho da. (1983). Umbanda: Os 'Seres Superiores' e

os Orixás Santos. São Paulo: Loyola.

COUTO, Fernando de La Roque (1988). Santos e Xamãs: estudo do uso

ritualizado da ayahuasca por caboclos da Amazônia. Brasília: UnB,

dissertação de Mestrado.

DANIELOU, Jean (1993). Os Símbolos Cristãos Primitivos. Porto Alegre.

ELIADE, Mircea (1978). O Sagrado e o Profano: a essência das

religiões. Lisboa: Edições Livros do Brasil.

----- (1972). Tratado de História de las religiones.

Mexico: Era Ensayo.

----- (1978). História das Crenças e idéias religiosas. Rio de

Janeiro: Zahar.

----- (1969). O Mito do Eterno Retorno.

----- (1979). Imágenes y Símbolos. Madrid: Taurus.

ERLMANN, Veit (1992). "The Past is far and the Future is far": Power

and Performance among Zulu Migrant Workers. American Ethnologist

19(4):668-709.

EVANS - PRITCHARD, E. E. (1976). Bruxaria, Oráculos e Magia entre

os Azande. Rio de Janeiro: Zahar.

- FERNANDES, Vera Fróes (1986). História do Povo Juramidam: Introdução à Cultura do Santo Daime. Manaus: SUFRAMA.
- FERREIRA, Cláudio Alvares (1996). Santo Daime: História e Simbolismo Religioso. Campinas: Unicamp (monografia apresentada ao curso de História).
- FIGUEIREDO, Edimilson et. All (1996). Mestre Antônio Geraldo e o Santo Daime. Rio Branco: Preview.
- FRÓES, Vera (1983). História do Povo Juramidam - A Cultura do Santo Daime. Manaus: SUFRAMA.
- FURUYA, Yoshiaki (1993). Os "Caboclos" nas Religiões Afro-Amazonicas. Belém: Trabalho apresentado na terceira ABA Norte/Nordeste
- GEERTZ, Clifford (1978). A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar.
- GEERTZ, Hildred (s/d). The Meanings of Family Ties.
 ----- (1989). El Antropologo como Autor. Barcelona: Ediciones Paidó.
- GENNEP, Arnold Van (1977). Os Ritos de Passagem. Petrópolis: Vozes.
- GOMES, Vera Braga de Souza (1989). O Ritual da Umbanda: Fundamentos Esotéricos. Rio de Janeiro: Tecnoprint S. A.
- GOULART, Sandra (1996). As Raízes Culturais do Santo Daime. São Paulo: USP.
- GROISMAN, Alberto (1991). Eu venho da Floresta: Ecletismo e práxis xamânica no Céu do Mapiá. Florianópolis: UFSC, dissertação de mestrado.

- (1993). Santo Daime: Notas sobre a 'Luz Xamânica' da Rainha da Floresta. In Novas Perspectivas Sobre Xamanismo no Brasil. Esther Jean Langdon (org.). Florianópolis: UFSC.
- GUIMARÃES, Edir Rosa e LIMA, Almir S. M. de (1993). Umbanda - Sua decodificação. Rio de Janeiro: Erca.
- GUIMARÃES, Maria Beatriz Lisboa (1992). A Lua Branca de Seu Tupinambá e de Mestre Irineu: estudo de caso de um terreiro de Umbanda. Rio de Janeiro: UFRJ (dissertação de mestrado).
- HILL, Jonathan D. (org.) (1988). Rethinking History and Myth. Indigenous South American Perspectives on the Past. University of Illinois Press.
- KARDEC, Allan (1944). O Livro dos Espíritos. Brasília: Federação Espírita Brasileira.
- (1944). O Livro dos Médiuns. Brasília: Federação Espírita Brasileira.
- (1979). O que é o Espiritismo. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita.
- LAGROU, Elsje (1993). Xamanismo e representação entre os Kaxinauá. In Novas Perspectivas sobre Xamanismo Indígena no Brasil. Esther Jean Langdon (org.). Florianópolis: UFSC.
- LANGER, Suzanne (1980). Sentimento e Forma. São Paulo: Perspectiva.
- LANGDON, Esther Jean (1988). Religião, Magia, ou Feitiçaria? O Pensamento Antropológico sobre o Xamanismo. Florianópolis: UFSC

----- (1996). Novas Perspectivas sobre Xamanismo no Brasil. Florianópolis:UFSC.

----- (1996). Performance e Preocupações Pós - Modernas em Antropologia. In Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis: UFSC.

LAPLANTINE, François e RABEYRON, Paul-Louis (1989). Medicinas Paralelas. São Paulo: Brasiliense.

LEACH, Edmund (1978). Cultura e Comunicação. Rio de Janeiro: Zahar.

LE GOFF, Jacques (1994). História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp.

LEX, Barbara W. (1979). The Neurobiology of Ritual Trance. In the Spectrum of Ritual. Columbia University Press.

LUNA, Luis Eduardo (1995). A Barquinha, uma nova Religião do Rio Branco, na Amazônia Brasileira. Florianópolis: UFSC (trabalho apresentado para concurso de professor).

----- (s/d). El Concepto de Plantas que Enseñan, entre Cuatro Shamanes Mestizos de Iquitos, nordeste del Peru.

MACALOONN, John J. (1984). Rite, Drama, Festival, Spectacle: Rehearsals Toward a theory of Cultural Performance. Philadelphia: Institute for the study of human issues.

MACRAE, Edward (1992) Guiado pela Lua. Xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime. São Paulo: Brasiliense.

----- (1997a). O Santo Daime e outras Religiões brasileiras. Texto apresentado na 5. reunião de antropólogos do Norte

e Nordeste.

MATTA, W. W. da e SILVA (Yapacani). (s/d). Umbanda do Brasil. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.

MAUÉS, Raimundo Herald (1985). Catolicismo e Pajelança entre Pescadores da Zona do Salgado. Comunicações do ISER 4(14): 54-61.

MAUÉS, Raimundo Herald (1995). Padres, Pajés, Santos e Festas. Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico. Belém: CEJUP.

MAUSS, Marcel (1974) Ensaio sobre a Dádiva. Razão e Troca nas Sociedades Arcaicas In Sociologia e Antropologia. São Paulo: E.P.U/EDUSP.

MONTERO, Paula (1985). Da doença à desordem: as práticas mágico-terapêuticas na Umbanda. Rio de Janeiro: Edições Graal.

MONTEIRO DA SILVA, Clodomir (1981). O Palácio de Juramidam. O Santo Daime: um Ritual de Transcendência e Despoluição. Recife: UFPe, dissertação de Mestrado.

MÜLLER, Regina Polo (1993). As Representações Sensíveis e a Abordagem da Antropologia Estética. Campinas: Unicamp (datil.).

O. F. M., Bernardino Leers (1977). Catolicismo Popular e Mundo Rural - um ensaio pastoral. Petrópolis: Vozes.

NIEMAYER, Ana Maria (1994). Desenhos e Mapas na Orientação Espacial: Pesquisa e Ensino de Antropologia In Textos Didáticos N. 12. Campinas: IFCH.

NUNES PEREIRA (1979). A Casa das Minas. Petrópolis - RJ: Vozes.

O PENSAMENTO (1996). Órgão do Círculo Esotérico da Comunhão do

- Pensamento. São Paulo: Kriativa gráfica e Editora Ltda.
- ORTIZ, Renato (1979). A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes.
- PASCOALI, Vanessa (1997). História, Morte e Simbolismo na Barquinha de Antônio Geraldo. Rio Branco: UFAC. Relatório final do PIBIC/CNPq.
- PELÁEZ, Maria Cristina (1994). No Mundo se Cura Tudo. Interpretações sobre a "cura espiritual" no Santo Daime. Florianópolis: UFSC (dissertação de mestrado).
- PERRIN, Michael (1992). The Body of the Guajiro Shaman - Symptoms or Symbols? In Portals of Power - Shamanism in South America. E. J. M. Langdon and Gehard Baer (orgs). Albuquerque: University of New Mexico Press.
- POLLOCK, Donald (1992). Culina Shamanism - Gender, Power and Knowledge In Portals of Power: Shamanism in South America. E. J. Langdon and Gerhard Baer (orgs.). New Mexico: University of New Mexico.
- PRESTON-DUNLOP, Valerie (1989). Dance - a Linguistic Approach. London: University of London.
- REICHEL-DOLMATOFF, G. (1976). O Contexto de um Alucinógeno Aborígene: Banisteriopsis caapi In Os Alucinógenos e o Mundo Simbólico entre os índios da América do Sul. São Paulo: EDUSP.

RAMPAZZO, Lino (1996). Antropologia, Religiões e Valores Cristãos.

São Paulo: Loyola.

RANCY, Cleusa Maria Damo (1981). Sociedade Acreana: Elementos

Formadores (1870-1912). Porto Alegre: Ed. Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul.

----- (1986). Raízes do Acre (1870-1912). Rio

Branco: Falangola.

RODRIGUES, José Carlos (1979). O Tabu do Corpo. Rio de Janeiro:

Achiamé.

SANCHIS, Pierre (1995). As Tramas Sincréticas da História. In Revista

Brasileira de Ciências Sociais. Ano 10, número 28.

SANTOS, Gilton S. (1987). Pontos Cantados e Riscados. São Paulo:

Triade.

SCHECHNER, Richard (1990). Magnitudes of Performance In By Means

of Performance - Intercultural Studies of Theatre and Ritual. Richard

Schechner and Willa Appel (orgs.). Cambridge: Cambridge University

Press.

SEEGGER, Antony (1980). Os Índios e Nós. Estudos Sobre Sociedades

Tribais Brasileiras. Rio de Janeiro: Campus.

SENA ARAÚJO, Wladimir (1992). A Importância da Dança no Ritual de

Cura entre os Culina. Florianópolis: Trabalho apresentado ao PPGAS

- UFSC

----- (1993a). Navegando nas Águas do Mar

Sagrado: das Obras de Caridade aos Trabalhos para Desfazer

Serviços de Quimbanda sobre as Ondas do Daime. Florianópolis:

Trabalho apresentado ao PPGAS - UFSC.

----- (1993b). Construção de Poder, Doença e Cura na

Sociedade Madija - Uma Relação. Campinas: Trabalho apresentado ao

PPGAS - Unicamp.

----- (1994). Huaji. Campinas: Trabalho apresentado às

disciplinas História da Antropologia II e Organização Social II. PPGAS -

Unicamp.

SENA ARAÚJO, Wladimir e Outros (1991). O Mito do Igarapé Grajaú

como Expressão do Universo do Seringueiro. Rio Branco: Trabalho de

conclusão do curso de História - UFAC.

SILVA, Abel O. (1985). Proposta Indígena Culina do Médio Juruá e Área

Indígena Cacao do Tarauacá - Proposta para delimitação. Rio

Branco: FUNAI.

----- (1982). O Mito Culina de Tamaco e Quira. Rio Branco:

CIMI.

----- (1984). História dos Culina (Madijadenicca Ima). São

Paulo: Prol.

SILVA, Eliane Moura. Vida e Morte: O Homem no Labirinto da

Eternidade. Campinas: Unicamp (Tese de Doutorado).

SOARES, Luis Eduardo (1988). Pesquisa antropológica sobre a nova

consciência religiosa. Rio de Janeiro (mimeo.).

SULLIVAN, Lawrence (1988). Ianchu's Drum: An Orientation to

Meaning in South American Religions. New York/London: MACMILLAN

PUBLISHING COMPANY/COLLIER MACMILLAN PUBLISHERS.

----- (1986). Sound and Senses: Toward a

Hermeneutics of Performance. Chicago: University of Chicago.

TAUSSIG, Michael (1993). Xamanismo, Colonialismo e o Homem

Selvagem - Um Estudo Sobre o Terror e a Cura. Rio de Janeiro: Paz

e Terra.

TUAN, Yi - Fu (1990). Space and Context In By Means of Performance - Intercultural Studies of Theatre and Ritual. Richard Schechner and Willa Appel (orgs.). Cambridge: Cambridge University Press.

TURNER, Victor (1974). O processo ritual. Petrópolis: Vozes.

----- (1982). From Ritual to Theatre. New York: Performing Arts Journal Publications.

----- (1990). Are There Universals of Performance in Myth, Ritual, and Drama? In By Means of Performance - Intercultural Studies of Theatre and Ritual. Richard Schechner and Willa Appel (orgs.). Cambridge: Cambridge University Press.

VALENTE, Aurélio A. (1938). Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

WARREN, Donald (1984). A Terapia Espírita no Rio de Janeiro por volta de 1900. In Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: Campus.

WEBER, Ingrid (1997). Pacto - O Limite da Troca. Campinas: Unicamp. Relatório do PIBIC/CNPq.

WRIGHT, Robin Michael (1993). Os Guardiões do Cosmos: Pajés e Profetas entre os Baniwa. In Novas Perspectivas sobre Xamanismo no Brasil. Esther Jean Langdon (org.). Florianópolis: UFSC.

ÍNDICE REMISSIVO

— — —
- Dom Tubarão Branco, 153

—A—

abstinência, 99; 103; 108; 109

—Á—

água, 32; 39; 40; 42; 48; 55; 72; 76; 77; 93; 94; 110;
136; 141; 148; 173; 177; 178
álcool, 221

—A—

alma, 63; 66; 98; 104; 121; 139; 143; 147; 190; 214;
233; 253; 255; 278
altar, 129; 148; 149; 150; 151; 154; 155; 195; 197;
198; 208; 223; 254; 270
Alto Santo, 29; 36; 37; 45; 80
alucinógeno, 22; 104
Alva, 217
amarelo, 125; 141; 149; 213
Anastácia da luz, 153

—Â—

âncora, 120

—A—

anjo, 52; 157; 220; 278
anjos, 43; 44; 52; 72; 78; 132; 142; 145; 217; 239
Antônio da Luz, 153; 280
Antônio Geraldo, 26; 44; 45; 48; 51; 52; 53; 54; 57; 58;
59; 73; 122; 145; 172; 173; 215; 263; 296
aparelhos, 59; 68; 85; 197; 198; 201; 203; 208; 211;
215; 219; 259; 264
Apocalipse, 92; 170; 261
Apóstolos, 124; 125; 127; 206
Araújo Neto, 9; 40; 43; 69; 71; 72; 73; 78; 81; 82; 83;
91; 94; 95; 131; 160; 215; 217; 227; 244; 245; 247;
248
Arca, 148
arcânjos, 132; 133; 142; 217
arco-íris, 92
arquitetura, 20; 24; 117; 119; 129; 133; 136; 141; 159;
242; 288; 289
Astral, 63; 73; 93; 94; 95; 108; 136; 142; 144; 154;
155; 198; 199; 208; 209; 221; 224; 234; 249; 254;
256; 259; 260; 264; 268; 269; 271
auto-conhecimento, 27; 84; 87; 110; 235
Axis Mundi, 116; 117; 118; 149; 159; 288
ayahuasca, 11; 13; 16; 21; 22; 23; 29; 35; 38; 39; 45;
54; 67; 69; 75; 78; 82; 83; 84; 89; 91; 99; 100; 103;
104; 105; 106; 107; 168; 177; 285; 292; 295

Azul, 23; 44; 45; 68; 78; 125; 136; 141; 148; 149; 204;
212; 213; 225; 276; 288
Azzi, 79; 241; 249

—B—

bailado, 26; 61; 160; 202; 225; 250; 263; 264; 265;
267; 268; 270; 271; 272; 273; 274; 275; 276; 277;
279; 280; 282
bancos, 130; 225
Bandeira, 9; 60
Banisteriopsis caapi, 24
barca, 26; 70; 72; 73; 75; 79; 119; 123; 124; 131; 226;
238; 244; 249; 261; 264; 268; 286; 287; 289
barquinha, 9; 12; 13; 16; 17; 18; 20; 21; 23; 24; 26; 36;
38; 40; 48; 54; 58; 59; 60; 61; 63; 64; 65; 66; 67;
68; 69; 70; 71; 72; 73; 74; 75; 79; 80; 81; 82; 84;
85; 86; 87; 88; 89; 92; 93; 94; 97; 100; 103; 108;
109; 110; 113; 115; 116; 117; 118; 119; 120; 128;
130; 132; 136; 139; 140; 141; 144; 148; 150; 155;
157; 158; 159; 160; 166; 168; 169; 170; 171; 172;
177; 178; 189; 192; 194; 197; 198; 200; 201; 202;
205; 210; 212; 217; 218; 225; 227; 230; 240; 243;
244; 246; 252; 258; 259; 261; 263; 267; 269; 271;
275; 276; 277; 282; 283; 286; 287; 288; 289; 294;
296
barquinho Santa Cruz, 26; 28; 92; 125; 126; 244; 246;
247; 251; 264
batismo, 26; 51; 160; 191; 199; 201; 204; 215; 255;
256; 258; 259; 260; 261
beatniks, 89
bíblia, 148; 287
bispos, 93; 268
borracha, 30; 31; 32; 33; 35; 51; 80
Botos, 26
Branco, 12; 13; 14; 17; 22; 36; 37; 40; 41; 42; 43; 44;
45; 47; 48; 49; 50; 52; 54; 55; 56; 57; 58; 59; 71;
73; 75; 78; 83; 97; 108; 110; 111; 129; 131; 141;
144; 149; 152; 153; 174; 175; 176; 177; 179; 198;
200; 203; 215; 219; 242; 254; 255; 256; 257; 258;
260; 275; 291; 294; 296
Brandão, 66
brincadeiras, 26; 103; 122; 251; 263; 264; 282
Buda, 52

—C—

Caboclos, 26; 30; 32; 35; 38; 82; 93; 94; 100; 154;
208; 211; 226; 253; 264; 268; 270; 273; 275; 276;
277; 278; 279; 292
calendário, 21; 24; 166; 167; 168; 169; 171; 242; 244;
246
cálice, 26; 123; 129; 130; 268
Campa, 30; 100; 104; 105
campo de concentração, 25; 203; 221; 223; 253; 256;
259; 271
Candomblé, 68
caos, 119; 128; 150; 169; 184; 245
capelinha, 48; 61; 80; 117; 151; 288
castelo, 142; 143

Castelo Azulado, 61; 142; 144; 177; 224; 248; 249
 Catolicismo popular, 23; 26; 34; 79; 83; 240; 287
 Caxinauá, 30; 35; 100; 105; 106
 CEFLURIS, 21; 37; 60; 83; 260; 261
 celeste, 92; 95; 128; 134; 141; 143; 145
 cemitério, 97; 256
 centro, 29; 43; 52; 57; 58; 60; 79; 82; 98; 114; 117;
 118; 121; 126; 128; 129; 130; 131; 133; 136; 137;
 146; 148; 150; 159; 172; 179; 192; 194; 201; 225;
 245; 258; 288
 Centro Espírita Daniel Pereira de Mattos, 26; 58; 59;
 285
 Centro Espírita e Culto de Oração Casa de Jesus Fonte
 de Luz, 9; 11; 12; 13; 16; 17; 21; 38; 40; 41; 49; 50;
 58; 59; 60; 61; 68; 69; 71; 72; 84; 91; 100; 105;
 109; 116; 119; 160; 166; 168; 200; 209; 212; 240;
 241; 245; 285; 286
 Centro Espírita Fé, Luz, Amor e Caridade, 59; 285
 Centro Espírita Príncipe Espadarte, 59; 60; 168; 285
 céu, 26; 43; 45; 50; 73; 74; 79; 91; 92; 94; 95; 110;
 117; 118; 125; 136; 140; 141; 142; 143; 145; 147;
 180; 229; 241; 260; 262; 263; 269; 274; 275; 276
 chacrona, 168; 172; 177
 Chevalier, 71; 92; 121; 128; 130; 141; 143; 145; 150;
 157
 chuvas, 141
 CICLU, 12; 13; 29; 36
 cipó, 24; 29; 39; 40; 82; 103; 169; 171; 172; 173; 174;
 175; 176; 177; 178; 238
 círculo, 26; 124; 125; 130; 137; 138; 145; 157; 175;
 223; 268; 271; 283
 Círculo Esotérico da comunhão do Pensamento, 23; 25;
 60; 67; 69; 81; 121; 138; 233
 Cobras, 26
 colunas, 41; 124; 128
 cometas, 246
 comunidades, 19; 46
 congá, 153; 155; 156; 198; 207; 208; 219; 220
 coração, 28; 57; 78; 106; 127; 128; 135; 180; 190; 207;
 212; 233
 correto, 124; 130; 159; 160
 coroa, 57; 112; 113; 129; 145; 225; 250; 258; 276
 corpo, 25; 51; 63; 70; 81; 99; 101; 102; 104; 105; 106;
 121; 130; 136; 145; 170; 186; 187; 200; 203; 205;
 206; 208; 210; 211; 218; 235; 236; 237; 255; 267;
 271; 272; 282
 correrias, 33
 Cosme, 273; 274; 277
 cosmografia, 95
 cosmologia, 12; 21; 23; 24; 67; 68; 87; 88; 89; 155;
 228; 229; 230; 286; 287; 288
 Cosmologia em Construção, 23; 67; 69; 286
 Couto, 21; 107; 225
 CRF, 36
 criança, 40; 48; 55; 57; 97
 Cristianismo, 65
 Cristo, 47; 57; 70; 72; 82; 98; 112; 121; 124; 125; 126;
 127; 129; 130; 134; 138; 147; 148; 151; 156; 157;
 245; 246; 255; 258; 259; 260; 270; 277

cruz, 27; 57; 72; 112; 113; 121; 127; 128; 132; 134;
 135; 136; 139; 140; 145; 146; 147; 148; 149; 156;
 159; 179; 194; 196; 198; 202; 212; 213; 220; 255;
 259; 263; 271
 cruzeiro, 125; 126; 127; 128; 156; 159; 160; 173; 174;
 250; 254; 256; 258; 289
 Culina, 16; 30; 100; 101; 102; 103
 cura, 22; 27; 76; 77; 85; 90; 91; 100; 103; 104; 105;
 106; 107; 141; 156; 199; 200; 206; 219; 225; 234;
 235; 237; 242; 257; 269; 271; 276; 283; 289; 296
 curandeiros, 107

—D—

Daimo, 21; 22; 23; 24; 25; 29; 30; 36; 37; 38; 45; 48;
 50; 51; 54; 56; 68; 69; 74; 75; 76; 77; 78; 82; 83;
 86; 91; 108; 120; 129; 130; 144; 149; 160; 168;
 171; 172; 173; 175; 177; 178; 179; 180; 193; 199;
 200; 203; 209; 210; 211; 212; 226; 227; 228; 230;
 260; 264; 268; 281; 289; 291; 293; 295; 296
 daimista, 29; 39; 75; 84; 107; 108; 146; 228; 230; 231;
 281
 daimistas, 12; 13; 22; 75; 76; 82; 87; 172; 210; 225;
 226; 230; 231
 Damião, 273; 274; 277
 dança, 26; 27; 99; 181; 187; 264; 266; 267; 268; 271;
 272; 273; 280; 281
 Daniel Pereira de Mattos, 13; 17; 24; 26; 40; 41; 48; 49;
 51; 56; 57; 58; 59; 71; 72; 73; 78; 122; 144; 149;
 152; 157; 161; 166; 172; 177; 192; 197; 198; 205;
 208; 218; 234; 247; 250; 259; 263; 283; 285
 Danielou, 70; 72; 124; 126; 167
 décimo terceiro, 124; 125; 130
 demônios, 122
 descarga, 221; 223; 235
 descrição densa, 18; 283; 284
 deserto, 52; 136; 190
 Deus, 27; 28; 45; 47; 48; 56; 57; 63; 65; 70; 71; 73; 77;
 78; 79; 92; 109; 121; 126; 129; 132; 137; 138; 139;
 141; 142; 143; 144; 151; 167; 173; 174; 178; 180;
 190; 192; 193; 197; 206; 210; 214; 218; 224; 232;
 233; 239; 242; 245; 249; 252; 255; 256; 257; 258;
 259; 260; 262; 276
dieta, 103; 108
 doença, 37; 44; 45; 50; 51; 59; 85; 90; 99; 105; 108;
 178; 200; 217; 235; 236; 295
 Dom Miguel, 278
 Dom Romão, 152; 199
 dori, 101; 102; 103
 doutrina, 29; 38; 39; 45; 48; 58; 66; 67; 68; 69; 76; 83;
 107; 118; 146; 169; 170; 191; 200; 253; 254; 255;
 256; 257; 259; 261; 269; 285
 doutrinações, 26; 252
 doutrinas, 12; 23; 30; 38; 68; 87; 108; 168; 171; 172;
 177; 191; 285
 doze, 36; 41; 125; 126; 194; 202; 224; 225
 Dramas sociais, 20; 182
 dramatização ritualística, 19; 100; 105; 182

—E—

ecletismo, 66; 67; 68
eguns, 56; 58; 98; 201; 253; 254; 258; 259; 260; 261
eixos, 21; 24; 116; 127; 142; 147; 159; 263; 288
Eliade, 19; 20; 34; 76; 87; 98; 110; 114; 117; 150; 166; 228; 229
encantados, 93; 94; 264; 268; 273
entidades, 24; 25; 26; 45; 46; 61; 67; 74; 77; 79; 80; 85; 86; 93; 94; 95; 96; 97; 100; 101; 105; 110; 115; 122; 123; 141; 142; 146; 152; 154; 155; 160; 173; 175; 188; 189; 192; 197; 198; 199; 200; 201; 202; 203; 205; 207; 208; 210; 211; 215; 217; 218; 219; 226; 227; 229; 232; 242; 247; 249; 251; 253; 254; 256; 258; 260; 261; 263; 264; 265; 268; 269; 270; 271; 272; 273; 275; 276; 277; 282; 288
Erês, 26; 273; 274; 279; 280
ervas, 105; 221; 223; 275
escatologia, 21; 169; 170
espaço, 8; 12; 17; 20; 23; 24; 25; 29; 35; 37; 38; 43; 44; 47; 52; 53; 58; 61; 64; 68; 77; 79; 80; 84; 86; 87; 92; 93; 108; 114; 115; 116; 117; 118; 119; 120; 122; 124; 127; 133; 137; 138; 139; 140; 141; 142; 146; 148; 150; 151; 159; 160; 162; 163; 164; 165; 172; 177; 187; 189; 192; 193; 195; 197; 204; 205; 225; 237; 238; 241; 244; 247; 253; 254; 256; 259; 261; 263; 266; 268; 269; 270; 271; 272; 284; 285; 287; 288; 289
espada, 156; 157; 179; 276; 278
espátula, 221
Espiritismo, 68; 206
Espírito Santo, 131; 132; 137; 138; 151; 191; 198; 260
espíritos, 26; 55; 75; 84; 87; 97; 99; 100; 101; 104; 105; 106; 107; 109; 110; 120; 188; 189; 200; 201; 208; 210; 211; 215; 217; 218; 220; 221; 228; 230; 237; 247; 253; 254; 259; 260; 273; 278
estrela, 121; 135; 136; 137; 139; 140; 212; 213; 225; 271; 272
estrutura, 9; 19; 33; 46; 61; 114; 117; 121; 133; 150; 179; 182; 219; 240; 250; 282; 287
cinografia, 12; 18; 283; 284
Evans-Pritchard, 85
exércitos de Jesus, 73; 109; 119; 144; 149; 197; 204; 244; 259; 260; 261

—Ê—

êxtase, 87; 88; 90; 98; 99; 100; 110; 228

—E—

exus, 25; 26; 58; 94; 208; 211; 253; 254; 258; 259; 277

—F—

Fadas, 26; 73; 94; 262; 268; 270
farda, 74; 109; 111; 118; 212; 213; 225; 269; 270
fardamento, 25; 26; 73; 74; 84; 109; 110; 111; 139; 204; 212; 225; 226; 279; 281
feitio, 24; 37; 50; 156; 160; 169; 172; 176; 177; 179

Fernandes, 9; 44; 60
festas, 99; 100; 103; 128; 166; 167; 168; 169; 212; 226; 246; 279
filosofia, 25; 81; 138; 233
firmamento, 57; 142
fogo, 56; 109; 110; 136; 137; 141; 177; 179; 191; 229; 278
fogueira, 56
folha, 24; 29; 40; 82; 169; 172; 173; 174; 175; 176; 177; 178; 238
fossas, 122
frades, 277
Frei José Joaquim, 255; 256; 257
freiras, 277

—G—

gabinetes, 152; 153; 156; 198; 202; 203; 215; 275
Gabriel, 39; 40; 59; 60; 71; 132; 133; 142; 190; 215; 271; 278
Geertz, 18; 19; 20; 89; 283; 284; 289
golfinhos, 94
Gomes, 37; 205; 220; 221
Groisman, 9; 16; 21; 34; 68; 75; 76; 83; 109; 177; 212; 228; 230; 260; 261
Guimarães, 21; 29; 156; 207; 209; 211; 273; 279

—H—

HÊ, 137; 138
hierofania, 92
hinário, 28; 63; 69; 73; 83; 118; 142; 148; 225; 263; 268; 287; 288
hippies, 89
holística, 90

—I—

Iansã, 207; 275; 276; 278
Iara, 10; 277
identidade, 46; 66; 84; 85; 111; 187
Iemanjá, 207; 264; 274; 275; 276; 277
Igreja, 8; 51; 61; 66; 70; 71; 72; 79; 118; 120; 128; 130; 131; 133; 135; 136; 140; 141; 142; 144; 145; 146; 149; 159; 160; 164; 165; 167; 168; 174; 176; 193; 196; 198; 201; 202; 203; 204; 208; 211; 218; 241; 242; 249; 250; 254; 255; 258; 261; 263; 268; 270; 275; 279; 282
igrejas, 60; 66
imaginário, 31; 34; 36; 80
Inca, 35
incorporação, 27; 67; 80; 211; 219; 250; 264; 265; 273; 281; 282
Indaiá, 277

—Í—

índia formosa, 262

—I—

indígenas, 16; 21; 23; 29; 33; 35; 36; 45; 67; 69; 75;
83; 84; 87; 89; 91; 93; 94; 99; 100; 101; 106; 107;
185; 211; 255; 270; 285
inferno, 31; 56; 98; 117; 278
iniciação, 23; 27; 29; 36; 44; 45; 69; 99; 100; 102; 104;
107; 108; 109; 229; 264
instruções, 25; 36; 45; 47; 61; 68; 72; 78; 92; 108; 144;
211; 226; 249; 257; 265; 287; 295
invisível, 20; 47; 57; 61; 67; 72; 84; 86; 106; 127; 140;
142; 144; 148; 159; 192; 199; 209; 210; 211; 226;
227; 231; 249; 253; 254; 257; 258; 267; 268
IOD, 137; 138
irradiações, 55; 211

—J—

jagube, 24; 29; 39; 103; 168; 172; 175; 177
Jangadeiro do Mar Sagrado, 153; 264; 275; 276
jogos, 99; 100; 103
Juarez, 59
Juízo Final, 93; 170; 245; 246; 261
Jurema, 274; 275; 276; 278

—K—

Kardcc, 217; 218

—L—

labaredas, 56
labirintos, 122
laço, 135; 140
lança, 132
Le Goff, 167; 170; 244
Leach, 46
Leers, 240; 295
Lima, 43; 208; 257; 277; 278
liminaridade, 19; 45; 46; 47
limpeza, 24; 25; 56; 72; 108; 109; 156; 200; 203; 205;
221; 241; 246; 260; 271
linhas, 12; 21; 23; 93; 150; 156; 168; 276
Lisboa Guimarães, 21; 209; 211
livro, 44; 45; 68; 78; 90; 148; 288; 291
Livro Azul, 23; 68
local, 17; 20; 23; 24; 33; 36; 37; 48; 50; 51; 52; 53; 58;
59; 60; 61; 66; 70; 80; 91; 92; 105; 115; 117; 118;
119; 127; 131; 144; 145; 146; 150; 152; 155; 157;
159; 173; 174; 175; 182; 193; 194; 202; 207; 220;
221; 243; 249; 269; 282; 288; 289
lugar, 43; 46; 47; 48; 56; 61; 80; 84; 87; 95; 116; 118;
119; 120; 124; 125; 127; 130; 142; 143; 146; 149;
155; 159; 160; 166; 167; 170; 173; 175; 188; 189;
191; 195; 198; 201; 207; 218; 221; 229; 231; 249;
254; 256; 259; 265; 268; 269; 271; 275; 276
lugares, 19; 20; 21; 24; 25; 34; 38; 56; 60; 61; 85; 97;
101; 104; 115; 116; 117; 118; 119; 122; 125; 133;
141; 142; 143; 150; 151; 157; 159; 182; 194; 195;

198; 211; 218; 249; 263; 273; 285; 286; 287; 288;
289

Luna, 59; 168

luz, 25; 26; 27; 28; 56; 57; 58; 63; 73; 74; 75; 77; 78;
86; 94; 95; 96; 97; 98; 109; 120; 127; 130; 134;
136; 137; 138; 140; 141; 142; 149; 151; 153; 178;
180; 190; 191; 193; 198; 199; 201; 204; 205; 211;
214; 215; 217; 218; 219; 220; 221; 222; 223; 224;
226; 227; 228; 229; 230; 238; 247; 249; 250; 252;
253; 254; 256; 257; 258; 259; 260; 261; 269; 270;
271; 283

—M—

MacRac, 10; 22; 29; 35; 36; 99; 107; 210
macumba, 51
Mãe d'água, 277
magia, 139; 204; 215; 216; 217; 218; 253; 277
Manuel Hipólito de Araújo, 9; 53; 54; 58; 59; 61; 73;
75; 97; 111; 135; 142; 144; 149; 192; 194; 203;
204; 215; 219; 242; 247; 253; 254; 259
mar, 25; 26; 62; 63; 69; 70; 73; 74; 75; 76; 77; 85; 86;
91; 93; 94; 96; 109; 118; 130; 140; 144; 154; 155;
159; 160; 166; 172; 176; 213; 226; 231; 243; 244;
246; 247; 260; 261; 262; 263; 264; 266; 269; 270;
274; 275; 276; 277; 278; 286; 289
Marinha, 40; 42; 69; 73
marinheiros, 25; 67; 70; 72; 73; 74; 79; 85; 86; 92; 111;
140; 144; 149; 159; 160; 166; 172; 176; 213; 243;
244; 247; 267; 270; 277; 289
Marrou, 167
mastro, 72; 126; 128; 130; 286
mata, 93; 100; 101; 106; 107; 172; 173; 174; 175; 176;
177; 178; 275; 276; 278
médiums, 56; 145; 146; 194; 195; 200; 201; 202; 203;
204; 206; 210; 217; 219; 220; 225; 227; 231; 238;
257
mesa, 51; 57; 142; 145; 146; 148; 149; 159; 160; 194;
195; 196; 198; 202; 224; 225; 232; 258; 263; 288
Mestre Carlos, 153; 198; 275
Mestre Daniel, 9; 23; 28; 40; 42; 48; 49; 52; 57; 59; 69;
74; 78; 80; 81; 83; 91; 93; 95; 108; 146; 160; 170;
172; 191; 215; 227; 259; 285
Mestre Gabriel, 39
milénarismo, 34
miração, 56; 57; 179; 209; 210; 211; 230; 258
missão, 23; 24; 44; 45; 47; 50; 51; 52; 53; 54; 57; 58;
70; 71; 72; 73; 77; 78; 82; 98; 108; 117; 123; 126;
130; 144; 146; 170; 172; 173; 176; 191; 192; 244;
247; 255; 283; 285; 289
mistérios, 10; 26; 28; 57; 72; 73; 74; 78; 91; 92; 93; 97;
113; 117; 123; 127; 137; 155; 160; 175; 193; 195;
198; 199; 224; 244; 258; 260; 263; 269; 271; 275;
281
mito, 16; 34; 100
Moisés, 126; 134; 148
montanha, 52; 117; 143
Monteiro da Silva, 9; 21; 29; 35; 37; 281

morte, 37; 45; 46; 47; 48; 50; 51; 53; 72; 84; 99; 103;
122; 127; 139; 141; 170; 245; 247; 248; 257; 285;
296
Muller, 101
Müller, 10
muro, 68; 109; 122

—N—

nadir, 128
Nascimento, 59
nau, 69; 70; 71; 72; 86; 123; 232; 243; 244; 247; 286;
287; 291
neo-xamanismo, 23; 69; 83; 87; 89; 90; 91
Nero, 97; 258
Nossa Senhora da Conceição, 108
nuvens, 92

—O—

Obaluayê, 278
obras de caridade, 24; 25; 47; 61; 73; 74; 82; 146; 151;
157; 189; 191; 194; 196; 197; 199; 202; 203; 204;
208; 211; 212; 215; 216; 218; 219; 226; 227; 231;
234; 237; 238; 245; 247; 250; 263; 269; 271; 275
Odum, 273
oficiais, 25; 26; 74; 79; 92; 128; 199; 212; 226; 247;
263; 264; 269; 279; 281
Ogum, 207; 278
Omolu, 277; 278
onça, 101
ondas, 72; 74; 75; 120; 144; 193; 206; 268; 274
operações, 25; 67; 149; 233; 237
Oriente, 65; 72; 276; 278
Oxóssi, 276; 278
Oxum, 276; 277

—P—

padres, 133; 167; 277
padrinho, 86; 202
Pai Cabinda, 279
Pai Congo, 279
Pai Francisco, 279
Pai Guiné, 279
Pai Joaquim de Angola, 152; 199
Pai Jordão, 153
Pai Tomé, 153
palácio, 261; 262
paraíso, 31; 34; 95; 115; 269
parque, 8; 26; 61; 122; 123; 124; 129; 131; 159; 162;
163; 202; 249; 250; 251; 263; 264; 268; 269; 270;
271; 272; 273; 274; 276; 278; 279; 282
Paruaçu da Luz, 153
Pastor, 255; 257
pedra, 102; 148; 188
Peixes, 26
Pena Branca, 153; 276

performance, 20; 24; 25; 100; 103; 104; 110; 115; 181;
182; 183; 184; 185; 186; 187; 188; 192; 193; 195;
197; 211; 225; 226; 227; 248; 254; 268; 271; 272
performances, 12; 14; 19; 20; 24; 38; 61; 64; 68; 77;
78; 80; 100; 111; 118; 145; 159; 160; 166; 181;
182; 184; 187; 188; 189; 191; 272; 288; 289
performers, 20; 21; 64; 100; 186; 271
periferia, 116; 118; 288
perispirito, 218
Pizango, 35
planeta, 72; 93; 95; 244; 253
planos, 24; 47; 61; 69; 73; 86; 91; 94; 95; 97; 100; 103;
110; 118; 192; 193; 198; 206; 228; 229; 231; 243;
251; 254; 260; 269; 282; 288
pólvora, 221
pólvos, 94
pombas, 133
pontos, 60; 61; 66; 68; 89; 110; 118; 127; 147; 156;
178; 203; 213; 220; 228; 229; 264; 271; 272; 275;
274; 275; 276; 277; 279; 280; 284; 285; 289
pontos cardiais, 127; 147
porta, 120; 121; 130; 131; 135; 136; 140; 141; 142;
197; 234; 250
portão, 119; 120; 121; 192
possessão, 87; 105; 209; 210; 211
Práxis-xamânica, 69; 87
prestação de contas, 25; 233; 234; 238
Pretos Velhos, 26; 275
Princesas, 26; 94; 268
Príncipe das águas claras, 153
Príncipe das águas verdes, 262
Príncipe Dom Jordão, 153
Príncipe Dom Semão, 152; 201; 259
Príncipe formoso, 262
Príncipe Tupiraci, 153
Príncipes, 26; 94; 268; 270
profano, 20; 24; 56; 64; 71; 114; 115; 116; 119; 120;
121; 135; 146; 166; 169; 176
psychotria viridis, 24; 54; 172

—Q—

quadrado, 125
queixada, 101
quimbanda, 25; 61; 146; 158; 208; 215; 216; 217; 218;
220; 227

—R—

Raimundo Irineu Serra, 12; 13; 21; 29; 35; 36; 37; 44;
47; 83; 107; 260
Rainha das florestas, 108
Rainha do Mar, 261; 262; 263
Rainhas, 26; 94; 97
raios, 92; 125; 275
Rei Cicinato, 153
Rei Ricardino, 153
Rei Tubarão do Mar, 153
Rei Urubatã, 153; 198; 199; 200; 275; 276
Reis, 26; 94; 97

religião, 64; 65; 67; 74; 79; 80; 82; 84; 132; 136; 170; 285; 296
renascimento, 46; 47; 248
retângulo, 125; 148
rito, 45; 46; 74; 85; 99; 102; 107; 134; 156; 181; 225
rituais, 12; 17; 18; 19; 20; 21; 24; 29; 38; 46; 54; 60; 61; 64; 68; 77; 78; 80; 87; 91; 93; 100; 104; 111; 118; 136; 145; 159; 160; 166; 182; 183; 184; 189; 191; 206; 275; 288; 289
ritual, 14; 19; 22; 24; 25; 30; 38; 77; 84; 85; 89; 100; 103; 104; 109; 110; 111; 115; 117; 119; 159; 172; 173; 182; 185; 186; 192; 193; 195; 209; 210; 211; 226; 227; 234; 248; 254; 268; 271; 272; 282; 295; 297
Rodrigues, 36; 44; 66; 94; 235; 291
romarias, 25; 26; 79; 110; 130; 132; 169; 212; 239; 240; 241; 242; 243; 244; 245; 246; 247; 248; 249; 251; 253; 289
rosas-dos-ventos, 157
Roxo, 141; 276

—S—

S. João Batista, 262; 263
S. José do Arribamar, 262; 263
sagrado, 20; 24; 25; 26; 30; 52; 57; 73; 74; 75; 76; 77; 78; 80; 84; 85; 86; 93; 97; 108; 109; 114; 115; 116; 118; 119; 120; 121; 125; 129; 130; 133; 137; 138; 140; 141; 142; 144; 146; 149; 150; 155; 159; 160; 166; 167; 169; 171; 172; 176; 177; 191; 193; 213; 224; 226; 231; 241; 242; 243; 244; 246; 247; 249; 253; 255; 261; 268; 270; 289
salão, 57; 124; 125; 130; 152; 157; 160; 197; 202; 203; 204; 215; 218; 224; 250; 251; 256; 271; 272; 273; 274; 275
salmos, 47; 61; 68; 69; 74; 142; 144; 226; 234; 250; 258
Salomão, 135; 136; 139; 140
Sanchis, 64; 65; 67
Santa Bárbara, 207; 276; 278
Santa Catarina, 16; 277
Santa Luz, 174; 179; 193; 211; 248
Santa Rita de Cássia, 277
santíssima trindade, 147; 151
Santo Daimo, 68
Santos, 21; 43; 49; 207; 220; 269; 274; 292
São Benedito, 275; 277
São Cipriano, 125; 277
São Expedito, 277
São Francisco, 34; 48; 50; 61; 71; 78; 80; 110; 131; 132; 142; 148; 149; 160; 169; 174; 178; 191; 202; 227; 242; 243; 247; 253; 254; 255; 257; 269; 277
São João, 170; 190; 191; 245; 260; 261
São Jorge, 207; 278
São José, 71; 131; 132; 142; 241; 242; 247; 269
São Sebastião, 71; 110; 131; 132; 142; 169; 241; 242; 247; 264; 269; 278
Sebastião Mota de Melo, 37
Seeger, 101
scrifins, 217

sercia, 93; 266; 274
Sercias, 26; 264
seringais, 29; 31; 32; 33; 34; 35
serpente, 148
setc, 24; 83; 132; 197; 198; 202; 203; 215; 225; 245; 262
Silva, 9; 10; 21; 29; 30; 35; 37; 43; 44; 45; 48; 51; 52; 54; 58; 59; 101; 102; 103; 122; 215; 220; 281
símbolos, 20; 23; 24; 46; 61; 66; 68; 88; 116; 117; 118; 124; 131; 141; 142; 143; 147; 148; 156; 159; 189; 192; 212; 231; 261; 268; 270; 274; 287; 288; 293
sincretismo, 23; 64; 65; 66; 67; 156; 278
sino, 98; 144; 193
sistema de sentidos, 66
sistema religioso, 66
soldado, 36; 57; 97; 109; 204; 275
sonho, 35; 44
Sullivan, 19; 20; 117; 169; 185

—T—

tabaco, 99; 101; 102; 104; 105
tempestades, 92; 110; 286
templo, 117; 121; 136; 150; 242
templos, 66
tempo, 17; 19; 20; 21; 24; 33; 35; 36; 37; 41; 47; 50; 53; 58; 71; 77; 84; 94; 101; 120; 121; 131; 138; 141; 147; 148; 156; 166; 167; 169; 170; 173; 179; 188; 189; 192; 197; 215; 225; 226; 234; 241; 243; 244; 245; 249; 251; 253; 255; 259; 266; 267; 268; 269; 283; 287
terço, 128; 225; 258
terra, 26; 33; 34; 49; 62; 63; 73; 74; 80; 81; 82; 91; 92; 93; 94; 95; 96; 97; 117; 118; 125; 128; 136; 138; 140; 141; 142; 147; 155; 170; 181; 190; 191; 192; 198; 210; 235; 242; 244; 245; 246; 257; 260; 262; 263; 274; 275; 277
terreiro, 22; 48; 51; 58; 59; 160; 208; 209; 210; 211; 220; 270; 273; 274; 275; 276; 277; 295
terremotos, 110; 246
tormentas, 71; 243; 286
torres, 37; 131; 133; 143
trabalho, 9; 10; 12; 16; 17; 18; 19; 22; 24; 25; 26; 27; 30; 31; 34; 36; 39; 47; 51; 52; 56; 57; 64; 67; 69; 70; 73; 78; 79; 81; 82; 85; 91; 93; 94; 95; 97; 107; 130; 157; 158; 160; 169; 174; 175; 176; 180; 181; 189; 191; 193; 194; 197; 199; 203; 211; 215; 216; 218; 219; 221; 222; 225; 227; 234; 235; 240; 242; 245; 249; 252; 253; 256; 258; 261; 263; 268; 269; 270; 271; 274; 278; 281; 283; 294
trabalhos, 21; 24; 25; 26; 44; 47; 48; 49; 50; 51; 54; 58; 59; 60; 61; 64; 73; 80; 81; 85; 91; 93; 94; 95; 109; 111; 115; 117; 127; 128; 131; 135; 144; 146; 151; 156; 157; 158; 159; 160; 166; 168; 169; 174; 175; 177; 192; 194; 195; 196; 197; 199; 202; 203; 207; 208; 210; 211; 212; 215; 216; 217; 218; 219; 220; 225; 226; 227; 231; 234; 237; 238; 242; 245; 250; 254; 255; 258; 259; 263; 264; 269; 270; 271; 273; 275; 279; 281; 282; 285; 288; 289

trevas, 25; 74; 77; 86; 115; 141; 193; 217; 218; 229;
230; 247; 253; 256; 258; 261; 278
triângulo, 125; 136; 137; 139; 151; 175; 192
Tuan, 116
túmulo, 149; 234
Turner, 19; 20; 45; 46; 182; 183; 184; 189

—U—

Umbanda, 22; 23; 50; 65; 67; 68; 69; 80; 81; 83; 154;
156; 160; 192; 198; 200; 201; 207; 209; 210; 217;
220; 273; 274; 276; 277; 278; 279; 291; 295; 296
União do Vegetal, 12; 13; 30; 36; 38; 39; 60

—V—

Van Gennep, 45
velas, 128; 156; 157; 173; 174; 175; 192; 208; 220;
221; 250
vento, 50; 110; 173; 229; 267; 274; 275; 276
Verde, 141; 276
Vermelho, 141
viagem, 27; 28; 34; 42; 49; 50; 56; 69; 70; 72; 73; 77;
87; 97; 123; 130; 155; 173; 174; 175; 210; 243;
244; 246; 247; 248; 249; 264; 266; 289
Victor Turner, 19; 20; 182; 183

Virgem Maria, 56; 73; 144; 174; 190; 197; 218; 239;
242; 252; 256; 262; 276
visão, 24; 29; 44; 45; 57; 68; 70; 78; 80; 90; 130; 189;
217; 218; 236; 285; 287
visível, 20; 58; 86; 127; 140; 209; 230
VÔ, 137; 138
vão cósmico, 98

—W—

WEBER, 297
Wright, 10; 16

—X—

xamã, 86; 87; 88; 89; 90; 98; 99; 100; 101; 102; 103;
104; 105; 106; 110; 228; 229; 230
xamanismo, 21; 22; 23; 67; 69; 82; 83; 87; 88; 89; 90;
91; 100; 107; 110; 181; 228; 287; 295
xamãs, 22; 30; 45; 82; 88; 89; 90; 91; 97; 98; 99; 101;
102; 103; 104; 105; 106; 107; 110; 231
Xangô, 275; 278

—Z—

zênite, 127

ANEXOS